



GRANDES SERMÕES *do* MUNDO



*Sermões de 28 dos maiores pregadores do mundo, incluindo Agostinho,
João Calvino, Martinho Lutero, Jonathán Edwards, John Wesley,
Charles Finney, Charles Spurgeon e outros*

CLARENCE E. MACARTNEY, Editor

*E-book digitalizado por: Levita Digital
Com exclusividade para:*



<http://ebooksgospel.blogspot.com/>

GRANDES SERMÕES *do* MUNDO

Sermões de 28 dos maiores pregadores do mundo, incluindo Agostinho, João Calvino, Martinho Lutero, Jonathan Edwards, John Wesley, Charles Finney, Charles Spurgeon e outros

CLARENCE E. MACARTNEY, Editor

TRADUÇÃO
DEGMAR RIBAS JÚNIOR



Todos os direitos reservados. Copyright © 2003 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembléias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Título do original em inglês: *Great Sermons of the World*
Hendrickson Publishers, Peabody, Massachusetts, EUA
Primeira edição em inglês: 1997
Tradução: Degmar Ribas Júnior

Preparação dos originais: Kleber Cruz
Revisão: Alexandre Coelho
Capa: Flamir Ambrósio
Editoração: Olga Rocha dos Santos

CDD: 250 - Sermões
ISBN: 85-263-0542-5

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: <http://www.cpad.com.br>

Casa Publicadora das Assembléias de Deus
Caixa Postal 331
20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

1ª edição/2003

Sumário

Introdução

1. **Jesus Cristo.O** Sermão da Montanha
2. **Profeta Isaías:** Livro de Isaías, Capítulos 63 e 64
3. **Apóstolo Pedro:** O Sermão que Ganhou Três Mil Almas
4. **Clemente de Roma:** Cristo e a Igreja
5. **João Crisóstomo:** A Grandeza do Apóstolo Paulo
6. **Agostinho:** As Dez Virgens
7. **Venerável Bede:** O Encontro da Misericórdia e da Justiça
8. **Thomas á Kempis:** Tomando a Cruz
9. **Martinho Lutero:** Estêvão
10. **João Calvino:** Suportando a Perseguição
11. **John Howe:** As Lágrimas do Redentor
12. **Robert South:** O Homem Criado à Imagem de Deus
13. **Jonathan Edwards:Os** Mortos Bem-aventurados
14. **John Wesley:** O Grande Julgamento
15. **George Whitefield:** Arrependimento
16. **Samuel Davies:** A Ressurreição Geral
17. **Rowland Hill:** Demonstrações Gloriosas da Graça do Evangelho
18. **Robert Hall:** O Missionário Cristão
19. **Christmas Evans:** O Triunfo do Calvário
20. **Thomas Chalmers:** O Poder Expulsivo de um Novo Afeto
21. **Charles Grandison Finney:** Mordomia
22. **Thomas Guthrie:** Os Pecados e as Tristezas da Cidade
23. **FrederickW Robertson:** Egoísmo, como Mostrado no Caráter de

Balaão

24. **Henry Parry Liddon:** Os Primeiros Cinco Minutos depois da Morte
25. **Charles Haddon Spurgeon:** Poupado!
26. **Phillips Brooks:** A Lâmpada do Senhor
27. **Francis Landey Patton:** A Letra e o Espírito
28. **George Campbell Morgan:** O Poder do Evangelho

Introdução

CERTO OUVINTE, ENTUSIASMADO COM A PREGAÇÃO de um famoso pregador, perguntou-lhe se poderia ter o privilégio de mandar imprimir a pregação que acabara de ouvir. "Sim", respondeu o pregador, "contanto que você também mande imprimir o trovão". Mas isso é impossível!

Podemos imprimir o registro escrito do que o pregador disse; mas não a luz dos olhos, o brilho da face, a curva que a mão descreve, a atitude do corpo, a musicalidade da voz. Quando registramos o tema, as divisões e parágrafos e até as mesmas palavras que foram ditas, não temos o pregador. Tudo o que podemos dizer de um sermão impresso é o que Jó disse acerca da majestade do Criador: "Eis que isto são apenas as orlas dos seus caminhos; e quão pouco é o que temos ouvido dele! Quem, pois, entenderia o trovão do seu poder?" (Jó 26.14). Quanto maior o pregador, maior o contraste entre o registro escrito e o sermão falado. Lemos que milhares de pessoas se apinhavam para ouvir extasiadas as pregações de Whitefield e, depois, nos perguntamos o que produzia tal impressão nas pessoas, quando temos em mãos um dos sermões de Whitefield. O trovão e o raio se foram.

Ler um sermão célebre é como visitar a cena de um grande acontecimento na história. Especialmente proveitoso para os pregadores é a leitura dos sermões feitos pelos filhos do trovão do púlpito do passado. Na qualidade da mais nobre paixão da terra, pregar é também uma grande arte. Toda a glória e fascínio do púlpito cristão surge diante de nós ao lermos as declarações dos profetas de Deus que argumentavam com homens acerca da justiça, temperança e julgamento futuros.

Ao compilar este volume de sermões, vali-me de todos os períodos de pregação cristã, desde os dias dos apóstolos até o presente.

Também incluí um exemplo da eloquência do Antigo Testamento.

A regra geral seguida foi selecionar os pregadores famosos dos diferentes períodos. É verdade que às vezes os maiores pregadores não eram grandes sermonários. Contudo, por mais admirável que um sermão seja, dificilmente é considerado um dos grandes sermões do mundo, a menos que tenha sido pregado por um dos grandes pregadores da época. Isto tornou minha tarefa muito mais fácil, pois ninguém questionará a categoria dos pregadores cujos sermões aparecem neste volume.

Na preparação deste volume, recebi sugestões muito úteis de meu amigo e antigo instrutor, reverendo Frederick W. Loetscher, D.D., LL.D., professor de história eclesiástica do Seminário Teológico de Princeton.

Clarence E. Macartney

Jesus Cristo: O Sermão da Montanha

BEM-AVENTURADOS os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos céus. Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados. Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos. Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia. Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus. Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus. Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o Reino dos céus. Bem-aventurados sois vós quando vos injuriarem, e perseguirem, e, mentindo, disserem todo o mal contra vós, por minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós.

Vós sois o sal da terra; e, se o sal for insípido, com que se há de salgar? Para nada mais presta, senão para se lançar fora e ser pisado pelos homens.

Vós sois a luz do mundo; não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte. Nem se acende a candeia e se coloca debaixo do alqueire, mas, no velador, e dá luz a todos que estão na casa. Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai, que está nos céus.

Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas; não vim ab-rogar, mas cumprir. Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei sem que tudo seja cumprido. Qualquer, pois, que violar um destes menores mandamentos e assim ensinar aos homens será chamado o menor no Reino dos céus; aquele, porém, que os cumprir e ensinar será chamado grande no Reino dos céus. Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no Reino dos céus.

Ou vistes que foi dito aos antigos: Não matarás; mas qualquer que matar será réu de juízo. Eu, porém, vos digo que qualquer que, sem motivo, se encolerizar contra seu irmão será réu de juízo, e qualquer que chamar a seu irmão de raça será réu do Sinédrio; e qualquer que lhe chamar de louco será réu do fogo do inferno. Portanto, se trouxeres a tua oferta ao altar e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão, e depois vem, e apresenta a tua oferta. Concilia-te depressa com o teu adversário, enquanto estás no caminho com ele, para que não aconteça que o adversário te entregue ao juiz, e o juiz te entregue ao oficial, e te encerrem na prisão. Em verdade te digo que, de maneira nenhuma, sairás dali, enquanto não pagares o último ceutil.

Ouvistes que foi dito aos antigos: Não cometerás adultério. Eu, porém, vos digo que qualquer que atentar numa mulher para a cobiçar já em seu coração cometeu adultério com ela. Portanto, se o teu olho direito

te escandalizar, arranca-o e atira-o para longe de ti, pois te é melhor que se perca um dos teus membros do que todo o teu corpo seja lançado no inferno. E, se a tua mão direita te escandalizar, corta-a e atira-a para longe de ti, porque te é melhor que um dos teus membros se perca do que todo o teu corpo seja lançado no inferno. Também foi dito: Qualquer que deixar sua mulher, que lhe dê carta de desquite. Eu, porém, vos digo que qualquer que repudiar sua mulher, a não ser por causa de prostituição, faz que ela cometa adultério; e qualquer que casar com a repudiada comete adultério.

Outrossim, ouvistes que foi dito aos antigos: Não perjurarás, mas cumprirás teus juramentos ao Senhor. Eu, porém, vos digo que, de maneira nenhuma, jureis nem pelo céu, porque é o trono de Deus, nem pela terra, porque é o escabelo de seus pés, nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei, nem jurarás pela tua cabeça, porque não podes tornar um cabelo branco ou preto. Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim; não, não, porque o que passa disso é de procedência maligna.

Ouvistes que foi dito: Olho por olho e dente por dente. Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal; mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra; e ao que quiser pleitear contigo e tirar-te a vestimenta, larga-lhe também a capa; e, se qualquer te obrigar a caminhar uma milha, vai com ele duas. Dá a quem te pedir e não te desvies daquele que quiser que lhe emprestes.

Ou vistes que foi dito: Amarás o teu próximo e aborrecerás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem, para que sejais filhos do Pai que está nos céus; porque faz que o seu sol se levante sobre maus e bons e a chuva desça sobre justos e injustos. Pois, se amardes os que vos amam, que galardão tereis? Não fazem os publicanos também o mesmo? E, se saudardes unicamente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os publicanos também assim? Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai, que está nos céus.

Guardai-vos de fazer a vossa esmola diante dos homens, para serdes vistos por eles; aliás, não tereis galardão junto de vosso Pai, que está nos céus.

Quando, pois, deres esmola, não faças tocar trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão. Mas, quando tu deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita, para que a tua esmola seja dada ocultamente, e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará publicamente.

E, quando orares, não sejas como os hipócritas, pois se comprazem em orar em pé nas sinagogas e às esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão. Mas tu, quando orares, entra no teu aposento e, fechando a tua porta, ora a teu Pai, que vê o que está oculto; e teu Pai, que vê o que está oculto, te recompensará. E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios,

que pensam que, por muito falarem, serão ouvidos. Não vos assemelheis, pois, a eles, porque vosso Pai sabe o que vos é necessário antes de vós lho pedirdes.

Portanto, vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome. Venha o teu Reino. Seja feita a tua vontade, tanto na terra como no céu. O pão nosso de cada dia dá-nos hoje. Perdoanos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores. E não nos induzas à tentação, mas livra-nos do mal; porque teu é o Reino, e o poder, e a glória, para sempre. Amém! Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará a vós. Se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai vos não perdoará as vossas ofensas.

E, quando jejuardes, não vos mostreis contristados como os hipócritas, porque desfiguram o rosto, para que aos homens pareçam que jejuam. Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão. Porém tu, quando jejuares, unge a cabeça e lava o rosto, para não pareceres aos homens que jejuas, mas sim a teu Pai, que está oculto; e teu Pai, que vê o que está oculto, te recompensará.

Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam. Mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam, nem roubam. Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.

A candeia do corpo são os olhos; de sorte que, se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo terá luz. Se, porém, os teus olhos forem maus, o teu corpo será tenebroso. Se, portanto, a luz que em ti há são trevas, quão grandes serão tais trevas!

Ninguém pode servir a dois senhores, porque ou há de odiar um e amar o outro ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom.

Por isso, vos digo: não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber; nem quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o mantimento, e o corpo, mais do que a vestimenta? Olhai para as aves do céu, que não semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas? E qual de vós poderá, com todos os seus cuidados, acrescentar um côvado à sua estatura? E, quanto ao vestuário, porque andais solícitos? Olhai para os lírios do campo, como eles crescem; não trabalham, nem fiam. E eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles. Pois, se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, não vos vestirá muito mais a vós, homens de pequena fé? Não andeis, pois, inquietos, dizendo: Que comeremos ou que beberemos ou com que nos vestiremos? (Porque todas essas coisas os gentios procuram.) Decerto, vosso Pai celestial bem sabe que necessitais de todas essas coisas; mas buscai primeiro o Reino de Deus, e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas.

Não vos inquieteis, pois, pelo dia de amanhã, porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo. Basta a cada dia o seu mal.

Não julgueis, para que não sejais julgados, porque com o juízo com que julgardes sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido vos hão de medir a vós. E por que reparas tu no argueiro que está no olho do teu irmão e não vês a trave que está no teu olho? Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, estando uma trave no teu? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho e, então, cuidarás em tirar o argueiro do olho do teu irmão.

Não deis aos cães as coisas santas, nem deiteis aos porcos as vossas pérolas; para que não as pisem e, voltando-se, vos despedacem.

Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á. Porque aquele que pede recebe; e o que busca encontra; e, ao que bate, se abre. E qual dentre vós é o homem que, pedindo-lhe pão o seu filho, lhe dará uma pedra? E, pedindo-lhe peixe, lhe dará uma serpente? Se, vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará bens aos que lhe pedirem? Portanto, tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós, porque esta é a lei e os profetas.

Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela. E porque estreita é a porta, e apertado o caminho que leva à vida, poucos há que a encontrem.

Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas interiormente são lobos devoradores. Por seus frutos os conhecereis. Porventura, colhem-se uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos? Assim, toda árvore boa produz bons frutos, e toda árvore má produz frutos maus. Não pode a árvore boa dar maus frutos, nem a árvore má dar frutos bons. Toda árvore que não dá bom fruto corta-se e lança-se no fogo. Portanto, pelos seus frutos os conhecereis.

Nem todo o que me diz-. Senhor, Senhor! entrará no Reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos me dirão naquele Dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? E, em teu nome, não expulsamos demônios? E, em teu nome, não fizemos muitas maravilhas? E, então, lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade.

Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha. E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha. E aquele que ouve estas minhas palavras e as não cumpre, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia. E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e caiu, e foi grande a sua queda.

Profeta Isaías: Livro de Isaías, Capítulos 63 e 64

QUEM é este que vem de Edom, de Bozra, com vestes tintas? Este que é glorioso em sua vestidura, que marcha com a sua grande força? Eu, que falo em justiça, poderoso para salvar. Por que está vermelha a tua vestidura? E as tuas vestes, como as daquele que pisa uvas no lagar? Eu sozinho pisei no lagar, e dos povos ninguém se achava comigo; e os pisei na minha ira e os esmaguei no meu furor; e o seu sangue salpicou as minhas vestes, e manchei toda a minha vestidura. Porque o dia da vingança estava no meu coração, e o ano dos meus redimidos é chegado. E olhei, e não havia quem me ajudasse; e espantei-me de não haver quem me sustivesse; pelo que o meu braço me trouxe a salvação, e o meu furor me susteve. E pisei os povos na minha ira e os embriaguei no meu furor, e a sua força derribei por terra.

As benignidades do Senhor mencionarei e os muitos louvores do Senhor, consoante tudo o que o Senhor nos concedeu, e a grande bondade para com a casa de Israel, que usou com eles segundo as suas misericórdias e segundo a multidão das suas benignidades. Porque o Senhor dizia: Certamente, eles são meu povo, filhos que não mentirão. Assim ele foi seu Salvador. Em toda a angústia deles foi ele angustiado, e o Anjo da sua presença os salvou; pelo seu amor e pela sua compaixão, ele os remiu, e os tomou, e os conduziu todos os dias da antigüidade. Mas eles foram rebeldes e contristaram o seu Espírito Santo-, pelo que se lhes tornou em inimigo e ele mesmo pelejou contra eles. Todavia, se lembrou dos dias da antigüidade, de Moisés e do seu povo, dizendo: Onde está aquele que os fez subir do mar com os pastores do seu rebanho? Onde está aquele que pôs no meio deles o seu Espírito Santo, aquele cujo braço glorioso ele fez andar à mão direita de Moisés? Que fendeu as águas diante deles, para criar um nome eterno? Aquele que os guiou pelos abismos, como o cavalo, no deserto, de modo que nunca tropeçaram? Como ao animal que desce aos vales, o Espírito do Senhor lhes deu descanso; assim guiaste ao teu povo, para criares um nome glorioso.

Atenta desde os céus e olha desde a tua santa e gloriosa habitação. Onde estão o teu zelo e as tuas obras poderosas? A ternura das tuas entranhas e das tuas misericórdias detêm-se para comigo! Mas tu és nosso Pai, ainda que Abraão nos não conhece, e Israel não nos reconhece. Tu, ó Senhor, és nosso Pai; nosso Redentor desde a antigüidade é o teu nome. Por que, ó Senhor, nos fazes desviar dos teus caminhos? Por que endureces o nosso coração, para que te não tenhamos? Faz voltar, por amor dos teus servos, as tribos da tua herança. Só por um pouco de tempo, foi possuída pelo teu santo povo; nossos adversários pisaram o teu santuário. Tornamo-nos como aqueles sobre quem tu nunca dominaste e como aqueles que nunca se chamaram pelo teu nome.

Ó! Se fendesses os céus e descesses! Se os montes se escoassem diante da tua face! Como quando o fogo inflama a lenha e faz ferver as

águas, para fazeres notório o teu nome aos teus adversários, assim as nações tremessem da tua presença! Quando fazias coisas terríveis, que não esperávamos, descias, e os montes se escoavam diante da tua face. Porque desde a antigüidade não se ouviu, nem com ouvidos se percebeu, nem com os olhos se viu um Deus além de ti, que trabalhe para aquele que nele espera. Saíste ao encontro daquele que se alegrava e praticava justiça, daqueles que se lembram de ti nos teus caminhos; eis que te iraste, porque pecamos; neles há eternidade, para que sejamos salvos. Mas todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças, como trapo da imundícia; e todos nós caímos como a folha, e as nossas culpas, como um vento, nos arrebatam. E já ninguém há que invoque o teu nome, que desperte e te detenha; porque escondes de nós o rosto e nos fazes derreter, por causa das nossas iniquidades.

Mas, agora, ó Senhor, tu és o nosso Pai; nós, o barro, e tu, o nosso oleiro; e todos nós, obra das tuas mãos. Não te enfureças tanto, ó Senhor, nem perpetuamente te lembres da iniquidade; eis, olha, nós te pedimos, todos nós somos o teu povo. As tuas santas cidades estão feitas um deserto; Sião está feita um deserto, Jerusalém está assolada. A nossa santa e gloriosa casa, em que te louvavam nossos pais, foi queimada; e todas as nossas coisas mais aprazíveis se tornaram em assolação. Conter-te-ias tu ainda sobre estas calamidades, ó Senhor? Ficadas calado, e nos afligidas tanto?

Apóstolo Pedro: O Sermão que Ganhou Três Mil Almas

O Sermão de Pedro no Dia de Pentecostes (At 2.14 -36, 38b, 39)

VARÕES judeus e todos os que habitais em Jerusalém, seja-vos isto notório, e escutai as minhas palavras. Estes homens não estão embriagados, como vós pensais, sendo esta a terceira hora do dia. Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel:

E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos jovens terão visões, e os vossos velhos sonharão sonhos; e também do meu Espírito derramarei sobre os meus servos e minhas servas, naqueles dias, e profetizarão; e farei aparecer prodígios em cima no céu e sinais em baixo na terra: sangue, fogo e vapor de fumaça. O sol se converterá em trevas, e a lua, em sangue, antes de chegar o grande e glorioso Dia do Senhor; e acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.

Varões israelitas, escutai estas palavras: A Jesus Nazareno, varão aprovado por Deus entre vós com maravilhas, prodígios e sinais, que Deus por ele fez no meio de vós, como vós mesmos bem sabeis; a este que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, tomando-o vós, o crucificastes e matastes pelas mãos de injustos; ao qual Deus ressuscitou, soltas as ânsias da morte, pois não era possível que fosse retido por ela. Porque dele disse Davi:

Sempre via diante de mim o Senhor, porque está à minha direita, para que eu não seja comovido. Por isso, se alegrou o meu coração, e a minha língua exultou; e ainda a minha carne há de repousar em esperança. Pois não deixarás a minha alma no Hades, nem permitirás que o teu Santo veja a corrupção. Fizeste-me conhecidos os caminhos da vida; com a tua face me encherás de júbilo.

Varões irmãos, seja-me lícito dizer-vos livremente acerca do patriarca Davi que ele morreu e foi sepultado, e entre nós está até hoje a sua sepultura. Sendo, pois, ele profeta e sabendo que Deus lhe havia prometido com juramento que do fruto de seus lombos, segundo a carne, levantaria o Cristo, para o assentar sobre o seu trono, nesta previsão, disse da ressurreição de Cristo, que a sua alma não foi deixada no Hades, nem a sua carne viu a corrupção. Deus ressuscitou a este Jesus, do que todos nós somos testemunhas. De sorte que, exaltado pela destra de Deus e tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vós agora vedes e ouvis. Porque Davi não subiu aos céus, mas ele próprio diz:

Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que ponha os teus inimigos por escabelo de teus pés.

Saiba, pois, com certeza, toda a casa de Israel que a esse Jesus, a quem vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo.

Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus

Cristo para perdão dos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo. Porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos e a todos os que estão longe: a tantos quantos Deus, nosso Senhor, chamar.

Clemente de Roma: Cristo e a Igreja

O MAIS ANTIGO EXEMPLO de pregação cristã, fora do Novo Testamento, é a denominada Segunda Epístola de Clemente, endereçada à Igreja em Corinto. Como o leitor perceberá, esta epístola é na verdade um sermão dirigido a seus "irmãos e irmãs". Clemente de Roma foi uma das grandes figuras da Igreja Primitiva e bem pode ter sido este Clemente a quem Paulo se refere na Epístola aos Filipenses como seu "cooperador". Ele é considerado um dos Pais Apostólicos e o segundo ou terceiro bispo de Roma. Eusébio o faz bispo de Roma de 92 a 101 d.C. De Clemente temos uma Epístola aos Coríntios, a qual é de grande importância como testemunho primitivo das grandes doutrinas cristãs, como a Trindade, a expiação e a justificação pela graça. Mas a Segunda Epístola aos Coríntios atribuída a Clemente de Roma é considerada uma falsificação. Algum pregador ou escritor desejou dar aceitação à sua produção servindo-se do peso do nome Clemente. Não obstante, a Epístola, na verdade, o sermão, é de imenso interesse para a Igreja de hoje como o mais antigo exemplo de pregação pós-apostólica. Suas declarações, um tanto quanto comuns, pulsam com vida, porque nos são as mais antigas inflexões do púlpito cristão. Neste sermão o pregador cita duas declarações de Cristo, as quais eram evidentemente correntes naquela época, mas que não foram registradas no Novo Testamento.

Este primeiro dos sermões cristãos mostra como os temas do pregador — Deus, Cristo, a alma, o julgamento, o céu e o inferno — não mudam de geração em geração, e como o Cristo encontrado na pregação deste desconhecido dos primórdios do Cristianismo é igual ao Cristo pregado hoje — Jesus Cristo é o mesmo ontem, e hoje, e eternamente.

Cristo e a Igreja

PRECISAMOS pensar em Cristo em termos elogiosos. Irmãos, é adequado que vocês pensem em Cristo como pensam em Deus — como o Juiz dos vivos e dos mortos. E não nos convém pensar levemente de nossa salvação; se pensamos pouco nEle, também esperamos obter pouco dEle. E aqueles de nós que ouvem falar negligentemente destas coisas, como se fossem de pequena monta, pecam, não sabendo de onde fomos chamados, por quem e para que lugar, e o quanto Jesus Cristo se submeteu para sofrer por nossa causa. Que retorno lhe daremos, ou que fruto será digno do que Ele nos deu? Pois quão grandes são os benefícios que lhe devemos! Ele nos tem dado luz graciosamente; como Pai, Ele nos chamou de filhos; Ele nos salvou quando estávamos prestes a perecer. Que louvor lhe ofereceremos, ou que lhe daremos pelas coisas que recebemos? Éramos deficientes no entendimento, adorando pedras, madeira, ouro, prata e metal, trabalhos das mãos de homens; e nossa vida era nada mais que morte. Envolvidos em cegueira e com tais trevas diante dos olhos, recebemos visão e, por sua vontade, pusemos de lado aquela nuvem em que estávamos envolvidos. Ele teve compaixão de nós e misericordiosamente nos salvou, observando os muitos erros nos quais estávamos emaranhados, bem como a destruição a qual estávamos expostos e da qual não tínhamos esperança de salvação, exceto a que nos deu. Ele nos chamou quando ainda não existíamos e nos quis para que do nada alcançássemos uma existência real.

A verdadeira confissão de Cristo. Vamos não só chamá-lo Senhor, pois isso não nos salvará. Ele disse: "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor, será salvo, mas aquele que pratica a justiça". Portanto, irmãos, vamos confessá-lo por nossas obras, amando-nos uns aos outros, não cometendo adultério, não falando mal uns dos outros ou apreciando a inveja, mas sendo moderados, compassivos e bons. Também devemos partilhar o que temos uns com os outros e não sermos avarentos. Mediante tais obras, vamos confessá-lo, e não por aquelas obras que, ao contrário, não o glorificam. E não é adequado que tenhamos aos homens, mas antes a Deus. Por isso, se fizermos tais coisas más, o Senhor diz: "Ainda que vós estivésseis reunidos comigo em meu próprio seio, contudo se vós não guardásseis os meus mandamentos, eu vos lançaria fora e vos diria: Apartai-vos de mim; não sei de onde sois, vós, obreiros da iniquidade".

Este mundo deve ser menosprezado. Portanto, irmãos, deixando de boa vontade nossa peregrinação neste presente mundo, façamos a vontade da qual Ele que nos chamou e não tenhamos nos apartar deste mundo. O Senhor disse: "Vós sereis como cordeiros no meio de lobos". E Pedro respondeu e lhe disse: "E se os lobos despedaçarem os cordeiros?" Jesus disse a Pedro: "Os cordeiros, depois que estão mortos, não têm motivo para temer os lobos; e do mesmo modo, não temeis aqueles que vos matam e não podem fazer mais nada convosco; mas temei aquele que, depois que vós estais mortos, tem poder sobre a alma e o corpo para lançá-los no fogo do inferno". E considerem, irmãos, que a peregrinação na carne neste

mundo é breve e passageira, mas a promessa de Cristo é grande e maravilhosa, até o restante do Reino por vir e da vida eterna. Por que curso de conduta, então, devemos alcançar estas coisas, senão levando uma vida santa e íntegra, julgando estas coisas mundanas como não pertencentes a nós e não fixando nosso desejo nelas? Pois se desejamos possuí-las, abandonamos o caminho da retidão.

Os mundos presente e futuro são inimigos entre si. Agora o Senhor declara: "Ninguém pode servir a dois senhores". Se desejamos, então, servir a Deus e a Mamom, não nos será proveitoso. "Pois que aproveitaria ao homem ganhar todo o mundo e perder a sua alma?" (Mc 8.36). Este mundo e o seguinte são dois inimigos. Um instiga ao adultério e à corrupção, à avareza e ao engano; o outro diz adeus a essas coisas. Não podemos ser amigos de ambos; e nos cabe, ao renunciar um, nos assegurar do outro. Consideremos que é melhor odiar as coisas presentes, visto que são insignificantes, transitórias e corruptíveis, e amar as que estão por vir como sendo boas e incorruptíveis. Se fizermos a vontade de Cristo, encontraremos descanso; caso contrário, nada nos livrará do castigo eterno se desobedecermos os seus mandamentos. Assim também diz a Escritura em Ezequiel: "Ainda que Noé, Daniel e Jó estivessem no meio dela, vivo eu, diz o Senhor Jeová, que nem filho nem filha eles livrariam" (Ez 14.20). Se homens tão eminentemente justos são incapazes por sua justiça de livrar os próprios filhos, como podemos esperar entrar na residência real de Deus, a menos que mantenhamos nosso batismo santo e imaculado? Ou quem será nosso defensor, a não ser que sejamos achados possuidores de obras de santidade e justiça?

Temos de nos esforçar para sermos coroados. Portanto, meus irmãos, lutemos com todo o empenho, sabendo que, em nosso caso, a disputa está bem à mão e que muitos empreendem longas viagens para lutar por uma recompensa corruptível; contudo, nem todos são coroados, mas só aqueles que laboram duramente e se esforçam gloriosamente. Esforcemo-nos, então, de modo que sejamos coroados. Corramos o caminho reto da corrida que é incorruptível, e nos empenhemos para que sejamos coroados. Temos de nos lembrar de que aquele que se esforça na competição corruptível, se for descoberto que agiu incorretamente, é preso e açoitado, e seu nome retirado de todos os registros. O que vocês acham disso? Acerca daqueles que não preservam o selo irrompível, a Escritura diz: "... o seu verme nunca morrerá, nem o seu fogo se apagará; e serão um horror para toda a carne" (Is 66.24).

A necessidade de arrependimento enquanto estamos na terra. Durante o tempo em que estamos na terra, pratiquemos o arrependimento, porque somos como barro nas mãos do artífice. Se o oleiro faz um vaso e este fica torcido ou se quebra em suas mãos, ele o molda de novo; mas se antes disso ele o lançou na fornalha, ele já não pode mais ajudá-lo. Assim, enquanto estamos neste mundo, arrependamo-nos de todo o coração das más ações que fizemos na carne para que sejamos salvos pelo Senhor, enquanto ainda temos oportunidade de arrependimento. Depois que deixarmos o mundo, o poder de confessar ou arrepender-se já não nos

pertencerá. Portanto, irmãos, ao fazermos a vontade do Pai, ao conservarmos a carne santa e ao observarmos os mandamentos do Senhor, obteremos a vida eterna. O Senhor diz no Evangelho: "Se vós não guardastes o que era pequeno, quem vos entregará o que é grande? Pois eu vos digo que aquele que é fiel no mínimo, também é fiel no muito". É isto o que Ele quer dizer: "Mantende a carne santa e o selo livre de contaminação para que recebais a vida eterna".

Seremos julgados na carne. E que ninguém diga que esta mesma carne não será julgada nem ressuscitará. Considerem em que estado vocês foram salvos, em que estado receberam a visão, se não foi quando estavam nesta carne. Temos de preservar a carne como o templo de Deus. Assim como vocês foram chamados na carne, assim também serão julgados na carne. Assim como Cristo, o Senhor, que nos salvou, embora fosse primeiramente Espírito, tornou-se carne, e desse modo nos chamou, assim também receberemos a recompensa nesta carne. Amemo-nos uns aos outros para que todos alcancemos o Reino de Deus. Enquanto temos oportunidade de sermos curados, rendamo-nos a Deus, que nos ouve, e lhe retribuamos. De que forma? Através do arrependimento de corações sinceros; Ele sabe todas as coisas de antemão e conhece o que está em nosso coração. Rendamos a Ele louvor, não só com nossos lábios, mas também com o coração, para que Ele nos aceite como filhos. O Senhor disse: "Estes são meus irmãos: os que fazem a vontade de meu Pai".

O vício deve ser abandonado e a virtude, seguida. Portanto, meus irmãos, façamos a vontade do Pai que nos chamou, para que vivamos. Sigamos com veemência a virtude, mas abandonemos toda tendência má que nos leve à transgressão, e fujamos da impiedade, para que males não nos alcancem. Se formos diligentes em fazer o bem, a paz nos seguirá. Por esta causa, tais homens não podem encontrar paz, os quais são influenciados pelos terrores humanos e preferem o prazer momentâneo à promessa que será cumprida depois. Eles desconhecem que tormento o atual prazer incorre ou que felicidade está envolvida na promessa futura. E se na verdade eles fizessem apenas tais coisas, seria o mais tolerável. Mas eles persistem em saturar almas inocentes com suas doutrinas perniciosas, não sabendo que eles receberão uma dupla condenação, tanto eles quanto aqueles que os ouvem.

Devemos servir a Deus, confiando nas suas promessas. Sirvamos a Deus com coração puro e seremos justos; mas se não o servimos, porque não cremos nas suas promessas, seremos miseráveis. A palavra profética também declara: "Miseráveis são aqueles de mente dupla e que duvidam em seu coração, dizendo: 'Todas estas coisas ouvimos falar até nos dias de nossos pais; mas, embora esperemos dia-a-dia, não vimos nenhuma delas se realizar'. Tolos! Comparai-vos a uma árvore; por exemplo, a videira. Em primeiro lugar, vêm as folhas, então o broto aparece; depois, a uva verde, e em seguida, o fruto completamente maduro. Assim, da mesma forma, meu povo suporta perturbações e aflições, mas depois receberá suas boas dádivas". Portanto, meus irmãos, não sejamos de mente dobre, mas esperemos e suportemos, para que também obtenhamos a recompensa.

Pois Ele é fiel, aquEle que prometeu que dará a todos uma recompensa de acordo com as suas obras. Se praticarmos a justiça à vista de Deus, entraremos no seu Reino e receberemos as promessas: "... o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem..." (1 Co 2.9).

Devemos buscar constantemente o Reino de Deus. Esperemos, momento a momento, o Reino de Deus em amor e justiça, visto que não sabemos o Dia do Senhor. O próprio Jesus, sendo perguntado pelos fariseus sobre quando viria o seu Reino, respondeu: "O Reino de Deus não vem com aparência exterior. Nem dirão: Ei-lo aqui! Ou: Ei-lo ali! Porque eis que o Reino de Deus está entre vós. E como aconteceu nos dias de Noé, assim será também no dia do Filho do Homem. Comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca, e veio o dilúvio e consumiu a todos Como também da mesma maneira aconteceu nos dias de Ló: comiam, bebiam. compravam, vendiam, plantavam e edificavam. Mas, no dia em que Ló saiu de Sodoma, choveu do céu fogo e enxofre, consumindo a todos. Assim será no dia em que o Filho do Homem se há de manifestar" (Lc 17.20,21,26-29).

A Igreja viva é o Corpo de Cristo. Portanto, irmãos, se fizermos a vontade de Deus, nosso Pai, seremos da primeira Igreja, quer dizer, a espiritual, que foi criada antes do sol e da lua; mas se não fizermos a vontade do Senhor, seremos da Escritura que diz: "Minha casa foi feita em covil de ladrões". Escolhamos, então, ser da Igreja da vida para que sejamos salvos. Não suponho, porém, que vocês ignoram que a Igreja viva é o Corpo de Cristo; pois a Escritura diz: "Deus fez o homem, macho e fêmea". E os livros e os apóstolos claramente declaram que a Igreja não é do presente, mas desde o princípio. Ela era espiritual, como nosso Jesus também o era, mas foi manifesta nos últimos dias para que Ele nos salvasse. Agora a igreja, sendo espiritual, foi manifesta na carne de Cristo, querendo nos dizer que se qualquer um de nós a mantiver na carne e não a corromper, Ele a receberá novamente no Espírito Santo: pois esta carne é a cópia do espírito. Ninguém que corrompa a cópia participará da original. É isto o que Ele quer dizer: "Guardai a carne, para que vós participeis do espírito". Mas se dizemos que a carne é a Igreja e o espírito, Cristo, então aquele que usou vergonhosamente a carne usou vergonhosamente a Igreja. Tal indivíduo não participará do espírito, que é Cristo. Esta carne pode participar de tal vida e incorrupção, quando o Espírito Santo for unido a ela. Ninguém pode declarar ou dizer "o que o Senhor preparou" para os seus eleitos.

Fé e amor, o apropriado retorno a Deus. Agora, não penso que lhes dei conselho trivial em relação ao autocontrole, o qual se alguém o fizer não se arrepende, mas salvará a si mesmo e a mim, que o aconselho. Não é pequena recompensa fazer voltar uma alma peregrina e perecível para que seja salva. Esta é a recompensa que temos para retornar a Deus que nos criou, se aquele que fala e ouve, fala e ouve com fé e amor. Permanecemos nas coisas em que cremos, justos e santos, para que com ousadia pecamos a Deus, que disse: "Enquanto tu ainda estiveres falando, eu direi: Eis-me aqui, eu estou aqui". Esta declaração é o sinal de grande promessa: o

Senhor diz de si mesmo que Ele está mais pronto a dar, do que aquele que pede, de pedir. Sendo participantes de tão grande generosidade, não sejamos invejosos uns dos outros na obtenção de tantas coisas boas. Pois tão grande quanto é o prazer que estas declarações têm por eles que as fizeram, tão grande é a condenação para aqueles que são desobedi-entes.

A excelência da caridade. Portanto, irmãos, tendo recebido não pequena ocasião de arrependimento, enquanto temos oportunidade, voltemo-nos a Deus que nos chamou, enquanto ainda o temos como aquEle que nos recebe. Se renunciarmos estes prazeres e conquistarmos nossas almas, não fazendo nossos desejos maus, participaremos da misericórdia de Jesus. Mas vocês sabem que o Dia do Julgamento "vem como fogo ardente", e algumas partes "dos céus derreterão". Toda a terra será como chumbo derretido no fogo, e então as obras ocultas e abertas dos homens aparecerão. A caridade, por conseguinte, é coisa boa, assim como o arrependimento de pecados; o jejum é melhor que a oração, mas a caridade é melhor que ambos; "mas o amor cobre uma multidão de pecados". A oração proveniente de uma consciência boa liberta da morte. Bendito é todo aquele que está cheio destas coisas, pois a caridade alivia o fardo do pecado.

O perigo de impenitência. Arrependamo-nos de todo o coração, a fim de que nenhum de nós pereça no caminho. Se temos mandamentos dizendo-nos para afastar os homens dos ídolos e instruí-los, quanto mais não deve a alma que já conhece a Deus perecer! Ajudemo-nos uns aos outros para que também ajudemos os fracos quanto ao que é bom, a fim de que todos sejam salvos; e vamos nos converter e admoestar uns aos outros. Não pensemos em dar atenção e acreditar agora somente quando somos admoestados pelos presbíteros, mas também quando voltamos para casa, lembrando-nos dos mandamentos do Senhor. Não sejamos arrastados por luxúrias mundanas, mas busquemos progredir nos mandamentos do Senhor, para que todos tenhamos a mesma mente, sejamos unidos à vida. O Senhor disse: "Eu vim para reunir todas as nações, tribos e línguas". Ele fala acerca do dia da sua manifestação, quando virá e nos remirá, cada um de acordo com suas obras. E os incrédulos "verão a sua glória" e força. Eles acharão estranho quando virem a soberania do mundo em Jesus, dizendo: "Ai de nós! Tu eras aquele, e nós não sabíamos, não cremos, e não obedecemos aos presbíteros quando eles declaravam as coisas concernentes à nossa salvação". E "o seu verme nunca morrerá, nem o seu fogo se apagará; e serão um horror para toda a carne". Ele fala acerca daquele Dia do Julgamento quando eles verão aqueles entre nós que eram descrentes e agiam enganosamente com os mandamentos do Senhor. Mas quando os justos, que fizeram o bem, suportaram tormentos e odiaram os prazeres da alma, virem aqueles que se desviaram e negaram a Jesus mediante palavras ou ações, o quanto eles são castigados com tormentos atrozes num fogo inextinguível, darão glória a Deus, dizendo: "Haverá esperança para aquele que, de todo o coração, serviu a Deus".

O pregador confessa sua própria pecaminosidade. Sejam do número daqueles que dão graças e servem a Deus, não dos descrentes que já estão

julgados. Eu também, sendo completo pecador e até agora não livre da tentação, mas ainda estando cercado pelas maquinações do Diabo, emprego diligência para seguir a justiça, a fim de que tenha forças para chegar nem que seja perto dela, temendo o julgamento por vir.

Ele Justifica sua exortação. Irmãos e irmãs, depois que o Deus da verdade foi ouvido, leio para vocês uma solicitação para que dêem atenção às coisas que estão escritas, a fim de que se salvem a si mesmos e salvem aquele que lê entre vocês. Como retribuição, peço-lhes que se arrependam de todo o coração, recebendo a salvação e a vida. Fazendo isto, teremos estabelecido uma meta para que todo jovem se empenhe pela devoção e bondade de Deus. E, insensatos que somos, não nos sintamos afrontados e desagradados, sempre que alguém nos admoesta e nos faz voltar da iniquidade para a justiça. Às vezes, quando estamos praticando coisas más, não o percebemos, por causa da disposição dobre e incredulidade que estão em nosso peito, e por estarmos "obscurecidos em nosso entendimento" por nossas vãs concupiscências. Pratiquemos a justiça para que sejamos salvos até o fim. Benditos são aqueles que obedecem estes mandamentos. Mesmo que por um pouco de tempo sofram o mal no mundo, eles desfrutarão o fruto imortal da ressurreição. Que o piedoso não se lamente, se for desgraçado nos tempos atuais; uma época bendita o aguarda. Ele, vivendo novamente nas alturas com o Senhor, estará alegre por uma eternidade sem pesar.

Palavras finais de consolação. Doxologia. Nem seus entendimentos fiquem perturbados ao verem os injustos tendo riquezas e os servos de Deus, pobreza duradoura. Sejam crentes, irmãos e irmãs. Estamos nos esforçando na vida do Deus vivo; somos disciplinados pela vida presente para que sejamos coroados na vida futura. Nenhum dos justos recebeu fruto de imediato, mas esperou por ele. Se Deus desse recompensa imediata aos justos, estaríamos nos exercitando no assunto e não na santidade. Pareceríamos ser justos, ao mesmo tempo que buscaríamos o que não é santo, mas o que é lucrativo. E por conta disso, o julgamento divino surpreendeu um espírito que não era justo e o prendeu com correntes.

Ao único Deus invisível, o Pai da verdade, que nos enviou o Salvador e Príncipe da incorrupção, por meio de quem Ele nos manifestou a verdade e a vida celestial, a Ele seja a glória para sempre e sempre. Amém.

João Crisóstomo: A Grandeza do Apóstolo Paulo

João CRISÓSTOMO (conhecido como "Boca de ouro") é, depois dos apóstolos, o pregador mais famoso na história do Cristianismo. Nasceu em Antioquia, em 347, e morreu em Ponto, em 407. Começou o estudo da retórica e mostrou grande promessa para o futuro, mas, mediante os esforços piedosos de sua mãe, Antusa, ele abraçou o Cristianismo e se retirou para o deserto, onde passou dez anos em meditação e renúncia. Depois, tornou-se diácono e, mais tarde, presbítero em Antioquia. Logo chamou a atenção como pregador, sobretudo através de uma série de sermões sobre as estátuas, pregado numa época em que o imperador Teodósio pretendia lançar severas represálias contra o populacho de Antioquia, onde suas estátuas haviam sido destruídas numa revolta.

Como arcebispo de Constantinopla, Crisóstomo pregou corajosamente contra as políticas da imperatriz Eudoxia. Sua atitude inflexível para com o tribunal e os clérigos licenciosos e avarentos fizeram-no vítima de uma conspiração eclesiástica, e ele foi condenado por contumácia pelo sínodo conclamado pelos seus inimigos e levado a Bitínia. A fúria popular era tão grande que o imperador teve de chamá-lo de volta. Mas logo o enviaram para o exílio outra vez e, depois de ser levado de lugar em lugar, faleceu a caminho do deserto de Pítio.

Seus sermões são na maioria expositivos ou comentários fluentes sobre o texto de uma passagem bíblica. Deste modo, ele cobriu grandes porções do Novo Testamento. Crisóstomo tinha amplo alcance e poderia dedilhar cada nota do coração humano. Um dos exemplos mais nobres de sua eloquência é sua última homília sobre a Epístola aos Romanos. Não é apenas um dos melhores exemplos de eloquência patrística, mas talvez o maior tributo que jamais foi dado ao apóstolo Paulo.

A Grandeza do Apóstolo Paulo

QUEM há de orar por nós, desde que Paulo partiu? Estes que são os imitadores de Paulo.

Apenas nos consideremos dignos de tal intercessão a fim de que não seja que ouçamos só a voz de Paulo aqui, mas que, no futuro, quando tivermos partido, sejamos também contados dignos de ver o lutador de Cristo. Ou, antes, se o ouvirmos aqui, certamente o veremos no outro mundo, se não perto dele, ainda o veremos com certeza, brilhando perto do trono do Rei. Onde os querubins cantam a glória, onde voam os serafins, lá veremos Paulo, com Pedro, e como chefe e líder do coro dos santos, e desfrutaremos seu amor generoso. Pois se quando estava aqui ele amava tanto os homens, que, tendo a escolha de partir e estar com Cristo, escolheu ficar aqui, muito mais ali ele mostrará um afeto mais caloroso.

Eu amo Roma até por isso, embora tenha-se de fato outra base para louvá-la, por sua grandeza, antigüidade, beleza, população numerosa, poder, riqueza e sucessos na guerra. Mas deixei passar tudo, e a estimo abençoada por conta disto: que em sua vida ele lhes escreveu, amou-os tanto, falou com eles enquanto estava conosco e sua vida chegou a um fim ali. Portanto, a cidade é mais notável sob este aspecto do que sob todos os outros juntos. E como corpo grande e forte, tem como dois olhos brilhando os corpos desses santos. O céu não é tão luminoso, quando o sol envia seus raios, como é a cidade de Roma enviando estas duas luzes a todas as partes do mundo. Daquele lugar Paulo será tomado, como também Pedro. Apenas considere e estremeça com o pensamento de que visão Roma verá, quando Paulo surgir de repente daquele depósito, junto com Pedro, e for elevado para o encontro com o Senhor. Que rosa Roma enviará para Cristo! Que duas coroas a cidade terá! Com que correntes douradas ela será cingida! Que fundações possuem! Portanto, eu admiro a cidade, não pelo muito ouro, nem pelas colunas, nem por outro aparato ali encontrado, mas por estes pilares da Igreja.

O que seria se me fosse dado lançar-me em volta do corpo de Paulo, ser cravado ao túmulo e ver o pó daquele corpo que "supria o que estava faltando" de Cristo, que trazia "as marcas", que semeou o Evangelho em todos os lugares, sim, o pó daquele corpo pelo qual ele andou por todos os lugares! O pó daquele corpo pelo qual Cristo falou e a luz brilhou mais luminosa que um raio, e a voz saiu (mais terrível que um trovão para os demônios!), pelo qual ele articulou aquela voz abençoada, dizendo: "Eu mesmo poderia desejar ser amaldiçoado, por meus irmãos", com a qual ele falou: "Perante reis, eu não me envergonhei", com a qual viremos a conhecer Paulo, com a qual também viremos a conhecer o Mestre de Paulo. Não nos é tão terrível o trovão, como foi essa voz aos demônios! Pois se eles estremeçiam ao ver as roupas dele, muito mais estremeçiam diante de sua voz. Esta voz os levou cativos, limpou o mundo, pôs um basta às doenças, expulsou vícios, elevou a verdade bem alto, fez Cristo cavalgar sobre ela e em todos os lugares saiu com ele; e como de querubim era a voz de Paulo, pois assim como o querubim estava assentado sobre esses poderes, assim

ele estava na língua de Paulo. Porque tinha se tornado merecedor de receber Cristo falando somente as coisas que eram aceitáveis a Cristo, e voando como serafim a alturas indizíveis! Pois que mais sublime do que aquela voz que diz: "Porque estou certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor!" (Rm 8.38,39)? Que remígio este discurso não parece ter a vocês? Que olhos? Era devido a isso que ele disse: "Porque não ignoramos os seus ardis" (2 Co 2.11). Por causa disso, os demônios não só fogem ao ouvi-lo falar, mas até ao verem as suas roupas.

Esta é a boca, de cujo pó eu gostaria de ver, pela qual Cristo falou coisas grandiosas e secretas e maiores do que em sua própria pessoa (pois assim como Ele fez, assim Ele também falou maiores coisas pelos discípulos), pela qual o Espírito deu ao mundo esses oráculos maravilhosos. Por qual coisa boa essa boca não operou? Por ela os demônios foram expulsos, os pecados libertados, os tiranos amordaçados, as bocas de filósofos caladas, o mundo levado para Deus, os selvagens persuadidos a aprender sabedoria, a ordem da terra foi alterada. As coisas no céu também ela dispôs do modo como quis, prendendo quem seria preso e soltando no outro mundo "de acordo com o poder que lhe foi dado".

Não só da boca, mas do coração também eu gostaria de ver o pó, o qual o homem não erraria em chamar o coração do mundo, fonte de bênçãos incontáveis e um começo e elemento de nossa vida. Pois o espírito de vida foi abastecido de tudo isso, e distribuído pelos membros de Cristo, não como sendo enviado pelas artérias, mas por livre escolha de boas ações. Esse coração era tão grande quanto a abranger cidades, povos e nações inteiras. "Pois o meu coração", diz ele, 'está aumentado'. Contudo, até um coração tão grande assim, a caridade que o aumentou muitas vezes o deixou apertado e oprimido. Pois ele diz: "Porque, em muita tributação e angústia do coração, vos escrevi, com muitas lágrimas" (2 Co 2.4). Eu desejaria ver esse coração mesmo depois de sua decomposição, que ardia por todo aquele que estava perdido, que sofria dores de parto uma segunda vez pelos filhos que tinham provado o aborto, que via a Deus ("pois os puros de coração", diz ele, "verão a Deus"), que se tornou um sacrifício ("pois o sacrifício para Deus é um coração contrito"), que era mais sublime que os céus, que era mais largo que o mundo, que era mais brilhante que os raios do sol, que era mais quente que o fogo, que era mais forte que o diamante, que enviou rios ("pois rios", diz ele, "de água viva fluirão do seu ventre"), nos quais estava uma fonte que brota e dá de beber, não à face da terra, mas às almas dos homens, dos quais não só rios, mas até fontes de lágrimas vertiam dia e noite, que viviam a vida nova, não esta nossa (porque "eu vivo", diz ele, "ainda que não eu, mas Cristo vive em mim", assim o coração de Paulo era o seu coração, uma tábua do Espírito Santo e um livro da graça); que tremia pelos pecados dos outros (pois "eu temo", diz ele, "que por algum meio eu vos tenha labutado em vão; para que como a serpente iludiu Eva; temendo que quando eu vier não vos ache como eu

quereria"); o qual temeu por si mesmo e também estava confiante (porque eu temo, diz ele, "para que, pregando aos outros, eu mesmo não venha de alguma maneira a ficar reprovado", 1 Co 9.27). E, "estou certo de que nem [...] os anjos, [...] nem as potestades [...! nos poderá separar" (Rm 8.38,39); que foi contado digno de amar a Cristo como nenhum outro homem o amou; que menosprezou a morte e o inferno, não obstante ficou quebrantado pelas lágrimas de irmãos (pois ele diz: "Que fazeis vós, chorando e magoando-me o coração?", At 21.13); que sofria com paciência, ainda que não podia suportar estar ausente dos tessalonicenses pelo espaço de uma hora!

Anseio ver o pó das mãos que estavam em correntes, por cuja imposição o Espírito foi concedido, através das quais os escritos divinos chegaram até nós, pois: "Vede com que grandes letras vos escrevi por minha mão" (Gl 6.11), e, novamente: "Saudação da minha própria mão, de mim, Paulo" (2 Ts 3-17); dessas mãos à vista das quais a serpente "caiu no fogo".

Almejo ver o pó dos olhos que ficaram cegos gloriosamente, que recuperaram a visão para a salvação do mundo; que até no corpo foram contados dignos de ver a Cristo, que viu coisas terrestres, embora não as visse, que viu as coisas que não se vêem, que não viu sono, que estavam alertas à meia-noite, que não foram afetados como os nossos olhos o são.

Também veria o pó dos pés que percorreram o mundo e não se cansaram, que estavam presos no tronco quando a prisão foi sacudida, que passaram por regiões habitadas ou despovoadas, que caminharam em tantas jornadas.

E por que preciso falar dos membros? Eu veria o túmulo onde a armadura da justiça foi posta, as armas da luz, os membros que agora vivem, mas que em vida foram mortificados; e em todos os membros de quem Cristo vivia, que estavam crucificados para o mundo, que eram membros de Cristo, que eram revestidos em Cristo, eram templo do Espírito, edifício santo, "unidos no Espírito", cravados ao temor de Deus, que tinham as marcas de Cristo. Este corpo é um muro para aquela cidade, que é mais segura que todas as torres e que milhares de ameias. E com ele está o túmulo de Pedro. Ele o honrou enquanto vivia. Ele "subiu para ver Pedro" e, então, mesmo quando faleceu, a graça o permitiu ficar com ele.

Eu veria o leão espiritual. Assim como o leão respira fogo sobre bandos de raposas, assim ele se arrojou sobre o clã de demônios e filósofos, e como o estouro de um raio foram derrotadas as hostes do Diabo. Pois ele nem mesmo veio para dispor a batalha em ordem contra si, visto que ele temeu tanto e tremeu diante dEle, como se visse sua sombra e ouvisse sua voz, ele fugiu até certa distância. E assim livrou de si o fornicador, embora a certa distância, e outra vez o arrebatou das suas mãos; e assim outros também, para que fossem ensinados a "não blasfemar". E considerem como Ele enviou seus próprios seguidores contra ele, despertando-os, provendo-os. E certa vez ele diz aos efésios: "Não temos que lutar contra carne e sangue, mas. sim, contra os principados, contra as potestades" (Ef 6.12).

Então ele também põe nosso prêmio nas regiões celestiais. Pois não lutamos pelas coisas da terra, diz ele, mas pelo céu e as coisas dos céus, E para os outros, ele diz: "Não sabeis vós que havemos de julgar os anjos? Quanto mais as coisas pertencentes a esta vida?" (1 Co 6.3).

Sejamos nobres, pondo tudo isso no coração; pois Paulo era homem, participante da mesma natureza conosco e tendo tudo o mais em comum conosco. Mas pelo fato de ter mostrado tão grande amor por Cristo, ele foi acima dos céus e ficou com os anjos. E assim também se nós nos despertarmos um pouco e nos inflamarmos nesse fogo santo, poderemos emular esse homem santo. Fosse isso impossível, ele nunca teria bradado a plenos pulmões e dito: "Sede meus imitadores, como também eu, de Cristo" (1 Co 11.1). Não nos coloquemos tão somente a admirá-lo, ou fiquemos apenas impressionados com ele, mas o imitemos para que também nós, quando partirmos, sejamos contados dignos de ver e compartilhar a glória indescritível, a qual Deus conceda que todos a alcancemos pela graça e amor para com o homem de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem e com quem seja a glória ao Pai, com o Espírito Santo, agora e eternamente. Amém.

Agostinho: **As Dez Virgens**

AGOSTINHO *é* um dos maiores nomes na história da Igreja cristã. Ele era um tição arrancado do fogo, como o próprio Paulo, poderoso troféu do Espírito Santo. Nasceu em Tagasta, África (atual Souk-Ahras, Argélia), em 13 de novembro de 354, e morreu em Hipona, África, em 28 de agosto de 430. Seu pai era pagão, mas sua mãe, Mônica, era cristã de maravilhosa beleza de caráter e profundidade de fé. Quando jovem, Agostinho foi treinado para a carreira da retórica. Ele viveu em pecado com uma moça que lhe deu um filho, a quem era profundamente dedicado, dando-lhe o nome de Adeodato. "dado por Deus". Durante esses anos de vida licenciosa, sua mãe nunca deixou de orar e se esforçar pela conversão dele. Foi a ela que o bispo de Tagasta fez a célebre observação, que tem consolado tantas mães ansiosas, que "um filho de tantas lágrimas não pode ser perdido".

Quando seguia sua profissão de retórica em Milão, Agostinho pôs-se sob a influência de Ambrósio, bispo de Milão, e foi levado à vida cristã. Mas ele estava tão enredado na sensualidade, que se esquivava de sacrifício que envolvesse uma confissão de fé. Depois de intensas lutas espirituais, descritas graficamente na sua obra *Confissões*, Agostinho finalmente achou Cristo e a paz. Em 396, foi feito bispo da sede episcopal de Hipona, na África. Daí em diante, tornou-se uma das grandes figuras da Igreja daqueles tempos, na verdade, de todos os tempos. Sua mente poderosa criou uma série de livros, sendo o maior deles *A Cidade de Deus*, obra vasta na qual ele procura vindicar o Cristianismo e concebe a Igreja como uma ordem nova e divina que surge das ruínas do Império Romano. Engajou-se em muitas controvérsias, sendo a mais importante a controvérsia com Pelágio e os pelagianos. Contra Pelágio, que afirmava ser o pecado de Adão puramente pessoal, e afetava só a ele, Agostinho defendeu a doutrina do pecado original, que os homens herdam de Adão uma natureza pecadora e, assim, estão sob condenação. Agostinho é aclamado por todas as escolas da Igreja Crista, e tanto católicos quanto protestantes o consideram, ao lado do apóstolo Paulo, como o grande mestre em relação ao significado do pecado e ao passado da natureza humana.

SEU sermão sobre "As Dez Virgens" é um interessante tratado de um dos grandes temas de púlpito: a Segunda Vinda de Cristo. Especialmente belas são as palavras finais: "As nossas lâmpadas alumiam entre os ventos e as tentações desta vida. Mas deixemos que nossa chama queime fortemente, que o vento da tentação aumente o fogo, em vez de apagá-lo".

As Dez Virgens

Então, o Reino dos céus será semelhante a dez virgens..." (Mt 25-1)

VOCÊS que estavam presentes ontem se lembram de minha promessa, a qual, com a ajuda do Senhor, será cumprida hoje, não somente a vocês, mas aos muitos outros que também se reuniram aqui. Não é questão fácil dizer quem são as dez virgens, cinco das quais são sábias e as outras cinco, tolas. Não obstante, de acordo com o contexto desta passagem a qual desejei que fosse lida hoje novamente a vocês, amados, não penso, até onde o Senhor me conceder entendimento, que esta parábola ou similitude relacione-se somente com essas mulheres. Estas, por uma santidade peculiar e mais excelente, são chamadas virgens na igreja, as quais, por um termo mais habitual, também chamamos "as religiosas"; mas, se não me engano, esta parábola se relaciona com a totalidade da Igreja. No entanto, embora devamos entendê-la somente acerca daquelas que são chamadas "as religiosas", não são dez? Deus proíba que tão grande companhia de virgens seja reduzida a tão pequeno número! Porém, talvez alguém diga: "Mas, e se embora sejam tantas em profissão exterior, contudo, na verdade sejam tão poucas, que escassas dez podem ser encontradas!" Não é assim. Pois se Ele tivesse querido dizer que as virgens boas só deveriam ser entendidas pelas dez. Ele não teria representado cinco tolas entre elas. Se este é o número das virgens que são chamadas, por que as portas são fechadas contra as cinco?

Entendamos, amados irmãos, que esta parábola se relaciona com todos nós, isto é, com toda a Igreja, não somente com o clero de quem falamos ontem; nem somente com o laicato, mas com todos em geral. Então, por que as virgens são dois grupos de cinco? Estas virgens são todas as almas cristãs. Mas para que eu possa lhes dizer o que pela inspiração do Senhor penso, não são almas de todo tipo, mas as almas que têm fé e parecem ter boas obras na Igreja de Deus; e, não obstante, até entre elas, "cinco são sábias e cinco são tolas". Primeiro, vejamos por que são chamadas "cinco" e por que "virgens" e, depois, consideremos o restante. Cada alma no corpo é denotada pelo número cinco, porque faz uso dos cinco sentidos. Não há nada de que tenhamos percepção pelo corpo, senão pela porta de cinco dobras: a visão, a audição, o olfato, o paladar ou o tato. Aqueles que se privam da visão ilícita, da audição ilícita, do olfato ilícito, do paladar ilícito e do tato ilícito, por causa da sua incorrupção, receberam o nome de virgens.

Mas se é bom abster-se dos estímulos ilícitos dos sentidos e por conta disso cada alma cristã recebeu o nome de virgem, por que cinco são admitidas e cinco rejeitadas? Todas são virgens e, não obstante, cinco são rejeitadas. Não é o bastante que sejam virgens e que tenham lâmpadas. São virgens por causa da abstinência do uso ilícito dos sentidos; têm lâmpadas por causa das boas obras. De cujas boas obras o Senhor disse:

"Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai, que está nos céus" (Mt 5.16). Outra vez Ele diz aos discípulos: "Estejam cingidos os vossos lombos, e acesas as vossas candeias" (Lc 12.35). Nos "lombos cingidos" está a virgindade; nas "candeias acesas", as boas obras.

O título de virgindade não é normalmente aplicado aos casados; contudo, até neles há certa virgindade de fé que produz castidade de casados. Saibam, santos irmãos, que todo aquele que, como a tocar a alma, tem fé incorrupta, pratica abstinência de coisas ilícitas e faz boas obras, não é adequadamente chamado de "virgem". Toda a Igreja, que consiste em virgens, meninos, homens casados e mulheres casadas, é por um nome chamada de virgem. Como provamos isso? Ouçam a declaração do apóstolo Paulo, que diz não somente às mulheres religiosas, mas a toda a Igreja: "... porque vos tenho preparado para vos apresentar como uma virgem pura a um marido, a saber, a Cristo" (2 Co 11.2). E porque devemos nos precaver contra o Diabo, o corruptor desta virgindade, o apóstolo acrescentou: "Mas temo que, assim como a serpente enganou Eva com a sua astúcia, assim também sejam de alguma sorte corrompidos os vossos sentidos e se apartem da simplicidade que há em Cristo" (v. 3). Poucos têm virgindade física; no coração, todos devemos tê-la. Se a abstinência do que é ilícito é bom, pelo que recebeu o nome de virgindade, e as boas obras são louváveis, que são significadas pelas lâmpadas, por que cinco são admitidas e cinco rejeitadas? Se há uma virgem e uma que leva lâmpada, que contudo não é admitida, onde ela se verá, que nem preserva a virgindade das coisas ilícitas e que nem desejando ter boas obras anda em trevas?

Destes, meus irmãos, sim, destes vamos tratar. Aquele que não vê o que é mau, aquele que não ouve o que é mau, aquele que desvia seu olfato dos fumos ilícitos e seu paladar da comida ilícita dos sacrifícios, aquele que recusa o abraço da esposa de outro homem, reparte o pão com os famintos, traz o estranho à sua casa, veste os desnudos, reconcilia os litigiosos, visita os doentes, sepulta os mortos; ele com certeza é uma virgem, ele com certeza tem lâmpadas. O que mais buscamos? Algo, contudo, ainda busco. O santo Evangelho me colocou nesta busca. Está escrito que até entre estas virgens que levam lâmpadas, algumas são sábias e algumas tolas. Como vemos isso? Como fazemos distinção? Através do óleo. Alguma coisa grande, alguma coisa sumamente grande significa este óleo. Vocês acham que não é o amor? Isto dizemos à medida que investigamos o que é; não nos aventuramos a julgamento precipitado. Eu lhes direi por que o amor parece estar significado pelo óleo. O apóstolo diz: "... e eu vos mostrarei um caminho ainda mais excelente. Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos e não tivesse caridade, seria como o metal que soa ou como o sino que tine" (1 Co 12.31b; 13-1). A caridade é o caminho acima dos demais, a qual com boa razão está significada pelo óleo, pois o óleo mantém-se acima de todos os líquidos. Coloque água, derrame óleo, e este se manterá sobre a água. Coloque óleo, derrame água, e o óleo ainda assim permanecerá sobre a água. Se você mantiver a ordem habitual, ele ficará

no ponto mais alto; se você mudar a ordem, ele continuará no ponto mais alto. "A caridade nunca falha".

Tratemos agora das cinco virgens sábias e das cinco virgens tolas. Elas desejavam ir ao encontro do Esposo. Qual é o significado de "sair ao encontro do Esposo?" Ir com o coração, estar esperando por sua vinda. Mas Ele tarda. "E, tardando o esposo, tosquenejaram todas". O que significa "todas"? Tanto as tolas quanto as sábias "tosquenejaram todas e adormeceram". Este sono é bom? O que quer dizer este sono? É que com a tardança do Esposo, "por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos se esfriará" (Mt 24.12)? Devemos entender este sono assim? Não gosto disso. Eu lhes direi por quê. Porque entre elas estão as virgens sábias; e, certamente, quando o Senhor disse: "E, por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos se esfriará", Ele continuou, dizendo: "Mas aquele que perseverar até ao fim será salvo" (v. 13). Onde estariam essas virgens sábias? Elas não estão entre aquelas que vão **perseverar até ao fim"? Elas não seriam admitidas entre todas, irmãos, por nenhuma outra razão senão porque elas perseverariam até o fim. Nenhuma frieza de amor se insinuou sobre elas; nelas o amor não esfriou, mas conserva seu brilho ainda até o fim. E porque brilham até o fim, as portas do Esposo estão abertas para elas. É dito a elas que entrem, como àquele servo excelente: "Entra no gozo do teu senhor" (Mt 25-21). Qual é o significado de "todas dormiram"? Há outro sono do qual ninguém escapa. Lembrem-se da declaração do apóstolo: "Não quero, porém, irmãos, que sejais ignorantes acerca dos que já dormem, para que não vos entristeçais, como os demais, que não têm esperança" (1 Ts 4.13), ou seja, concernente àqueles que estão mortos? Por que eles são chamados 'os que já dormem", mas estão no seu próprio dia? Então, "todas dormiram". Vocês acham que pelo fato de alguém ser sábio, não morre? Seja a virgem tola ou a sábia, todas sofrem o sono de morte igualmente.

Mas os homens dizem continuamente para si mesmos: "Eis que o Dia do Julgamento está vindo. Tantos males estão acontecendo, tantas tribulações se multiplicam; vejam, todas as coisas que os profetas disseram estão quase cumpridas. O Dia do Julgamento já está às portas". Aqueles que falam assim, em fé, superam astuciosamente tais pensamentos para "encontrarem-se com o Esposo". Mas, vejam! guerra sobre guerra, tributação sobre tribulação, terremoto sobre terremoto, fome sobre fome, nação contra nação e o Esposo ainda não veio. Enquanto se espera que Ele venha, todos os que dizem: "Vejam, Ele está vindo, e o Dia do Julgamento nos encontrará aqui", dormem. Enquanto dizem isto, continuam a dormir. Que cada um de nós tenha em vista este seu sono e persevere até ao seu sono de amor; que o sono o ache esperando assim. Pois, suponha que ele dormiu. "Aquele que dorme não ressuscitará?" Então, "todas dormiram". Tanto as sábias quanto as virgens tolas, na parábola, todas dormiram.

"Mas, à meia-noite, ouviu-se um clamor". O que é "à meia-noite"? Quando não há nenhuma expectativa, absolutamente nenhuma convicção. A noite indica ignorância. O indivíduo faz um cálculo consigo mesmo: "Vejam, tantos anos se passaram desde Adão, e os seis mil anos estão se

completando, e então imediatamente de acordo com a computação de certos expositores, o Dia do Julgamento virá". Contudo, estes cálculos vêm e passam, e ainda a chegada do Esposo tarda, e as virgens que haviam ido encontrá-lo, dormem. E, vejam, quando Ele não é esperado, quando os homens dizem: "Os seis mil anos foram esperados, e, passaram-se. Como saberemos quando Ele virá?" Ele virá à meia-noite. O que significa "virá à meia-noite"? Virá quando vocês não estiverem cientes. Por que Ele virá quando vocês não estiverem cientes? Ouçam o próprio Senhor: "Não vos pertence saber os tempos ou as estações que o Pai estabeleceu pelo seu próprio poder" (At 1.7). "O Dia do Senhor", diz o apóstolo, "virá como o ladrão de noite" (1 Ts 5-2). Portanto, vigiem de noite para que não sejam surpreendidos pelo ladrão. Pois o sono da morte — quer vocês durmam ou não — virá.

Mas, à meia-noite, ouviu-se um clamor" (Mt 25.6). Que clamor foi este. senão acerca do qual o apóstolo diz: "Num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta"? "... porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados" (1 Co 15-52). E quando o clamor foi dado à meia-noite: "Aí vem o esposo!", o que se segue? "Então, todas aquelas virgens se levantaram". O que significa todas "elas" se levantaram? "Vem a hora", disse o próprio Senhor, "em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz [...1 [e] sairão" (Jo 5.28,29). Então, ante a última trombeta. todos se levantarão. "As loucas, tomando as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo. Mas as prudentes levaram azeite em suas vasilhas, com as suas lâmpadas" (Mt 25.3,4). Qual é o significado de "não levaram óleo em suas vasilhas"? O que quer dizer "em suas vasilhas"? Em seus corações. O apóstolo diz: "Nossa glória é esta, o testemunho de nossa consciência". Há o óleo, o óleo precioso; este óleo é proveniente do dom de Deus. Os homens podem pôr óleo em suas vasilhas, mas não podem criar a azeitona. Vejam, eu tenho óleo, mas vocês criaram o óleo? É proveniente do dom de Deus. Vocês têm óleo. Levem-no consigo. O que é "levá-lo convosco"? Tenham-no dentro de si para agradar a Deus.

Essas virgens tolas que não levaram óleo consigo desejam agradar os homens mediante essa abstinência, por meio da qual são chamadas virgens, e mediante suas boas obras, quando parecem levar lâmpadas. E se desejam agradar os homens, e por conta disso fazem todas essas obras louváveis, elas não levam óleo consigo. Se vocês levam-no consigo, levam-no no interior onde Deus vê; ali levam o testemunho de sua consciência. Pois aquele que anda para ganhar o testemunho de outrem não leva óleo consigo. Se vocês se privam das coisas ilícitas e fazem boas obras para serem louvados pelos homens, não há óleo interior. E assim, quando os homens começam a deixar seus louvores, as lâmpadas falham. Observem, amados, antes que essas virgens dormissem, não está escrito que as lâmpadas se apagavam. As lâmpadas das virgens sábias queimavam com um óleo interior, com a garantia de uma boa consciência, com uma glória interior, com uma caridade interna. Contudo, as lâmpadas das virgens tolas também queimavam. Por que queimavam? Porque ainda não havia falta dos louvores dos homens. Mas depois que se levantaram, na

ressurreição dos mortos, elas começaram a preparar as lâmpadas, ou seja, começaram a se preparar para prestar contas a Deus das suas obras. E porque não há ninguém a louvar, cada um está inteiramente engajado em sua própria causa, não há ninguém que não pense em si mesmo, então não havia ninguém para lhes vender óleo; assim as lâmpadas começaram a falhar, e as tolas correram até as cinco sábias e disseram: "Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas se apagam" (Mt 25.8). Elas procuravam o que se acostumaram a buscar, para brilhar com o óleo de outrem, para andar segundo os louvores de outrem.

Porém, as sábias disseram: "Não seja caso que nos falte a nós e a vós; ide, antes, aos que o vendem e comprai-o para vós" (v. 9). Esta não era a resposta daqueles que dão conselho, mas daqueles que escarnecem. Por que elas escarnecem? Porque eram sábias, porque a sabedoria estava nelas. Porque elas não eram sábias de si mesmas; mas essa sabedoria estava nelas, acerca da qual está escrito em certo livro, ela dirá àqueles que a menosprezaram, quando eles caíram nos males que ela as prenunciou: "Eu rirei em sua destruição". O que significa, então, esta zombaria das virgens sábias diante das tolas?

"Ide, antes, aos que o vendem e comprai-o para vós", vocês que nunca viveram bem, mas pelo fato de os homens os louvarem, eles lhes vendiam óleo. O que significa "lhes vendiam óleo"? Vendiam louvores, elogios. Quem vende elogios, senão os lisonjeiros? O quanto teria sido melhor vocês não terem aquiescido com os lisonjeiros e terem levado óleo consigo, e em prol de uma boa consciência terem feito todas as boas obras. Então vocês podem dizer: "O justo me corrigirá em misericórdia e me reprovará, mas o óleo do pecador não engordará minha cabeça". Antes, ele diz, que o justo me corrija, que o justo me repreve, que o justo me esbofeteie, que o óleo do pecador engorde minha cabeça. O que é o óleo do pecador, a não ser as blandícias do lisonjeiro?

Então, "ide, antes, aos que o vendem"; isto vocês se acostumaram a fazer. Mas nós não lhes daremos. Por quê? 'Não seja caso que nos falte a nós e a vós'. O que significa 'não seja caso que nos falte'? Isto não foi falado em falta de esperança, mas em humildade sóbria e piedosa. Pois embora o homem bom tenha uma boa consciência, como ele sabe como Deus pode julgar quem não é enganado por ninguém? Ele tem uma boa consciência, nenhum pecado concebido no coração o solicita, contudo, ainda que sua consciência seja boa, por causa dos pecados diários da vida humana, ele disse a Deus: "Perdoa-nos as nossas dívidas"; considerando que ele fez o que vem a seguir, "assim como nós perdoamos aos nossos devedores". Ele repartiu o pão aos famintos de coração, de coração ele vestiu os desnudos; daquele óleo interior ele fez boas obras, e contudo nesse julgamento até sua boa consciência treme.

Vejam então o que significa "dai-nos do vosso azeite". Foi dito a cias: "Ide, antes, aos que o vendem". Considerando que vocês estavam acostumados a viver segundo os louvores dos homens, vocês não levam óleo consigo; mas não lhes podemos dar nada, para que "não seja caso que nos falte a nós e a vós". Pois dificilmente julgamos a nós mesmos, quanto

menos julgaremos vocês? O que significa "difícilmente julgamos a nós mesmos"? Porque "quando o Rei justo se assentar no trono, quem se gloriará que o seu coração é puro?" Pode ser que você não descubra nada em sua própria consciência. Mas aquele que vê melhor, cujo olhar divino penetra as coisas mais profundas, descobre algo; Ele vê que pode ser algo, Ele descobre algo. Quanto é melhor você lhe dizer: "Não entres agora em julgamento com o teu servo", quanto melhor: "Perdoa-nos as nossas dívidas". Porque também lhe será dito por causa dessas tochas, por causa dessas lâmpadas, "tive fome, e deste-me de comer". E então? As virgens tolas também não fizeram o mesmo? Sim, mas elas não o fizeram diante dEle. Como o fizeram? Conforme, que Deus nos livre, Ele disse: "Guardai-vos de fazer a vossa esmola diante dos homens, para serdes vistos por eles; aliás, não tereis galardão junto de vosso Pai, que está nos céus. [...] E, quando orares, não sejas como os hipócritas, pois se comprazem em orar em pé nas sinagogas e às esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão" (Mt 6.1,5). Elas compraram óleo, deram o preço, não foram defraudadas pelos louvores dos homens: buscaram os louvores dos homens e os tiveram. Estes louvores dos homens não as ajudaram no Dia do Julgamento. Mas as outras virgens, como o fizeram? "Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai, que está nos céus" (Mt 5.16). Ele não disse: 'podem glorificar você'. Porque você tem óleo de si mesmo. Orgulhe-se e diga: Eu o tenho; mas tenho o óleo dEle, "e que tens tu que não tenhas recebido?" Assim desse modo agiu uma, e de outro, a outra.

Não é de se admirar que "tendo elas ido comprá-lo", enquanto buscavam por pessoas por quem serem louvadas, não acharam nenhuma; enquanto estão buscando por pessoas por quem serem consoladas, não acham nenhuma; que a porta é aberta e "o esposo chega"? A Noiva, a Igreja, é glorificada com Cristo, para que os vários membros se reúnam no seu todo. "... e as que estavam preparadas entraram com ele para as bodas, e fechou-se a porta" (Mt 25.10). Então as virgens tolas vieram em seguida; mas tinham comprado ou encontrado óleo de quem pudessem comprar? Portanto, acharam as portas fechadas; passaram a bater, mas era muito tarde.

É dito, e é verdade, não se trata de declaração enganosa: "Batei, e abrir-se-vos-á"; mas agora quando é o tempo da misericórdia e não quando é o tempo do julgamento. Pois esses tempos não podem ser confundidos, visto que a Igreja canta ao seu Senhor da "misericórdia e julgamento". É o tempo da misericórdia; arrependam-se. Vocês podem se arrepender no tempo do julgamento? Então, vocês serão como essas virgens contra quem a porta estava fechada. "Senhor, senhor. abre-nos a porta!" O quê! Elas não se arrependeram por não terem levado óleo consigo? Sim, mas de que proveito foi o seu último arrependimento, quando a verdadeira sabedoria escarneceu delas? Portanto, 'a porta estava fechada'. E o que lhes foi dito? "Eu não vos conheço". Ele não as conhecia, aquEle que conhece todas as coisas? O que Ele quer dizer com "eu não vos conheço"? Eu as repilo, Eu

rejeito vocês. Segundo meu conhecimento, Eu não as reconheço; meu conhecimento não conhece vícios. Agora, isto é coisa maravilhosa, não conhece vícios e julga os vícios. Não os conhece na prática; julga reprovando-os. Assim, "não vos conheço".

As cinco virgens sábias vieram e "entraram". Quantos de vocês, meus irmãos, estão na profissão do nome de Cristo! Que haja entre vocês as cinco sábias, mas que não sejam somente cinco. Que haja entre vocês as cinco sábias que pertencem a esta sabedoria do número cinco. Pois a hora virá, e vem quando não sabemos. Virá à meia-noite; vigiem. Assim o Evangelho conclui: "Vigiai, pois, porque não sabeis o Dia nem a hora" (Mt 25.13). Mas se todos dormirmos, como vigiaremos? Vigiem com o coração, vigiem com fê, vigiem com esperança, vigiem com amor, vigiem com boas obras; e então, quando dormirem no corpo, virá o tempo em que vocês ressuscitarão. E quando vocês tiverem ressuscitado, preparem as lâmpadas. Então não se apagarão mais, serão renovadas com o óleo interno da consciência; o Noivo os abraçará no seu abraço espiritual, Ele os trará à sua casa, onde *vocês* nunca dormirão, onde sua lâmpada nunca se apagará. Porém, no momento estamos no trabalho, e as nossas lâmpadas alumiam entre os ventos e as tentações desta vida. Mas deixemos que nossa chama queime fortemente, que o vento da tentação aumente o fogo, em vez de apagá-lo.

Venerável Bede: O Encontro da Misericórdia e da Justiça

O VENERÁVEL BEDE NASCEU EM 672 e morreu em 735. Ele passou a maior parte da vida no mosteiro em Jarrow-on-Tyne. Sua obra mais notável foi a *História Eclesiástica da Nação Inglesa*. Suas últimas horas foram gastas terminando a tradução para o vernáculo do Evangelho de João. Infelizmente, esta obra se perdeu.

Há imensa quantidade de sermões da Idade Média, mas poucos estão disponíveis em inglês. Os pregadores medievais não tinham dúvidas sobre o céu, o inferno, a alma e a obra redentora de Jesus Cristo. Diante da incerteza de muitos de nossos sermões modernos, é reconfortante estudar um sermão da Idade Média.

Como veremos no sermão pregado por Bede, havia muito da arte dos contadores de histórias nos sermões deste antigo pregador.

O Encontro da Misericórdia e da Justiça

"A misericórdia e a verdade se encontraram..." (Sl 85.10)

HAVIA certo Pai de família, um Rei poderoso, que tinha quatro filhas. Uma se chamava Misericórdia; a segunda, Verdade; a terceira, Justiça; e a quarta, Paz; de quem se diz: "A Misericórdia e a Verdade se encontraram; a Justiça e a Paz se beijaram"¹. Ele tinha também certo Filho muito sábio, a quem ninguém se comparava em sabedoria. Tinha igualmente certo criado a quem havia exaltado e enriquecido com grande honra; pois Ele o fizera segundo sua própria semelhança e similitude, e isso sem mérito precedente por parte do criado. Mas o Senhor, como é o costume com tais mestres sábios, desejava prudentemente explorar e conhecer o caráter e a fé do seu criado, se este lhe era ou não digno de confiança. Assim Ele deu-lhe uma ordem fácil, e disse: "Se tu fizeres o que eu te digo, eu te exaltarei a maiores honras; se não, tu perecerás miseravelmente".

O criado ouviu a ordem, e sem demora, a infringiu. Por que preciso dizer mais? Por que preciso retardá-lo com minhas palavras e lágrimas? Este criado orgulhoso, obstinado, altivo e inchado de vaidade, buscou uma desculpa para sua transgressão e colocou toda a culpa no seu Senhor. Pois quando ele disse: "A mulher que me deste para estar comigo, me enganou", ele jogou toda a culpa no seu Criador. O seu Senhor, mais bravo por tal conduta contumaz do que pela transgressão da ordem, chamou quatro dos mais cruéis executores e ordenou que um deles o lançasse na prisão, que outro o estrangulasse, que o terceiro o decapitasse e que o quarto o afligisse com tormentos atrozes. Tão logo se oferecer ocasião, eu lhes darei o nome de cada um dos atormentadores.

Esses torturadores, estudando como pôr em execução a própria crueldade, levaram o miserável homem e começaram a afligi-lo com toda sorte de castigos. Mas uma das filhas do Rei, por nome Misericórdia, quando ouviu falar sobre este castigo do criado, correu apressadamente à prisão. Olhando para dentro e vendo o homem entregue aos atormentadores, não pôde deixar de ter compaixão dele, porque é sua característica ter misericórdia. Ela rasgou as roupas, bateu palmas e deixou o cabelo cair solto em torno do pescoço. Chorando e gritando, ela correu ao Pai e, ajoelhando-se diante dos seus pés, começou a dizer com voz séria e dolorosa: "Meu Pai amado, não sou eu tua filha Misericórdia? E tu não és chamado misericordioso? Se tu és misericordioso, tenha misericórdia de teu criado. Se tu não tens misericórdia dele, tu não podes ser chamado de misericordioso; e se tu não és misericordioso, tu não podes ter a mim, Misericórdia, como tua filha". Enquanto ela argumentava com o Pai, sua irmã, Verdade veio e perguntou por que Misericórdia estava chorando. "Sua irmã, Misericórdia", respondeu o Pai, "deseja que eu tenha

piedade daquele transgressor orgulhoso, cujo castigo designei". A Verdade, quando ouviu isto, ficou muito irada e olhou duramente para o Pai. "Não sou eu", disse ela, "tua filha Verdade? Tu não és chamado verdadeiro? Não é verdade que tu estabeleceste uma punição para ele e o ameaçaste com a morte por tormentos? Se tu és verdadeiro, tu seguirás o que é verdadeiro: se tu não o seguires, tu não podes ser verdadeiro; se tu não és verdadeiro, tu não podes ter a mim, Verdade, como tua filha". Neste ponto, vocês percebem, "a Misericórdia e a Verdade se encontraram". A terceira irmã, isto é, a Justiça, ouvindo esta discussão, contenda, disputa e pleito, e convocada pelo clamor, começou a inquirir a causa da Verdade. E a Verdade, que só podia falar o que era verdadeiro, disse: "Esta nossa irmã, a Misericórdia, se é que ela deve ser chamada de irmã, visto que não concorda conosco, deseja que nosso Pai tenha piedade daquele transgressor orgulhoso". Então a Justiça, com um semblante bravo e meditando num desgosto que ela não tinha esperado, disse ao Pai: "Não sou eu a Justiça, tua filha? Tu não és chamado justo? Se tu és justo, tu exercerás justiça no transgressor; se tu não exerceres essa justiça, tu não podes ser justo; se tu não és justo, tu não podes ter a mim, Justiça, como tua filha". Então aqui estavam, de um lado, a Verdade e a Justiça, e de outro, a Misericórdia. A Paz fugiu para um país muito distante. Pois onde há discussão e contenda, não há paz; e quanto maior a contenda, para mais longe a Paz é afugentada.

Então, estando uma de suas filhas perdida, e as outras três em calorosa discussão, o Rei achou extremamente difícil encontrar uma maneira de determinar o que deveria fazer, ou para qual lado deveria inclinar-se. Pois se desse ouvidos à Misericórdia, Ele ofenderia a Verdade e a Justiça; se desse ouvidos à Verdade e à Justiça, não poderia *ter* Misericórdia por sua filha; e, não obstante, fazia-se necessário que Ele fosse misericordioso e justo, pacífico e verdadeiro. Havia grande necessidade de um bom conselho. Portanto, o Pai chamou seu Filho sábio, e o consultou sobre o assunto. Disse o Filho: "Dai-me, meu Pai, este presente assunto para conduzir, e eu castigarei o transgressor para ti, e trarei em paz para ti as tuas quatro filhas". "Estas são grandes promessas"¹, respondeu o Pai, "se a ação concordar com a palavra. Se tu podes fazer o que dizes, eu agirei como tu me exortares". Tendo recebido o mandato real, o Filho levou consigo sua irmã Misericórdia. "Pulando montanhas, ignorando colinas", eles chegaram à prisão, e "olhando pelas janelas, olhando pelas grades", viu o criado encarcerado, barrado da vida presente, devorado pela aflição, e "desde a planta do pé até ao alto da cabeça não havia nele nada são". Fie o viu no poder da morte, porque por ele a morte entrou no mundo. Ele o viu devorado, porque, quando um homem está morto, ele é comido pelos vermes. E porque agora tenho a oportunidade de lhes falar, vocês saberão os nomes dos quatro atormentadores. O primeiro, que o colocou na prisão, é a Prisão da vida presente, da qual se diz: "Ai de mim, que sou constrangido a morar em Meseque". O segundo, que o atormentou, é a Miséria do mundo, que nos ataca com todos os tipos de dor e miséria. O terceiro, que o estava matan-

do, é a Morte, que destrói e a tudo mata; o quarto, que o estava devorando, é o Verme... Então, o Filho, vendo o seu criado entregue a estes quatro atormentadores, não pôde senão ter Misericórdia dele, porque a Misericórdia era sua companheira, e irrompendo na prisão da morte, "conquistou a morte, amarrou o homem forte, tomou os seus bens" e distribuiu os espólios. E, "subindo ao alto, levou cativo o cativo e deu dons aos homens". Ele trouxe de volta o criado ao seu país, o coroou com duplicada honra e o vestiu com uma roupa de imortalidade. Ao ver tal coisa, Misericórdia não teve mais base de reclamação. A Verdade não achou causa de descontentamento, porque seu Pai foi achado verdadeiro. O criado havia pago todas as penas. A Justiça, de igual modo, não reclamou, porque fora executada a justiça no transgressor; e, assim, "aquele que tinha-se perdido, foi achado". A Paz, então, quando viu que suas irmãs estavam em concórdia, voltou e se uniu a elas. E agora, vejam que "a Misericórdia e a Verdade se encontraram; a Justiça e a Paz se beijaram". Assim, pelo Mediador dos homens e anjos, o homem foi purificado e reconciliado, e a centésima ovelha foi trazida de volta ao aprisco de Deus. A este aprisco Jesus nos traz, a quem seja a honra e o poder para sempre. Amém.

Thomas á Kempis: Tomando a Cruz

THOMAS Á KEMPIS NASCEU: EM 1381, em Kampen, na orla de Zuiderzee, Países Baixos, e morreu no mosteiro do monte Santa Inês, em Zwolle, em 1471. Setenta anos de sua longa vida foram passados no convento agostiniano do monte Santa Inês. Foi lá que ele produziu o imortal clássico da vida devocional *A imitação de Cristo*, o qual, como escreveu o Dr. Charles Hodge, "espalhou-se como incenso pelos corredores e nichos da Igreja Universal".

Seu sermão "Tomando a Cruz" é um belo e eloqüente tributo a Cristo e a cruz.

Tomando a Cruz

Mas longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo." (Gl 6.14)

IRMÃOS amados, o bem-aventurado Paulo, o observador excelente dos segredos divinos, declara-nos nas supracitadas palavras, que a cruz é a maneira certa de viver bem, é o melhor ensinamento de como sofrer adversidade, é a escada mais firme por meio da qual subimos ao céu por seu maior sinal. É esta que conduz seus amantes ao país da luz eterna, da paz eterna, da bem-aventurança eterna, que o mundo não pode dar, nem o Diabo tirar. A fraqueza humana detesta o sofrimento da pobreza, desdém, vilania, fome, fadiga, dor, necessidade, escárnio, que muitas vezes são sua sorte, e que pesam e perturbam os homens. Mas todas estas coisas unidas formam, por seus sofrimentos múltiplos, uma cruz saudável, ordenando assim Deus esta dispensação para nós. Aos verdadeiros portadores da cruz, eles abrem o portão do Reino celestial. Essa luta para eles prepara a palma da vida; essa conquista para eles representa o diadema de glória eterna.

Ó cruz verdadeiramente bendita de Cristo, que sustentou o Rei do céu, e que trouxe para o mundo inteiro o gozo da salvação! Por ti os demônios são postos em fuga; os fracos são curados; os tímidos são fortalecidos: os pecadores são limpos; os inativos são estimulados; os orgulhosos são humilhados; os desumanos são tocados; e os devotos são orvalhados com lágrimas. Bem-aventurados são aqueles que diariamente lembram a paixão de Cristo, e desejam levar a própria cruz após Cristo. Irmãos bons e religiosos, que estão inscritos na obediência, têm, na aflição diária de seus corpos e na resignação de suas vontades, uma cruz que em seu aspecto exterior é pesada e amarga. Mas é interiormente cheia de doçura, por causa da esperança de salvação eterna, e o afluxo de consolo divino, que é prometido àqueles que são quebrantados de coração. Se eles não a sentem imediatamente ou não a percebem, que é concedida sobre eles passo a passo, devem contudo esperá-la com paciência e resignar-se à vontade divina. Porque Ele sabe bem quando é o tempo de mostrar misericórdia e qual o método de ajudar os aflitos, assim como o médico está bem familiarizado com o ofício de curar, e o capitão do navio com a arte de navegar. Aqueles que tomaram a cruz em seu coração têm grande confiança e motivo de glória na cruz de Jesus Cristo. Eles não confiam nem esperam serem salvos por méritos e obras próprias, mas pela misericórdia de Deus e pelos méritos de Cristo Jesus, crucificado por nossos pecados, em quem eles crêem fielmente; a quem com o coração amam, com a boca confessam, louvam, pregam, honram e exaltam. Deus prova seus amigos pela santa cruz, se o amam verdadeiramente ou em aparência, e se

guardam seus mandamentos perfeitamente.

Eles são provados principalmente pela tolerância às injúrias e pela remoção das consolações internas; pela morte de amigos e pela perda de propriedade; pelas dores de cabeça e pelos ferimentos nos membros; pela abstinência de comida e pela aspereza das roupas; pela dureza da cama e pela frieza dos pés; pelas longas vigílias da noite e pelas fadigas do dia; pelo silêncio da boca e pelas reprovações dos superiores; pelos vermes que roem e pelas línguas que depreciam. Em seus sofrimentos eles são consolados pela meditação devota da paixão do Senhor, como muitos devotos sabem muito bem em seu coração. E deles o provar o mel escondido na rocha, e o óleo da misericórdia que goteja da bendita madeira da cruz santa, cujo gosto é mui delicioso; cujo odor é mui doce; cujo toque é mui saudável; cujo fruto é mui feliz. Ó árvore da vida verdadeiramente digna e preciosa, plantada no meio da Igreja para o remédio da alma! Ó Jesus de Nazaré, tu que foste crucificado por nós! Tu abriste as algemas dos pecadores; libertaste as almas dos santos; humilhaste os altivos; quebraste o poder dos maus; consolaste os crentes; puseste em fuga os incrédulos; livraste os piedosos; puniste os obstinados; venceste os adversários. Tu levantaste os que estavam caídos; puseste em liberdade os que se encontravam oprimidos; feriste os que ferem; defendeste os inocentes; amaste os verdadeiros; odiaste os falsos; desdenhaste os carnais; prezaste os espirituais; recebeste os que vão a ti; escondeste os que buscam refúgio em ti. Os que te clamam, tu os ouviste; os que te visitam, tu os alegraste; os que te buscam, tu os ajudaste; os que choram a ti, tu os fortaleceste. Tu honraste os que te honram; louvaste os que te louvam; amaste os que te amam; glorificaste os que te adoram; abençoaste os que te bendizem; exaltaste os que te exaltam. Aqueles que olham para ti, tu os oi haste; os que te beijam, tu os beijaste; os que te abraçam, tu os abraçaste; os que te seguem, tu os guiaste ao céu.

Ó irmão religioso, por que estás triste, e por que reclamas do peso da cruz, em longas vigílias; em muitos jejuns; em trabalho duro e silêncio; em obediência e rígida disciplina? — cujas coisas foram instituídas à inspiração de Deus, pelos pais santos para teu proveito e salvação da tua alma; a fim de que por eles tu andasses com firmeza e prudentemente, tu que não podes te governar bem e virtuosamente. Tu pensas que sem a cruz e sem dor tu podes entrar no Reino dos céus, quando Cristo nem poderia, nem entraria, nem qualquer dos seus amigos e santos mais amados ganharia dEle tal privilégio? Porque Ele disse: "Porventura, não convinha que o Cristo padecesse essas coisas e entrasse na sua glória?" Tu estás completamente equivocado em teu pensamento: tu não seguiste as pegadas de Cristo a ti mostradas; pois Ele, pela cruz, passou deste mundo ao seu Pai celestial. Entre os vencedores e cidadãos do Reino celestial, perguntes a quem quiseses. como Ele veio a possuir esta glória de Deus para sempre. Não foi pela cruz e sofrimento? Então, irmãos, tomai o doce e leve jugo do Senhor. Abraçai com todo o afeto a cruz santa até o fim — ela floresce com todas as virtudes; está cheia de unção celestial — para que vos conduza sem engano, com a esperança da glória, à vida eterna.

O que mais direi? Este é o caminho, e não há outro; o caminho certo, o caminho santo, o caminho perfeito, o caminho de Cristo, o caminho dos justos, o caminho dos eleitos que serão salvos. Andai nele, perseverai nele, permaneçei nele, vivei nele, morrei nele, exalai vosso espírito nele. A cruz de Cristo conquista todas as maquinações do Diabo; a cruz atrai para si o coração de todo crente; destrói todas as coisas más e nos confere todas as coisas boas por meio de Jesus Cristo, que foi pendurado e morreu nela. Não há armadura tão forte, seta tão afiada e tão terrível contra o poder e crueldade do Diabo, nada que ele tema tanto quanto o sinal da cruz, na qual ele fez com que o Filho de Deus fosse suspenso e morto, que era inocente e puro de toda mancha.

Ó cruz de Cristo verdadeiramente bendita, mais digna de toda a honra, a ser abraçada com todo o amor; que faz com que os que te amam carreguem seus fardos com facilidade, que consola os tristes em repreensões duradouras; que ensina aos penitentes como obter perdão de toda ofensa. Ela é honrada aos anjos santos; mais adorável aos homens, mais terrível aos demônios; menosprezada aos orgulhosos, aceitável aos humildes; áspera aos carnais, doce aos espirituais; insípida aos tolos, deliciosa aos devotos; afável aos pobres, receptível aos estranhos; amigável aos aflitos, conforto aos doentes, consolo aos que morrem. Então, guardai as sagradas feridas de Jesus nos recessos do vosso coração; elas têm um sabor além de todas as especiarias para a alma devota que está em aflição e que não busca consolação de homens.

Segui a Cristo, que por meio de sua paixão e cruz conduz ao descanso e luz eternos, porque se vós sois agora seus companheiros na tribulação, em breve vos assentareis com Ele à mesa celestial na exultação perpétua. Plantai no jardim de vossa memória a árvore da cruz santa; ela produz um medicamento muito eficaz contra todas as sugestões do Diabo. Desta árvore muito nobre e fértil, a raiz é a humildade e pobreza; a casca, o trabalho duro e penitência; os ramos, a misericórdia e justiça; as folhas, a verdadeira honra e modéstia; o odor, a sobriedade e abstinência; a beleza, a castidade e obediência; o esplendor, a fé certa e esperança firme; a força, a magnanimidade e paciência; o tamanho, a longanimidade e perseverança; a largura, a benignidade e concordância; a altura, o amor e sabedoria; a doçura, o amor e alegria; o fruto, a salvação e vida eterna. Então, a Igreja da cruz santa canta bem e dignamente:

*Cruz fiel, acima de todas as outras
Única e singular árvore;
Nenhuma em folhagem, nenhuma em flor
Nenhuma em fruto pode haver igual a ti!*

Não havia tal planta nos jardins de Salomão, nem erva tão salutar para a cura de todas as doenças, como a árvore da santa cruz, que dá suas especiarias da virtude divina para os que buscam a salvação. Esta é a árvore mais frutífera, bendita acima de todas as árvores do paraíso; espalhando seus ramos adoráveis, adornada com folhas verdes, estendidas

com frutos ricos pelo mundo; por sua altitude, tocando o céu; por sua profundidade, penetrando o inferno; por sua extensão, circundando montanhas e colinas; por sua magnitude, enchendo o mundo em volta; por sua fortaleza, conquistando os reis maus e os perseguidores da fé; por sua misericórdia, atraindo os fracos; por sua suavidade, curando os pecadores. Esta é a palma gloriosa que é corretamente chamada de "cristífera", levada nos ombros de Jesus, fincada no monte do Calvário; condenada pelos judeus, desprezada pelos gentios, ultrajada pelos ímpios, lamentada pelos crentes, implorada pelos piedosos.

Bem-aventurado é o homem, fiel é esse servo, que perpetuamente leva as feridas sagradas de Jesus em seu coração; e, se a adversidade o encontra, recebe-a como da mão de Deus e piamente a suporta, para que ele, pelo menos em algum grau, seja conformado com o Crucificado. Ele é digno de ser visitado e consolado por Cristo, que analisa amplamente para se conformar na vida e na morte com sua paixão. Este é o caminho da santa cruz, esta é a doutrina do Salvador, esta é a sabedoria dos santos, esta é a regra dos monges, esta é a vida dos bons, esta é a lição dos escreventes, esta é a meditação dos devotos: imitar Cristo humildemente, sofrer o mal por Cristo, escolher o amargo em vez do doce; menosprezar as honras, suportar o desprezo com serenidade, privar-se das delícias do mal; fugir das ocasiões dos vícios, evitar a dissipação; lamentar por nossos próprios pecados e pelos dos outros, orar pelos atribulados e pelos tentados, ser grato pelos benfeitores, fazer súplicas pelos adversários para que se convertam; regozijar-se com os que estão em prosperidade, lamentar com os que sofrem dano, socorrer os indigentes; não buscar coisas suntuosas, escolher o que é humilde, amar o que é simples; cortar superfluidades, estar contente com pouco, laborar pelas virtudes, lutar diariamente contra os vícios; subjugar a carne pelo jejum, fortalecer o espírito pela oração e leitura, recusar os elogios humanos; buscar a meditação, amar o silêncio, estar livre para Deus; suspirar pelas coisas celestiais, desprezar de coração tudo o que é terreno, pensar que nada, exceto Deus, traz conforto. Aquele que faz isso, pode dizer junto com o bendito apóstolo Paulo: "Para mim o viver é Cristo, e o morrer é ganho". E, novamente: "Mas longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu, para o mundo" (Gl 6.14). Ó monge religioso e seguidor da vida mais rígida, não te apartes da cruz que tu tomaste; mas leva-a e carrega-a contigo mesmo até a morte; e tu acharás descanso eterno, e glória e honra celestiais. Quando a tribulação te encontrar, é Cristo que põe sua cruz em ti e te mostra o caminho pelo qual tu tens de ir para o Reino celestial. Mas se alguém se jacta e espera as glórias e honras deste mundo, está na verdade enganado, e absolutamente não levará consigo nada do que esteve acostumado a amar no mundo. Mas aquele que se gloria em Cristo e menospreza todas as coisas por causa de Cristo, será consolado por Cristo na vida presente. Na vida por vir, ele será cheio das bênçãos celestiais e se regozijará oportunamente com Cristo e com todos os santos, por toda a eternidade. Que Jesus Cristo nos conceda isso, que por nós sofreu e morreu na cruz, a

quem seja o louvor e a glória pelos séculos dos séculos. Amém.

Martinho Lutero: Estêvão

MARTINHO LUTERO NASCEU EM 10 de novembro de 1483, em Eisleben, Alemanha, e morreu na mesma cidade em 18 de fevereiro de 1546. Depois de receber o ensino fundamental em Eisenach e o ensino superior em Erfurt, onde colou grau de bacharel, Lutero foi como professor para a nova Universidade de Wittenberg. No Dia de Todos os Santos, em 1517, ele pregou nas portas da catedral de Wittenberg as suas "Noventa e Cinco Teses" e, assim, inaugurou o grandioso protesto da Reforma. Antes da Dieta de Worms, ele assumiu em 16 de outubro de 1521 firme posição em favor do grande princípio protestante: a supremacia das Escrituras. Lutero era preeminentemente um gênio, e todo o seu trabalho — ensinamento, pregação, debate, panfletagem, tradução e autoria de hinos —, é prova disso. Se na igreja protestante o púlpito é o trono do pregador e pastor, Lutero muito contribuiu para que assim o seja. Ele era pregador infatigável e popular, um Boanerges no pleno sentido da palavra. Grande parte do poder dos grandes locutores e pregadores é devido à ocasião incomum. Lutero pregou em tempos de tremenda agitação, e suas denúncias violentas e convicção ardente refletem o espírito da época. Para os leitores de hoje, seus sermões são um tanto quanto desfigurados por sua invectiva e denúncia. Mas no meio desta filípica violenta, descobrem-se passagens primorosas de ensino cristão. Seu plano homilético foi resumido por ele em três regras: "Levante-se com renomado vigor, abra bem a boca, aja depressa".

Em seu comovente sermão sobre Estêvão, Lutero faz uso efetivo da bela idéia, emprestada de Agostinho, de que a oração do mártir agonizante por aqueles que o apedrejavam foi o meio da conversão do apóstolo Paulo.

Estevão

O *TEXTO epistolar* não parece ser difícil; está claro. Apresenta em Estevão um exemplo da fé de Cristo. Pouco comentário é necessário. Faremos um breve exame. O primeiro princípio que ensina é que não podemos assegurar o favor de Deus erguendo igrejas e outras instituições. Estevão deixa este fato evidente com sua citação de Isaías.

Contudo, não devemos ser levados a concluir que é errado construir e aparelhar igrejas. Mas é errado ir ao extremo de perder a fé e o amor na execução do empreendimento, presumindo com isso que fazer boas obras merece o favor de Deus. Resulta em abusos que impedem toda a moderação. Todo canto e recanto está cheio de igrejas e conventos, independente do objetivo que temos em construir igrejas.

Não há outra razão para construirmos igrejas senão proporcionarmos um lugar onde os cristãos se reúnam para orar, ouvir o Evangelho e receber os sacramentos, se é que há uma razão. Quando as igrejas deixam de ser usadas para esse propósito, devem ser demolidas, como o são os outros edifícios quando não servem para mais nada. Como é agora, o desejo de todo indivíduo no mundo é estabelecer a própria capela ou altar, até a própria missa, com vistas a garantir a salvação, de comprar o céu.

Não é deplorável e miserável erro e ilusão ensinar pessoas inocentes a depender de suas obras para a grande depreciação de sua fé cristã? Melhor destruir todas as igrejas e catedrais do mundo, queimá-las até virarem cinzas — é menos pecaminoso mesmo quando feito por malícia —, do que permitir que uma alma seja enganada e se perca por tal erro. Deus não deu mandamento especial concernente ao edifício das igrejas, mas emitiu seus mandamentos em referência à nossa alma — suas igrejas reais e peculiares. Paulo diz concernente a elas: "... sois o templo de Deus. [...1 Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá" (1 Co 3:16,17).

Eu continuo afirmando que no interesse de exterminar o erro mencionado, seria bom derrubar de vez todas as igrejas do mundo e utilizar habitações comuns ou lugares ao ar livre para pregar, orar e batizar, e para todas as exigências cristãs.

Há especialmente justificação para fazer isso, por causa da razão desprezível que os papistas dão para construir igrejas. Cristo pregou por mais de três anos, mas por apenas três dias no templo em Jerusalém. O restante do tempo, Ele falou nas escolas dos judeus, no deserto, nas montanhas, em barcos, nas festas e, quando não, em habitações particulares. João Batista nunca entrou no templo; ele pregou pelas cercanias do rio Jordão e em todos os lugares. Os apóstolos pregaram nos mercados e ruas de Jerusalém no dia de Pentecostes. Filipe pregou ao eunuco numa carruagem. Paulo pregou ao povo à beira de um rio, na cadeia em Filipos e em várias casas particulares. De fato, Cristo ordenou que os apóstolos pregassem em casas particulares. Tenho para mim que os

pregadores mencionados eram igualmente bons como os de hoje.

Agora vocês percebem por que os raios caem com mais freqüência nas suntuosas igrejas papistas do que em outros edifícios. Aparentemente, a ira de Deus repousa sobretudo nelas, porque ali são cometidos mais pecados, são ditas mais blasfêmias e é feita mais destruição de almas e de igrejas do que em bordéis e antros de ladrões. O guarda de um bordel público é menos pecador que o pregador que não entrega o verdadeiro Evangelho, e o bordel não é tão ruim assim como a igreja do falso pregador. Mesmo se o proprietário do bordel prostituísse diariamente virgens, esposas religiosas e freiras — por mais terrível e abominável que sejam tais coisas —, ele não seria pior nem causaria mais dano que esses pregadores papistas.

Isto os surpreende? Lembrem-se de que a doutrina do falso pregador não causa nada mais que dia-a-dia desviar e violar almas recém-nascidas no batismo — cristãos jovens, almas tenras, noivas virgens, puras e consagradas a Cristo. Considerando que o mal é feito espiritualmente e não fisicamente, ninguém o observa; mas Deus está incomensuravelmente descontente. Em sua ira, Ele clama através dos profetas em termos inconfundíveis: "Tu, meretriz, que convidas todo transeunte!" Deus tolera tão pouco a pregação falsa, que Jeremias em sua oração faz esta reclamação: "Forçaram as mulheres em Sião; as virgens, nas cidades de Judá" (Lm 5.11). Agora, a virgindade espiritual, a fé cristã, é imensuravelmente superior à pureza física; pois ela sozinha pode ganhar o céu.

Então, amigos amados, sejamos sábios; a sabedoria é essencial. Verdadeiramente nos conscientizemos de que somos salvos pela fé em Cristo e somente por ela. Este fato foi suficientemente manifesto. Então, que ninguém confie em suas próprias obras. Engajemo-nos em nossa vida apenas em obras que tragam proveito ao próximo, sendo indiferentes à vontade e instituição, e encetamos nossos esforços para melhorar o pleno curso da vida do próximo.

Está escrito que uma mulher piedosa, Elizabete, ao entrar certa vez num convento c ver na parede uma excelente pintura retratando os sofrimentos de nosso Senhor, exclamou: "O custo desta pintura deveria ter sido reservado para o alimento do corpo; os sofrimentos de Cristo devem ser pintados no coração". Quão violentamente esta declaração religiosa é dirigida contra as coisas em geral consideradas preciosas! Falasse Elizabete hoje assim, com certeza os papistas a queimariam por blasfemar contra os sofrimentos de Cristo e por condenar as boas obras. Ela seria denunciada como herege, embora seus méritos ultrapassassem os méritos de dez santos juntos.

Estêvão não só rejeita as concepções dos judeus com respeito a igrejas e sua construção, mas também denuncia todas as suas obras, dizendo que eles receberam a Lei pela disposição de anjos e não a guardaram. Então, os judeus, em troca, reprovam Estêvão como se ele tivesse falado contra o templo e, além disso, blasfemado da Lei de Moisés e ensinado obras estranhas. Com efeito. Estêvão não poderia tê-los corretamente acusado de fracassarem em observar a Lei na medida em que

obras exteriores são consideradas. Pois eles eram circuncidados e observavam as leis com respeito a alimentos, roupas, festas e todos os mandamentos de Moisés. Foi a consciência de terem observado a Lei que os levou a apedrejá-lo.

Mas as palavras de Estêvão foram instigadas pelo mesmo espírito que moveu Paulo, quando ele disse que pelas obras da Lei ninguém é justificado aos olhos de Deus. sendo somente a fé a justificadora. Onde o Espírito Santo não está presente para conceder graça, o coração do homem não pode favorecer a lei de Deus; ele preferiria que a lei não existisse, lodo indivíduo está consciente de sua própria apatia e aversão ao que é bom, e de sua prontidão em fazer o mal. Como Moisés diz: "... a imaginação do coração do homem é má desde a sua meninice..." (Gn 8.21).

Quando Estêvão declara que os judeus sempre resistem ao Espírito Santo, ele implica que pelas obras eles tornam-se presunçosos, não ficam inclinados a aceitar a ajuda do Espírito e relutam que suas obras sejam rejeitadas como ineficazes. Sempre trabalhando para satisfazer as demandas da Lei, mas sem cumprir sua mínima exigência, eles permanecem hipócritas até o fim. Pouco dispostos a abraçar a fé por meio da qual realizariam boas obras, e a graça do Espírito que criaria um amor pela Lei, eles tornam impossível sua observância livre e espontânea. Mas o observador voluntário da Lei, e nenhum outro, Deus aceita.

Estêvão chama os judeus de "homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e ouvido", porque recusam ouvir e entender. Eles clamam continuamente: "Boas obras, boas obras! Lei, Lei!", embora não efetuando a menor delas. Exatamente dessa forma agem os papistas. Como os antepassados, assim fazem os descendentes, a massa desta geração; eles perseguem os justos e se gloriam de o fazerem por ampr a Deus e sua Lei. Agora temos a substância desta lição. Mas vamos examiná-la um pouco mais.

Em primeiro lugar, vemos na conduta de Estevão amor,a Deus e aos homens. Ele manifesta seu amor a Deus censurando os judeus séria e duramente, chamando-os de traidores, assassinos e transgressores de toda a Lei, sim. teimosos, e dizendo que resistem ao cumprimento da Lei e resistem também ao próprio Espírito Santo. Mais do que isso, ele os chama de incircuncisos de coração e ouvido". Como ele poderia tê-los censurado mais severamente? Tão completamente ele os despoja de toda coisa respeitável, que parece ter sido movido por impaciência e ira.

Mas a quem o mundo hoje toleraria, se alguém tentasse fazer tal censura dos papistas? O amor de Estêvão a Deus o constrangeu a seu ato. Ninguém que possui o mesmo grau de amor pode ficar calado e calmamente permitir a rejeição dos mandamentos de Deus. Ele não pode disfarçar. Tal indivíduo tem de censurar e reprovar todo opositor de Deus. Ele não pode permitir tal conduta, mesmo arriscando a vida para reprová-la.

Temos de deduzir do exemplo de Estêvão que aquele que caladamente ignora a transgressão dos mandamentos de Deus ou qualquer pecado não tem amor a Ele. Então como é com os hipócritas que aplaudem a

transgressão, os caluniadores e os que riem e avidamente ouvem e falam sobre as faltas dos outros?

Já tivemos ocasião de declarar que Estêvão era leigo, um cristão comum, não um sacerdote. Mas os papistas cantam seus elogios como levita, que no altar lia a Epístola ou a lição do Evangelho. Os papistas pervertem totalmente a verdade. É-nos necessário, então, saber o que Lucas diz. Ele conta como os cristãos no começo da Igreja em Jerusalém tornaram todas as suas possessões propriedade comum, e os apóstolos distribuíram a cada membro da congregação conforme a necessidade. Mas, como aconteceu, as viúvas dos judeus gregos não eram supridas como o eram as viúvas hebréias; por conseguinte, houve reclamações. Os apóstolos, vendo como o dever de prover a subsistência destas coisas seria tão penoso quanto a, em certa medida, interferir com seus deveres de pregar e orar, reuniram a multidão dos discípulos e disseram: "Não é razoável que nós deixemos a palavra de Deus e sirvamos às mesas. Escolhei, pois, irmãos, dentre vós. sete varões de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, aos quais constituamos sobre este importante negócio. Mas nós perseveraremos na oração e no ministério da palavra" (At 6.2-4).

Assim Estêvão, juntamente com os outros seis, foi escolhido para distribuir os bens. Daí vem a palavra "diácono", servo ou ministro. Esses homens serviam a congregação, ministrando suas necessidades temporais.

Está claro que Estêvão era mordomo ou administrador e guardião dos bens temporais dos cristãos; seu dever era administrá-los aos que estavam em necessidade. No decurso do tempo, seu ofício foi pervertido na função do sacerdote que lê a Epístola e as lições do Evangelho. O único traço que restou do ofício de Estêvão é a leve semelhança encontrada no dever dos prepósitos das freiras, e no dos administradores de hospitais e dos guardiões dos pobres. Os leitores da Epístola e seleções do Evangelho deveriam ser, não os consagrados, os tosquiados, os portadores das dalmáticas e polidores de carruagens no altar, mas os leigos comuns e religiosos que mantêm um registro dos necessitados e têm o encargo do capital comum para distribuição conforme requer a necessidade. Esse era o verdadeiro ofício de Estêvão. Ele nunca sonhou em ler as epístolas e evangelhos, de solidéu e dalmática. Tudo isso são dispositivos humanos.

Quanto à possível questão sobre a permissão de um leigo pregar ou não: Embora Estêvão não fosse designado a pregar — os apóstolos, como declarado, reservaram esse ofício para si mesmos —, mas a executar os deveres de mordomo, não obstante, quando foi ao mercado e se misturou entre o povo, ele imediatamente criou alvoroço fazendo sinais e maravilhas, como diz a epístola, chegando até a censurar os governantes. Caso estivessem o papa e seus seguidores presentes, eles certamente o teriam inquirido sobre suas credenciais — o passaporte da igreja e o caráter eclesiástico. E se ele estivesse sem solidéu e um livro de orações, indubitavelmente teria sido entregue às chamas como herege, visto que não era sacerdote nem clérigo. Estes títulos, que as Escrituras outorgam a todos os cristãos, os papistas apropriaram-se para si mesmos,

denominando todos os outros de "o laicato" e a si mesmos de ¹⁴a igreja"; como se o laicato não fizesse parte da Igreja. Ao mesmo tempo, estas pessoas de refinamento e nobreza jactanciosos não cumprem em uma única ocasião o ofício ou trabalho de sacerdote, de clérigo ou da igreja. Eles estão senão a tapear o mundo com seus dispositivos humanos.

O precedente de Estêvão é válido. Seu exemplo dá a todos os homens a autoridade de pregar onde quer que encontrem ouvintes, quer seja num edifício ou no mercado. Ele não limita a pregação da Palavra de Deus a solidéus e batas longas. Ao mesmo tempo, ele não interfere com a pregação dos apóstolos. Ele atende os deveres do seu ofício e fica prontamente calado onde é o lugar dos apóstolos pregar.

Em segundo lugar, a conduta de Estêvão é um belo exemplo de amor ao semelhante por não usar de má vontade até mesmo para com seus assassinos. Não obstante, em seu zelo pela honra de Deus, ele os reprova severamente, tal é o sentimento humano que tem por eles. E mesmo na agonia da morte, tendo feito provisão para si entregando o espírito a Deus, ele não tem outro pensamento sobre si mesmo, mas manifesta sua preocupação para com eles. Sob a influência desse amor, ele rende o espírito. Não impremeditadamente Lucas coloca a oração de Estêvão por seus assassinos no fim da narrativa. Notem, também, que quando ora por si mesmo e entrega o espírito a Deus, ele está de pé, mas ao orar por seus assassinos ele se ajoelha. Além disso, ele clamou em alta voz quando orou por eles, o que não fez por si mesmo.

Quanto mais fervorosamente ele orou por seus inimigos do que por si mesmo! O quanto seu coração deve ter ardido, os olhos inundado e o corpo inteiro agitado e movido pela compaixão quando viu a miséria dos seus inimigos! É opinião de Agostinho que Paulo foi salvo por esta oração. E não é desarrazoado acreditar que Deus de fato a ouviu e que desde a eternidade Ele previu *um* grande resultado desta dispensação. A pessoa de Paulo é evidência da resposta de Deus à oração de Estêvão. Isso não pode ser negado, embora nem todos possam ter sido salvos.

Estêvão escolhe habilmente as palavras, dizendo: "Senhor, não lhes imputes este pecado" (At 7.60), ou seja, não faça que os pecados deles sejam irremovíveis, como um pilar ou fundação. Por estas palavras. Estêvão faz confissão, arrepende-se e compensa o pecado no interesse dos seus assassinos. Suas palavras implicam: "Senhor amado, é verdade que eles cometem pecado, que fazem um mal. Isso não pode ser negado". Exatamente como é costumeiro no arrependimento e confissão simplesmente lamentar e confessar a culpa. Estêvão então ora, oferecendo-se; esta abundante compensação pode seguramente ser feita pelo pecado.

Observem quão grande inimigo e, ao mesmo tempo, quão grande amigo o verdadeiro amor pode ser; quão severas são suas censuras e quão doce é sua ajuda. É como uma noz com casca dura e semente doce. Amargo à nossa velha natureza adâmica, é sumamente doce ao novo homem em nós.

Esta lição epistolar, pelo exemplo dado, instila a poderosa doutrina da fé e do amor; e mais, proporciona consolo e encorajamento. Não só

ensina; encoraja e impele. A morte, o terror do mundo, estiliza um sono; Lucas diz: "[Ele] adormeceu", isto é, a morte de Estêvão foi serena e indolor; ele partiu como alguém que vai dormir, não sabendo como, e dorme inconscientemente.

A teoria de que a morte do cristão é um sono, uma passagem tranqüila, tem fundamentos seguros na declaração do Espírito. O Espírito não nos enganará. A graça e poder de Cristo tornam a morte tranqüila. Sua amargura é removida para longe pela morte de Cristo quando cremos nEle. Ele diz-. "Se alguém guardar a minha palavra, nunca verá a morte" (Jo 8.51). Por que ele não a verá? Porque a alma, abraçada à sua palavra viva e cheia dessa vida, não pode ter consciência da morte. A palavra vive e não conhece a morte; assim a alma que crê igualmente nessa palavra e vive nela não prova a morte. É por isso que as palavras de Jesus são chamadas de palavras de vida. Aquele que nelas confia, que nelas crê, tem de viver.

Consolo e encorajamento são ainda mais reforçados pela afirmação de Estêvão: "Eis que vejo os céus abertos c o Filho do Homem, que está em pé à mão direita de Deus" (At 7.56). Aqui vemos quão fiel e amorosamente Jesus cuida de nós e o quanto Ele está pronto a nos ajudar se nós tão-somente cremos nEle c alegremente arriscarmos a vida por Ele. A visão não foi dada somente por causa de Estêvão; não foi registrada para proveito próprio. Foi para nossa consolação, para tirar toda a dúvida de nosso privilégio, a fim de gozarmos os mesmos resultados felizes, desde que procedamos como Estêvão.

O fato de os céus estarem abertos proporciona-nos o maior consolo e tira todo o terror da morte. O que não nos estará aberto e pronto para nós, quando até os céus, a suprema obra da criação, estão abertamente nos esperando e regozijando-se com nossa aproximação? Pode ser seu desejo vê-los visivelmente abertos para você. Mas, se todos o vissem, onde estaria a fé? Que a visão fôï dada aos homens é o bastante para consolo de todos os cristãos, para consolo e fortalecimento da fé c para a retirada de todos os terrores da morte. Pois, assim como cremos, assim experimentaremos, ainda que não vejamos fisicamente.

Não prestariam os anjos, sim. todas as criaturas, ajuda voluntária quando o próprio Senhor se levanta pronto a ajudar? Notavelmente. Estêvão não viu um anjo, nem o próprio Deus. mas o Homem Cristo. aquEle que mais causa deleite à humanidade e que proporciona ao homem o mais forte consolo. O homem, sobretudo quando em angústia, dá as boas-vindas à visão de outro homem em preferência à de anjos ou outras criaturas.

Nossos ardilosos mestres, que mediriam as obras de Deus pela razão ou os mares com uma colher, perguntam: "Como Estêvão pôde olhar nos céus, quando nossa visão não discerne um pássaro quando plana em altitudes um pouco altas? Como ele pôde ver Jesus distintamente o bastante para reconhecê-lo sem sombra de dúvida? Um homem num campanário alto nos parece uma criança, e não podemos lhe reconhecer a pessoa". Eles tentam resolver a questão declarando que a visão de Estêvão deve ter sido sobrenaturalmente estimulada, permitindo-o ver claramente

no espaço infinito. Mas suponha que Estêvão estivesse debaixo de um telhado ou dentro de uma abóbada? Não nos devemos ater a esta tolice humana! Paulo, quando estava perto de Damasco, certamente ouviu a voz de Jesus proveniente do céu, e sua audição não foi estimulada para a ocasião. Os apóstolos no monte Tabor. João Batista, e novamente o povo — todos ouviram a voz do Pai. Não é mais difícil ouvir uma voz a grande distância do que ver um objeto no mesmo lugar? O alcance de nossa visão é imensuravelmente mais amplo do que o âmbito de nossa audição.

Quando Deus deseja revelar-se, o céu e tudo o mais estão próximos. Não importa se Estêvão estava debaixo de um telhado ou ao ar livre; o céu estava perto dele. Não se fez necessária visão anormal. Deus está em todos os lugares; não há necessidade de Ele descer do céu. Uma visão muito próxima de Deus, que de fato está no céu, é facilmente possível sem o estímulo ou perversão dos sentidos.

Não importa se compreendemos ou não como essa visão se realizou. Não é necessário que as maravilhas de Deus sejam colocadas dentro de nossa compreensão; elas são manifestas para induzir em DÓS a convicção e a confiança. Expliquem-me, vocês de sabedoria jactanciosa, como a comparativamente grande maçã, ou pêra, ou cereja pode crescer pelo talo minúsculo; ou pelo mesmo expliquem coisas menos misteriosas. Mas deixem Deus trabalhar; creiam em suas maravilhas e não presumam colocá-lo dentro de sua compreensão.

Quem pode numerar as virtudes ilustradas no exemplo de Estêvão? Ali manifesta-se o fruto do Espírito. Encontramos amor, fé, longanimidade, paz, gozo, mansidão, benignidade, temperança e bondade. Vemos também ódio e censura de todas as formas de mal. Notamos uma disposição em não estimar as vantagens mundanas, nem temer os terrores da morte. A liberdade, a tranqüilidade e todas as virtudes nobres e graças estão em evidência. Não há virtude que não seja ilustrada neste exemplo; não há vício que não seja reprovado. Que o evangelista diga que Estêvão era cheio de fé e poder. O poder aqui implica atividade. Lucas diria: "Sua fé era grande; conseqüentemente, suas muitas e poderosas obras". Pois quando a fé existe de fato, seus frutos têm de se seguir. Quanto maior a fé, mais abundantes os frutos.

A fé verdadeira é um princípio forte, ativo e eficaz. Nada lhe é impossível. Não descansa nem vacila. Estêvão, por causa da atividade superior de sua fé, realizou não meramente obras comuns, mas fez maravilhas e sinais publicamente — grandes maravilhas e sinais, como Lucas declara. Isto está escrito para sinal de que o indivíduo inativo carece de fé, e não tem direito de se gloriar disso. Não é sem propósito que a palavra "fé" é colocada antes da palavra "poder". A intenção era mostrar que as obras são evidências de fé, e que sem fé, nada de bom podemos realizar. A fé deve ser primária em todo ato. Para esse fim, que Deus nos ajude. Amém.

João Calvino: **Suportando a Perseguição**

JOÃO CALVINO NASCEU EM NOYON, França, em 1509, e morreu em Genebra, em 1564. Depois de Martinho Lutero, Calvino é a maior figura na história do protestantismo. Com vinte e sete anos, publicou suas célebres *Institutos*, profundo tratado teológico. Em 1536, Calvino visitou Genebra e foi persuadido por Farel, o reformador suíço, a unir-se com os protestantes daquela cidade. Ali Calvino fez de Genebra a luz brilhante e radiante do mundo protestante. Genebra se tornou a casa de refúgio para protestantes perseguidos de todas as partes da Europa, e Calvino, o pai e conselheiro espiritual das igrejas na França, Holanda e Grã-Bretanha. Foi sua a mente organizadora das igrejas protestantes; na educação, governo civil, teologia e organização eclesiástica. Sua influência foi sentida por todo o mundo. Um sistema de teologia, o calvinismo, leva seu nome e ainda domina grandes porções do mundo protestante.

Bancroft presta a Calvino este bem merecido tributo: "Assim ele prosseguiu ano após ano, solitário e fraco, lutando pela humanidade, até que, depois de uma vida de glória, ele deu a seus herdeiros pessoais uma fortuna em livros e mobília, ações e dinheiro, não excedendo a duzentos dólares, e ao mundo uma reforma mais pura, um espírito republicano na religião, com os análogos princípios da liberdade republicana".

A maioria dos sermões de Calvino foi pregado na Igreja de São Pedro, em Genebra. Associamos Calvino com os grandes e difíceis temas dos decretos soberanos de Deus e a predestinação. Mas no sermão que se segue, "Suportando a Perseguição", vemos-lo como o pastor e pregador. O sermão é compreensível por todos, contudo mostra o funcionamento fluente deste intelecto maravilhoso. A perseguição pela causa de Cristo não era então um tema abstrato, pois aqueles a quem Calvino pregou estavam diariamente em perigo de vida.

Suportando a Perseguição

“Saíamos, pois, a ele [Jesus] fora do arraial, levando o seu vitupério.” (Hb 13-13)

TODAS as exortações que nos são dadas para padecer-, mos pacientemente pelo nome de Jesus Cristo e em defesa do Evangelho não terão efeito, se não nos sentirmos seguros da causa pela qual lutamos. Quando somos chamados a nos desfazer da vida, é absolutamente necessário saber em que base. Não podemos possuir a firmeza necessária, a menos que esteja fundamentada na certeza da fé.

É verdade que há pessoas que se expõem tolamente à morte, na defesa de algumas opiniões absurdas e devaneios concebidos pelo próprio cérebro, mas tal impetuosidade deve ser considerada mais como frenesi do que zelo cristão; e, de fato, não há firmeza nem bom senso naqueles que, em certo tipo de casualidade, se empolgam dessa maneira. Mas embora isso ocorra, é somente numa boa causa que Deus nos reconhece como seus mártires. A morte é comum a todos, e os filhos de Deus são condenados à ignomínia e torturas exatamente como os criminosos o são; mas Deus faz a distinção entre eles, já que Ele não pode negar sua verdade. De nossa parte, exige-se que tenhamos provas firmes e infalíveis da doutrina que defendemos; e, por conseguinte, como eu disse, não podemos ser racionalmente impressionados pela exortação-que recebemos para sofrer perseguição pelo Evangelho, se nenhuma certeza verdadeira de fé foi impressa em nosso coração. Arriscar a vida numa incerteza não é natural, e ainda que o fizéssemos, seria só precipitação e não coragem cristã. Numa palavra, nada que fazemos será aprovado por Deus, se não estivermos completamente persuadidos de que é para Ele e sua causa que sofremos perseguição e o mundo é nosso inimigo.

Quando falo de tal persuasão, não quero dizer meramente que temos de saber distinguir entre a verdadeira religião e os abusos ou loucuras dos homens, mas também que devemos estar inteiramente persuadidos da vida divina e da coroa, que nos é prometida nos céus, depois que tivermos lutado aqui na terra. Entendamos que estes requisitos são necessários e não podem ser separados um do outro.

For conseguinte, os pontos com os quais devemos começar são estes: Temos de saber bem qual é o nosso cristianismo, qual é a fé que temos de defender e seguir — qual é a regra que Deus nos deu; e, assim, temos de estar bem inteirados de tal instrução para que sejamos capazes de condenar com ousadia todas as falsidades, erros e superstições que Satanás introduziu para corromper a pura simplicidade da doutrina de Deus.

Veremos agora o verdadeiro método de nos preparar para sofrer pelo Evangelho. Primeiramente, devemos estar nos beneficiando até aqui na

escola de Deus quanto a estarmos decididos com relação à verdadeira religião e à doutrina que vamos defender. Temos de menosprezar todos os artificios e imposturas de Satanás e todas as invenções humanas como coisas frívolas e carnavais, já que corrompem a pureza cristã; nesse particular diferindo, como verdadeiros mártires de Cristo, das pessoas irracionais que sofrem por meras absurdidades. Em segundo lugar, assegurando-nos da boa causa, conseqüentemente, temos de ser inflamados para seguir a Deus aonde quer formos por Ele chamados. Sua Palavra tem de ter tal autoridade para conosco como ela merece, e, havendo-nos retirado deste mundo, temos de nos sentir arrebatados na busca da vida santificada.

Porém, é mais que estranho que, embora a luz de Deus esteja brilhando mais radiantemente que nunca, haja uma lamentável falta de zelo. Em resumo, é impossível negar que é para nossa grande vergonha, para não dizer temível condenação, que conhecemos tão bem a verdade de Deus e temos tão pouca coragem em defendê-la.

Acima de tudo, quando olhamos para os mártires do passado, nos envergonhamos de nossa covardia! Em sua maioria não eram pessoas muito versadas nas Santas Escrituras para poderem disputar com todos os assuntos. Eles sabiam que havia um Deus, a quem convinham adorar e servir; que haviam sido remidos pelo sangue de Jesus Cristo a fim de colocarem a confiança de salvação nEle e em sua graça; e que todas as invenções dos homens, sendo mera inutilidade e lixo, eles deviam condenar todas as idolatrias e superstições. Numa palavra, sua teologia era, em substância, esta: Há um Deus que criou todo o mundo e nos declarou sua vontade por Moisés e pelos profetas, e, finalmente, por Jesus Cristo e seus apóstolos; e temos um Redentor exclusivo, que nos comprou por seu sangue e por cuja graça esperamos ser salvos. Todos os ídolos do mundo são amaldiçoados e merecem abominação.

Com um sistema abarcando nenhum outro ponto que não esses, eles foram corajosamente às chamas ou a qualquer outro tipo de morte. Não entravam de dois em dois ou de três em três, mas em tamanhos grupos, cujo número dos que caíram pelas mãos dos tiranos é quase infinito.

O que então deve ser feito para inspirar nosso peito com a verdadeira coragem? Temos, em primeiro lugar, de considerar quão preciosa é a confissão de nossa fé aos olhos de Deus. Pouco sabemos o quanto Deus preza isso, se nossa vida, que não é nada, é estimada mais altamente por nós. Quando isso se dá, manifestamos maravilhoso grau de estupidez. Não podemos salvar nossa vida às custas de nossa confissão sem reconhecermos que a mantemos em mais alta estima que a honra de Deus e a salvação de nossa alma.

Um pagão poderia dizer: "Foi coisa miserável salvar a vida deixando as únicas coisas que tornavam a vida desejável!" E, não obstante, tal indivíduo e outros como ele nunca souberam por que propósito os homens são colocados no mundo, e por que vivem aqui. Sabemos muito bem qual deve ser a principal meta de vida, isto é, glorificar a Deus, para que Ele seja nossa glória. Quando isso não é feito, ai de nós! Não podemos continuar

vivendo por um único momento na terra sem amontoarmos outras maldições sobre nossas cabeças. Contudo, não estamos envergonhados de obter alguns dias para nos enlanguescer aqui embaixo, renunciando o Reino eterno ao nos separarmos dEle, por cuja energia somos sustentados em vida.

Mas como a perseguição sempre é severa e amarga, consideremos: Como e por quais meios os cristãos podem se fortalecer com paciência, para resolutamente exporem a vida pela verdade de Deus. O texto que lemos em voz alta, quando corretamente compreendido, é suficiente para nos induzir a agirmos assim. O apóstolo diz: "Saíamos da cidade para o Senhor Jesus, levando seu vitupério". Em primeiro lugar, Ele nos lembra que, embora as espadas não sejam desembainhadas contra nós, nem o fogo aceso para nos queimar, não podemos ser verdadeiramente unidos ao Filho de Deus, enquanto estamos arraigados neste mundo. Portanto, um cristão, mesmo em repouso, sempre tem de ter um pé pronto a marchar para a batalha, e não só isso, mas tem de ter seus afetos retirados do mundo, ainda que o corpo esteja habitando aqui.

Enquanto isso, para consolar nossas enfermidades e mitigar a vexação e tristeza que a perseguição nos causa, é-nos oferecida uma boa recompensa. Sofrendo pela causa de Deus, estamos caminhando passo a passo após o Filho de Deus e o temos por nosso Guia. Fosse dito simplesmente que para sermos cristãos tivéssemos de corajosamente passar por todos os insultos do mundo, encontrar a morte em todo momento e da maneira que Deus se agradasse designar, teríamos aparentemente algum pretexto para replicar. É um caminho desconhecido para irmos na dúvida. Mas quando somos ordenados a seguir o Senhor Jesus, sua direção é muito boa e honrada para ser recusada.

Somos tão melindrosos quanto à disposição de suportar qualquer coisa? Então temos de renunciar a graça de Deus pela qual Ele nos chamou à esperança de salvação. Há duas coisas que não podem ser separadas — ser membro de Cristo e ser provado por muitas aflições.

Quem dera fosse realmente fácil, mesmo para Deus, nos coroar imediatamente sem exigir que sustentássemos qualquer combate. Mas assim como é seu prazer que Cristo reine em meio aos seus inimigos, assim também é sua vontade que nós, sendo colocados no meio deles, soframos a opressão e violência que nos infligem até que "Ele nos liberte. Sei, de fato, que a carne esperneia quando deve ser levada a este ponto, mas não obstante a vontade de Deus tem de sobrepor-se.

Em tempos passados, muitas pessoas, para obter simples coroas de folhas, não recusavam o trabalho duro, a dor e a dificuldade. Até mesmo a morte não lhes era grande preço, e, ainda assim, cada um deles disputava uma corrida, não sabendo se iria ganhar ou perder o prêmio. Deus nos oferece a coroa imortal pela qual nos tornarmos participantes da sua glória. Ele não quer dizer que devemos lutar a esmo, mas todos temos a promessa do prêmio pelo qual nos empenhamos. Temos algum motivo para nos recusarmos a lutar? Achamos que foi dito em vão: "Se morremos com Jesus, também com ele viveremos"? Nosso triunfo está preparado, e

contudo fazemos tudo o que podemos para evitar o combate.

para não deixar meios sem serem empregados que sejam adequados para nos estimular, Deus coloca diante de nós *Promessas*, de um lado, e *Ameaças*, do outro. Sentindo que as promessas não têm influência suficiente, fortaleçamo-nos acrescentando as ameaças. É verdade que devemos ser obstinados no extremo de não pôr mais fé nas promessas de Deus, quando o Senhor Jesus diz que Ele nos confessará como seus diante de seu Pai, contanto que o confessemos diante dos homens.

Mas se Deus não pode nos alcançar por meios gentis, não devemos ser meros obstáculos se suas ameaças também falham? Jesus convoca todos aqueles que, por medo da morte temporal, negam a verdade, a comparecerem no tribunal de seu Pai, e diz que então o corpo e a alma serão entregues à perdição. Em outra passagem, Ele afirma que negará todos o que o tiverem negado diante dos homens. Estas palavras, se não somos completamente impérvios para sentir, bem que podem fazer nossos cabelos se levantarem enfim!

É em vão alegarmos que piedade deve nos ser mostrada, já que nossas naturezas são tão delicadas; pois é dito, pelo contrário, que Moisés, tendo buscado a Deus pela fé, foi fortalecido para não se entregar sob tentação. Portanto, quando somos flexíveis e fáceis de dobrar, é sinal manifesto. Não estou dizendo que não temos zelo, nem firmeza, mas que não sabemos nada de Deus ou de seu Reino.

Há dois pontos a considerar. O primeiro é que todo o Corpo da Igreja em geral sempre esteve, e até ao fim estará, sujeito a ser afligido pelos ímpios. Vendo como a Igreja de Deus é pisoteada nos dias atuais pelos orgulhosos indivíduos mundanos, como um late e outro morde, como torturam, como conspiram contra ela. como ela é assaltada incessantemente por cães raivosos e bestas selvagens, não nos esqueçamos de que a mesma coisa foi feita em todos os tempos passados.

Enquanto isso, o assunto de suas aflições sempre foi afortunado. Em todos os eventos, Deus fez com que, embora fosse oprimida por muitas calamidades, ela nunca tenha sido completamente esmagada; como está escrito: "Os ímpios com todos os seus esforços não tiveram sucesso no que intentaram". O apóstolo Paulo se gloria no fato e mostra que este é o curso que Deus, em misericórdia, sempre toma. Ele diz: "Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados; perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos; trazendo sempre por toda parte a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também em nossos corpos" (2 Co 4.8-10).

Só menciono brevemente neste sermão para ir ao segundo ponto, que está mais a nosso propósito, que devemos tirar vantagem dos exemplos particulares dos mártires que foram antes de nós. Não são limitados a dois ou três, mas são, como diz o apóstolo, "uma tão grande nuvem". Com esta expressão, ele intima que o número é tão grande que deve ocupar toda nossa visão. Para não ser tedioso, mencionarei somente os judeus, que foram perseguidos pela verdadeira religião, não apenas sob a tirania do rei

Antioco, mas também um pouco depois da sua morte. Não podemos alegar que o número dos sofreadores foi pequeno, pois formava um grande exército de mártires. Não podemos dizer que consistia em profetas a quem Deus tinha separado das pessoas comuns, pois mulheres e criancinhas faziam parte do grupo. Não podemos dizer que eles escaparam por pouca coisa, porque foram torturados tão cruelmente quanto possível. Por conseguinte, ouvimos o que o apóstolo diz: "Uns foram torturados, não aceitando o seu livramento, para alcançarem uma melhor ressurreição; e outros experimentaram escárnios e açoites, e até cadeias e prisões. Foram apedrejados, serrados, tentados, mortos a fio de espada; andaram vestidos de peles de ovelhas e de cabras, desamparados, aflitos e maltratados (homens dos quais o mundo não era digno), errantes pelos desertos, e montes, e pelas covas e cavernas da terra (Hb 11.35-38).

Comparemos agora o caso deles com o nosso. Se eles suportaram tais coisas pela verdade, que naquela época era tão obscura, o que devemos fazer com a luz que agora brilha? Deus nos fala claramente; a grande porta do Reino dos céus foi aberta, e Jesus Cristo nos chama para si mesmo, depois de ter descido até nós para que pudéssemos tê-lo presente diante dos olhos. Que repreensão nos seria suficiente para termos menos zelo para sofrer pelo Evangelho do que eles, que só tinham saudado as promessas de longe, que só tinham um pequeno postigo aberto para entrar no Reino de Deus e que só tinham um memorial e símbolo de Jesus Cristo? Estas coisas não podem ser expressas em palavras como merecem, e, então, deixo cada um a ponderar sobre elas consigo mesmo.

Em primeiro lugar, onde quer que esteja, o cristão tem de resolver, apesar dos perigos ou ameaças, andar em simplicidade como Deus ordenou. Que ele se guarde tanto quanto possa contra a voracidade dos lobos, mas que não seja com astúcia carnal. Acima de tudo, que ele coloque a vida nas mãos de Deus. Ele fez assim? Então, se acaso vier a cair nas mãos do inimigo, que ele saiba que Deus, tendo arranjado as coisas deste modo, se agrada de tê-lo como testemunha de seu Filho. Portanto, ele não tem meios de recuar sem quebrar a fé em Deus, a quem prometemos todo o dever na vida e na morte; Ele de quem somos e a quem pertencemos, ainda que não tenhamos feito nenhuma promessa.

Que seja mantido como ponto fixo entre todos os cristãos, que eles não devem considerar a vida mais preciosa do que o testemunho da verdade, já que Deus deseja ser glorificado assim. É em vão que Ele dá o nome de *testemunhas* (pois este é o significado da palavra mártir) a todos os que têm de responder perante os inimigos da fé? Aqui cada um não deve olhar para seu companheiro, pois Deus não honra a todos igualmente com a chamada. E como somos inclinados a olhar, devemos estar muito mais em guarda contra isso. Pedro, tendo ouvido dos lábios de Jesus que na velhice seria levado para onde não queria ir, perguntou o que aconteceria com seu companheiro João. Não há nenhum de nós que não teria prontamente feito a mesma pergunta, pois o pensamento que imediatamente nos vem é: Por que sofro em lugar dos outros? Pelo contrário. Jesus Cristo nos exorta — não só a todos em geral, mas a cada

um em particular — a nos mantermos "prontos", a fim de que conforme Ele for chamando este ou aquele, marchemos avante por nossa vez.

Expliquei acima quão pouco preparados estaremos para sofrer martírio, se não estivermos armados com as promessas divinas. Agora resta mostrar um pouco mais completamente quais são o propósito e o alvo destas promessas — não para especificar todos em detalhes, mas para mostrar o que Deus deseja que esperemos dEle a fim de que nos consolemos em nossas aflições. Considerando-se sumariamente, podemos citar três coisas. A primeira, é que já que nossa vida e morte estão em suas mãos, Ele nos preservará por seu poder, de modo que nem um fio de cabelo será arrancado de nossa cabeça sem a sua permissão. Portanto, os crentes devem se sentir seguros em quaisquer mãos que venham a cair, pois Deus não está despojado da tutela que Ele exerce sobre seu povo. Estivesse tal persuasão bem impressa em nosso coração, ficaríamos livres da maior parte das dúvidas e perplexidades que nos atormentam e nos obstruem em nossos deveres.

Vemos tiranos livres; a esse respeito, parece-nos que Deus já não possui meio de nos salvar, e somos tentados a cuidar de nossos próprios interesses, como se nada mais se esperasse dEle. Pelo contrário, sua providência, à medida que Ele a revela, deve ser considerada por nós como fortaleza inconquistável. Trabalhemos, então, para nos conscientizarmos da plena importância da expressão que nosso corpo está em suas mãos, que o criaram. Por isso. às vezes Ele libertou seu povo de maneira milagrosa e além de toda expectativa humana, como se deu a Sadraque, Mesaque e Abede-Nego na fornalha ardente; a Daniel, na cova dos leões; a Pedro, na prisão de Herodes, onde estava preso, acorrentado e rigorosamente guardado. Por estes exemplos, Ele quis testificar que Ele mantém nossos inimigos sob controle, embora possa não parecer, e que, quando quer, tem o poder de nos tirar dos grilhões da morte. Não que Ele sempre o faça, mas reservando a autoridade para si de dispor de nós para a vida e para a morte, Ele quer que nos sintamos completamente seguros de que Ele nos tem sob seu cuidado. Qualquer tirano que nos tente e com qualquer fúria que se arroje contra nós. pertence a Ele somente ordenar nossa vida.

Se Ele permite que tiranos nos matem, não é porque nossa vida não lhe é querida, é em maior honra cem vezes mais do que merece. Sendo esse o caso, tendo declarado pela boca de Davi que a morte dos santos é preciosa aos seus olhos, Ele também diz pela boca de Isaías que a terra descobrirá o sangue que parece estar oculto. Que os inimigos do Evangelho, então, sejam tão pródigos quanto serão do sangue dos mártires, pois terão de prestar contas dele até a última gota. Nos dias atuais, eles se viciam em derrisão orgulhosa, enquanto entregam os crentes às chamas; e depois de terem se banhado no sangue deles, ficam tão intoxicados desse sangue que consideram todos os assassinatos que cometem como mero esporte festivo. Mas se temos paciência para esperar, por fim Deus mostrará que não é em vão que Ele estimou nossa vida em tão alto valor. Nesse entretanto. não nos ofendamos por parecer confirmar o Evangelho,

que em valor ultrapassa o céu e a terra.

Para ficarmos mais seguros de que Deus não nos abandona nas mãos dos tiranos, lembremo-nos da declaração de Jesus Cristo, quando disse que Ele mesmo é perseguido nos seus membros. Deus de fato tinha dito antes por Zacarias: "Aquele que tocar em vós toca na menina do seu olho" (Zc 2.8). Mas aqui é dito com muito mais expressividade que, se sofrermos pelo Evangelho, é tanto quanto se o Filho de Deus estivesse sofrendo pessoalmente. Que saibamos que Jesus Cristo tem de se esquecer de si mesmo antes de deixar de pensar em nós, quando estamos em prisão ou em perigo de morte por sua causa. Que saibamos que Deus tomará no coração todas as afrontas que os tiranos cometem contra nós, da mesma maneira como se tivessem cometido contra o próprio Filho.

Vamos agora ao segundo ponto que Deus nos declara em sua promessa para nossa consolação. É que Ele nos sustentará assim pelo poder do seu Espírito para que nossos inimigos, façam o que fizerem, mesmo com Satanás à cabeça, não obtenham vantagem sobre nós. E vemos como Ele mostra seus dons em tal emergência; pois a constância invencível que encontramos nos mártires mostra abundante e formosamente que Deus trabalha poderosamente neles. Na perseguição, há duas coisas revoltantes para a carne: a vituperação e insulto dos homens e as torturas que o corpo sofre. Deus promete nos oferecer sua mão tão efetivamente, que superaremos ambas pela paciência. O que Ele nos diz. Ele confirma por fato. Tomemos este escudo para nos precaver de todos os medos pelos quais somos assaltados, e não restrinjamos a operação do Espírito Santo dentro de tais limites estreitos, como a supor que Ele não sobrepujará facilmente todas as crueldades dos homens. Disto tivemos, entre outros exemplos, um que é particularmente memorável. Um jovem que certa vez viveu aqui conosco, tendo sido preso na cidade de Tournay, seria condenado à guilhotina, desde que se retratasse, e se continuasse firme em seu propósito, seria queimado vivo! Quando perguntado o que pretendia fazer, simplesmente respondeu: "Aquele que me dará graça para morrer pacientemente por seu nome, sem dúvida me dará graça para suportar o fogo!"

Devemos tomar esta expressão, não como a de um homem mortal, mas como do Espírito Santo, para nos assegurarmos que Deus não é menos poderoso para nos fortalecer e nos tornar vitoriosos sobre as torturas, do que nos fazer submeter de boa vontade a uma morte mais suave. Além disso, vemos muitas vezes que firmeza Ele dá a malfeitores infelizes que sofrem por seus crimes. Não falo dos endurecidos, mas dos que obtêm consolação da graça de Jesus Cristo, e, por esse meio, com corações tranquilos, sofrem os castigos mais cruéis que podem ser infligidos. Um belo exemplo é visto no ladrão que foi convertido à morte de nosso Senhor. Será que Deus, que assim ajuda poderosamente pobres criminosos quando suportam o castigo de suas más ações, estará tão ausente do seu povo, enquanto lutam pela causa santa, quanto a não lhes dar coragem invencível?

O terceiro ponto a considerar acerca das promessas de Deus aos seus

mártires é o fruto que eles devem esperar por seus sofrimentos, e no fim, se for necessário, por suas mortes. Este fruto se manifestará depois de terem glorificado o seu nome, depois de terem edificado a Igreja pela constância, quando serão reunidos com o Senhor Jesus na sua glória eterna. Mas como falamos acima brevemente, é bastante aqui apenas lembrar. Que os crentes aprendam a erguer a cabeça para as coroas de glória e imortalidade para as quais Deus os convida, a fim de que assim eles não se sintam relutantes em deixar a vida presente por tal recompensa. Para que se sintam bem seguros desta bênção inestimável, que sempre tenham diante dos olhos a conformidade que eles têm a nosso Senhor Jesus Cristo. E exatamente como Ele que, pela repreensão da cruz, chegou à ressurreição gloriosa, vejam que a morte consiste em toda a nossa felicidade, alegria e triunfo!

John Howe: **Às Lágrimas do Redentor**

JOHN HOWE, O GRANDE SACERDOTE puritano, nasceu em 1630 e morreu em 1706. Foi educado em Cambridge e, por algum tempo, foi conselheiro e capelão da Universidade Magdalen, em Oxford. Em 1656, foi nomeado capelão da corte de Oliver Cromwell, senhor protetor da Inglaterra (1653-1658). O leitor dos sermões de Howe terá uma idéia de quão fortemente a religião prendeu a atenção das mentes dos puritanos da Inglaterra, quando se der conta de que foi um pregador como este que Cromwell escolheu para seu capelão. Embora homem de grande sinceridade e coragem, Howe também era homem de catolicidade de espírito. Falando de um de seus perseguidores, ele disse que esperava um dia encontrá-lo "naquele lugar onde Lutero e Zwinglio concordavam perfeitamente". Os sermões dos sacerdotes puritanos são desfigurados por intermináveis divisões e subdivisões, e tentamos em vão fazer uma idéia do temperamento das congregações que alegremente toleravam tal extensão, análise sutil, insinuação pedante e classificação tediosa. Não obstante, esses sacerdotes puritanos eram profetas de Deus e falavam à consciência da nação. Seus sermões têm fibra intelectual forte, elevação de pensamento, lógica formidável e verdadeiro fervor evangélico. Um dos ouvintes de Howe disse acerca dele: "Ele ficava por tanto tempo tramando o enredo, que a esposa sempre se desesperava do jantar". Mas para aqueles que têm paciência com sua lentidão de ataque, divisões desnorteantes e confusas, a leitura cuidadosa de Howe não fica sem proveito. Por causa das limitações de espaço, tive de apagar grandes porções do sermão selecionado para este volume, "As Lágrimas do Redentor sobre as Almas Perdidas".

No meio deste grande discurso do argumentador, nos deparamos com sentenças inesquecíveis, como esta, em que ele exorta os espiritualmente secos e estéreis a lutar com Deus: "Ele feriu rochas e fez as águas esguicharem; sua mão não está encolhida, nem seu ouvido agravado. O perigo não é, pecador, que Ele venha a ser inexorável, mas que você o seja". Ou esta sobre as lágrimas de Cristo: "E lembre-se de que aquEle que derrama lágrimas, da mesma fonte de amor e misericórdia também derramou sangue".

As Lágrimas do Redentor

“E quando ia chegando, vendo a cidade, chorou sobre ela, dizendo: Ah! Se tu conhecesses também, ao menos neste teu dia, o que à tua paz pertence! Mas, agora, isso está encoberto aos teus olhos.” (Lc 19.41,42)

TEMOS aqui uma lamentação compassiva em meio a um triunfo solene. Está escrito que Ele viu a cidade e chorou sobre ela. Duas coisas concorreram para compor a causa desta tristeza — a grandeza da calamidade: Jerusalém, outrora tão querida por Deus, devia sofrer, não uma cicatriz, mas uma ruína. 'Porque dias virão sobre ti, em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te sitiarão, e te estreitarão de todas as bandas, e te derribarão, a ti e a teus filhos que dentro de ti estiverem, e não deixarão em ti pedra sobre pedra, pois que não conheceste o tempo da tua visitação' (Lc 19.43,44). E a oportunidade perdida de evitar isso: "Ah! Se tu conhecesses também, ao menos neste teu dia, o que à tua paz pertence! Mas, agora, isso está encoberto aos teus olhos" (Lc 19.42). E, novamente: "Pois que não conheceste o tempo da tua visitação" (Lc 19.44).

Em primeiro lugar, a calamidade era maior aos seus olhos do que aos nossos. Sua mente ampla e inclusiva podia captar a extensão deste caso triste. Nossos pensamentos não alcançam tal distância; não obstante, podemos apreender o que tornou este caso tão deplorável. Podemos considerar Jerusalém como a cidade do grande Rei, onde estava o palácio e o trono da majestade do céu, escolhendo "habitar com os homens na terra" Aqui. a luz e glória divinas há muito brilhavam; aqui estava a *Sbequinah* sagrada, o lugar da habitação do Altíssimo, os símbolos da sua presença, o lugar da adoração, o propiciatório, o lugar de receber petições e de dispensar favores: "A casa de oração para todas as nações". Para seu povo, esta era a cidade das solenidades, onde as tribos subiam, as tribos do Senhor, até o testemunho de Israel, para dar graças ao nome do Senhor; pois ali estava o trono do julgamento, o trono da casa de Davi. Davi que era tão grande amante da alma dos homens, tão grato e querido tinha sido ao seu coração o lugar onde, pela sucessão de muitas eras passadas, o grande Deus usou (embora mais obscuramente) para revelar suas amáveis propensões aos pecadores, para manter tratados solenes com eles, para se fazer conhecido, para atrair e fascinar almas à sua própria santa adoração e conhecimento. E agora o horrível prospecto se mostra da desolação e ruína, pronto para subjugar toda essa glória e devastar as habitações do amante divino. Sua tristeza deve ser concebida à proporção da grandeza desta mudança devastadora.

Em segundo lugar, a oportunidade de prevenção foi perdida. Houve uma oportunidade: Jesus foi enviado "às ovelhas perdidas da casa de Israel". Ele foi a eles como pessoas que lhe pertencem. Tivessem eles O recebido, que lugar alegre Jerusalém teria sido! Quão gloriosos teriam sido

os triunfos de Deus se eles tivessem se arrependido, crido, obedecido! Estas eram as coisas que pertenciam "à tua paz"; esta era a oportunidade, o "tempo da tua visitação". Estas eram as coisas que poderiam ter sido feitas naquele dia, mas agora era muito tarde; o tempo se esgotara, e as coisas da paz foram ocultas aos seus olhos. Quão ardente era o seu desejo de que eles tivessem feito o contrário, de que eles tivessem tomado o curso sábio e seguro.

Podemos resumir o significado e sentido destas palavras: É coisa em si mesma muito lamentável e muito lamentada pelo nosso Senhor Jesus, quando o povo vive sob o Evangelho, tem um dia de graça e uma oportunidade de saber as coisas que pertencem à paz, e desgasta esse dia e perde a oportunidade de tal maneira que as coisas da paz são escondidas totalmente dos seus olhos. Temos estas distintas divisões de discurso a serem consideradas e nas quais insistimos.

I. Quais são as coisas necessárias a serem conhecidas pelos que vivem sob o Evangelho, que são pertencentes à sua paz? Mais particularmente, vamos inquirir: o que são essas coisas em si mesmas e que tipo de conhecimento delas é o que se quer e são necessários aqui.

Quais são as coisas que pertencem à paz de um povo que vive sob o Evangelho? As coisas que pertencem à paz do povo não são as mesmas com todos. Viver ou não sob o Evangelho faz diferença considerável na questão. Antes da encarnação e aparição pública de nosso Senhor, nada mais era necessário entre os judeus que depois se tornou necessário. Antes, era-lhes suficiente crer num Messias por vir, mais indefinidamente. Depois, Ele claramente lhes afirma: "Se não credes que eu sou, morrereis em vossos pecados" (Jo 8.24). Crer em

Cristo não pode ser necessário a pagãos que nunca ouviram falar dEle, como um dever, embora seja necessário como um meio. O fato de eles não crerem em Cristo não pode ser em si pecado, embora por meio disso eles queiram remediar os outros pecados. Porém isto diz respeito mais a nós que vivemos sob o Evangelho a fim de apreendermos corretamente o que nos é necessário. O Evangelho nos encontra num estado de apostasia de Deus, como nosso Rei soberano, não aptos a obedecê-lo e glorificá-lo, como o primeiro, nem desfrutarmos dEle e sermos satisfeitos nEle, como o último. O arrependimento para com Deus cura e remove este desafeto de nossa mente e coração em relação a Ele sob ambas estas noções. Por meio disso, a alma se volta a Ele, com esta sensação e resolução: "Fui rebelde e desleal contra a autoridade superior e o seu governo mais legítimo que me deu vida e cuja criatura sou eu. Não mais viverei assim. Agora me volto a ti, oh Senhor; tu és o meu Senhor e Deus. A ti agora escolho servir e obedecer como o Senhor de minha vida. Em ti está o meu temor, a ti me sujeito a não mais viver segundo a minha vontade, mas a tua".

II. Tal como viver sob o Evangelho tem um dia ou oportunidade presente para a obtenção do conhecimento destas coisas que pertencem imediatamente à paz e de tudo o mais que seja necessário. Não digo nada

sobre que oportunidades tiveram os que nunca viveram sob o Evangelho, os quais, sem dúvida, podem saber mais do que fazem e conhecem melhor o que realmente sabem. É-nos suficiente saber quem desfruta o Evangelho para entender nossas vantagens, Nem, quanto àqueles que o desfrutam, é o dia de cada um de clareza igual. Quão poucos em comparação já viram tal dia como Jerusalém neste momento viu, feito pelos raios do Sol da Justiça, nosso próprio Senhor oferecendo-se para ser o instrutor deles, falando como nenhum homem falou com tal autoridade que excedeu de longe os outros mestres e surpreendeu seus ouvintes. Em que arroubo Ele usou para deixar os que o ouviam, sempre que Ele vinha, pois eles se maravilhavam com as palavras graciosas que saíam da sua boca. Com que obras poderosas e benéficas Ele recomendou sua doutrina, brilhando no poder glorioso e saboreando da abundante misericórdia do céu, para que toda mente apreensiva pudesse ver a divindade encarnada. Deus desceu para trabalhar com os homens e fasciná-los com o seu conhecimento e amor. Por muitos anos não se viu dia como esse. Contudo, onde quer que o mesmo Evangelho vá, ali também se faz um dia do mesmo tipo e sempre proporciona a verdade, embora com luz diminuída, por meio da qual as coisas de nossa paz são entendidas e conhecidas. Por exemplo:

1. Temos o estado verdadeiro e distinto da disputa entre Deus e nós. Os pagãos entendiam um pouco da apostasia do homem de Deus, de modo que Ele não está no mesmo estado em que estava no princípio. Mas ainda que entendessem que algo fora perdido, mal conseguiram dizer o quê. O Evangelho revela a depravação universal da natureza degenerada de todos os homens e de toda faculdade humana. O Evangelho pleiteia com os homens como rebeldes contra o seu legítimo Senhor. Mas desta traição contra a majestade do céu, os homens pouco suspeitam até que lhes seja dito. O Evangelho lhes fala tão claramente e representa o assunto em luz tão clara, que eles só precisam se contemplar nessa luz para que vejam que assim é. Os homens bem que podem, se quiserem, criar sem pestanejar escuridão entre a mais clara luz. Mas abra seus olhos, homem, você que vive sob o Evangelho, ponha-se a ver sua alma e você descobrirá que é dia para você. Você tem um dia, estando sob o Evangelho, e luz o bastante para ver que esta é a postura da sua alma e o estado do seu caso diante de Deus. E é de grande importância entender as coisas referentes à sua paz. para saber qual é o verdadeiro estado da disputa entre Deus e você.

2. O Evangelho proporciona luz para saber qual é o assunto desta disputa, se ela prosseguir e não houver reconciliação. Dá-nos outros relatos mais claros do castigo do outro mundo, o qual representa mais completamente a extremidade e perpetuidade das misérias futuras. Estes relatos nos ajudam a entender que acréscimo os hábitos inalterados e malignos dos homens trarão às suas misérias. Suas concupiscências e paixões ultrajantes, que aqui eles fizeram seu negócio de satisfação, tornaram-se seus atormentadores insaciáveis. Cada um receberá "segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem ou mal" (2 Co 5.10). "Tudo o que o homem semear, isso também ceifará" (Gl 6.7). O que suas próprias reflexões culpadas contribuirão, as mordidas e suplício dos vermes que não

morrem, as corrosões venenosas da víbora criada em seus seios, agora tornam-se serpente adulta; que sociedade e insulto dos demônios, com quem eles devem participar das aflições e tormentos, e por quem foram seduzidos e treinados nessa sociedade e comunhão amaldiçoadas.

3. Também representa Deus para você como reconciliável por um Mediador. Nesse Evangelho, a paz lhe é pregada por Jesus Cristo. Esse Evangelho deixa você ver Deus em Cristo, que reconcilia o mundo com Ele. que o pecado pode não ser imputado a eles. Esse Evangelho proclama glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade aos homens. Assim as vozes dos anjos resumiram as alegres novas do Evangelho, quando o Príncipe da Paz nasceu no mundo. "Deus não deseja a morte dos pecadores, mas que eles se voltem e vivam"; de modo que Ele "quer que todos os homens se salvem e venham ao conhecimento da verdade" (1 Tm 2.4).

III. Este dia tem suas fronteiras e limites, de forma que quando terminar e estiver perdido como oportunidade, as coisas da paz são escondidas para sempre dos seus olhos. Que este dia não é infinito e interminável, vemos na instância atual. Jerusalém teve seu dia; mas esse dia teve seu período. Vemos que finalmente chega a esse ponto, que agora as coisas da paz estão ocultas aos olhos dela. Vemos geralmente a mesma coisa, quando os pecadores são tão seriamente pressionados a fazer uso do tempo presente. "Se hoje ouvirdes a sua voz, não endureçais o coração" (SI 95,8), e citado e exortado em Hebreus 3.8. Eles são admoestados a buscar o Senhor enquanto Ele pode ser encontrado, a chamá-lo enquanto Ele está perto. Às vezes, parece que Ele não será encontrado e está bem longe. É-lhes dito que este é o tempo aceitável, este é o dia da salvação.

Este dia, com qualquer lugar ou povo, pressupõe uma noite precedente, quando a aurora nas alturas não lhes tinha visitado o horizonte e todos se sentavam na escuridão e na região e sombra da morte. Houve um tempo, sabemos, de escuridão muito geral, quando o dia do Evangelho, 'o dia da visitação', não tinha ainda amanhecido no mundo, tempos de ignorância, em que Deus foi tolerante para com as nações da terra; os raios dos seus olhos passaram além delas. Mas quando as pálpebras da manhã se abrem sobre um povo e a luz brilha sobre eles com raios diretos, eles recebem a ordem de se arrependerem. Eles são limitados a este ponto do tempo com tal peremptoriedade, como aquele nobre romano usou para com um príncipe orgulhoso, pedindo tempo para deliberar na proposta que lhe fora feita de retirar as forças que molestavam alguns dos aliados daquele Estado. Com a ponta da vara, ele desenhou uma linha em torno de si e exigiu que, antes que se mexesse para sair daquele círculo, o príncipe fizesse sua escolha, se seria amigo ou inimigo do povo de Roma. Assim os pecadores devem entender a seriedade da situação em que se encontram. O Deus da sua vida, pecador, em cujas mãos estão os tempos, traça com muito mais acerto o seu limite ao tempo presente, e espera sua resposta às ofertas e exigências justas e misericordiosas que Ele faz. Ele circunscreve o seu dia da graça; está

incluso em ambas as partes, e tem uma noite como também uma manhã; como teve um precedente, assim tem uma noite subsequente. e o último, se não for mais escuro, é normalmente muito mais turbulento que o primeiro. Deus encerra esse dia com muito desgosto, o qual tem efeitos terríveis. Se não fosse expressamente dito a você qual é a condição daquela noite que segue o dia do Evangelho; se fosse perguntado ao vigilante: "Que noite?", ele só responderia que vem como também a manhã veio, eventos tenebrosos são significados por esse mais terrível silêncio. Ou é tudo um, se você o chamar de um *dia*; há o bastante para distingui-lo do *dia da graça*. As Escrituras chamam tal estação calamitosa indiferentemente pelo nome de noite ou dia-, mas o fato de o último nome ser usado com um ou outro suplemento para significar dia, não quer dizer no sentido agradável ou mais grato: um dia da ira, um dia mau, um dia de escuridão e trevas espessas, não diferindo da noite mais escura; e para dizer que a manhã de tal dia está vindo, é tudo um como a noite que vem de um dia brilhante e de um dia sereno.

1. Que há grande diferença entre os fins e limites do dia ou estação da graça quanto a indivíduos em particular e em referência ao corpo coletivo de um povo que habita determinado lugar.

2. Quanto a ambos há uma diferença entre o fim de tal dia, intermissões ou intervalos escuros que possam haver nele. O Evangelho pode ser retirado de tal povo e ser restaurado.

3. Quanto a indivíduos em particular, pode haver muita diferença entre eles. Por exemplo, se, quando viviam sob o Evangelho, obtiveram o conhecimento das principais doutrinas ou da suma ou substância do Cristianismo, embora sem qualquer efeito santificador ou impressão em seus corações, e se, por negligência própria, viveram sob o Evangelho em total ignorância desse fato. O dia da graça pode não ter terminado para o primeiro grupo, embora nunca vivam novamente sob o ministério do Evangelho. Considerando que, com o outro tipo, quando esses indivíduos já não desfrutavam os meios externos, é provável que o dia da graça haja terminado, de forma que não haja mais esperança no caso deles do que no dos pagãos nas regiões mais escuras do mundo; e talvez muito menos, como sua culpa tem sido muito maior pela negligência de tão grandes e importantes coisas.

IV. Se com qualquer um que viveu sob o Evangelho, o seu dia acabou, e as coisas da paz estão agora para sempre ocultas dos seus olhos. Isto em si mesmo é caso muito deplorável e muito lamentado por nosso Senhor Jesus. Que o caso é em si mesmo muito deplorável, quem não vê? Uma alma perdida, uma criatura capaz de Deus, a caminho dEle, perto do Reino de Deus, naufragado no porto! Pecador, de quão alta esperança você caiu! Em que profundidade de miséria e aflição! E o fato de que foi lamentado por nosso Senhor está no texto. Ele viu a cidade e chorou sobre ela.

E agora consideraremos que uso devemos dar a tudo o que vimos. Embora nada possa ser útil aos próprios indivíduos, a quem o Redentor lamenta como perdidos, contudo o que Ele faz pode ser de grande proveito

para os outros.

O proveito que, em parte, dirá respeito àqueles que o apreendem corretamente, não é o caso deles, e, em parte, tal pode ser em grande temor que seja.

Pois terem razão de se persuadir não é o caso: A melhor base sobre a qual podemos concluir com certeza, é que nesse dia, eles, pela graça de Deus, já conheceram efetivamente as coisas da sua paz, pois sinceramente, com todo o coração e alma, se voltaram para Deus, tomaram-no para ser o seu Deus e se dedicaram a Ele, a fim de serem dEle; confiando e sujeitando-se à misericórdia salvadora e poder governante do Redentor, de acordo com o sentido do concerto do Evangelho, do qual eles não deixam que seu coração se desvie ou recuse, mas resolvem, com a ajuda divina, perseverar nele todos os dias. Agora havendo chegado a esta confortável conclusão sobre essas coisas, só me resta dizer:

Regozije-se e queira Deus que assim seja. Cristo, seu Redentor, regozija-se com você e em você, o que se deduz diante de sua indignação quanto aqueles que estão sem esperança. Se Ele chora sobre eles, Ele, sem dúvida, regozija-se em você. Há alegria no céu em relação a você. Os anjos se regozijam, o seu Redentor glorioso presidindo no concerto jovial. E você não se regozijaria por você mesmo?

Porte-se com esse cuidado, cautela e zelo, que tornam-se um estado de reconciliação. Perceba que sua atual paz e amizade com Deus não é original e contínua a partir disso, mas foi interrompida e partida; que sua paz não é a das pessoas constantemente inocentes. Você não está neste estado bom e feliz, porque nunca ofendeu, mas está na qualidade de reconciliado, que outrora era inimigo. E quando, em sua vida, você chegou ao conhecimento das coisas que pertencem à paz, você sentiu a dor e experimentou a amargura de ter sido apartado e feito inimigo em sua mente pelas más obras. Quando os terrores de Deus o cercaram e suas setas cravaram em você em rápida sucessão, você não encontrou dificuldade e tristeza? Você não estava em expectativa temerosa de ira e ardente indignação a ponto de consumi-lo e queimá-lo como adversário? Você não teria dado o mundo inteiro por uma palavra ou um olhar de paz, por alguma esperança bruxuleante de paz? Quão cauteloso e amedrontado você estaria de uma nova brecha! O quanto você estudaria comportamentos aceitáveis para andar digno de Deus até ficar completamente bem aceitável! Quão estritamente cuidadoso você seria em manter a fé com Ele e ficar firme no concerto com Ele! Quão preocupado pelos seus interesses e em que agonias de espírito, quando você visse as erupções ou inimizade contra Ele vindo de outra pessoa, não uma desconfiança ou medo de preconceito final aos seus interesses, mas a apreensão da injustiça da própria coisa e um amor obediente ao seu nome, trono e governo. Quão zeloso você seria a atrair outras pessoas! Quão fervoroso em seus esforços dentro de sua própria esfera de ação e quão amplo em seus desejos estendidos até à esfera do universo de que todo joelho se dobrará e toda língua o confessará!

Mais clamor sincero a Deus e rogos com Ele pelo seu Espírito, por

quem o vital vínculo unitivo deve ser contraído entre Deus e Cristo e suas almas. Assim, este será o concerto de vida e paz. Senhor! O quanto os cristãos de nossos dias se enganam com uma religião desenvolvida súbita e inesperadamente por si mesma! Com efeito, divina em sua instituição, mas meramente humana em relação à radicação e exercício: em cujo aspecto também deve ser divina ou nada. Ainda temos de aprender que um poder divino tem de trabalhar e formar nossa religião em nós, como também a autoridade divina a dirige e a ordena? É em vão que todas essas escrituras nos dizem que é Deus que tem de criar corações novos e renovar espíritos retos em nós; que é Ele que tem de nos fazer voltar, se algum dia nos voltarmos: que nunca podemos ir a Cristo a menos que o Pai nos leve? Não há causa de desânimo, se você considerar o que foi dito antes neste discurso. "Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis: batei, e abrir-se-vos-á" (Lc 11.9). O seu Pai celestial dará o seu Espírito àqueles que pedirem, mais prontamente que os pais dão pão aos filhos, e não uma pedra. Mas, e se vocês tivessem de pedir muitas vezes e esperar muito tempo, isso apenas encareceria mais o presente e mostraria seu alto valor. Você deve lembrar com que frequência você agravou, resistiu e afrontou este Espírito, e que você fez Deus esperar muito tempo por você. O que ocorreria se o absoluto Senhor soberano de todos esperasse que você ficasse à disposição dEle? Ele espera para ser gracioso, e benditos são os que esperam por Ele. Renove suas aplicações a Ele. Coloque, de quando em quando, esse concerto diante de você. com o qual você mesmo deve chegar a uma plena e definitiva conclusão. E se não for feito de uma vez, tente novamente, e vezes sem conta. Lembre-se de que é por sua vida, por sua alma, por você. Mas não se satisfaça apenas com tais movimentos lânguidos em seu interior, que podem ser os únicos efeitos do seu espírito, do seu coração negro, torpe, apático, lerdo, morto, duro, pelo menos não da influência eficaz e regeneradora do Espírito divino. Você nunca ouviu que operações poderosas ocorreram em outros, quando Deus os transformava, renovava-os e atraía-os em união viva com o seu Filho, e Ele mesmo por Ele? Que surpreendente luz penetrante entrou no coração deles, como quando Ele criava o mundo, iluminando o caos. Como Ele os fez ver coisas que dizem respeito a eles como verdadeiramente eram, e cada um com seu próprio rosto, Deus, Cristo e eles, pecado e dever, céu e inferno, com suas verdadeiras aparências. Quão efetivamente foram despertados! Como os terrores do Todo-Poderoso atacaram e agarraram suas almas! Que agonias e dores excruciantes eles sentiram, quando a voz de Deus lhes disse: "Desperta, ó tu que dormes, e levanta-te dentre os mortos, e Cristo te esclarecerá" (Ef 5.14). Como Ele os derrubou aos seus pés, lançou-os no pó, quebrou-os, dissipou-os, fez se humilharem, se abominarem e se detestarem, encheu-os de tristeza, vergonha, confusão e indignação para com suas próprias almas culpadas, habituou-os a uma severidade contra si mesmos, até que alcançassem por si só uma maior perspicácia, como também uma auto-acusação, auto-julgamento e auto-condenação. Ele até os fez pretender o inferno e confessar que a porção dos demônios que lhes pertencia era sua mais merecida porção. E se agora seus olhos tinham sido

dirigidos a um Redentor, e um brilho de esperança lhes aparecera; se agora eles são ensinados a reconhecer o Deus que lhes diz: "Pecador, tu ainda estás disposto a se reconciliar e aceitar um Salvador?" Que arroubo ao qual esta pergunta os põe! É vida dentre os mortos! O quê? Há esperança para um miserável perdido como eu? Quão doce é esse enternecedor convite! Que agradável intimação traz consigo: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei" (Mt 11.28). Se o Senhor do céu e da terra olha do trono de glória e diz: "O quê! Pecador, tu menosprezarás meu favor e perdão, meu Filho, teu Redentor poderoso e misericordioso, e ainda minha graça e Espírito?" — Qual será a resposta do miserável e envergonhado, intimidado pela glória da majestade divina, aguilhoado com compunção, vencido com a intimação da generosidade e do amor? "Com o ouvir dos meus ouvidos ouvi, mas agora te vêem os meus olhos. Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza" Jó 42.5,6). Tão interiormente é a verdade desta palavra agora sentida: "Que tu te lembres e fiques confundido e nunca mais abras a boca por causa de tua vergonha, quando eu sou pacificado para ti, por tudo o que fizeste, disse o Senhor Deus". Mas pecador, você fará um concerto comigo e meu Cristo? Você me tomará por seu Deus, e Ele por seu Redentor e Senhor? E posso, Senhor? Ainda posso? Graça admirável, misericórdia comedida e maravilhosa por eu não ter sido lançado no inferno com minha primeira recusa. Sim, Senhor, com todo o meu coração e alma eu renuncio as vaidades de um mundo vazio e enganador e todos os prazeres do pecado. Em seu favor está a minha vida. "A quem tenho eu no céu senão a ti? E na terra não há quem eu deseje além de ti" (Sl 73:25). E, bendito Jesus, Príncipe dos reis da terra, que me amaste e me lavaste dos meus pecados em teu sangue, e a quem o Deus eterno exaltou para ser Príncipe e Salvador, dar arrependimento e remissão de pecados, eu me prostro diante de ti, meu Senhor e meu Deus; eu, aqui, de boa vontade presto minha homenagem diante do teu trono. Eu tomo a ti como Senhor de minha vida. Eu me rendo absolutamente e me resigno a ti. Teu amor me constrange a, daqui por diante, não mais viver para mim mesmo, mas para ti, que morreste por mim e ressuscitaste. E eu me sujeito e me rendo à tua bendita luz e poder, Espírito Santo da graça, para ser cada vez mais iluminado, santificado e preparado para toda boa palavra e obra neste mundo, e para uma herança entre os que são santificados no outro mundo. Pecador, nunca permita que sua alma descansa até que você a encontre em comunhão com Deus (o Pai, o Filho e o Espírito); assim você pode verdadeiramente dizer e sentir que seu coração está nisto. Não fique cansado ou impaciente, esperando e esforçando-se, até que você diga que este é hoje o verdadeiro sentimento de sua alma. Tais coisas foram feitas no mundo; (mas o quanto é raro nos últimos dias!) assim Deus trabalhou com os homens, para salvá-los de descer à sepultura, depois de haver encontrado um resgate para eles. E por que não se espera que Ele faça isso? Ele feriu rochas e fez as águas verterem; sua mão não está encurtada, nem seu ouvido agravado. O perigo não é, pecador, que Ele venha a ser inexorável, mas que você o seja. Ele deixará que você rogue, se você prevalecer suplicando seu favor de todo o coração.

Não jogue fora a alma e tão grande esperança por mera indolência e preguiça de sentir um pouco de dor por sua vida. Deixe que o texto, que foi seu *diretório* sobre as coisas que pertencem à paz, seja também o seu *motivo*, de modo que você veja o Filho de Deus chorando sobre tais coisas como se não soubesse delas. As lágrimas do Redentor não o comoverão? Coração duro! Considere o que estas lágrimas importam para este propósito:

1. Significam a real profundidade e grandeza da miséria na qual você está caindo. Elas vertem de olhos intelectuais e mais abrangentes que vêm longe, penetram profundamente as coisas, têm um prospecto amplo e grande e tomam o consolo daquele estado abandonado para o qual os pecadores irreconciliáveis dirigem-se às pressas, com todo o horror que isso significa. O Filho de Deus não chorou lágrimas vãs e sem causa ou por coisa insignificante; nem esgotou lágrimas por si mesmo ou desejou a profusão de lágrimas de outrem. "Filhas de Jerusalém, não choreis por mim". Ele sabe o valor das almas, o peso da culpa e o quanto isso os pressionará para baixo e os afundará; como também a severidade da justiça de Deus, o poder da sua ira e quais serão seus terríveis efeitos, quando finalmente caírem. Se você não entende estas coisas, creia no Deus que o fez. Pelo menos creia nas lágrimas dEle.

2. Estas lágrimas significam a sinceridade do seu amor e piedade, a verdade e ternura da sua compaixão. Você acha que suas lágrimas são enganosas, aquEle que nunca conheceu malícia? Isso era como o restante do seu comportamento? E lembre-se de que aquEle que derrama lágrimas, da mesma fonte de amor e misericórdia também derramou sangue. Isso também foi feito para enganar? Você cometeu algumas coisas realmente muito consideráveis, se acha que valeu a pena o Filho de Deus chorar, sangrar e morrer, a fim de ludibriá-lo numa falsa estima dEle e do seu amor. Mas se é a maior loucura imaginável entreter tal pensamento, senão que suas lágrimas eram sinceras e não artificiais, as genuínas expressões naturais de benignidade e piedade francas, você deve considerar contra que amor e compaixão você está pecando, que entranhas está repulsando. Se você perecer, é sob tal culpa que os próprios demônios não estão sujeitos, pois nunca tiveram um Redentor que sangrasse por eles, ou, pelo que sabemos, que chorasse sobre eles.

3. Estas lágrimas mostram a irreparabilidade do seu caso, se você persistir na impenitência e incredulidade, até que as coisas da paz sejam totalmente escondidas dos seus olhos. Estas lágrimas serão as últimas emissões de amor (até mesmo derrotado), de amor que está frustrado de seu terno desígnio. Você percebe nestas lágrimas as leis do céu inalteráveis e firmes, a inflexibilidade da justiça divina, que o mantém em laços inexoráveis e selado — se você provar-se incuravelmente obstinado e impenitente — à perdição. Pois até o próprio Redentor, que é poderoso para salvar, não pôde, por fim, salvá-lo, mas apenas chorar sobre você, lágrimas derramadas em chamas que atormentam você, sem suavizá-las; mas as lágrimas (embora tenham outro desígnio, até expressar verdadeira compaixão) ainda exacerbam e aumentam inevitavelmente o seu fervor, e

continuará assim por toda a eternidade. Ele até chega a dizer a você, pecador:

"Tu desprezaste meu sangue; tu ainda terás minhas lágrimas". O que teria salvado você agora só lamenta sua perda.

Mas as lágrimas choradas sobre outros, como perdidos e sem esperança, por que não comoveriam você, enquanto ainda há esperança em seu caso? Se você for efetivamente comovido em sua alma, e, olhando àquEle a quem você traspassou, verdadeiramente chora sobre Ele, você assegura para si a perspectiva de que o choro dEle sobre as almas perdidas não incluiu você. O seu choro sobre você arrazoaria seu caso abandonado e sem esperança; a sua lamentação sobre Ele o tornará seguro e feliz. Que seja assim, e considere ainda que:

4. Estas lágrimas significam o verdadeiro intento que Ele tem de salvar almas e com que alegria Ele o salvaria, se você tão-somente aceitasse a misericórdia, enquanto fosse possível. Pois se Ele chora sobre aqueles que não serão salvos, do mesmo amor que é a fonte destas lágrimas, provêem misericórdias salvadoras para aqueles que desejam recebê-las. E o amor que chorou sobre os que estavam perdidos, o quanto glorificará sobre os que estão salvos! Ali o seu amor é desapontado e afrontado, contraditado em seu propósito gracioso; mas aqui, tendo-o rodeado, o quanto Ele se alegrará sobre você com cântico e descanso em seu amor! E você também, em vez de ser envolvido com os irreconciliados pecadores da velha Jerusalém, será citado entre os cidadãos gloriosos da Nova Jerusalém, e triunfará junto com eles em glória eterna.

Robert South: O Homem Criado à Imagem de Deus

ROBERT SOUTH NASCEU EM HACKNEY, Inglaterra, em 1633, e morreu em 1716. Ele era tão ignóbil e desprezível na vida pública quanto magnífico no estilo de púlpito. Seus primeiros esforços foram no louvor de Cromwell e do presbiterianismo, mas com a Reforma ele se tornou amigo da realeza e zombador do puritanismo. Qualquer que fosse o partido que estivesse no poder, South era hábil em assegurar seu favor e firme promoção. Mas a despeito desta falta deplorável de princípios, South era um poderoso pregador ou, antes, orador pois muitos de seus sermões são destituídos de religião. Ele tinha uma maneira perspicaz e incisiva de colocar as coisas, por exemplo: "Toda a criação se quebra e se dobra sob a ira de Deus". Ele era soberbo manipulador do idioma inglês, e seu estilo de sermão tem sido devidamente admirado.

É interessante saber que durante os primeiros anos de sua pregação, os sermões de South serviram de modelo para Henry Ward Beecher. Em *Yale Lectures on Preaching* (Conferências de Yale sobre Pregação), Beecher declara: "Fui leitor insaciável de antigos autores de sermão. Li todos os antigos sermões de Robert South; eu me saturei com South; muito do meu estilo de escrita formei dos seus métodos. Recebi vasta quantidade de instrução de outros antigos autores de sermão, que me eram tão familiares quanto meu próprio nome. Preguei muitos sermões enquanto lia estes antigos autores, e nos seus discursos fundei a estrutura do meu próprio discurso. Depois que os pregava, eu dizia a mim mesmo: 'Nunca dará certo; nem pelo mundo inteiro pregaria isso de novo'. Mas eu estava aprendendo, e ninguém jamais apanhou-me em erro. As baleias deixam entrar grande quantidade de água por causa dos animálculos que nela contém, e depois esguicham a água ao mesmo tempo que retêm a comida. O povo faz quase a mesma coisa. As pessoas não acreditam na metade do que você diz. Elas guardam a parte nutritiva, e o restante abandonam".

O sermão mais conhecido de South é "O Homem Segundo a Imagem de Deus". Neste sermão, aparece a famosa frase, tão freqüentemente citada: "Um Aristóteles era apenas o lixo de um Adão, e Atenas, apenas os rudimentos do paraíso".

O Homem Criado à Imagem de Deus

*“E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou...”
(Gn 1.27)*

QUANTO é difícil para a razão natural descobrir uma criação antes de ser revelada, ou ser revelada para crer nela. As estranhas opiniões dos antigos filósofos e a infidelidade dos ateus modernos são demonstrações muito tristes. Correr o mundo de volta à sua infância primeira e original, e ver a natureza em seu berço, traçar as origens do Ancião de Dias na primeira instância e amostra do seu poder criativo, é pesquisa muito grande para investigação mortal. E poderíamos continuar nosso escrutínio até ao fim do mundo, antes que a razão natural descobrisse a sua origem.

Neste capítulo, temos Deus inspecionando as obras da criação e deixando esta impressão geral no caráter de cada uma delas: que eram sobejamente boas. O que a onipotência forjou, temos uma onisciência para ratificar. Mas como se fosse razoável imaginar que há mais de desígnio, e, por conseguinte, mais de perfeição, na última obra, aqui temos Deus dando seu último golpe e resumindo tudo no homem, o todo em uma parte, o universo em um indivíduo. Considerando que em outras criaturas temos senão o rastro dos seus passos. no homem temos o desenho de sua mão. NEle foram unidas todas as perfeições difundidas da criatura. Todas as graças e ornamentos, todos os aspectos e características do ser foram resumidos neste pequeno — contudo pleno — sistema de natureza e divindade; como bem poderíamos imaginar que o grande Artífice iria mais que normalmente exigir desenhar seu próprio retrato. Fm suma, é essa retidão universal de todas as faculdades da alma, pela qual elas são hábeis e dispostas a seus respectivos ofícios e operações, que a retidão universal será mais completamente descrita mediante uma pesquisa distinta sobre ela nas várias faculdades pertencentes à alma.

- I. No entendimento.
- II. Na vontade.
- III. Nas paixões ou afetos.

I. Primeiramente, para sua faculdade mais nobre, o entendimento. Era sublime, claro e aspirativo, a região superior da alma, elevado e sereno, livre dos vapores e perturbações dos afetos inferiores. Era a faculdade diretiva e controladora; todas as paixões usavam as cores da razão; não persuadia tanto quanto comandava; não era o cônsul, mas o ditador. O discurso era quase tão rápido quanto a intuição; era ágil no propósito, firme na conclusão; logo determinava o que agora disputa.

Como há duas grandes funções da alma, a contemplação e a prática,

de acordo com a divisão geral de objetos, alguns só entretêm nossa especulação, outros também empregam nossas ações. Assim o entendimento com relação a estes, não por causa de uma distinção na própria faculdade, é dividido em entendimento especulativo e entendimento prático, nos quais a imagem de Deus era aparente.

Era a felicidade de Adão no estado de inocência ter estas funções claras e limpas. Ele entrou no mundo como filósofo, que suficientemente aparecia por seus escritos a natureza das coisas em seus nomes; ele percebia a essência dessas coisas e lia formas sem o comentário de suas propriedades respectivas; ele via conseqüências ainda dormentes em seus princípios, efeitos ainda por nascer e no útero de suas causas; seu entendimento quase perfurava contingentes futuros, suas conjecturas melhoravam até chegar à profecia ou certezas de predição; até a Queda, ele era ignorante de nada mais que o pecado; ou pelo menos descansava na noção, sem a aguilhoada da experiência. Qualquer dificuldade sendo proposta, a resolução vinha em seguida; não havia tempo de pôr em dúvida. Não havia meditação, nem luta com a memória, nem esforço por invenção. Suas faculdades eram velozes e expeditas; respondiam sem bater, estavam prontas na primeira convocação, havia liberdade e firmeza em todas as operações.

Confesso que para nós, que datamos a ignorância de nosso primeiro ser e fomos criados com as mesmas fraquezas com as quais nascemos, é difícil elevar nosso pensamento e imaginação a essas perfeições intelectuais que atendiam nossa natureza no tempo da inocência, assim como é para um camponês, criado na obscuridade de uma cabana, imaginar os esplendores de um tribunal. Mas avaliando positivamente pelas particularidades e outras habilidades da razão, pelas quais o discurso abastece a falta de relato dos sentidos, coletamos agora a excelência do entendimento de então por seus remanescentes gloriosos, e adivinhamos a pompa do edifício pela magnificência de suas ruínas. Toda essa destreza, raridade e invenção que mentes vulgares fixam o olhar, os engenhosos buscam e todos admiram, são apenas as relíquias de um intelecto deformado pelo pecado e tempo. Hoje admiramos somente como os antiquários fazem com uma moeda antiga, pela estampa que outrora trazia e não pelos traços e desenhos desvanecedores que no presente permanecem. Certamente, devem ter sido muito gloriosos, cujas ruínas são tão admiráveis. Aquele que é gracioso quando velho e decrépito, com certeza era muito belo quando jovem. Um Aristóteles era apenas o lixo de um Adão, e Atenas, apenas os rudimentos do paraíso.

A imagem de Deus era não menos resplandecente no que chamamos o entendimento prático humano; isto é, o armazém da alma no qual estão entesourados as normas de ação e as sementes da moralidade. Temos de observar que muitos que negam todas as noções cognatas no intelecto especulativo, ainda as admitem nisto. Deste tipo são estas máximas: que Deus deve ser adorado; que os pais devem ser honrados: que a palavra de um homem deve ser mantida, a qual, sendo de influência universal quanto ao regulamento do comportamento e relações do gênero humano, são a

base de toda virtude e civilidade e o fundamento da religião.

Era privilégio do inocente Adão ter estas noções firmes e imaculadas, levar seu monitor em seu seio, trazer a lei no coração e ter uma consciência tal que fosse o seu próprio casuísta: e seguramente essas ações devem ser regulares, onde há uma identidade entre a norma e a faculdade. Sua mente lhe ensinou a dependência devida a Deus. e esboçou para Ele as proporções e medidas justas de comportamento para com seus semelhantes. Ele não tinha catecismo, mas a criação; não precisava de estudo, mas de reflexão; não lia livros, mas o tomo do mundo, e isto também: não por normas pelas quais trabalhar, mas por objetos sobre os quais trabalhar. A razão era sua tutora e os primeiros princípios de sua *magna moralia*. O Decálogo de Moisés era apenas uma cópia, não o original. Todas as leis das nações e decretos sábios dos Estados, os estatutos de Salomão e as doze tábuas, eram somente uma paráfrase desta retitude ereta da natureza, este princípio frutífero da justiça, que estava a ponto de se espalhar e ampliar-se em determinações satisfatórias sobre todos os objetos e ocasiões emergentes. A justiça não era cega para discernir, nem manca para executar. Não estava sujeita a ser imposta por uma fantasia ilusória, nem a ser subornada por um apetite lisonjeiro, para virar a balança para uma sentença falsa e desonesta.

Em todas as direções das faculdades inferiores, transmitia suas sugestões com clareza e as ordenava com poder; tinha as paixões em sujeição perfeita; e ainda que seu comando sobre elas fosse persuasivo e político, não obstante tinha a força da coação e do déspota. Ela não era como é em nossos dias, onde a consciência tem só o poder de desaprovar e protestar contra as exorbitâncias das paixões, e antes as deseja do que as faz. Hoje, a voz da consciência é baixa e fraca, castigando as paixões, como o idoso Eli fez com seus filhos lascivos e dominadores: *Não façam assim, meus filhos, não façam assim*; mas a voz da consciência de então, não era: *Isto deve*, ou: *Isto deveria ser feito*; mas: *Isto deve. Isto será feito*. Falava como legislador; a coisa falada era lei; e a maneira de proferi-la, uma obrigação nova. Em resumo, havia grande disparidade entre as ordens práticas do entendimento de então e de hoje, como há entre o império e o conselho, a opinião e a ordem, entre o companheiro e o governador.

E assim era a imagem de Deus, como brilhava no entendimento do homem.

II. A seguir, examinaremos a imagem de Deus conforme estava estampada na vontade. A vontade do homem no estado de inocência tinha inteira liberdade, uma eqüidependência perfeita e indiferença a qualquer parte de contradição, estar ou não estar, aceitar ou não aceitar a tentação. Admito que a vontade do homem é hoje tanto quanto um escravo que alguém tem, e está apenas livre para pecar; ou seja. em vez de liberdade, tem somente licenciosidade. Contudo, certamente isto não é a natureza, mas a casualidade. Não nascemos tortos; aprendemos estas curvas e sinuosidades da serpente; e portanto, é senão uma blasfêmia de ingratitude atribuí-las a Deus e fazer a praga de nossa natureza a condição de nossa

criação.

A vontade era elástica e flexível a todos os movimentos da razão correta; a meio caminho conhecia os ditames de um entendimento esclarecido. E as informações ativas do intelecto, enchendo a recepção passiva da vontade como a fôrma cheia da matéria, desenvolviam-se em uma terceira e distinta perfeição da prática. O entendimento e a vontade nunca discordavam; pois as propostas de um nunca contrariavam as inclinações do outro. Contudo, a vontade nunca servia subservientemente o entendimento, mas como faz um protegido para com seu príncipe, o serviço era privilégio e preferência; ou como os servos de Salomão esperavam nele, admirados de sua sabedoria, ouviam as ordens e conselhos prudentes, a direção e a recompensa de sua obediência. É realmente a natureza desta faculdade seguir um guia superior, ser atraída pelo intelecto; mas outrora era atraída como carruagem triunfante, que ao mesmo tempo segue e triunfa, enquanto obedecia, comandava as outras faculdades. Era subordinada, não escravizada ao entendimento: não como escravo ao senhor, mas como rainha ao seu rei, que ambos reconhecem a sujeição e ainda retêm a majestade.

Passemos agora para uma época anterior do intelecto e vontade do homem:

III. Para as paixões que têm sua residência e situação principalmente no apetite sensível. Pois temos de saber que, já que o homem é uma combinação e mistura de carne e espírito, a alma, durante seu domicílio no corpo, faz todas as coisas pela mediação dessas paixões e afetos inferiores.

E em primeiro lugar, para o grandioso e principal afeto de todos. que é o amor. Este é o grande instrumento e motor da natureza, o elo e vínculo da sociedade, a primavera e espírito do universo. O amor é um afeto de tal magnitude, que não se pode dizer com acurácia que está na alma assim como a alma está nele. É o homem inteiro envolto num desejo; são todos os poderes, vigor e faculdades da alma resumidos numa inclinação. E é dessa natureza ativa e inquieta que deve por necessidade mostrar-se. Como o fogo, ao qual é freqüentemente comparado, não é um agente livre para escolher se aquecerá ou não, mas flui por resultados naturais e emanações inevitáveis. Assim se firmará sobre qualquer objeto inferior e inadequado, em vez de nenhum. A alma logo deixa de subsistir em vez de amar; como a vinha, murcha e morre se não tem nada a que se agarrar. Este afeto no estado de inocência foi felizmente lançado no seu objeto certo: ardeu em diretos fervores de devoção a Deus e em emissões colaterais de caridade para com o próximo. Não era somente outro nome mais limpo para a concupiscência. Não tinha nada daquele ardor impuro que tanto representa quanto merece o inferno. Era uma vestal e um fogo virgem, e diferia tanto do que normalmente passa hoje em dia por este nome como o calor vital da queimação de uma febre.

Depois, para a paixão contrária do ódio. Este, sabemos, é a paixão do desafio, e há um tipo de adversão e hostilidade incluído em sua essência e ser. Mas (se tivesse havido ódio no mundo, quando quase não havia coisa

abominável) teria agido dentro dos limites do seu objetivo formal, como o aloés, realmente amargo, mas saudável. Não teria havido rancor, nem ódio de nosso irmão; uma natureza inocente não odiaria nada que fosse inocente. Em uma palavra, tão grande é a comutação que a alma somente odiava o que hoje só ama. ou seja, o pecado.

E se podemos trazer a ira nesta subdivisão, na qualidade de ser, como afirmam uns, ódio passageiro, ou pelo menos muito parecido com isso: este também, tão incontrolável quanto agora é, outrora se expressava pelas medidas da razão. Não havia tal coisa como os arroubos da malícia ou as violências da vingança; sem retribuição mal por mal, quando o mal era na verdade uma não-entidade e não se encontrava em lugar algum. A raiva era como a espada da justiça, afiada, mas inocente e íntegra. Não agia como a fúria e se chamava zelo. Sempre esposava a honra de Deus e nunca se inflamava com nada, a não ser para fazer um sacrifício. Centelhava como as brasas no altar com os fervores da piedade, os ardores da devoção, os ímpetos e vibrações de uma atividade inocente. No próximo lugar, para a paixão jovial da alegria. Não era o que hoje usurpa esse nome — a coisa trivial, desvanecedora e superficial, que apenas enfeita a apreensão e brinca na superfície da alma. Não era a mera crepitação de espinhos, uma chama súbita dos espíritos, a exultação de uma fantasia encantada ou um apetite agradável. A alegria era algo robusto e simples, a recreação do julgamento, o jubileu da razão. Era o resultado de um bem real, apropriadamente aplicado. Iniciado nas solidificações da verdade e na substância do gozo. Não se exauriu em vícios ou erupções indecentes, mas encheu a alma, como Deus faz o universo, silenciosamente e sem alarido. Era refrescante. mas composto, como a afabilidade da juventude temperada com a gravidade da idade, ou a hilaridade de uma festa administrada com o silêncio da contemplação.

E, no outro lado, para a tristeza. Tivesse a perda ou desastre dado lugar apenas à tristeza, teria movido de acordo com as severas concessões da prudência e as proporções da provocação. Nunca teria arrancado queixa ou estardalhaço, nem se espalhado sobre a face e escrito histórias tristes na testa. Sem espremeduras de mãos, batidas no peito ou desejo de não ter nascido; o que é tudo isso senão as cerimônias da tristeza, a pompa e ostentação de um pesar afeminado, que não fala tanto da grandeza da miséria quanto da pequenez da mente. Lágrimas podem espoliar os olhos, mas não lavam a aflição. Suspiros podem esvaziar o homem, mas não ejetam o fardo. A tristeza teria sido tão silenciosa quanto os pensamentos, tão rigorosa quanto a filosofia. Teria descansado nos sentidos interiores, nas antipatias tácitas e a cena da tristeza teria sido negociada em reflexões lastimosas e silenciosas.

Depois, mais uma vez, para a esperança. Embora a plenitude e afluxo dos prazeres humanos no estado de inocência pareçam não deixar lugar para a esperança, sem relação a outro acréscimo, senão a prorrogação e continuação futura do que o homem já possuía. Contudo, indubitavelmente Deus, que não fez a faculdade, mas também a proveu de um objetivo formal no qual ela exercesse e se gastasse, até em sua maior

inocência, então exercitou a esperança do homem com as expectativas de um paraíso melhor, ou uma admissão mais íntima consigo mesmo. Não é imaginável que Adão se firmasse em tais prazeres pobres e tênues como as riquezas, o prazer e as alegrias de uma vida animal. A esperança era de fato a âncora da alma, ainda que certamente não era para agarrar-se ou firmar-se em tal lama. E se, como o apóstolo Paulo diz: "Ninguém espera o que vê", muito menos podia Adão esperar por coisas que ele via completamente.

E, por último, para a inclinação ao medo. Era o instrumento da precaução, não da ansiedade; um guarda e não um tormento para o peito que o tinha. Hoje é na verdade uma infelicidade, a doença da alma; foge de uma sombra e provoca mais perigos que evita; debilita o julgamento e trai os socorros da razão, tão difícil é tremer e não errar, e atingir o alvo com mão tremente. Então o medo se fixou sobre aquele que é o único que deve ser temido: Deus; e com um medo filial, que ao mesmo tempo teme e ama. Era temor sem assombro, medo sem distração. Havia uma beleza até na própria palidez. Era a cor da devoção, dando um brilho à reverência e um polimento à humildade.

Assim as paixões agiam sem seus atuais efeitos desagradáveis, combates ou repugnâncias, tudo se movendo com a beleza da uniformidade e a quietude da compostura. Como um exército bem governado, não para a guerra, mas para a dignidade e ordem. Confesso que as Escrituras não atribuem expressamente estes vários dons a Adão em seu primeiro estado. Mas tudo o que eu disse, e muito mais, pode ser extraído daquele pequeno aforismo: *Deus fez o homem reto*. E visto que as fraquezas opostas infestam hoje a natureza do homem caído, se queremos ser verdadeiros à regra dos contrários, temos de concluir que essas perfeições eram a sorte do homem inocente.

Desta compostura tão exata e regular das faculdades, tudo se movendo para o seu devido lugar, cada um golpeando em seu tempo adequado, ali surgiu, mediante consequência natural, a culminante perfeição de tudo, uma boa consciência. Como no corpo quando as partes principais, como o coração e o fígado, desempenham suas funções e todos os vasos inferiores e menores agem ordenada e apropriadamente, ali surge um doce prazer sobre o todo que chamamos de saúde. Assim na alma, quando as supremas faculdades da vontade e do entendimento se movimentam regularmente, as paixões inferiores e os afetos se seguem, ali surge uma serenidade e desvanecimento sobre toda a alma, infinitamente além dos maiores prazeres físicos, a mais alta quinta-essência e elixir das delícias mundanas. Há neste caso um tipo de fragrância e perfume espiritual na consciência, muito parecido com o que Isaíque falou das roupas do filho, que o cheiro delas era como o cheiro do campo que o Senhor tinha abençoado. Tal frescor e sabor encontram-se na alma quando é diariamente regada com as ações de uma vida virtuosa. Tudo o que é puro também é agradável.

Tendo inspecionado a imagem de Deus na alma do homem, não devemos omitir as características da majestade que Deus imprimiu no

corpo. Ele também desenhou alguns traços de sua imagem no corpo. tanto quanto uma substância espiritual é impressa numa substância corpórea. Adão não era menos glorioso em sua aparência exterior; ele tinha um corpo bonito, como também uma alma imortal. Toda essa combinação era como um templo bem-construído, imponente por fora, sagrado por dentro. Em seu corpo, os elementos estavam em perfeita união e acordo; e suas qualidades contrárias não serviam para a dissolução da combinação, mas para a variedade da compostura. Galeno, que não tinha mais divindade do que a sua compleição o ensinava, apenas na consideração desta estrutura tão exata do corpo desafia qualquer um, depois de cem anos de estudo, a achar a menor fibra ou a partícula mais minuciosa que seja colocada mais espaçosamente, quer para a vantagem de uso ou para a boa aparência. A estatura se ergue e tende para cima ao seu centro; o semblante majestoso e gracioso, com o brilho de uma beleza nativa que desprezava a escassa ajuda da arte ou os esforços da imitação; o corpo de tamanha rapidez e agilidade que não só continha, mas também representava a alma; pois, bem que podemos supor que onde Deus depositou tão rica jóia, Ele adornaria a caixa adequadamente. Era um asilo de indigentes conveniente para as faculdades vividas e alegres se exercitarem e se mostrarem. O tabernáculo próprio para a alma imortal não só habitar, mas contemplar, onde veria o mundo sem se deslocar; sendo um esquema inferior da criação, a natureza contraiu uma pequena cosmografia ou mapa do universo. O corpo também não estava sujeito à enfermidade, morrer pouco a pouco e adoecer ou definharse. Adão não conheceu a doença, enquanto a temperança do fruto proibido o afiançava. A natureza era sua médica; e a inocência e abstinência o teriam mantido são até à imortalidade.

O uso deste ponto pode ser diverso, mas no momento será apenas este-, para nos fazer lembrar da perda irreparável que sustentamos em nossos primeiros pais, para nos mostrar que justa porção Adão deserdou toda a sua posteridade através de uma única prevaricação. Imagine um homem no verdor e plenitude de sua mocidade e nos últimos dias e declinações de seus anos decadentes, e você mal reconhece o que pertence à mesma pessoa; requereria mais destreza para discerni-lo do que para desenhá-lo no princípio. A mesma e maior é a diferença entre o homem inocente e o caído. Ele é um novo tipo ou espécie; a praga do pecado alterou sua natureza e corroeu seus próprios fundamentos. A imagem de Deus foi apagada, as criaturas sacudiram o jugo, renunciaram a soberania do homem e se revoltaram com o seu domínio. Desordens e doenças romperam a excelente estrutura do corpo; e, por uma nova dispensação, *a imortalidade foi tragada pela mortalidade*. O mesmo desastre e decadência também invadiu a sua espiritualidade: as paixões se rebelaram, todas as faculdades usurparam e governaram, e há tantos governantes que não pode haver governo. A luz dentro de nós tornou-se trevas, e o entendimento, que seriam os olhos para a faculdade cega da vontade, está cego, e, desse modo, traz todas as inconveniências que acompanham um seguidor cego sob a conduta de um guia cego. Aquele que teria uma demonstração clara e ocular disso, que reflita sobre a numerosa desordem

de opiniões estranhas, insensatas e absurdas que se embrenham pelo mundo para a desgraça da razão e a repreensão incontestável de um intelecto subjugado.

As duas grandes perfeições que adornam e exercitam o entendimento humano são a filosofia e a religião. Para a primeira, tome-a até entre seus professores onde a maioria floresceu, e descobriremos que as primeiríssimas noções do bom senso são debochadas por eles. Houve quem afirmasse que não há tal coisa no mundo como movimento; as contradições podem ser verdades. Não houve quem quisesse negar que a neve é branca. Tal estupidez ou capricho tinha prendido a mais sublime sagacidade que possa ser duvidada se os filósofos ou as corujas de Atenas eram de visão perspicaz. Mas para a religião, que nascimentos prodigiosos, monstruosos e disformes têm produzido a razão do homem caído! Faz quase seis mil anos que a maior parte do mundo não teve outra religião que a idolatria; e a idolatria certamente é a primeira — nascida da loucura, o grande e principal paradoxo; de fato, o próprio resumo e soma total de todas as absurdidades. Não é estranho que um homem racional adore um boi, não, a imagem de um boi, que ele bajule o cachorro, curve-se diante de um gato, adore porcos e alhos e derrame lágrimas penitenciais ao cheiro de uma cebola divinizada? Assim fizeram os egípcios, ou-trora os afamados mestres de todas as artes e aprendizagem. E um pouco mais adiante, temos instância ainda mais estranha em Isaías: [Im homem] tomou para si cedros. [...] Então, servirão ao homem para queimar. [...] Então, do resto faz um deus" (Is 44.14,15,17). Com uma parte ele abastece a chaminé, com a outra, a capela. Coisa estranha que o fogo tenha de consumir esta parte e, depois, queimar incenso para ela. Como se houvesse mais divindade numa ponta da vara do que na outra; ou como se fosse gravado e pintado onipoten-

te, ou os pregos e o martelo lhe dessem uma apoteose. É tão grande a mudança, tão deplorável a degradação de nossa natureza que, considerando que antes trazíamos a imagem de Deus, agora só retemos a imagem dos homens.

Em último lugar, aprendemos que a excelência da religião crista nesse fato é o grande e único meio que Deus santificou e projetou para consertar as brechas da humanidade, levantar novamente o homem caído, esclarecer a razão, retificar a vontade e compor e regular os afetos. A questão de nossa redenção é, em suma, apenas esfregar em cima da cópia desfigurada da criação, reimprimir a imagem de Deus na alma e apresentar a natureza numa segunda e mais justa edição.

A recuperação de tal imagem perdida, como é o prazer de Deus ordenar e nosso dever empreender, está, assim, somente em seu poder efetuar.

Jonathan Edwards: Os Mortos Bem-aventurados

JONATHAN EDWARDS, O MAIS FAMOSO dos TEÓLOGOS e filósofos americanos, nasceu em South Windsor. Connecticut, em 5 de outubro de 1703, e morreu em Princeton, Nova Jersey, em 1758. Seu pai era ministro e formado pela Universidade de Harvard, e sua mãe. mulher de mentalidade e devoção extraordinárias. Quando criança. Edwards deu indicações certas de suas realizações futuras. Com a idade de dez anos. ele escreveu um ensaio sobre a imaterialidade da alma. e aos doze escreveu o que ficou conhecido por excelente tratado sobre aranhas-voadoras. Pela época de sua formatura na Universidade de Yale. em 1720, ele já tinha imergido profundamente no poço da filosofia. Depois de breve serviço numa igreja presbiteriana em Nova Iorque e alguns anos como professor particular da Universidade de Yale. ele se tornou ministro da Igreja Congregacional em Northampton. Massachusetts. Ali casou-se com Sarah Pierrepont. uma tataraneta do célebre Thomas Hooker.

Desde o início de seu ministério. Edwards enfatizou a alta visão calvinista da soberania de Deus na salvação do homem. Com sua pregação, iniciou-se excepcional avivamento em Northampton, espalhando-se pelas colônias e ficando conhecido como o Grande Avivamento. Edwards foi o líder e defensor desse famoso avivamento. Em 1749, depois de uma disputa que se levantara sobre a questão da disciplina para os que liam livros impróprios, Edwards foi deposto do púlpito e da congregação. De Northampton, ele foi para Stockbridge como pastor do vilarejo e missionário para os índios. Foi ali que. em quatro meses, ele escreveu um dos maiores livros do mundo e a principal contribuição dos Estados Unidos para a filosofia, *The Freedom of the Will* (A Liberdade da Vontade), no qual procura refutar a doutrina do livre arbítrio. Em 1758, ele foi sucedido por seu genro. Aaron

Burr, como reitor da Universidade de Princeton, mas fazia só algumas semanas que estava em Princeton quando morreu vítima de um ataque de varíola.

Seu sermão mais conhecido é "Pecadores nas Mãos de um Deus Irado", sobre o texto: "O tempo em que resvalar o seu pé" (Dt 32.35). O sermão foi pregado em Enfield, Connecticut, como advertência e repreensão por causa do crescimento da imoralidade. Edwards pregou muitas vezes sobre a bondade e o amor de Deus; mas sempre que seu nome é mencionado, este é o sermão que as pessoas associam a ele. Há muito no sermão que ofende a sensibilidade religiosa de nossos dias, sobretudo a descrição de Deus segurando o pecador acima do inferno, como alguém que segura uma aranha ou inseto sobre o fogo. Ninguém poderia pregar nesses termos hoje. Mas o pêndulo oscilou muito longe para

a outra direção, e a pregação de hoje, residindo exclusivamente no amor de Deus, dificilmente é de natureza a produzir arrependimento ou inteirar os homens de que Deus é dos olhos mais puros para ver a iniquidade. Relatos contemporâneos da pregação do sermão falam da profunda impressão causada e como o pregador teve de parar diversas vezes para pedir silêncio por parte dos arrependidos, que em sua angústia choravam em voz alta.

Para este volume, foi selecionado o sermão pregado por Edwards no funeral do afamado missionário aos índios, David Brainerd, que morreu na casa de Edwards, em Nonhampton, em 1747, e cujo diário, hoje um clássico missionário, foi publicado por Edwards. Este sermão fúnebre é declaração pujante da esperança do cristão concernente aos que já dormiram.

Os Mortos Bem-aventurados

"Mas temos confiança e desejamos, antes, deixar este corpo, para habitar com o Senhor." (2 Co 5.8)

O APÓSTOLO Paulo apresenta uma razão por que ele m continuava com tamanha coragem e firmeza imóveis. em meio a tantas labutas, sofrimentos e perigos, no serviço do Senhor, pelos quais seus inimigos, os falsos mestres entre os coríntios, às vezes o reprovavam por estar fora de si e impulsionado por um tipo de loucura. Na parte final do capítulo precedente, ele informa os coríntios cristãos que a razão por que agia assim, era que ele cria firmemente nas promessas que Jesus fizera aos seus servos fiéis de uma recompensa gloriosa e eterna, e sabia que estas aflições presentes eram leves e apenas momentâneas em comparação àquele mui excedente e eterno peso de glória. Neste capítulo, ele prossegue insistindo na razão de sua constância no sofrimento e exposição à morte na obra do ministério, até mesmo o estado mais feliz que ele esperava depois da morte. Este é o assunto do texto.

A alma do cristão, quando deixa o corpo, vai para estar com Cristo. Isto ocorre nos seguintes aspectos:

I. A alma do cristão vai habitar com a natureza humana glorificada de Cristo no mesmo domicílio abençoado.

Há um lugar, uma região particular da criação exterior, para onde Cristo foi e permanece. Este lugar é o céu dos céus, um lugar além de todos os céus visíveis. "Ora, isto — ele subiu — que é, senão que também, antes, tinha descido às partes mais baixas da terra? Aquele que desceu é também o mesmo que subiu acima de todos os céus, para cumprir todas as coisas" (Ef 4.9,10). É o mesmo lugar que o apóstolo chama de terceiro céu: computando o céu aéreo como o primeiro céu, o céu estrelado como o segundo e o céu mais alto como o terceiro. Este é o domicílio dos anjos santos; eles são chamados "os anjos dos céus", "os anjos que estão no céu", "os anjos de Deus no céu". Está escrito que eles sempre vêem a face do "Pai que está no céu".

Em outra passagem, eles são representados a estar diante do trono de Deus ou rodeando seu trono no céu, e de lá enviados, descendo com mensagens para este mundo. É para lá que a alma do santo é conduzida quando morre. Ela não fica num domicílio distinto do céu superior, um lugar de descanso, no qual é guardada até o dia do julgamento, o que uns chamam o Hades dos felizes; mas vai diretamente para céu. Esta é a casa dos santos, sendo a casa de seu Pai. Eles são "peregrinos e estrangeiros" na terra, e esta é a "outra e melhor pátria" para a qual estão viajando. Esta é a cidade à qual eles pertencem: "A nossa cidade [cidadania, como significa corretamente a palavra] está nos céus..." (Fp 3-20). Este é

indubitavelmente o lugar ao qual o apóstolo se refere quando diz: "Nós estamos dispostos a abandonar nossa primeira casa, o corpo, e habitar na mesma casa, cidade ou país, em que Cristo habita", que é a significação adequada das palavras no original. O que pode ser esta casa, cidade ou país, senão a casa que é falada em outra passagem como a sua casa, a casa do seu Pai, a cidade e país aos quais eles adequadamente pertencem, para a qual eles estão viajando o tempo em que continuam neste mundo, e a casa, cidade e país, onde sabemos que está a natureza humana de Cristo. Este é o descanso dos santos, aqui seu coração está enquanto vivem na terra, e aqui está seu tesouro, a "herança incorruptível, incontaminável e que se não pode murchar, guardada nos céus para vós", que está designada para eles, reservada no céu (1 Pe 1.4). Eles nunca podem ter seu descanso adequado e pleno até que cheguem ali. Sem dúvida a alma, quando ausente do corpo (as Escrituras a representam num estado de descanso perfeito), chega ali.

Os dois santos, Enoque e Elias, que deixaram este mundo para, sem morrerem, entrarem no descanso em outro mundo, foram ao céu. Elias foi visto subindo ao céu, como Cristo; e há toda razão para pensarmos que foram para o mesmo lugar de descanso, para o qual os santos vão quando pela morte deixam o mundo. Moisés, quando morreu no topo do monte, subiu para o mesmo domicílio glorioso com Elias, que subiu sem morrer. Eles são companheiros em outro mundo, conforme apareceram juntos na transfiguração de Jesus. Eles estavam juntos naquele momento com Cristo no monte, quando houve uma representação da sua glória no céu. Não há que duvidar de que eles também estavam juntos com Ele mais tarde, quando com efeito Fie foi glorificado no céu. Lá, incontestavelmente, eslava a alma de Estêvão, que subiu quando ele expirou. As circunstâncias de sua morte demonstram este fato, segundo o relato que temos. "Mas ele, estando cheio do Espírito Santo e fixando os olhos no céu, viu a glória de Deus e Jesus, que estava à direita de Deus, e disse: Eis que vejo *os céus* abertos e o Filho do Homem [ou seja, Jesus em sua natureza humana], que está em pé à mão direita de Deus. Mas eles gritaram com grande voz. taparam os ouvidos e arremeteram unânimes contra ele. E, expulsando-o da cidade, o apedrejavam. [...] E apedrejaram a Estêvão, que em invocação dizia: Senhor Jesus, recebe o meu espírito" (At 7.55-59). Antes de sua morte, ele teve uma visão extraordinária da glória que o Salvador havia recebido *no céu*, não só para si próprio, mas para todos os seus seguidores fiéis, de modo que Estêvão se encorajasse com a esperança desta glória para alegremente entregar a vida por Ele. Por conseguinte, ele morre nessa esperança, dizendo: "Senhor Jesus, recebe o meu espírito". Com estas palavras ele irrefutavelmente queria dizer: "Recebe o meu espírito, Senhor Jesus, para estar contigo nessa glória em que te vejo agora no céu à mão direita de Deus".

Para lá foi a alma do ladrão penitente na cruz. Cristo lhe disse: "Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso" (Lc 23.43). O paraíso é o terceiro céu mencionado em 2 Coríntios 12.2-4. O que no versículo 2 é chamado o terceiro céu, no versículo 4 é chamado paraíso. As almas dos

apóstolos e profetas estão no céu, como está claro pelas palavras: "Alegrate sobre ela, ó céu, e vós, santos apóstolos e profetas" (Ap 18.20). A Igreja de Deus é de vez em quando diferenciada nas Escrituras com estas duas partes: a parte que está no céu e a que está na terra — "Jesus Cristo, do qual toda a família nos céus e na terra toma o nome" (Ef 3-14,15). "E que, havendo por ele feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão na terra como as que estão nos céus" (Cl 1.20). Que "coisas que estão nos céus" são essas pelas quais a paz foi feita mediante o sangue da cruz de Cristo, e que por Ele reconciliou a Deus, senão os santos nos céus? Do mesmo modo lemos sobre Deus "tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra" (Ef 1.10). Os "espíritos dos justos aperfeiçoados" estão na mesma "cidade do Deus vivo" com os "muitos milhares de anjos" e "Jesus, o Mediador de uma nova aliança", como é evidente. A Igreja de Deus é chamada na Escritura pelo nome de Jerusalém, e o apóstolo fala da Jerusalém "que é de cima" ou "que está nos céus" como a mãe de todos nós; mas se nenhuma parte da Igreja está no céu, ou ninguém, senão Enoque e Elias, então não é provável que a Igreja fosse chamada a Jerusalém que está no céu.

II. A alma do cristão vai habitar à vista imediata, plena e constante de Cristo.

Quando estamos ausentes de nossos queridos amigos, eles nos estão fora de vista, mas quando estamos com eles, temos a oportunidade e satisfação de vê-los. Enquanto os santos estão no corpo e ausentes do Senhor, sob vários aspectos Ele está fora de nossa vista. "o qual, não o havendo visto, amais; no qual, não o vendo agora, mas crendo, vos alegrais com gozo inefável e glorioso" (1 Pe 1.8). Eles têm neste mundo uma visão espiritual de Cristo, mas vêem "por espelho em enigma"¹ e com grandes interrupções; mas no céu eles o vêem "face a face". São bem-aventurados os puros de coração, porque eles verão a Deus. A visão beatífica que eles têm de Deus está em Cristo, que é o brilho ou fulgência da glória de Deus, pela qual sua glória brilha no céu, à vista dos santos e anjos lá como também aqui na terra. Este é o Sol da Justiça, que não só é a luz deste mundo, mas também o sol que ilumina a Jerusalém celestial, por cujos raios luminosos a glória de Deus brilha, para a iluminação e felicidade de todos os habitantes gloriosos. "A glória de Deus a tem alumado, e o Cordeiro é a sua lâmpada" (Ap 21.23)- Ninguém vê Deus Pai imediatamente. Ele é o Rei eterno, imortal, invisível. Cristo é a imagem desse Deus invisível pela qual Ele é visto por todas as criaturas eleitas. O Filho unigênito que está no seio do Pai, Ele o declarou e o manifestou.

Ninguém jamais viu o Pai, somente o Filho; e ninguém mais vê o Pai de outro modo senão pela revelação que o Filho faz dEle. No céu, os espíritos dos justos tornados perfeitos o vêem como Ele é. Eles vêem a sua glória. Eles vêem a glória de sua natureza divina, que consiste em toda a glória da deidade, a beleza de todas as suas perfeições; sua grande

majestade e poder Todo-poderoso; sua sabedoria, santidade e graça infinitas. Eles vêem a beleza de sua natureza humana glorificada e a glória que o Pai lhe deu, como Deus-Homem e Mediador. Para este fim, Jesus desejou que os santos estivessem com Ele, para que vissem sua glória.

Quando a alma do santo deixa o corpo para ir estar com Cristo, ela vê a glória da obra de Redenção que "os anjos desejam bem atentar". Os santos no céu têm a visão mais clara da profundidade insondável da sabedoria e conhecimento de Deus e das demonstrações mais brilhantes da pureza e santidade de Deus que aparecem nessa obra. Eles vêem de uma maneira muito mais clara que os santos aqui "qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento" (Ef 3-18,19). Assim como eles vêem as riquezas e glória indizíveis da graça de Deus, eles entendem claramente o amor eterno e imensurável de Cristo por eles em particular. Em resumo, eles vêem tudo em Cristo, o que tende a acender e satisfazer o amor da maneira mais clara e gloriosa, sem escuridão ou ilusão, sem impedimento ou interrupção. Agora os santos, enquanto no corpo, vêem um pouco da glória e amor de Cristo; como nós, no alvorecer da manhã, vemos um pouco da luz refletida do sol misturada com a escuridão. Mas quando separados do corpo, eles vêem o Redentor glorioso e amoroso, assim como vemos o sol quando está acima do horizonte, pelos seus raios diretos num hemisfério claro e com dia perfeito.

III. A alma do cristão é levada a uma conformidade perfeita com Cristo e união com Ele.

Sua conformidade espiritual começou enquanto a alma estava no corpo. Aqui. "refletindo, como um espelho, a glória do Senhor, [ela é transformada] de glória em glória, na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor" (2 Co 3-18). Mas quando a alma do cristão vai vê-lo como Ele é no céu, então torna-se como Ele em outro modo. Essa visão perfeita aniquilará todos os restos da deformidade e dessemelhança pecadora, assim como toda a escuridão é aniquilada diante do pleno resplendor da luz meridiana do sol. É impossível que o menor grau de obscuridade permaneça diante de tal luz; assim, é impossível que o menor grau de pecado e deformidade espiritual permaneça diante de tamanha visão da beleza espiritual e glória de Cristo, como a que os santos desfrutam no céu. Quando vêem o Sol da Justiça sem nuvens, eles mesmos brilham como o sol e serão como sóis sem mancha. Então Cristo apresenta os santos para si mesmo em beleza gloriosa, 'sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível' (Ef 5.27), e tendo santidade sem mancha. Então a união deles com Cristo é aperfeiçoada. Esse processo também é iniciado neste mundo. A união relativa é iniciada e aperfeiçoada imediatamente quando a alma aceita Jesus pela fé. A verdadeira união, que consiste na união do coração e do afeto, é iniciada neste mundo e aperfeiçoada no seguinte.

A união do coração do crente com Cristo é iniciada quando o coração é atraído a Cristo pela descoberta primeira de sua excelência divina na

conversão. Conseqüente a isto, é estabelecido uma união vital com Cristo por meio da qual o crente se torna um ramo vivo da videira verdadeira, vivendo pela comunicação da seiva e líquido vital do tronco e da raiz; um membro do Corpo místico de Cristo, que vive pela comunicação das influências vitais e espirituais da cabeça e pela participação da própria vida de Cristo. Mas, enquanto os santos estão no corpo, há grande distância remanescente entre Cristo e eles. A união vital é muito imperfeita e, assim, é a comunicação da vida espiritual e da influência vital. Há muito entre Cristo e os crentes que os mantêm separados, muito pecado residente; muita tentação; um corpo de molde pesado e delicado; e um mundo de objetos carnis para manter afastada a alma de Cristo e dificultar uma coalescência perfeita. Mas quando a alma deixa o corpo, todos estes impedimentos são removidos. Todo muro de separação é derrubado, todo impedimento é retirado do caminho e toda a distância acaba; o coração é completa e perfeitamente atraído e firme e eternamente unido a Cristo mediante uma visão perfeita da sua glória. A união vital é levada à perfeição. A alma vive perfeitamente em Cristo, sendo perfeitamente cheia com o seu Espírito e animada por sua influência vital, vivendo como se fosse somente pela vida de Cristo, sem qualquer lembrança da morte espiritual ou da vida carnal.

IV. A alma do cristão desfruta um intercurso e convivência gloriosas e imediatas com Cristo.

Enquanto estamos presentes com nossos amigos, temos oportunidade de convivência livre e imediata com eles, a qual não temos quando ausentes. Então, por causa do intercurso muito mais livre, perfeito e imediato com Cristo que os santos desfrutam quando ausentes do corpo, eles são representados adequadamente a estar presentes com Ele.

O intercurso mais íntimo torna-se a relação na qual os santos firmam-se em Jesus Cristo, e sobretudo torna-se a reunião perfeita e gloriosa para a qual eles serão levados com Ele no céu. Eles não são meramente seus servos, mas seus amigos, irmãos e companheiros; sim, eles são o Cônjuge de Cristo. Eles são os esposados ou noivos de Cristo enquanto no corpo, mas quando vão para o céu, chega a hora do casamento com Ele, e o Rei os leva a seu palácio. Cristo, quando estava neste mundo, conversou da maneira mais amigável com os discípulos e permitiu que um deles se inclinasse no seu peito, mas eles terão a permissão muito mais completa e livre de conversar com Ele no céu.

Embora Cristo esteja ali num estado de exaltação gloriosa, reinando na majestade e glória do soberano Senhor e Deus do céu e da terra, dos anjos e homens, contudo esta condição não impedirá a intimidade e liberdade do intercurso, mas, antes, a promoverá. Ele foi exaltado, não só para si mesmo, mas para eles. Ele é o Cabeça sobre todas as coisas no interesse deles, para que eles sejam exaltados e glorificados; e, quando eles forem para o céu, onde Ele está, eles serão exaltados e glorificados com Ele e não serão mantidos a maior distância. Eles estarão indizivelmente mais aptos para esta situação, e Cristo estará em circunstâncias mais

adequadas para lhes dar esta bem-aventurança. A visão da grande glória do seu Amigo e Redentor não vai lhes infundir temor respeitoso e mantê-los a certa distância, deixando-os com medo de se aproximarem; mas, pelo contrário, com mais vigor os atrairá, os animará e os enredará à liberdade santa. Eles saberão que Ele é o seu Redentor e Amigo amado, o mesmo que os amou com um amor agonizante e, pelo seu sangue, os remiu para Deus. 'Sou eu; não temais' (Mt 14.27). "Não temas; eu sou [...] o que vive; fui morto, mas eis aqui estou vivo" (Ap 1.17,18). A natureza desta glória de Cristo que eles verão será tamanha que os atrairá e os encorajará, pois eles não só verão a majestade e grandeza infinitas, mas também a graça, condescendência, gentileza e doçura infinitas, iguais à sua majestade. Ele aparece no céu como "o Leão da tribo de Judá" (Ap 5.5), e também como "o Cordeiro que está no meio do trono". Este Cordeiro será o pastor que "os apascentará e lhes servirá de guia para as fontes das águas da vida" (Ap 7.17).

A visão da majestade de Cristo não lhes causará terror, mas só servirá para exaltar o prazer e a surpresa. Quando Maria Madalena estava a ponto de abraçar Jesus, cheia de alegria por vê-lo vivo depois da crucificação, Jesus a proibiu que o fizesse naquele momento, porque Ele ainda não havia ascendido. "Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, voltando-se, disse-lhe: Raboni (que quer dizer Mestre)! Disse-lhe Jesus: Não me detenhas, porque ainda não subi para meu Pai, mas vai para meus irmãos e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus" (Jo 20.16,17). Foi como se Ele tivesse dito: 'Não é este o tempo e o lugar para essa liberdade que o teu amor deseja de mim. Isso está designado para o céu, depois de minha ascensão. Eu vou para lá, e tu que és minha verdadeira discípula deve, assim como meus irmãos e companheiros, logo estar lá comigo na minha glória'. Esse é o lugar designado para as expressões mais perfeitas de complacência e estima. Por conseguinte, os santos no céu encontram Jesus manifestando essas riquezas infinitas de amor para com eles, as quais Ele sentia desde a eternidade; e eles são capazes de expressar o amor que têm por Ele de uma maneira infinitamente melhor do que quando estavam no corpo. Assim, eles serão eternamente envolvidos pelos raios incalculavelmente luminosos, brandos e doces do amor divino, recebendo eternamente a luz e para sempre refletindo-a para a fonte.

V. A alma do cristão é recebida numa comunhão gloriosa com Cristo na sua bem-aventurança.

Os santos no céu têm comunhão com Cristo na sua glória e bem-aventurança no céu nos seguintes aspectos:

1. Os santos no céu participam com Ele das delícias inefáveis que Ele tem no céu no prazer do seu Pai.

Quando Cristo ascendeu ao céu, Ele foi recebido a uma bem-aventurança peculiar no prazer do Pai que, na paixão, escondeu-se da face de Jesus; este prazer tornou-se relação na qual Ele estava com o Pai; e era uma recompensa satisfatória pelo grande e difícil serviço que Ele executara

na terra. Então Deus lhe mostrou o caminho da vida, e o trouxe à sua presença, onde há abundância de alegrias, para se assentar à sua mão direita, onde há prazeres eternamente, como está escrito acerca de Cristo (veja SI 16.11). Então o Pai o fez o mais abençoado para sempre; Ele o fez muitíssimo contente com o seu semblante. Os santos pela união com Cristo participam da relação filial dEle com o Pai e são herdeiros com Ele da felicidade no prazer do Pai, como parece estar insinuado pelo apóstolo e pelo salmista: "Eles se fartarão da gordura da tua casa, e os farás beber da corrente das tuas delícias; porque em ti está o manancial da vida; na tua luz veremos a luz" (SI 36.8,9). Os santos terão prazer participando com Cristo em seu prazer e verão luz na sua luz. Eles participarão com Cristo do mesmo rio de prazer, beberão da água da vida e do mesmo vinho novo no Reino do Pai. Esse vinho novo é especialmente aquela alegria e felicidade que Cristo e os verdadeiros discípulos participarão juntos na glória; que é a compra do sangue de Cristo ou a recompensa da sua obediência até a morte. Cristo, em sua ascensão ao céu, recebeu prazeres perpétuos à mão direita do Pai no prazer do amor do Pai como recompensa da sua obediência até a morte. Mas a mesma retidão é considerada tanto para a Cabeça quanto para os membros: e ambos terão comunhão na mesma recompensa, cada um de acordo com sua capacidade distinta.

Os santos, no céu, participaram com Cristo do seu prazer com o Pai. Este fato manifesta a excelência transcendente da felicidade deles e a realidade de eles serem admitidos a um privilégio imensamente mais elevado em glória do que os anjos.

2. Os santos no céu participam com Cristo da glória daquele domínio ao qual o Pai o exaltou.

Os santos, quando ascendem ao céu e são levados a se sentarem junto com Cristo nas regiões celestiais, são exaltados para reinar com Ele. Por meio dEle são feitos reis e sacerdotes, e reinam com Ele e nEle sobre o mesmo Reino. Como o Pai lhe designou um Reino. assim Ele o designou para eles. O Pai designou o Filho para reinar sobre seu próprio Reino, e o Filho designa seus santos para reinar no seu. Os santos no céu estão com os anjos, os ministros do Rei, por quem Ele administra os assuntos do Reino e que estão subindo e descendo continuamente do céu à terra e são empregados dia-a-dia como espíritos ministradores a cada membro individual da Igreja; ao lado da ininterrupta subida de almas dos santos que morrem de todas as partes da Igreja militante. Então os santos têm vantagem muito maior de verem o estado do Reino de Cristo e as obras da nova criação, do que tinham quando estavam neste mundo, como alguém que sobe ao topo de uma alta montanha tem maior vantagem de ver a face da terra neste mundo, do que tinha quando estava num vale profundo ou numa floresta espessa, cercado por todos os lados com as coisas que impedem e limitam a visão.

Outrossim os santos não vêm tudo como espectadores indiferentes ou desinteressados mais que o próprio Cristo é um espectador desinteressado. A felicidade dos santos no céu consiste, em grande parte, em ver a glória de Deus que aparece na obra da Redenção, pois é

principalmente por isso que Deus manifesta sua glória, a glória da sua sabedoria, santidade, graça e outras perfeições, aos santos e anjos, conforme é evidente por muitas escrituras. Por conseguinte, não há que duvidar que muito da felicidade deles consiste em ver o progresso desta obra em sua aplicação, sucesso e os passos pelos quais o poder e sabedoria infinitos os levam à sua meta. Eles estão com vantagens indescritivelmente maiores de desfrutarem o progresso desta obra do que nós, visto que eles estão em maiores vantagens de ver e entender os passos maravilhosos que a sabedoria divina dá em tudo o que é feito e o fim glorioso que Ele obtém; bem como a oposição que Satanás faz e como ele é confundido e vencido. Eles vêem melhor a conexão de um evento com outro e a ordem de todas as coisas que sucedem na Igreja, em épocas diferentes, que nos parecem confusas. Não apenas vêem estas coisas e regozijam-se nelas como visão gloriosa e bela, mas o fazem como pessoas interessadas, assim como Cristo está interessado, possuindo estas coisas em Cristo e reinando com Ele no seu Reino. O sucesso de Cristo na sua obra de redenção, em trazer as almas para si mesmo, aplicando os benefícios salvadores pelo seu Espírito e o avanço do Reino de graça no mundo, é a recompensa prometida a Ele pelo Pai no concerto de redenção, pelo serviço duro e difícil que Ele executou quando na forma de servo. Mas os santos participarão com Ele da alegria desta recompensa, pois esta obediência, que é recompensada dessa forma, lhes é computada, visto que são seus membros.

Assim Abraão desfruta estas coisas quando acontecem, as quais lhe foram há muito prometidas, vistas por ele de antemão e nas quais se regozijou. Ele desfrutará o cumprimento da promessa de que todas as famílias da terra serão abençoadas na sua semente, quando esta for completa. Todos os antigos patriarcas que morreram crendo nas promessas das coisas gloriosas a serem cumpridas neste mundo, que não tinham recebido as promessas, mas as vislumbravam, foram persuadidos por elas e as abraçaram, desfrutaram-nas de fato quando são cumpridas. Davi contemplou e desfrutou o cumprimento dessa promessa em seu devido tempo, que lhe fora feita muitas centenas de anos antes e era toda a sua salvação e todo o seu desejo. Assim Daniel se levantará em sua sorte no fim dos dias apontados por sua própria profecia. Assim os santos de outrora que morreram na fé, sem terem recebido a promessa, são aperfeiçoados e têm a fé coroada pelas coisas melhores realizadas nestes últimos dias do Evangelho, que eles vêem e desfrutam em seus dias.

3. Os santos no céu têm comunhão com Cristo no serviço bem-aventurado e eterno de glorificar o Pai.

Quando Cristo instituiu a Ceia do Senhor e comeu e bebeu com os discípulos à mesa, dando-lhes nesse particular uma representação e penhor do futuro banquete com Ele e da bebida do novo vinho no Reino do Pai celeste, nesse momento Ele os conduziu em seus louvores a Deus no hino que cantaram. Não há que duvidar que da mesma forma Ele conduz os discípulos glorificados ao céu. Davi, como o amado salmista de Israel, conduziu a grande congregação do povo de Deus nos cânticos de louvor. Nisto, como em outras coisas inumeráveis, ele tipifica a Cristo,

frequentemente mencionado na Escritura pelo nome de Davi. Muitos dos salmos que Davi escreveu eram cânticos de louvor que ele, pelo espírito de profecia, proferiu em nome de Cristo, como Cabeça da Igreja e conduzindo os santos nos louvores. Cristo no céu conduz a assembléia gloriosa nos louvores a Deus como Moisés conduziu a congregação de Israel pelo mar Vermelho, o que está implícito nas palavras: "Eles cantam o cântico de Moisés e o cântico do Cordeiro". João nos fala que ouviu uma voz sair do trono dizendo: "Louvai o nosso Deus, vós, todos os seus servos, e vós que o temeis, tanto pequenos como grandes" (Ap 19.5). Quem proferiu esta voz que saiu do trono, senão "o Cordeiro que está no meio do trono" conclamando a assembléia gloriosa dos santos a louvar o seu Pai e Pai deles, o seu Deus e Deus deles? Qual seja a consequência desta voz, ficamos sabendo nas seguintes palavras: "E ouvi como que a voz de uma grande multidão, e como que a voz de muitas águas, e como que a voz de grandes trovões, que dizia: Aleluia! Pois já o Senhor, Deus Todo-poderoso, reina" (Ap 19.6).

O assunto que estamos considerando pode ser utilmente aplicado a modo de exortação. Que sejamos todos exortados seriamente a buscar esse grande privilégio do qual falamos, que quando "[deixamos] este corpo, [vamos] habitar com o Senhor" (2 Co 5.8). Não podemos permanecer para sempre neste tabernáculo terrestre. Ele é muito frágil e logo se deteriorará e cairá, e está continuamente sujeito a ser vencido por inumeráveis meios. Nossa alma em breve tem de deixar o corpo e entrar no mundo eterno. Quão infinitamente grande será o privilégio e felicidade dos que, naquele momento, irão estar com Cristo na sua glória, da maneira como foi representada! O privilégio dos doze discípulos era grande por estarem constantemente com Cristo como sua família no estado de sua humilhação. O privilégio dos três discípulos era grande por estarem com Ele no monte da Transfiguração, onde lhes foi mostrado uma toénue semelhança da futura glória dEle no céu, como eles viram seguramente no atual estado fraco, frágil e pecador. Eles ficaram grandemente encantados com o que viram e desejosos de fazer tabernáculos para morar neles e não descer mais do monte. Também foi grande o privilégio de Moisés quando esteve com Cristo no monte Sinai e lhe pediu que mostrasse a sua glória, e ele o viu pelas costas quando Ele passou e o ouviu proclamar seu nome. Mas o privilégio de que falamos não é infinitamente maior? O privilégio de estarmos com Cristo no céu onde Ele se assenta no trono, como o Rei dos anjos e o Deus do universo, brilhando como o Sol daquele mundo de glória — para habitar-mos na visão plena, constante e perpétua da sua beleza e brilho, conversarmos com Ele livre e intimamente e desfrutarmos seu amor inteiramente, como amigos e irmãos, compartilharmos com Ele no prazer e gozo infinitos que Ele tem no prazer do Pai, assentarmos com Ele no trono, reinarmos com Ele na posse de todas as coisas, participarmos com Ele da glória da sua vitória sobre os inimigos e o progresso do seu Reino no mundo e unirmos-nos com Ele nos alegres cânticos de louvor ao seu Pai e nosso Pai, ao seu Deus e nosso Deus, para sempre e sempre. Não é este um privilégio digno de ser buscado?

Agora, como execução veemente desta exortação, eu tiraria lições proveitosas dessa dispensação aflitiva da providência santa de Deus, que é a ocasião de nossa reunião neste momento — a morte do eminente servo de Jesus Cristo, cujo enterro deve ser cuidado neste dia. juntamente com o que era observável nele, na vida e na morte.

Nesta dispensação da providência, Deus nos faz lembrar da nossa mortalidade e nos avisa que o tempo está próximo, quando então estaremos "ausentes do corpo" e "devemos comparecer", como o apóstolo observa dois versículos mais à frente no texto: "Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem ou mal" (2 Co 5.10).

Nele, cuja morte somos chamados a considerar e tirar lições proveitosas, temos não só uma instância de mortalidade, mas também, como possuímos toda razão imaginável para concluir, uma instância de alguém que, estando ausente do corpo, está presente com o Senhor. Disto ficaremos convencidos se considerarmos a natureza da experiência na ocasião de sua conversão, a natureza e curso dos exercícios interiores a partir daquela data, sua conversação exterior e prática de vida, ou a estrutura e comportamento durante todo o longo tempo em que ele encarou a morte frente a frente.

Suas convicções de pecado que precedem suas primeiras consolações em Cristo, como consta num relato escrito que ele deixou dos exercícios e experiências interiores, eram sumamente profundas e completas. Suas dificuldades e tristezas que surgem de um senso de culpa e miséria eram muito grandes e continuamente longas, mas, não obstante, sãs e racionais, não consistindo em pavores instáveis, violentos e irresponsáveis e perturbações da mente; mas surgindo das mais sérias considerações e de uma iluminação clara da consciência para discernir e considerar o verdadeiro estado das coisas. A luz entrou em sua mente na conversão, e as influências e exercícios para os quais sua mente foi sujeita naquele momento mostram-se muito agradáveis à razão e ao Evangelho de Jesus Cristo. A mudança foi muito grande e notável, contudo sem a aparência de impressões fortes na imaginação, de vôos súbitos de afetos ou de emoções veementes da natureza animal. Isso foi assistido com visões justas da suprema glória do Ser divino, consistindo na dignidade e beleza infinitas das perfeições da sua natureza e da excelência transcendente do caminho de salvação por Cristo Jesus. Isto sucedeu cerca de oito anos atrás, quando ele tinha vinte e um anos de idade.

Deus santificou e formou para seu uso este vaso, que Ele designou fazer eminentemente um vaso de honra na sua casa e o qual fizera de grande capacidade, dotando-o de habilidades e dons naturais muito incomuns. Ele era instância singular de uma invenção pronta, eloquência natural, expressão fluente, apreensão vivaz, discernimento rápido, memória forte, gênio penetrante, pensamento profundo e claro e julgamento perspicaz. Ele tinha um discernimento exato; sua compreensão era, se posso expressá-la, de um faro rápido, forte e distintivo; sua aprendizagem era muito considerável. Ele tinha grande gosto em aprender

e se aplicava aos estudos de maneira tão íntima quando estava na faculdade, que muito lhe prejudicou a saúde e foi obrigado, por conta disso, durante algum tempo, a deixar a faculdade, desistir de seus estudos e voltar para casa. Ele era reputado alguém que excedia em aprendizagem naquela sociedade.

Ele tinha conhecimento extraordinário das pessoas, como também das coisas, e perspicácia incomum da natureza humana. Excedia muitos que já conheci no poder de comunicar os pensamentos e tinha talento peculiar de acomodar-se às capacidades, temperamentos e circunstâncias daqueles a quem instruía ou aconselhava.

Ele tinha dons extraordinários para o púlpito. Nunca tive oportunidade de ouvi-lo pregar, mas muitas vezes o ouvi orar. Acho que sua maneira de se dirigir a Deus e de se expressar diante dEle era quase inimitável, fato que raramente vi igual. Ele se exprimia com propriedade e pertinência exatas em expressões significantes, fluentes e pungentes, com tamanha demonstração de sinceridade, reverência e solenidade, e tão grande distância de toda afetação, quanto a esquecer a presença da audiência e estar na presença imediata de um grande e santo Deus, que poucas vezes vi paralelo. Seu modo de pregar, sobre o qual muitas vezes ouvi bons juizes referirem-se, era não menos excelente, sendo claro, instrutivo, natural, vigoroso, comovente, penetrante e convincente. Ele repugnava o ruído afetado e a impetuosidade violenta no púlpito, e contudo tinha grande aversão de uma entrega tediosa e fria, quando o assunto requeria afeição e avidez. Suas experiências das influências santas do Espírito de Deus foram grandes não só primeiramente na conversão, mas também continuaram assim num curso permanente. Este fato evidencia-se num diário que ele mantinha de seus exercícios interiores desde o tempo em que se converteu até o momento em que ficou incapacitado pela queda de forças poucos dias antes de morrer. A mudança que ele estimava como sua conversão foi não só uma grande mudança de suas visões, afetos e estrutura de pensamento, mas, evidentemente, o começo dessa obra de Deus no seu coração, que Deus continuou fazendo de maneira muito maravilhosa desde aquele tempo até o dia em que morreu.

Assim como seu aspecto interior mostrou-se ser do tipo certo e era muito notável quanto ao grau, seu comportamento e prática externas eram igualmente agradáveis. Em toda a sua trajetória, ele agiu como alguém que tinha vendido tudo por Cristo, dedicado-se completamente a Deus, feito a glória dEle o seu mais alto fim e estava determinado a gastar todo o tempo e força neste propósito. Ele era ativo na religião da maneira certa, não meramente ou principalmente em sua língua, para professá-la e falar dela, mas ativo na obra e matéria da religião. Ele não era um daqueles que procuram esquivar-se da cruz para alcançar o céu na indulgência da facilidade e indolência. São provavelmente sem paralelo hoje em dia nesta parte do mundo sua vida de labor e abnegação, os sacrifícios que fez e a prontidão e constância com que despendeu suas forças e todo o seu ser para promover a glória do Redentor. Muito disso pode ser percebido por aquele que lê seu jornal impresso, porem muito mais se aprendeu através

de longas e estreitas relações com ele e examinando o diário desde sua morte, o qual ele de propósito escondeu no que publicou.

Não menos extraordinário era sua constante tranqüilidade, paz, certeza e alegria em Deus, durante o longo tempo em que olhava a morte face a face sem a menor esperança de recuperação, continuando sem interrupção até os últimos momentos em que a enfermidade muito sensivelmente atacava dia a dia seus órgãos vitais e muitas vezes o levava ao estado no qual ele se considerava — e outros também — estar morrendo. Os pensamentos da aproximação da morte nunca pareciam ao menos desalentá-lo, mas antes o encorajavam e divertiam-lhe o humor. Quanto mais perto a morte chegava, mais desejoso ele parecia de morrer. Pouco tempo antes de morrer, ele disse que "a consideração do dia da morte e o Dia do Julgamento há muito tinha[lhe] sido peculiarmente doce".

Ele parecia ter extraordinários exercícios de resignação à vontade de Deus. Certa vez, ele me contou que "tinha ansiado pelo derramamento do Espírito Santo de Deus e pelos tempos gloriosos da Igreja e esperado a sua proximidade; e desejaria viver para promover a religião nesta época, se essa tivesse sido a vontade de Deus". "Mas", disse ele, "estou propenso que as coisas sejam como são; nem por dez mil mundos eu não teria a escolha de fazer sozinho".

Com freqüência ele falava dos diferentes tipos de vontade de morrer, e mencionava como algo ignóbil e vil a vontade de morrer, por estar propenso a morrer só para se livrar da dor, ou ir para o céu a fim de receber honra e promoção. Seu desejo da morte parecia ser de um tipo totalmente diferente e para fins mais nobres. Quando foi tomado pela primeira vez com um dos últimos e mais fatais sintomas da doença, ele disse: "Agora o tempo glorioso está chegando! Almejei servir a Deus perfeitamente e Deus satisfará esse desejo". Uma vez ou outra na fase final de sua enfermidade, ele articulou estas expressões: "Meu céu é agradar a Deus, glorificá-lo, dar tudo a Ele e ser dedicado completamente à sua glória. Este é o céu que desejo, esta é a minha religião, esta é a minha felicidade e sempre foi, desde que supus ter a verdadeira religião. Todos os que são dessa religião me encontrarão no céu". "Eu não vou para o céu para ser promovido, mas para dar honra a Deus. É de pouca importância onde serei posicionado no céu, se tenho um assento alto ou baixo, mas vou amar, agradar e glorificar a Deus. Se eu tivesse mil almas, se elas valessem algo, eu as daria todas a Deus. Mas não tenho nada a oferecer quando tudo terminar".

Depois que seu estado o deixou tão prostrado que já não tinha a menor esperança de recuperação, sua mente vislumbrou o futuro com zelosa preocupação pela prosperidade da Igreja de Deus na terra. É mais do que evidente que isto é proveniente de um amor puro e desinteressado de Cristo e um desejo de sua glória. A prosperidade de Sião era um tema no qual ele se demorava muito e do qual muito falava, e cada vez mais assim que a morte se aproximava dele. Quando estava perto do fim, ele me contou que nunca, em toda a vida, teve a mente induzida a desejos e orações sérias pelo florescimento do Reino de Cristo na terra, quanto desde que ficou extremamente prostrado em Boston. Ele parecia se perguntar por

que os ministros e as pessoas não manifestavam mais a disposição de orar pelo desenvolvimento da religião por todo o mundo.

Mas pouco antes de morrer, ele me contou quando entrei no quarto: "Meus pensamentos estavam no querido velho tema: a prosperidade da Igreja de Deus na terra. Enquanto eu acordava, fui levado a chorar pelo derramamento do Espírito de Deus e o progresso do Reino de Cristo, pelo qual o querido Redentor morreu e tanto sofreu. É sobretudo isso que me faz desejar muito a prosperidade da Igreja de Deus na terra".

Alguns dias antes de morrer, ele quis que cantássemos um salmo relacionado à prosperidade de Sião, que ele denotou ter engajado seus pensamentos e desejos acima de todas as coisas. A seu pedido, cantamos parte do Salmo 102. Quando terminamos, embora estivesse tão prostrado que mal podia falar, ele se esforçou e fez uma oração, muito audivelmente, na qual, além de pedir pelos presentes e pela própria congregação, orou solícitamente pelo avivamento e florescimento da religião no mundo. Sua congregação tem lugar especial em seu coração. Era freqüente ele falar dela e, quando o fazia, era com ternura peculiar, de forma que sua fala era interrompida e afogada em lágrimas.

Assim, propus-me a representar algo do caráter e comportamento deste excelente servo de Cristo, cujo sepultamento deve ser cuidado agora. Embora o tenha feito muito imperfeitamente, contudo empreendi fazê-lo com fidelidade e como na presença e temor de Deus, sem lisonja, o que seguramente deve ser de nenhum valor aos ministros do Evangelho, quando falam "como mensageiros do Senhor dos Exércitos". Tal razão temos de satisfazer para que a pessoa de quem tenho falado, agora "ausente do corpo", está "presente com o Senhor", não apenas isso, mas também com ele está uma coroa de glória de brilho distinto.

Quanto há na consideração de tal exemplo e de tão abençoado fim para encorajar os que ainda estamos vivos com a maior diligência e seriedade, a fim de que tiremos lições proveitosas do tempo de vida e também possamos ir estar com Cristo quando deixarmos este corpo! O tempo está chegando e logo virá, não sabemos quão próximo está, quando teremos de nos despedir eternamente de todas as coisas deste mundo para entrarmos num estado permanente e inalterável no mundo eterno. Quanto vale a pena laborarmos, sofrermos e negarmos a nós mesmos para guardarmos um bom fundamento de sustentação e provisão contra esse tempo! Quão preciosa é essa paz, quando ouvimos falar que vale a pena tais momentos! Quão escuro seria estarmos em tais circunstâncias, sob as aflições externas de uma estrutura consumada e dissolvente, e encarando a morte a cada dia, com corações imundos e pecados não perdoados, sob uma carga terrível de culpa e ira divina, tendo muita tristeza e raiva em nossa enfermidade, e nada para consolar e apoiar nossa mente, nada diante de nós senão um iminente comparecimento perante o tribunal de um Deus Todo-poderoso e infinitamente santo e irado, e uma eternidade para sofrermos sua ira sem piedade ou misericórdia! A pessoa de quem estamos falando tinha um grande senso desta realidade. Ele afirmou, não muito tempo antes de morrer: "Me é doce pensar na eternidade. Sua

infinidade a torna doce. Mas, o que direi quanto à eternidade dos ímpios? Não posso mencionar, nem pensar! O pensamento é muito terrível!" Em outro momento, falando de um coração dedicado a Deus e sua glória, ele disse: "Quanto é importante ter tal estrutura de mente, tal coração como esse, quando vamos morrer! É isso que me dá paz agora".

Quanto há, em particular, nas coisas que foram observadas deste eminente ministro de Cristo para nos impelir — os que somos chamados para a mesma e grande obra do ministério do Evangelho — ao cuidado e esforços diligentes, a fim de que da mesma maneira sejamos fiéis em nosso trabalho, como também cheios do mesmo espírito, animados com a mesma chama pura e ardente do amor a Deus e tenhamos o mesmo interesse sério pela promoção do Reino e glória de nosso Senhor e Mestre e da prosperidade de Sião! Estes princípios o tornaram muitíssimo amado na vida e muito bem-aventurado no seu fim!

Que as coisas que foram vistas e ouvidas sobre esta pessoa extraordinária — a santidade, consagração, trabalho duro e abnegação de vida; sua tão excepcional devoção de si e do seu tudo, no coração e na prática, para a glória de Deus; e a maravilhosa estrutura de pensamento manifestada de maneira tão firme sob a expectativa da morte e com dores e agonias que a acompanharam. Que isso nos encoraje a todos nós, ministros e povo, a um senso adequado da grandeza da obra que temos de fazer no mundo, da excelência e afabilidade da religião total na experiência e na prática, da bem-aventurança do fim daqueles cuja morte encerra tal vida e do valor infinito da recompensa eterna, quando "ausente do corpo e presente com o Senhor"; e efetivamente nos leve a empenhos constantes e eficazes que, à semelhança de tal vida santa, entremos afinal para tão bem-aventurado fim! Amém.

John Wesley: O Grande Julgamento

JOÃO WESLEY, O FUNDADOR DO METODISMO, nasceu em Epworth, Inglaterra, em 28 de junho de 1703, e morreu em Londres, em 2 de março de 1791. Em Oxford, ele fazia parte de um grupo de jovens conspícuos pela vida religiosa, a quem os estudantes zombeteiramente chamavam de "metodistas". John Wesley foi introduzido na pregação de campo por seu grande contemporâneo, George Whitefield. Os sermões de Wesley, mais do que os de qualquer pregador célebre, levantam a questão sobre o quanto lhes era possível manter a atenção das multidões ao ar livre aos quais Wesley estava acostumado a pregar. Quanto à maneira. Wesley era tão calmo quanto era no assunto. Contudo sua pregação foi muito usada por Deus para o reavivamento do Cristianismo na Grã-Bretanha. A maioria dos seus sermões eram como discursos silenciosos, paternais e de reuniões de oração comunitária. Esta simplicidade singela era natural e refinada, pois ele nos dá o plano na preparação dos sermões: "Meu desígnio é, em certo sentido, esquecer tudo o que já li até hoje. Pretendo falar no geral, como se nunca tivesse lido um livro de autor antigo ou moderno (sempre esperando a inspiração). Estou persuadido de que, por um lado, este pode ser um meio de me capacitar mais claramente para expressar os sentimentos do meu coração, enquanto sigo a cadeia dos meus pensamentos, sem emaranhar-me com os de outras pessoas; e que, por outro lado, fico com menos peso em minha mente, com menos preconceito e idéias preconcebidas, quer para investigar por mim mesmo ou entregar aos outros as verdades novas do Evangelho".

O sermão a seguir, "O Grande Julgamento", mostra Wesley numa disposição de espírito muito mais animada do que na maioria dos seus sermões pregados. A conclusão do sermão é bom exemplo da perdida arte de fazer apelos ao pecador.

O Grande Julgamento

"Todos havemos de comparecer ante o tribunal de Cristo." (Rm 14.10)

QUANTAS circunstâncias concorrem para levantar a terribilidade da presente solenidade! A multidão geral de pessoas de todas as idades, sexo, classe social e condição de vida, reunidas de boa ou má vontade, não só das vizinhanças, mas também de regiões distantes. Criminosos, para prontamente serem levados à frente e sem meio de fuga; oficiais, esperando em seus vários postos para executar as ordens que lhes serão dadas; e o representante de nosso Soberano gracioso, a quem tão altamente honramos e reverenciamos. Outrossim, a ocasião desta assembléia muito acrescenta à solenidade: ouvir e determinar as causas de todo tipo, algumas das quais são da mais importante natureza, cuja causa depende não menos que a vida ou a morte — morte que revela a face da eternidade! Sem dúvida que foi para aumentar o sentimento sério destas coisas, e não apenas na mente do povo. que a sabedoria de nossos antepassados não desdenhou designar até as diminutas circunstâncias desta solenidade. Para esses também, pelos olhos ou pelos ouvidos, pode afetar o coração mais profundamente; e quando visto sob esta luz, trombetas, estrofes, vestuário já não são mais fúteis ou significantes, mas servis, em tipo e grau, para os mais valiosos fins da sociedade.

Mas, tão terrível quanto é esta solenidade, outra mais terrível esta à mão. Pois ainda por um pouco de tempo e todos havemos de comparecer ante o tribunal de Cristo. Porque está escrito: Pela minha vida, diz o Senhor, todo joelho se dobrará diante de mim, e toda língua confessará a Deus. De maneira que cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus" (Rm 14.10-12).

Tivessem todos os homens um profundo senso dessa realidade, quanto efetivamente garantiria os interesses da sociedade! Pois que motivo mais convincente haveria para a prática da moralidade genuína, para uma busca firme da virtude sólida e um andar uniforme na justiça, misericórdia e verdade? O que fortaleceria nossas mãos em tudo o que é bom e nos dissuadiria de tudo o que é mau, senão uma convicção forte disto: "Eis que o juiz está à porta" (Tg 5-9), e que breve estaremos diante dEle?

Pode não ser impróprio ou inadequado ao desígnio da presente assembléia considerarmos:

- I. As principais circunstâncias que precederão nossa posição perante o Tribunal de Cristo.
- II. O próprio julgamento; e
- III. Algumas circunstâncias que o seguirão.

I. Consideremos, primeiramente, as principais circunstâncias que precederão nossa posição perante o Tribunal de Cristo.

1. "Deus mostrará sinais na terra", particularmente Ele se levantará "para assombrar a terra" (Is 2.19). "De todo vacilará a terra como o ébrio e será movida e removida como a choça de noite" (Is 24.20). "Haverá terremotos" (não somente em diversos, mas) "em todos os lugares"; não apenas em uma, nem em algumas, mas em todas as partes do mundo habitável, "como nunca tinha havido desde que há homens sobre a terra; tal foi este tão grande terremoto". Em um deles, "toda ilha fugiu, e os montes não se acharam" (Ap 16.18,20).

Entrementes, todas as águas do globo sentirão a violência desses choques; "o mar e as ondas rugindo" com tal agitação como nunca se soubera antes desde o momento em que "as fontes do grande abismo se romperam" para destruir a terra, que então "subsistia na água e pela água". O ar será todo tempestade e tormenta, cheio de vapores escuros e colunas de fumaça, ressoando com trovões de pólo a pólo e rasgado com dez mil raios. Mas a comoção não parará na região do ar; "as potências dos céus serão abaladas" (Mt 24.29). "E haverá sinais no sol, e na lua, e nas estrelas" (Lc 21.25), as coisas fixas como também as que se movem ao redor delas. "O sol se converterá em trevas, e a lua, em sangue, antes de chegar o grande e glorioso Dia do Senhor" (At 2.20). "As estrelas retirarão seu brilho" e "cairão do céu", sendo lançadas de suas órbitas. E então será ouvido o clamor universal de todas as companhias celestiais, seguido pela "voz do arcanjo", proclamando a vinda do Filho de Deus e do Homem, "e a trombeta de Deus" soando um alarme a todos os que dormem no pó da terra. Por esta causa, todos os sepulcros se abrirão e os corpos das pessoas ressuscitarão. O mar também entregará os mortos que nele houver e todos ressuscitarão com "o seu próprio corpo", o seu próprio em substância, embora tão mudados em suas propriedades que não podemos conceber agora. "Porque convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade e que isto que é mortal se revista da imortalidade" (1 Co 15.53). "A morte e o Hades", o mundo invisível, "entregarão os mortos que neles houver", de forma que todos os que já viveram e morreram desde que Deus criou o homem serão ressuscitados incorruptíveis e imortais.

2. Ao mesmo tempo, o Filho do Homem "enviará os seus anjos" sobre toda a terra, "os quais ajuntarão os seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus" (Mt 24.31). E o próprio Senhor virá com nuvens na sua glória e na glória de seu Pai, com dez mil dos seus santos, miríades de anjos, e se assentará no trono da sua glória. "E todas as nações serão reunidas diante dele, e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas. E porá as ovelhas [os bons] à sua direita, mas os bodes [os maus] à esquerda" (Mt 25.32.33). Concernente a esta assembléia geral, o discípulo amado fala: "E vi os mortos [todos os que morreram], grandes e pequenos, que estavam diante do trono, e abriram-se os livros [expressão figurativa, referindo-se ao modo de proceder entre os homens]. E abriu-se outro livro, que é o da vida. E os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros,

segundo as suas obras" (Ap 20.12).

II. Estas são as principais circunstâncias que estão registradas nos oráculos de Deus, que precederão o julgamento geral. Em segundo lugar, consideraremos o próprio julgamento, tanto quanto agradou a Deus revelá-lo.

1. A pessoa por quem Deus julgará o mundo é o seu Filho unigênito, cujas "saídas são desde a eternidade"; "que é Deus sobre todos, bendito para sempre". A Ele, sendo o brilho resplandecente da glória do Pai, "a imagem expressa da sua pessoa", o Pai "entregou todo o julgamento, porque ele é o Filho do Homem"; porque, embora sendo Ele "em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus. Mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens"; porque, "achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou soberanamente" (Fp 2.6-9), até em sua natureza humana, e "ordenou-o", como homem, a levar em juízo os filhos dos homens, a ser o Juiz dos vivos e dos mortos, tanto os que forem achados vivos na sua vinda, quanto os que já terão sido reunidos a seus pais.

2. O tempo, denominado pelo profeta como "o grande e terrível Dia", é intitulado nas Escrituras como "o Dia do Senhor". O espaço desde a criação do homem na terra até o fim de todas as coisas é "o Dia dos filhos dos homens"; o tempo que agora está passando é apropriadamente "os nossos dias". Quando este terminar virá o Dia do Senhor. Mas quem pode dizer por quanto tempo continuará? "Mas, amados, não ignoreis uma coisa: que um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos, como um dia" (2 Pe 3-8). E desta mesma expressão alguns pais da antigüidade chegaram à conclusão de que o que é chamado o Dia do Julgamento seria mil anos; e parece que eles não foram além da verdade; muito provavelmente não atingiram o ponto. Pois, se considerarmos o número de pessoas que deverão ser julgadas, e as ações que deverão ser investigadas, não parece que mil anos bastarão para tudo o que está reservado àquele dia; portanto, não é improvável que inclua vários milhares de anos. Mas Deus também revelará isto a seu tempo.

3. Com respeito ao lugar onde o gênero humano será julgado, não temos relato explícito na Escritura. O eminente escritor (que não está só; muitos são da mesma opinião) supõe que será na terra onde as obras foram feitas, de acordo com as quais as pessoas serão julgadas; e que Deus empregará, para essa ordem, os anjos do seu exército:

*Para alisar e alongar o espaço ilimitado,
E espriaiar uma área para o gênero humano.*

Mas talvez esteja mais de acordo à contagem de nosso Senhor, quanto à sua vinda nas nuvens, supor que será na terra, se não "duas vezes a altura planetária". E esta suposição não é pouco favorecida pelo que o apóstolo Paulo escreve aos tessalonicenses: "Porque o mesmo Senhor

descerá do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus, e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor" (1 Ts 4.16,17).

Assim parece muito provável que o grande trono branco será exaltado sobre a terra.

4. Quem pode contar as pessoas a serem julgadas, mais do que se pode contar as gotas da chuva ou a areia do mar? "Olhei", disse o apóstolo João, "e eis aqui uma multidão, a qual ninguém podia contar, [...] trajando vestes brancas e com palmas nas suas mãos" (Ap 7.9). Quão imensa deve ser a multidão total de todas as nações, famílias, povos e línguas; todos que saíram dos lombos de Adão desde que o mundo começou até o tempo que não será mais! Se admitirmos a suposição comum, que não parece de modo algum absurda, de que a terra suportaria ao mesmo tempo não menos que quatrocentas milhões de almas viventes — homens, mulheres e crianças —, que congregação todas estas gerações farão, pois que se sucederam umas às outras durante sete mil anos!

*O mundo em exércitos do grande Xerxes,
o orgulhoso exército de Canas,
Todos eles estão aqui; e aqui estão todos os perdidos,
Seu número se avulta para ser discernido em vão,
Perdido como uma gota no alto-mar desmedido.*

Todo homem, toda mulher, toda criança de dias que já respiraram o ar vital ouvirão a voz do Filho de Deus, sairão à vida e aparecerão diante dEle. E este é o significado natural desta expressão: "os mortos, pequenos e grandes". Todos universalmente, todos sem exceção, todos de toda idade, sexo ou posição social, todos que já viveram e morreram ou sofreram a mudança que será o equivalente da morte. Por muito tempo antes daquele dia, o fantasma da grandeza some e reduz-se a nada, mesmo no momento da morte que desaparece. Quem é rico ou grande no sepulcro?

5. E todo homem ali 'dará conta de si mesmo a Deus' (Rm 14.12). Sim, uma total e verdadeira conta de tudo o que fez quando estava no corpo, quer bem quer mal.

Nem só todas as ações de todos os filhos dos homens serão levadas à contemplação pública, mas todas as palavras; "toda palavra ociosa que os homens disserem hão de dar conta no Dia do Juízo", de modo que "por tuas palavras", como também por tuas obras, "serás justificado e por tuas palavras serás condenado" (Mt 12.36,37). Então

Deus não trará à luz cada circunstância que acompanhou cada palavra ou ação, e se não alterou a natureza, pelo menos diminuiu ou aumentou a bondade ou maldade delas? E o quanto isto lhe é fácil, pois está perto de nossa cama e em volta de nosso caminho, e espia tudo o que fazemos! Sabemos que a escuridão não é escura para Ele, "mas a noite resplandece como o dia" (Si 139.12).

6. Ele trará à luz as obras ocultas das trevas e até os pensamentos e intentos do coração. E não é de admirar, pois Ele "esquadrinha todos os corações e entende todas as imaginações dos pensamentos"¹. Todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele com quem temos de tratar" (Hb 4.13). "O inferno e a perdição estão perante o Senhor; quanto mais o coração dos filhos dos homens!" (Pv 15.11).

7. Naquele dia será revelada cada obra interior de toda alma humana; cada apetite, paixão, inclinação, afeto, com suas várias combinações, com cada temperamento e disposição que constituem o caráter complexo de cada indivíduo. Assim estará claro e infalivelmente visto quem era justo e quem era injusto, e em que grau cada ação, pessoa ou caráter era ou boa ou má.

8. "Então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, [...] porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me-, estava nu, e vestistes-me" (Mt 25.34-36). Da mesma forma, todo o bem que eles fizeram na terra será recitado diante dos homens e dos anjos; tudo o que eles tinham feito em palavra ou ação, no nome ou no interesse do Senhor Jesus. Todos os desejos, intenções e pensamentos bons e todas as disposições santas também serão lembrados. Parecerá que embora fossem desconhecidos ou estivessem esquecidos entre os homens, Deus os anotou em seu livro. Outrossim, todos os sofrimentos pelo nome de Jesus e pelo testemunho de uma boa consciência serão mostrados para louvor do Juiz justo, honra diante dos santos e anjos, e aumento do "peso eterno de glória mui excelente" (2 Co 4.17).

9. Porém, as más ações (considerando que, se tomarmos a vida inteira, não há homem na terra que viva e não peque) também serão lembradas naquele dia e mencionadas na grande congregação? Muitos acreditam que sim e perguntam: "Isto não implicaria que os sofrimentos não estavam completos, mesmo quando a vida terminou, visto que eles ainda teriam tristeza, vergonha e confusão de face para suportar?" E perguntam ainda mais: "Como pode ser isso reconciliado com a declaração de Deus feita pelo profeta: Se o ímpio se converter de todos os seus pecados que cometeu, e guardar todos os meus estatutos, e fizer juízo e justiça. [...] De todas as suas transgressões que cometeu não haverá lembrança contra ele' (Ez 18.21,22)? Como isso é consistente com a promessa que Deus fez a todos os que aceitam o concerto do Evangelho: 'Perdoarei a sua maldade e nunca mais me lembrarei dos seus pecados' (Jr 31.34), ou como expressa o apóstolo: 'Serei misericordioso para com as suas iniquidades e de seus pecados e de suas prevaricações não me lembrarei mais'¹ (Hb 8.12)?"

10. Podemos responder que é evidente e absolutamente necessário para a plena glória de Deus, para a manifestação clara e perfeita da sua sabedoria, justiça, poder e misericórdia para com os herdeiros da salvação, que todas as circunstâncias desta vida sejam colocadas em exibição pública, junto com todos os temperamentos, desejos, pensamentos e intentos do coração; caso contrário, como se tornaria visível a profundidade

de pecado e miséria da qual a graça de Deus os tinha livrado? E, com efeito, se a vida de todos os filhos dos homens não fosse revelada publicamente, a surpreendente contextura da providência divina não seria notória, nem em mil instâncias poderíamos "justificar os caminhos de Deus para com os homens", a menos que as palavras de nosso Senhor fossem cumpridas no seu sentido extremo, sem restrição ou limitação: "Portanto, não os temais, porque nada há encoberto que não haja de revelar-se, nem oculto que não haja de saber-se" (Mt 10.26). A abundância das dispensações de Deus sob o sol ainda pareceria sem razão. E então só quando Deus trazer à luz todas as coisas escondidas da escuridão, quem quer que sejam os atores, serão vistos quão sábios e bons são todos os seus caminhos, que Ele viu através da nuvem espessa e governou todas as coisas pelos sábios conselhos da sua própria vontade, que nada foi deixado à sorte ou capricho dos homens, mas firme e terna-Wente disposto por Deus, e por Ele forjado numa cadeia relacionada de justiça, misericórdia e verdade.

11. Na revelação das perfeições divinas, os justos se regozijarão com alegria indizível, longe de sentirem tristeza ou vergonha doloridas Por qualquer uma das transgressões passadas que há muito foram obliteradas como nuvem e lavadas pelo sangue do Cordeiro. Será abundantemente suficiente para eles que todas as transgressões que cometeram não sejam nunca mencionadas para seu prejuízo; que os pecados, transgressões e iniquidades não sejam mais lembrados para sua condenação. Este é o significado claro da promessa, e isto todos os filhos de Deus considerarão verdadeiro, para o seu consolo perpétuo.

12. Depois que os justos forem julgados, o Rei se voltará para os que estiverem à sua mão esquerda, e eles também serão julgados, cada um de acordo com suas obras. Não só as obras exteriores serão levadas em conta, como todas as palavras más que eles alguma vez falaram, sim, todos os desejos, afetos, temperamentos maus que têm ou tiveram lugar na alma, e todos os pensamentos ou desígnios maus que foram apreciados no coração. A alegre sentença de absolvição será pronunciada para os que estiverem à mão direita, a terrível sentença de condenação para os que estiverem à esquerda, ambas as quais têm de permanecer fixas e imutáveis como o trono de Deus.

III. Em terceiro lugar, consideremos algumas das circunstâncias que seguirão o julgamento geral.

1. A primeira circunstância é a execução da sentença pronunciada sobre os maus e os bons. "E irão estes para o tormento eterno, mas os justos, para a vida eterna" (Mt 25.46). Observe que é usada a mesma palavra, tanto na cláusula primeira quanto na cláusula última: concluímos que ou a punição dura para sempre, ou a recompensa também virá a ter um fim. Não, nunca, a menos que Deus tivesse fim, ou sua misericórdia e verdade pudessem falhar. "Então, os justos resplandecerão como o sol, no Reino de seu Pai" (Mt 13.43) e beberão dos rios de delícias que estão eternamente à mão direita de Deus. Porém aqui todas as descrições ficam

aquém do alvo, todas as linguagens humanas falham. Somente aquele que é levado ao terceiro céu pode ter uma concepção justa dessa cena. Mas mesmo tal pessoa não pode expressar o que viu; não é possível ao homem exprimir tais coisas.

Os ímpios, nesse entretempo, serão lançados no inferno, até todos os indivíduos que se esquecem de Deus. Eles "padecerão eterna perdição, ante a face do Senhor e a glória do seu poder" (2 Ts 19) Eles serão "lançados vivos no ardente lago de fogo e de enxofre" (Ap 19.20), originalmente preparado para o Diabo e os seus anjos, onde eles morderão a língua pela angústia e dor. Eles amaldiçoarão a Deus e olharão para cima. Ali os cães do inferno, orgulho, malícia, vingança, ira, horror, desespero, continuamente os devoram. Ali "a fumaça do seu tormento sobe para todo o sempre; e não têm repouso, nem de dia nem de noite" (Ap 14.11). Pois "o seu bicho não morre, e o fogo nunca se apaga" (Mc 9.44).

2. Então os céus serão enrolados como um rolo de pergaminho e passarão com grande ruído; eles fugirão da face daquele que se assenta no trono, e não haverá lugar para eles. O mesmo modo de extinção dos céus nos é revelado pelo apóstolo Pedro: "O Dia de Deus, em que os céus, em fogo, se desfarão, e os elementos, ardendo, se fundirão" (2 Pe 3.12). Toda construção será subvertida por aquele elemento furioso, a ligação de todas as suas partes será destruída e todo átomo será rompido à parte dos outros. Pelo mesmo processo, "a terra e as obras que nela há se queimarão" (2 Pe 3-10). As grandiosas obras da natureza, os montes perpétuos, as montanhas que desafiaram a fúria do tempo e mantiveram-se impassíveis por tantos milhares de anos, desmoronarão em mina abrasadora. Quanto menos as obras de arte, embora de tipo mais durável, o esforço extremo da indústria humana, tumbas, pilares, arcos triunfais, castelos, pirâmides, poderão resistir ao conquistador flamejante! Tudo, tudo morrerá, perecerá, desaparecerá como um sonho do qual alguém desperta!

3. Alguns grandes e bons homens imaginaram que assim como se exige o mesmo Poder Todo-poderoso para aniquilar as coisas quanto para criar, falar dentro ou fora do nada, assim nenhuma parte de um átomo no universo será total ou finalmente destruída. Antes, eles supõem que a última operação do fogo, que já observamos, é reduzir em vidro o que, por uma força menor, tinha sido reduzido a cinzas. Assim, no dia que Deus ordenou, toda a terra, se não os céus materiais também, sofrerão esta mudança, depois da qual o fogo não pode ter mais poder sobre os resíduos. Eles reputam que isto está insinuado pela expressão na revelação feita ao apóstolo João: "E havia diante do trono um como mar de vidro, semelhante ao cristal" (Ap 4.6). Por ora, não podemos afirmar ou negar tal idéia, mas saberemos mais adiante.

4. Se é inquirido por zombadores, por filósofos insignificantes, tomo estas coisas podem ser? De onde viria tamanha quantidade de fogo que consumiria os céus e toda a terra? Primeiramente, nós os lembraríamos que esta dificuldade não é peculiar ao sistema cristão. A mesma opinião é quase universalmente mantida entre os pagãos tolerantes. Mas, em segundo lugar, é fácil responder, mesmo com nosso conhecimento pequeno

e superficial das coisas naturais, que há depósitos abundantes de fogo prontamente preparados e armazenados para o Dia do Senhor. Quão rápido um cometa, comissionado por Ele, pode deslocar-se das regiões mais distantes do universo? E se ele se dirigisse à terra em seu retorno do sol, quando é algumas milhares de vezes mais quente que uma bala de canhão incandescente, quem não perceberia qual seria a consequência imediata? Mas para não irmos tão alto quanto aos céus etéreos, não poderiam os mesmos raios que dão brilho ao mundo, se ordenados pelo Senhor da natureza, trazer ruína e destruição absolutas? Ou para não irmos mais longe que o próprio globo, quem sabe que enormes reservatórios de fogo líquido estão contidos, de século em século, nas entranhas da terra? Etna, Hecla, Vesúvio e todos os outros vulcões que arrojam chamas e brasas de fogo; que são eles senão as provas e bocas dessas fornalhas ardentes, e ao mesmo tempo as provas de que Deus tem em prontidão meios para cumprir sua palavra? Se observássemos não mais que a superfície da terra e as coisas que nos cercam por todos os lados, é muito certo (como milhares de experiências provam, além da possibilidade de negação) que nós, nós mesmos, nosso corpo inteiro, estamos cheios de fogo, como também tudo o que nos rodeia. Não é fácil tornar este fogo etéreo visível ao olho nu e produzir desse modo os mesmos efeitos na matéria combustível, que é produzida pelo fogo culinário? Deus não precisa mais que soltar essa cadeia secreta por meio da qual este agente irresistível está agora preso e acha-se aquiescente em cada partícula da matéria? E quão rápido a estrutura universal se partiria em pedaços e envolveria tudo em uma ruína comum!

5. Há mais uma circunstância que se seguirá ao julgamento, a qual merece nossa séria consideração: "Segundo a sua promessa", diz o apóstolo Pedro, "aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça" (2 Pe 3.13). A promessa está na profecia de Isaías: "Porque eis que eu crio céus novos e nova terra; e não haverá lembrança das coisas passadas, nem mais se recordarão" (Is 65.17). tão grande será a glória das últimas coisas. Estas o apóstolo João viu nas visões de Deus: "E vi", disse ele, "um novo céu e uma nova terra, porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram. [...] E ouvi uma grande voz do [terceiro] céu, que dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles e será o seu Deus" (Ap 21.1,3)-Então, todos eles inevitavelmente estarão alegres: "E Deus limpará de seus olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas" (Ap 21.4). "E ali nunca mais haverá maldição contra alguém; e nela estará o trono de Deus e do Cordeiro" (Ap 22.3); eles terão o mais próximo acesso e dali. à sua semelhança mais sublime. Esta é a expressão mais forte na linguagem da Escritura para denotar a felicidade mais perfeita. "E verão o seu rosto, e na sua testa estará o seu nome" (Ap 22.4); eles serão abertamente reconhecidos como propriedade de Deus e sua natureza gloriosa brilhará visivelmente neles. "E ali não haverá mais noite, e não necessitarão de lâmpada nem de luz do sol, porque o Senhor Deus os alumia, e reinarão

para todo o sempre" (Ap 22.5). Sofro ao acrescentar algumas palavras a todos os que estão neste momento diante do Senhor. Ao longo do dia vocês não manteriam em mente que um dia mais terrível está vindo? Que grande assembléia é esta! Mas o que é para ele que todo o olho o verá, esta assembléia geral de todos os filhos dos homens que já viveram na face da terra! Alguns estarão diante do tribunal nesse dia para serem julgados quanto às acusações; e agora estão reservados na prisão, talvez em cadeias, até que sejam levados a julgamento e condenados. Porém, cada um de nós — eu que falo e vocês que ouvem — "dará conta de si mesmo a Deus" (Rm 14.10). E agora estamos reservados nesta terra, que não é nossa casa, nesta prisão de carne e sangue; talvez muitos de nós em cadeias das trevas também, até que recebamos a ordem de sermos transportados. Aqui alguém está questionando a respeito de um ou dois atos que lhe é suposto ter cometido. Ali temos de dar conta de todas as nossas obras desde o berço até o sepulcro; de todas as palavras; de todos os desejos e temperamentos; de todos os pensamentos e intenções do coração; de todos os usos que fizemos de nossos vários talentos, quer da mente, corpo ou fortuna, até que Deus diga: "Presta contas da tua mordomia, porque já não poderás ser mais meu mordomo" (Lc 16.2). Em nossa contabilidade é possível que alguns que são culpados escapem por falta de provas; mas não há falta de provas nesse tribunal. Todas as pessoas com as quais você teve o mais secreto intercurso, que eram conhecedoras de todos os seus desígnios e ações, estão prontas diante de sua face. Assim estão todos os espíritos das trevas que inspiraram desígnios maus e ajudaram em sua execução. Assim estão todos os anjos de Deus, os olhos do Senhor que percorrem toda a terra de um lado ao outro, que cuidavam da sua alma e trabalhavam para o seu bem, tanto quanto você permitia. Assim é a sua própria consciência, mil testemunhas em uma, agora não mais capaz de ser abafada ou silenciada, mas constrangida a saber e falar a verdade nua, referindo-se a todos os pensamentos, palavras e ações. E a consciência não é como mil testemunhas? Sim, mas Deus é como mil testemunhas. Quem pode estar perante a face do grande Deus, mesmo nosso Salvador Jesus Cristo?

Vejam! Vejam! Ele fez das nuvens sua carruagem! Ele cavalga nas asas do vento! Um fogo voraz vai diante dele, e após ele uma chama que queima! Vejam! Ele se assenta no trono, vestido com luz como de uma veste, adornado com majestade e honra! Vejam, os seus olhos são como chama de fogo; sua voz como o som de muitas águas! Como vocês escaparão? Vocês chamarão as montanhas para que caíam sobre vocês, e as pedras para os cobrirem? Ai, as próprias montanhas, as pedras, a terra, os céus, estão prontos a fugir! Vocês podem evitar a sentença? Com quê? Com toda a fazenda de sua casa, com milhares em ouro e prata? Cegos miseráveis! Vocês chegaram nus do ventre de sua mãe e mais nus à eternidade. Ouçam o Senhor, o Juiz! "Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o Reino que vos está preparado desde a fundação do mundo" (Mt 25.34). Som jubiloso! Quanto é extensamente diferente daquela voz que ecoa pela expansão do céu: 'Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo

eterno, preparado para o diabo e seus anjos" (Mt 25.41)! E quem pode evitar ou retardar a plena execução de qualquer uma das sentenças? Vã esperança! O inferno é removido de baixo para receber os que estão prontos para a destruição. E as portas eternas descerram-se para que os herdeiros da glória entrem!

"Que pessoas vos convém ser em santo trato e piedade?" (2 Pe 3.11) Sabemos que não pode ser muito tempo antes que o Senhor desça com a voz do arcanjo e a trombeta de Deus, quando cada um de nós comparecerá diante dEle e prestará contas das suas obras. "Pelo que, amados, aguardando estas coisas", vendo que vós sabeis que Ele virá e não tardará, "procurai que dele sejais achados imaculados e irrepreensíveis em paz" (2 Pe 3.14). Por que não deveríamos? Por que um de vós seria achado à mão esquerda quando Ele vier? Ele não deseja que ninguém pereça, mas que todos cheguem ao arrependimento; pelo arrependimento, à fé num Senhor sangrento; pela fé, ao amor imaculado; à plena imagem de Deus renovada no coração e produzindo toda a santidade de convivência. Você pode duvidar, quando se lembra que o Juiz de todos é igualmente o Salvador de todos? Ele não o comprou com o seu próprio sangue para que você não perecesse, mas tivesse a vida eterna?

Faca prova de sua misericórdia, em vez da sua justiça; do seu amor, em vez do trovão do seu poder! Ele não está longe de cada um de nós; e hoje Ele vem, não para condenar, mas para salvar o mundo. Ele está entre nós! Pecador, Ele não bate agora mesmo à porta do seu coração? Que você saiba, pelo menos neste dia, as coisas que pertencem à sua paz. Que agora você se entregue a Ele, que se deu por você. em fé humilde, em amor santo, ativo e paciente! Assim você se regozijará com suprema alegria pelo Dia de Cristo, quando Ele vier nas nuvens do céu!

George Whitefield: **Arrependimento**

GEORGE WHITEHELD, PRÍNCIPE DOS PREGADORES de campo, nasceu em Gloucester, Inglaterra, em 1714, e morreu em Newburyport, Massachusetts, Estados Unidos, em 1770. Quando menino, desde cedo evidenciou na escola capacidade dramática e elocutória e, quando fazia o trabalho de simples ajudante na taberna de sua mãe, em Gloucester, escreveu vários sermões. Por causa de seu evidente talento e inclinação religiosa, aos dezoito anos Whitefield foi enviado a Oxford, onde entrou em contato com os Wesleys e uniu-se ao "Clube Santo". Embora Whitefield tivesse orado mil vezes para que o púlpito não fosse seu destino, em 1736, ele foi ordenado pelo bispo de Gloucester. Acerca do seu primeiro sermão, ele comenta: "Uns poucos escarneceram, mas a maioria dos presentes pareciam comovidos".

Em 1738, atendendo a chamada urgente dos Wesleys, Whitefield foi para a Geórgia. Nesse listado, ele fundou o orfanato para cujo sustento ele viajava pelas colônias de toda a Grã-Bretanha. Provavelmente nenhum pregador desde os dias do apóstolo Paulo viajou tanto quanto Whitefield, pois ele fez treze viagens pelo Oceano Atlântico, numa época em que era comum uma viagem durar dois ou três meses. Na volta de sua segunda viagem aos Estados Unidos, ele ficou sabendo que os Wesleys tinham ido para o arminianismo e se retirado da comunhão deles por causa do rígido calvinismo que ele defendia. Quando a notícia acerca da morte de Whitefield, ocorrida nos Estados Unidos, chegou a Londres, uma seguidora de Whitefield dirigiu-se a Jolin Wesley após um de seus sermões e lhe perguntou se ele esperava ver Whitefield no céu. Wesley disse que não. "Ah", disse a mulher, "achei que o senhor diria isso". "Mas espere, senhora", acrescentou Wesley, "quando eu chegar ao céu, George Whitefield estará tão perto do trono que um pobre pecador como eu nunca conseguirá obter um vislumbre dele".

Durante suas viagens itinerantes pelos Estados Unidos, Bermudas e Grã-Bretanha, Whitefield sempre estava pregando. Sua "pequena frequência" era uma vez a cada dia da semana e três vezes no domingo. A primeira vez que Whitefield descobriu as profundas emoções que ele instigava no coração dos ouvintes, foi quando pregava a milhares de mineiros nos campos perto de Bristol e viu, no rosto enegrecido dos homens, traços brancos feitos pelo curso das lágrimas descendo pelas faces. Onde quer que pregasse, Whitefield deixava uma impressão inesquecível. Não era só a multidão de pessoas comuns que o ouvia alegremente, mas filósofos como Hume e Franklin e atores como Foote e

Garrick prestam tributo ao seu maravilhoso poder como pregador. Pregando certa vez numa sala de recepção para a aristocracia de Londres, ele descreveu tão vividamente um cego à beira de um precipício, que o mundano Chesterfield clamou: "Pelo amor de Deus, Whitefield, salve-o!" David Garrick lhe invejava a habilidade de pronunciar a palavra "Mesopotâmia" de certo modo que tangia os mais profundos acordes da emoção. Ele deve ter tido uma voz maravilhosa, pois Franklin, andando perto do lugar onde ele estava pregando, calculou que ele podia ser ouvido com facilidade por trinta mil pessoas. Na famosa feira de Moorfields, os espetáculos foram abandonados pelas pessoas que se aglomeravam para ouvir o grande pregador.

Talvez o tributo mais conhecido à eloquência de Whitefield seja a história de que quando Franklin foi ouvi-lo na Filadélfia, determinou não ofertar para a coleta e, assim, provaria para si mesmo que estava acima da fraqueza dos seus compatriotas. À medida que Whitefield prosseguia, Franklin cedeu e decidiu cear as moedas de cobre que tinha; depois as de prata e, mais tarde, as de ouro; e quando a salva foi passada, Franklin derramou nela tudo o que possuía e ainda pediu a um amigo que estava perto dele que lhe emprestasse mais.

Os sermões publicados de Whitefield não dão a concepção do domínio que ele exercia sobre as milhares de pessoas que o ouviam. Não são marcados pela lógica, nem pela penetração profunda ou análise sutil. Mas sempre soam com a nota da veemência. O pronome da segunda pessoa é constantemente empregado, e desde o início é evidente que Whitefield tem em vista um único fim: a salvação da alma daqueles que o ouviam. O sermão "Arrependimento" é bom exemplo de como Whitefield lutava com as almas.

Arrependimento

"Se vos não arrependerdes, todos de igual modo perecereis," (Lc 13-3)

QUANDO consideramos quão abomináveis e agravantes I são as nossas ofensas à vista de um Deus santo e justo, atraindo a sua ira sobre nossa cabeça e nos fazendo viver sob sua indignação, devíamos nos dissuadir do mal, ou pelo menos buscarmos o arrependimento e não cometer mais as mesmas coisas! Porém, o homem é tão imprudente quanto à eternidade e tem tão pouca consideração ao bem-estar de sua alma imortal, que ele pode pecar sem pensar que tem de prestar contas de suas ações no Dia do Julgamento. Se ele, por vezes, reflete sobre seu comportamento, isso não o dirige ao verdadeiro arrependimento. Ele pode, por pouco tempo, abster-se de cair "em alguns pecados grosseiros que ultimamente vinha cometendo; mas quando a tentação vem de novo com poder, ele é levado pela concupiscência; e assim vai prometendo e resolvendo, e quebrando suas resoluções e promessas quase no momento seguinte em que as faz. Isto é altamente ofensivo a Deus; é escarnecer dEle. Meus irmãos, quando a graça nos é dada para que verdadeiramente nos arrependamos, nós nos voltamos completamente a Deus; e rogo-lhes que se arrependam dos seus pecados, pois o tempo se apressa em que vocês não terão tempo, nem chamada ao arrependimento; não há nada na sepultura para onde vamos. Mas não tenham medo, pois é freqüente Deus receber o maior pecador à misericórdia pelos méritos de Cristo Jesus. Isto aumenta as riquezas da sua graça generosa; e deveria ser um incentivo a vocês, que são grandes e notórios pecadores, para que se arrependam, pois Ele terá misericórdia de vocês, se vocês se voltarem a Ele por Cristo.

O apóstolo Paulo foi eminente exemplo disso. Ele fala de si mesmo como o principal dos pecadores", e declara como Deus lhe mostrou misericórdia. Cristo ama mostrar misericórdia aos pecadores, e se vocês se arrependerem, Ele terá misericórdia de vocês. Mas como nenhuma palavra é tão sujeita a enganos quanto o arrependimento, eu:

- I. Mostrarei a vocês qual é a natureza do arrependimento.
- II. Considerarei as várias partes e causas do arrependimento.
- III. Darei a vocês algumas razões por que o arrependimento é necessário para a salvação. E
- IV. Exortarei vocês, grandes e pequenos, ricos e pobres, uns aos outros, a buscarem o arrependimento.

I. O arrependimento, meus irmãos, em primeiro lugar quanto à natureza, é a disposição carnal e corrupta dos homens que é mudada

numa disposição renovada e santificada. O homem que de fato se arrependeu é verdadeiramente regenerado; é uma palavra diferente para a mesma coisa. A mistura heterogênea de animal e Diabo acabou; há uma nova criatura forjada em seu coração. Se o arrependimento é verdadeiro, vocês são inteiramente renovados, na alma e no corpo; o entendimento é iluminado com o conhecimento de Deus e do Senhor Jesus Cristo; e a vontade, que era teimosa, obstinada e odiava todo o bem, é obediente e submissa à vontade de Deus. Quando vocês se voltam ao Senhor pelo arrependimento evangélico, então a vontade é mudada; a consciência, agora endurecida e entorpecida, é avivada e despertada; o coração duro é derretido e seus afetos incontrolláveis são crucificados. Assim, por esse arrependimento, a alma é completamente mudada; vocês terão novas inclinações, novos desejos e novos hábitos.

Vocês verão o quanto somos vis por natureza — o que exige tão grande mudança a ser feita em nós, para que nos recuperemos desse estado de pecado —, e, por conseguinte, a consideração de nosso estado terrível deveria nos fazer zelosos com Deus para mudarmos nossa condição, e que a mudança implica no verdadeiro arrependimento. Meus irmãos, tenham em conta o quanto os seus caminhos são odiosos a Deus, enquanto vocês permanecem no pecado; quão abomináveis vocês lhe são, enquanto prosseguem no mal. Não se pode dizer que vocês sejam cristãos enquanto odeiam Cristo e seu povo; o genuíno arrependimento os mudará completamente, a inclinação da sua alma mudará; vocês se deleitarão em Deus, em Cristo, na sua Lei e no seu povo. Vocês acreditarão que há tal coisa como sentimento interior, ainda que agora o considerem loucura e fanatismo, vocês não terão vergonha de serem tolos pela causa de Cristo; vocês não considerarão que estão sendo ridicularizados; o fato de serem apontados e recebidos com altos brados de: "Vem vindo outro rebanho de seus seguidores!", não os intimidará. Não, sua alma abominará tais procedimentos. O caminho de Cristo e seu povo serão sua delícia plena.

É a natureza de tal arrependimento fazer uma mudança, e a maior mudança que pode ser feita na alma. Assim, vocês percebem o que implica o arrependimento em sua natureza; denota uma aversão a todo o mal e um abandono dele. Agora prosseguirei,

II. Mostrando-lhes as partes do arrependimento e as causas que concorrem a ele.

As partes são: a tristeza, o ódio e um abandono completo do pecado.

Nossa tristeza e pesar pelo pecado não surgem meramente de um medo da ira, pois se não temos outra base senão que procedem do amor-próprio e não de um amor a Deus; e se o amor a Deus não é o motivo principal do arrependimento, o seu arrependimento foi em vão e não deve ser reputado verdadeiro.

Muitos em nossos dias pensam que o clamor: "Deus, perdoe-me!", ou: "Senhor, tem misericórdia de mim!", ou: "Arrependo-me!", é arrependimento, e que Deus estimará isto como tal; mas, na verdade, são clamores enganosos. Não é nossa aproximação a Deus com os lábios, enquanto

nosso coração está longe dEle, que Ele considera. O arrependimento não vem aos empurrões; não, é um ato contínuo em nossa vida: pois assim como diariamente pecamos, assim precisamos de um arrependimento diário diante de Deus para obter perdão pelos pecados que cometemos.

Não é confessar-se pecadores, não é saber que sua condição é triste e deplorável, ao mesmo tempo em que continuam nos pecados; seu cuidado e esforços devem ser obter um coração completamente afetado com isso para que vocês se sintam criaturas perdidas, pois Cristo veio para salvar os que estão perdidos. Se vocês gemem sob o peso e fardo dos pecados, então Cristo os aliviará e lhes dará descanso.

Até que sintam a miséria e condição perdida em que se encontram, vocês são servos do pecado e suas concupiscências, sob a escravidão e comando de Satanás, fazendo sua obra vil; vocês estão sob a maldição de Deus e sujeitos ao seu julgamento. Considerem que estado terrível será na morte, e depois do Dia do Julgamento, quando vocês serão expostos a misérias tais que o ouvido não ouviu, o coração não concebeu, e isso por toda a eternidade, se vocês morrerem impenitentes.

Mas espero melhores coisas de vocês, meus irmãos, coisas que acompanham a salvação, embora eu fale assim. Vão a Deus em oração e sejam sinceros com Ele, que pelo seu Espírito Ele os convencerá de sua condição miserável por natureza e os fará verdadeiramente sensatos. Humilhem-se, humilhem-se, rogo-lhes, por seus pecados! Tendo passado tantos anos pecando, o que vocês podem fazer menos do que preocupar-se em passar algumas horas lamentando e en-tristecendo-se pelo mesmo e serem humilhados diante de Deus?

Olhem para trás em sua vida, chamem à memória os pecados cometidos, tantos quantos possam; os pecados da mocidade como também os dos anos mais recentes. Vejam como vocês se afastaram do Pai gracioso e perambularam pelo caminho da maldade, no qual se perderam, como também ao favor de Deus, o consolo do seu Espírito e a paz de consciência. Então vão e implorem o perdão do Senhor, pelo sangue do Cordeiro, pelo mal que cometeram e pelo bem do qual se omitiram. Considerem igualmente a hediondez dos seus pecados; vejam com que circunstâncias tão agravantes os seus pecados são tratados, o quanto vocês abusaram da paciência de Deus, que deveria tê-los levado ao arrependimento; e quando descobrirem que seu coração está endurecido, implorem a Deus que o amoleça. chorem vigorosamente diante dEle e Ele tirará o coração de pedra e lhes dará um coração de carne.

Tomem hoje a decisão de deixar todas as suas concupiscências e prazeres pecaminosos; renunciem, abandonem e abominem seu antigo curso de vida pecadora, e sirvam a Deus em santidade e justiça pelo resto de suas vidas. Se você chora e lamenta os pecados passados e não os abandona, seu arrependimento é em vão; você está escarnecendo de Deus e enganando a própria alma. Você tem de despir-se do velho homem, com suas ações, antes de vestir o novo homem, Cristo Jesus.

Vocês que eram xingadores e blasfemos; vocês que eram prostitutas e bêbedos; vocês que eram assaltantes e ladrões; vocês que até hoje seguem

os prazeres pecaminosos e as diversões da vida, rogo-lhes, pelas misericórdias de Deus em Cristo Jesus, que não mais continuem assim, mas abandonem os caminhos maus e se voltem ao Senhor. Pois Fie espera para ser gracioso para com vocês, Ele está pronto, Ele está disposto a perdôá-los de todos os pecados; mas não esperem que Cristo os perdoe do pecado, quando vocês incorrem nele e não se refreiam em obedecer as tentações. Mas se vocês forem persuadidos a se privar do mal e escolher o bem, a se voltar ao Senhor e se arrepender da maldade, Ele prometeu que os perdoará abundantemente, Ele curará sua apostasia e os amará com toda liberal idade. Decidam agora neste dia não se interessar mais em seus pecados para sempre; abandonem seus antigos caminhos e vocês serão separados; vocês têm de decidir-se contra o pecado, pois não há verdadeiro arrependimento sem a resolução de abandoná-lo. Decidam por Cristo, decidam contra o Diabo e suas obras, e prossigam lutando as batalhas do Senhor contra o Diabo e seus emissários: ataquem-no nas fortalezas mais fortes que ele tem, lutem contra ele como homens, como cristãos, e logo vocês descobrirão que ele é covarde; resistam a ele, e ele fugirá de vocês. Estejam determinados, pela graça, neste propósito, e já terão dado o primeiro passo em direção ao arrependimento; contudo, tomem cuidado para que suas resoluções não se baseiem em suas próprias forças, mas na força do Senhor Jesus Cristo. Ele é o caminho, Ele é a verdade e Ele é a vida; sem a sua ajuda vocês nada podem fazer, mas pela sua graça que lhes fortalece, vocês serão capazes de fazer todas as coisas. Quanto mais vocês tiverem consciência de sua própria fraqueza e incapacidade, mais pronto Cristo estará para os ajudar; e o que lhes podem fazer todos os homens do mundo, quando Cristo é por vocês? Não há que considerar o que eles dizem contra vocês, pois vocês terão o testemunho de uma boa consciência.

Decidam lançar-se aos pés de Cristo em sujeição a Ele, e em seus braços para alcançar a salvação. Considerem, meus queridos irmãos, os seus muitos convites para ir a Ele, e por Ele ser salvo. Deus "fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos" (Is 53.6). Deixem-me convencê-los a que, acima de tudo, escolham o Senhor Jesus Cristo, resignem-se a Ele, tomem-no em seus termos; e quem quer que seja, por maior pecador que seja, hoje à noite, em nome do grande Deus, eu lhe ofereço Jesus Cristo. Como vocês valorizam a vida e a alma, não o recusem, mas movam-se para aceitar o Senhor Jesus. Recebam-no inteiramente, sem reservas, pois Ele deseja atuar plenamente em suas vidas, ou, caso contrário, de modo algum. Jesus Cristo deve ser sua plena sabedoria, Jesus Cristo deve ser sua inteira justiça, Jesus Cristo tem de ser sua inteira santificação, ou Ele nunca será sua redenção eterna.

Mesmo aqueles que tenham sido tão maus e devassos, se abandonarem agora seus pecados e se voltarem ao Senhor Jesus Cristo. Ele os receberá e todos os seus pecados serão largamente perdoados. Por que vocês negligenciariam a grande obra de seu arrependimento? Não adiem essa ação um dia mais, porém hoje, agora mesmo, aceitem a Cristo, que lhes é oferecido livremente.

Quanto às causas a esse respeito, a causa primeira é Deus; Ele é o

Autor, nós nascemos de Deus (Jo 1.13), Ele nos gerou, o próprio Deus, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. É Ele quem nos encoraja a buscar e a fazer a sua boa vontade. Outra causa é a graça livre de Deus, E pelas "riquezas da sua graça livre", meus irmãos, é que há muito tempo fomos impedidos de descer ao inferno; tão-somente porque as paixões do Senhor não falham; elas são novas a cada manhã e frescas a cada noite.

Às vezes, os instrumentos são muito improváveis; um pobre e menosprezado ministro *ou* membro de Jesus Cristo pode, pelo poder de Deus, ser o instrumento nas suas mãos para levar você ao verdadeiro arrependimento evangélico. Talvez isso seja feito para mostrar que o poder não está nos homens, mas que é inteiramente devido à boa vontade de Deus. Se há manifesto algum bem entre qualquer um de vocês pela pregação da Palavra, como acredito que haja, embora tenha sido pregado num campo, se Deus nos encontrou e nos possuiu, e abençoou sua Palavra, embora pregado por um eloqüente entusiasta, um menino, um louco; eu me regozijo, sim, e me regozijarei, que os inimigos digam o que quiserem. Agora,

III. Mostrarei as razões por que o arrependimento é necessário à salvação.

E isto, meus irmãos, nos é revelado claramente na Palavra de Deus: A alma que não se arrepender e se voltar ao Senhor, morrerá em seus pecados, e o seu sangue será requerido de suas próprias mãos. É necessário, quando pecamos, que nos arrependamos; pois um Deus santo não admiti e jamais admitirá na sua presença algo que seja profano. Este é o começo da graça na alma; tem de haver uma mudança no coração e na vida antes que haja uma habitação com o Deus santo. Vocês não podem amar o pecado e Deus ao mesmo tempo, vocês não podem amar a Deus e a Mamom. Ninguém imundo pode estar na presença de Deus; é contrário à santidade da sua natureza. Há uma contrariedade entre a natureza santa de Deus e a natureza impura dos homens carnis e não-regenerados.

Que comunicação pode haver entre um Deus sem pecado e criaturas cheias de pecado, entre um Deus puro e criaturas impuras? Se vocês fossem admitidos ao céu com seu atual estado, em sua condição impenitente, o próprio céu seria um inferno para vocês; os cânticos dos anjos soariam como fanatismo e seriam intoleráveis a vocês. Por isso, tal estado tem de ser mudado; vocês devem ser santos como Deus e. Ele tem de ser seu Deus aqui, e vocês têm de ser seu povo, ou vocês nunca habitarão junto com Ele por toda a eternidade. Se vocês odeiam os caminhos de Deus e não podem passar uma hora a seu serviço, como acham que será em toda a eternidade, cantando para sempre louvores àquele que se assenta no trono e ao Cordeiro?

Esta deve ser a ocupação, meus irmãos, de todos os que são admitidos nesse lugar glorioso, onde nem o pecado nem o pecador são admitidos, onde o escarnecedor jamais pode ir sem se arrepender dos seus maus caminhos, sem voltar-se para Deus e a Ele se apegar. Isto deve ser feito antes que alguém seja admitido nas mansões gloriosas de Deus — que

estão preparadas para todos os que amam o Senhor Jesus Cristo em sinceridade e verdade —, para que se arrependam de todos os seus pecados. Meus queridos irmãos, sinto um frio na espinha ao pensar que qualquer um de vocês não venha a ser admitido nas mansões gloriosas no céu. Se estivesse em meu poder, eu colocaria todos Vocês — sim vocês, meus irmãos escarnecedores, e os maiores inimigos que eu tenho na terra — à mão direita de Jesus; mas não posso fazê-lo. Contudo, aconselho-os e exorto-os com todo o amor e ternura a lazer de Jesus o seu refúgio. Somente em sua presença há o alívio que procuram. Jesus morreu para salvar pessoas como vocês; Ele está cheio de compaixão, e se vocês forem a Ele, como pecadores pobres, perdidos e destruídos, Jesus lhes dará o seu Espírito. Vocês viverão e reinarão com este Jesus por toda a eternidade.

IV. Tenho de exortar todos vocês, grandes e pequenos, ricos e pobres, uns aos outros, a se arreenderem de todos os pecados e se voltarem ao Senhor.

Falarei a cada *um* de vocês; quer tenham se arrependido, quer não; sendo vocês crentes em Cristo Jesus ou incrédulos.

Primeiramente, vocês que nunca se arreenderam verdadeiramente de seus pecados e nunca abandonaram verdadeiramente suas concupiscências; não se ofendam se lhes falo claramente; porque é o amor, o amor por suas almas que me constrange a falar. Colocarei diante de vocês o perigo e a miséria, aos quais vocês estão expostos enquanto permanecem impenitentes no pecado. E que este seja talvez o meio de fazê-los buscarem a Cristo por perdão e absolvição.

Enquanto não estão arrependidos dos seus pecados, vocês estão em perigo de morte; e se morrerem, vocês perecerão para sempre. Não há esperança para todo aquele que vive e morre em seus pecados, pois habitará com os demônios e espíritos malditos por toda a eternidade. E como sabemos que vamos viver mais? Não estamos seguros de ver nossas casas em segurança esta noite. O que vocês querem dizer por estar à vontade e vivendo com prazer enquanto os pecados não são perdoados? Tão certo quanto a Palavra de Deus sempre é verdadeira, se vocês morrerem nessa condição, para sempre estarão excluídos de toda esperança e misericórdia, e se converterão em miséria infundada e infinita.

Quanto valem todos os seus prazeres e diversões? Eles duram apenas por um momento; não valem nada e são de curta permanência. E com certeza deve ser rematada loucura buscar avidamente essas concupiscências e prazeres pecaminosos que fazem guerra contra a alma, que tendem a endurecer o coração e nos impedem de aceitar o Senhor Jesus. De fato, esses são os destruidores de nossa paz aqui; e, sem arrependimento, destruirão nossa paz futura.

Ó, a insensatez e loucura deste mundo sensual; se não houvesse nada no pecado, senão a atual escravidão, ele manteria longe o espírito engenhoso. Mas para fazer o trabalho servil do Diabo! Se fizermos isso, teremos seu salário, que é a morte e condenação eternas. Considerem isto, meus culpados irmãos, vocês que pensam que não é pecado jurar,

prostituir-se, beber ou zombar e desdenhar do povo de Deus. Considerem o quanto suas vozes mudarão, e vocês, que reputavam por loucura a vida deles e sem honra o seu fim, uivarão e lamentarão a própria insensatez e loucura que deveriam tê-los levado a tamanha aflição e angústia! Então vocês lamentarão e chorarão a própria condição terrível, mas não terá significado, porque aqui Ele que hoje é seu Salvador misericordioso, se tornará seu Juiz inexorável.

Hoje Ele se deixa ser rogado; mas depois, todas as lágrimas e orações serão em vão, pois atribuiu a todo homem um dia de graça, um tempo de arrependimento, o qual, se ele não aproveitar, negligenciando e menosprezando o meio que lhe é oferecido, não pode ser salvo.

Enquanto vocês prosseguem num curso de pecado e injustiça, rogo-lhes, meus irmãos, que pensem na conseqüência que acompanhará o desperdício do seu tempo precioso. Sua alma vale sua preocupação, pois se vocês podem desfrutar todos os prazeres e diversões da vida, na morte vocês têm de abandonar tudo; a morte porá um fim a todos os interesses mundanos. E não será lamentável ver o fim de todas as suas coisas boas aqui, todos os prazeres terrestres, sensuais e diabólicos com os quais vocês se envolveram tanto; e corroerá a sua própria alma o pensamento de que por tão insignificante interesse vocês perderam o bem-estar eterno.

A riqueza e a grandeza não estarão em nenhum lugar; vocês não podem levar nada daqui para o outro mundo. Então, a consideração da sua falta de clemência para com os pobres, e os caminhos que vocês tomaram para obter riqueza, serão um verdadeiro inferno para vocês.

Hoje vocês dispõem dos meios da graça, como a pregação da sua Palavra, a oração e os sacramentos; e Deus enviou seus ministros aos campos e estradas para convidar, para insistir que vocês entrem. Porém eles são pesados para vocês, que preferiram antes os seus prazeres. Não demorará muito, meus irmãos, e os prazeres acabarão, e vocês não se preocuparão mais com eles; mas então vocês quererão dar dez mil mundos por um momento daquele tempo misericordioso de graça da qual vocês abusaram. Então chorarão por uma gota daquele sangue precioso que agora vocês pisam com os pés; então vocês desejarão por mais uma oferta de misericórdia, para que Cristo e sua graça generosa lhes sejam novamente oferecidos. Mas o choro será em vão, pois como vocês não se arrependem aqui. Deus não lhes dará uma oportunidade para se arreenderem no futuro. Se não for no tempo de Cristo, não será no seu tempo, irmãos. Em que condição terrível vocês estarão então! Que horror e surpresa lhes possuirão a alma! Então todas as suas mentiras e juramentos, seus escárnios e zombarias do povo de Deus; todos os seus pensamentos e ações imundas e sujas; o seu tempo esbanjado em bailes, jogos e saraus; as noites inteiras que vocês gastaram jogando cartas, perdidos em bailes de máscaras; sua freqüência em tabernas e cervejarias; seu mundanismo, cobiça e inclemência lhes serão imediatamente trazidos à lembrança, e sem demora atribuídos em sua alma culpada. Como vocês suportarão o pensamento de tais coisas? Estou, deveras, movido de compaixão por vocês, em pensar que esta pode ser a porção de todo aquele

que agora me ouve. Estas são verdades, embora terríveis, meus irmãos; estas são as verdades do Evangelho; e se não houvesse necessidade de falar assim, eu me reprimiria de boa vontade, porque não é assunto agradável para mim, mais do que é para vocês; mas é meu dever lhes mostrar as conseqüências terríveis de se persistir no pecado. Estou fazendo a parte de um hábil cirurgião que investiga uma ferida antes de curá-la. Eu lhes mostraria primeiro o perigo, para que a libertação seja mais prontamente aceita por vocês.

Considerem que por mais que vocês posponham o dia mau e se esforcem em esconder os pecados, no Dia do Julgamento haverá uma completa revelação de tudo. Naquele dia, as coisas escondidas serão trazidas à luz; e depois que todos os seus pecados forem revelados para o mundo inteiro, então vocês serão lançados no fogo eterno do inferno, que não se apaga nem de dia nem de noite; será sem inter-missão, sem fim. Então, que estupidez e disparate possuem seu coração, que vocês não ficam aterrorizados pelos seus pecados. O medo da fornalha ardente de Nabucodonosor levou os homens a fazerem algo para evitá-la; e o fogo eterno não levará os homens, não levará vocês a fazerem algo para evitá-lo?

Que isto desperte e faça com que vocês se humilhem por seus pecados e implorem perdão por eles, para que vocês achem misericórdia no Senhor. Não vão embora, não deixem que o Diabo os apresse para sair antes que o sermão termine: mas fiquem e Jesus lhes será oferecido, pois Ele expiou todos os pecados.

Rogo-lhes que lancem fora suas transgressões, esforcem-se contra o pecado, vigiem contra ele e implorem o poder e a força de Cristo para sujeitar o poder das concupiscências que os incitam aos caminhos pecaminosos. Mas se vocês não fizerem nenhuma dessas coisas, se vocês estiverem decididos a pecar, a morte eterna será a conseqüência; vocês serão presos com horror e tremor, com horror e assombro, para ouvir a terrível sentença de condenação pronunciada contra vocês.

Então vocês fugirão e chamarão as montanhas para que caiam sobre vocês, para os esconderem do Senhor e da raiva ardente de sua ira.

Tivessem vocês um coração para se voltar dos pecados ao Deus vivo, pelo arrependimento verdadeiro e sincero, e orar a Ele em busca de misericórdia, através dos méritos de Jesus Cristo, haveria então esperança. Mas no Dia do Julgamento, suas orações e lágrimas não terão significado algum; não lhes serão de nenhuma serventia; o Juiz não receberá suas súplicas; visto que vocês não lhe deram atenção quando Ele os chamou, mas menosprezaram a Ele e seus ministros, e não deixaram suas iniquidades. Portanto, naquele dia, não ouvirá seus rogos, apesar de todos os gritos e lágrimas; pois o próprio Deus disse: "Mas, porque clamei, e vós recusastes; porque estendi a minha mão, e não houve quem desse atenção; antes, rejeitastes todo o meu conselho e não quisestes a minha repreensão; também eu me ri na vossa perdição e zombarei, vindo o vosso temor (...) como tormenta, sobrevindo-vos aperto e angústia. Então, a mim clamarão, mas eu não responderei; de madrugada me buscarão, mas não me acharão" (Pv 1.24-28).

Vocês podem achar que isto é fanatismo e loucura; mas naquele grande dia, se vocês não se arrependerem dos seus pecados aqui, vocês descobrirão por terrível experiência que os seus caminhos eram realmente loucura. Mas que Deus não permita que vocês cheguem a esse tempo sem se arrepender; busquem o Senhor enquanto Ele pode ser achado; clamem por Ele enquanto está perto e vocês acharão misericórdia; arrependam-se neste momento e Cristo alegremente os receberá.

O que vocês me dizem? Devo ir ao meu Mestre e lhe dizer que vocês não irão a Ele. e não seguirão nenhum dos seus conselhos? Não; não me enviem em tal incumbência infeliz. Não posso, não direi tal coisa a Ele. Antes não lhe direi que vocês estão dispostos a arrepender-se e converter-se, a tornar-se novos homens e assumir um n(no curso de vida? Esta é a única resolução sábia que vocês podem tomar. Permitam que eu diga a meu Mestre que vocês irão a Ele e esperarão nEle. pois se não o fizerem, será a sua ruína neste tempo e na eternidade.

Na morte, vocês desejarão ter vivido a vida dos justos para que tivessem morrido a morte deles. Fiquem avisados; considerem o que está diante de vocês: Cristo e o mundo, a santidade e o pecado, a vida e a morte. Escolham agora por vocês mesmos; façam sua escolha imediatamente e que esta seja a escolha de morrer.

Se vocês não desejam morrer em seus pecados, morrer bêbedos, morrer adúlteros, morrer xingadores e zombadores, não deixem passar esta noite na terrível condição em que estão. Pode ser que alguns de vocês digam: "Você não tem poder, você não tem força". Mas não lhes faltavam estas coisas que estavam em seu poder? Vocês não têm tanto poder para ir ouvir um sermão, quanto a ir a uma casa de jogos, ou a um baile, ou a um baile de máscaras? Vocês têm tanto poder para ler a Bíblia quanto para ler peças, novelas e romances; e vocês podem se associar tanto quanto com os piedosos, como com os maus e profanos; esta é senão uma desculpa infundada, meus irmãos, para continuar em seus pecados. Se vocês desejam ser achados no meio da graça, Cristo prometeu que lhes dará força. Enquanto Pedro estava pregando, o Espírito Santo veio sobre todos os que ouviam a Palavra-, assim vocês serão achados no caminho do seu dever! Jesus Cristo lhes dará força; Ele lhes dará o seu Espírito; vocês descobrirão que Ele será a sua sabedoria, sua justiça, sua santificação e sua redenção. Experimentem que gracioso, gentil e amoroso Mestre Ele é. Ele lhes será de ajuda em todas as suas cargas; e se o fardo do pecado está em sua alma, busquem-no na qualidade de cansados e sobrecarregados, e acharão descanso.

Não digam que seus pecados são muitos e muito grandes para esperar encontrar misericórdia. Não, sejam eles tantos ou tão grandes, o sangue do Senhor Jesus Cristo os limpará de todos os pecados. A graça de Deus, meus irmãos, é generosa, rica e soberana. Manasses foi um grande pecador, e mesmo assim foi perdoado; Zaqueu tinha estado longe de Deus e saiu para ver Cristo, sem outro intento que satisfazer a curiosidade; e, não obstante, Jesus o encontrou e levou salvação à sua casa. Manassés era idolatra e assassino, contudo recebeu misericórdia; o outro era opressor e

extorsionário que tinha adquirido riquezas mediante fraude e engano, oprimindo a face dos pobres; assim também fez Mateus e, todavia, todos eles encontraram misericórdia.

Vocês foram blasfemadores e perseguidores dos santos e servos de Deus? Assim foi o apóstolo Paulo, contudo ele recebeu misericórdia. Vocês são prostitutas, pessoas imundas e sujas? Assim foi Mana

Madalena, e contudo ela recebeu misericórdia. Vocês são ladrões? O ladrão na cruz achou misericórdia. Não se desesperem, por mais vis e devassos que vocês sejam; eu afirmo: nenhum de vocês está sem esperança, especialmente quando Deus teve misericórdia de um miserável como eu.

Lembrem-se do pobre publicano, de como ele achou favor em Deus, ao passo que o fariseu orgulhoso e presunçoso, inchado com sua própria justiça, foi rejeitado. E se vocês forem a Jesus como o pobre publicano fez, com um sentimento da indignidade própria, vocês acharão favor como ele achou; há bastante virtude no sangue de Jesus para perdoar os maiores pecadores. Então não fiquem desanimados, mas busquem a Jesus, e vocês o acharão pronto a ajudar em toda a sua aflição, para conduzi-los em toda a verdade, para trazê-los da escuridão para a luz e do poder de Satanás a Deus.

Não deixem que o Diabo os engane, dizendo-lhes que todas as delícias e prazeres acabarão. Não; isto está bem longe de privá-los de todo o prazer, que é uma entrada a delícias indizíveis, peculiares a todos os que verdadeiramente são regenerados. O novo nascimento é o próprio começo de uma vida de paz e consolo; e o maior deleite será encontrado nos caminhos da santidade. Salomão, que tinha experimentado todos os outros prazeres, disse acerca dos caminhos da santidade: "Os seus caminhos são caminhos de delícias, e todas as suas veredas, paz" (Pv 3-17). Então com certeza vocês não deixarão que o Diabo os engane; é tudo o que ele quer, é o que ele almeja: fazer a religião parecer melancólica, miserável e fanática. Deixem-no dizer o que quiser; não lhe dêem ouvidos, não o considerem, porque ele sempre foi e sempre será mentiroso.

Que súplicas usarei para fazê-los irem ao Senhor Jesus Cristo? O pouco amor que tenho experimentado desde que fui levado do pecado para Deus é tão grande, que eu não estaria em estado natural por dez mil mundos, e o que senti é apenas um pouco do que espero sentir. Esse pouco amor que senti é uma bóia suficiente contra todas as tempestades e tormentas deste mundo turbulento; podem os homens e demônios fazer o seu pior, eu me regozijo no Senhor Jesus, sim, e me regozijarei.

E se vocês se arrependem e forem a Jesus, eu me regozijaria por sua causa também; e nós nos regozijaríamos juntos por toda a eternidade, quando tivéssemos passado para o outro lado do sepulcro. Venham a Jesus. Os braços de Jesus Cristo estão abertos para recebê-los; Ele lavará todos os seus pecados no seu sangue e os amará livremente.

Venham, eu rogo-lhes que venham a Jesus Cristo. Que minhas palavras penetrem a sua alma! Que Jesus Cristo seja formado em vocês! Que vocês se voltem ao Senhor Jesus Cristo, para que Ele tenha mise-

ricórdia de vocês!

Eu continuaria falando até a meia-noite — sim, eu falaria até que não pudesse mais, para que servisse de meio de levá-los a Jesus. Deixem o Senhor Jesus entrar em suas vidas, e vocês encontrarão a paz que o mundo não pode dar nem tirar. Há misericórdia para o maior pecador entre vocês; busquem o Senhor como pecadores, impotentes e perdidos, e então vocês encontrarão consolo para sua alma, e serão afinal admitidos entre os que cantam louvores ao Senhor por toda a eternidade.

Agora, meus irmãos, gostaria de dar uma palavra de exortação aos que entre vocês já foram levados ao Senhor Jesus, que já nasceram de novo, que já pertencem a Deus, a quem foi dado se arrepender de seus pecados e estão limpos da culpa: Sejam gratos a Deus por suas misericórdias. Admirem a graça de Deus e bendigam o seu nome para sempre! Vocês foram vivificados em Cristo Jesus? A vida de Deus começou em sua alma e vocês têm prova disso? Sejam gratos por esta misericórdia indizível; nunca se esqueçam de falar da misericórdia de Deus. E assim como outrora sua vida fora dedicada ao pecado e prazeres do mundo, que agora seja gasta completamente nos caminhos de Deus; e abracem cada oportunidade de fazer e receber o bem. Qualquer oportunidade que tiverem, façam vigorosa e prontamente, não adiem. Ao ver alguém apressando-se para a destruição, usem o máximo dos seus esforços para detê-lo em seu curso. Mostrem-lhe a necessidade de arrependimento, e que sem isso ele está perdido para sempre; não façam conta se ele os menosprezar; continuem mostrando-lhe o perigo em que ele está. Se seus amigos zombam de vocês e os menosprezam, não deixem que o desanimem. Persistam, mantenham-se firmes até o fim, e assim vocês terão a coroa que é imutável e não desvanece.

Deixem que o amor de Jesus por vocês os conservem humildes; não sejam orgulhosos, mantenham-se junto do Senhor, observem as regras que o Senhor Jesus Cristo deu em sua Palavra e não permitam que suas instruções se percam, as quais vocês são capazes de dar. Considerem que razão vocês têm para serem gratos ao Senhor Jesus Cristo por lhes dar o arrependimento do qual vocês necessitavam; um arrependimento que opera pelo amor. Hoje vocês encontram mais prazer andando com Deus uma hora, do que em todas as delícias carnis anteriores e todos os prazeres do pecado. A alegria que vocês sentem na alma — alegria que todos os homens deste mundo e todos os demônios do inferno, ainda que se unam, não podem destruir. Então não temam a ira ou malícia deles, pois por muitas tribulações temos de entrar na glória.

Mais alguns dias, semanas ou anos e vocês estarão além do alcance deles. Vocês estarão na Jerusalém celestial; ali tudo é harmonia e amor, tudo com alegria e regozijo; o cansado encontra repouso. Hoje temos muitos inimigos, mas na morte eles todos estão perdidos; eles não nos podem seguir além do sepulcro; e este é um grande incentivo para nós não considerarmos o escárnio e zombaria dos homens deste mundo.

Que o amor de Jesus esteja continuamente em seus pensamentos. Foi sua morte que lhes trouxe vida; foi sua calcificação que expiou seus

pecados; sua morte, sepultamento e ressurreição completaram a obra; e agora Ele está no céu e intercede por vocês à mão direita do Pai. E podem vocês fazer muito pelo Senhor Jesus Cristo, que fez tanto por vocês? Seu amor por vocês é insondável. Ó, a altura, a profundidade, o comprimento e a largura deste amor, que trouxe o Rei da glória do seu trono para morrer por nós, quando tínhamos agido tão cruelmente contra Ele e merecíamos nada mais que a condenação eterna. Ele desceu e tomou em si nossa natureza; Ele se fez carne e habitou entre nós; Ele morreu por nós; Ele pagou nosso resgate. Com certeza isto deveria nos fazer amar o Senhor Jesus Cristo; deveria nos fazer regozijar nEle, e não como muitos fazem e nós mesmos temos muitas vezes feito, crucificar este Jesus de novo. Vamos fazer tudo o que pudermos, meus queridos irmãos, para honrá-lo.

Venham, todos vocês, venham e vejam Ele estendendo a mão para vocês; vejam as mãos e os pés pregados na cruz. Venham, venham, meus irmãos, e preguem seus pecados ali; venham, venham e vejam o lado dEle que foi furado; há uma fonte aberta para o pecado e para a impureza; lavem, lavem e fiquem limpos; venham e vejam a cabeça dEle coroada com espinhos — e tudo por vocês. Vocês conseguem pensar num Jesus ofegante, sangrento e agonizante e não ficar cheios de piedade por Ele? Ele sofreu tudo isso por vocês. Venham a Ele pela fé; tomem posse dEle; há misericórdia para cada um de vocês que for a Ele. Então não demorem; corram para os braços deste Jesus e vocês serão limpos no seu sangue.

O que lhes direi para fazê-los irem a Jesus? Eu tenho lhes mostrado as conseqüências terríveis do não arrependimento de pecados; e se, depois de tudo o que eu disse, vocês decidirem persistir, seu sangue lhes será requerido das suas próprias mãos; mas espero coisas melhores de vocês, e coisas que acompanham a salvação. Rogo-lhes que orem fervorosamente pela graça do arrependimento. Pode ser que nunca mais eu veja o rosto de vocês novamente; mas no Dia do Julgamento eu os encontrarei. Lá, vocês ou bendirão a Deus por terem sido movidos ao arrependimento; ou então este sermão, embora feito num campo, servirá de pronta testemunha contra vocês. Arrependam-se, arrependam-se, então, meus queridos irmãos, como João Batista e nosso próprio bendito Redentor veementemente exortaram, e voltem-se de seus caminhos maus e o Senhor terá misericórdia de vocês.

Mostra-lhes, Pai, em que eles te ofenderam; faze-os ver a própria vileza, e que eles estão perdidos sem o verdadeiro arrependimento. Concede-lhes este arrependimento; nós te pedimos que eles se voltem do pecado a ti, o Deus vivo e verdadeiro. Estas coisas e tudo o mais que tu consideres necessário para nós, pedimos que tu nos dê, por causa do que o querido Jesus Cristo fez e sofreu; a quem, contigo e o Espírito Santo, três Pessoas e um Deus, sejam atribuído, como é altamente devido, todo o poder, glória, força, majestade e domínio, agora, doravante e para sempre. Amém.

Samuel Davies: A Ressurreição Geral

SAMUEL DAVIES, UM DOS GRANDES PREGADORES da América colonial, nasceu na Pensilvânia, em 1724, e morreu em Princeton. Nova Jersey, em 1761. Foi ordenado ministro presbiteriano e estabelecido em Hanover, perto de Richmond, Virgínia. Em 1753, o Dr. Davies foi escolhido para ir ao exterior com o reverendo Gilbert Tennant com o fim de angariar fundos para a Universidade de Nova Jersey, hoje Universidade de Princeton. Quando Davies estava na Inglaterra, o rei George II, ouvindo falar de sua fama, convidou-o para pregar na capela real. Durante o sermão, Davies observou o rei falando e rindo com os que estavam perto dele e interrompendo o discurso que fazia, fixou os olhos no monarca e disse: "Quando o leão rugir, os animais da floresta tremem, e quando o Rei Jesus fala, os príncipes da terra devem manter silêncio". Dizem que os comentários do rei foram expressões de maravilha e encanto diante da eloquência do pregador. Em todos os eventos, o rei George fez substancial doação para os fundos da universidade, e quando morreu, Davies pregou um sermão sobre o seu caráter e morte. Em 1759, o Dr. Davies foi escolhido para suceder Jonathan Edwards como reitor da Universidade de Princeton.

Davies escrevia os sermões com grande cuidado, mas, quando os entregava, era livre e eloquente. Fazendo um comentário sobre sua própria pregação, afirmou: "Talvez uma vez a cada três ou quatro meses eu prego em certa medida que desejo, ou seja, prego como na presença de Deus e como se houvesse um passo que separa o púlpito do tribunal supremo. Eu sinto o assunto. Eu me debulho em lágrimas ou estremeço de horror quando denuncio os terrores do Senhor. Eu me inflamo, elevo-me em êxtase santo quando o amor de Jesus é meu tema. e, como Richard Haxter habituou-se a expressar, em estrofes que mais me admiram do que toda a primorosa poesia do mundo:

*Preguei como se tivesse a certeza de que nunca mais pregaria de novo;
E como homem moribundo para homens moribundos".*

A ressurreição geral e o último julgamento são temas que têm tocado a alma de grandes pregadores desde que o apóstolo Paulo fez Félix estremecer, quando argumentou com ele acerca da justiça, temperança e julgamento por virem. No grandioso sermão do Dr. Davies. "A Ressurreição Geral", a porção mais notável e efetiva é onde ele descreve a relutante alma do ímpio, unida a seu corpo no dia da ressurreição, denunciando o corpo

como a causa de seu fracasso neste tempo e de sua miséria na eternidade.

A Ressurreição Geral

"Vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal, para a ressurreição da condenação." (Jo 5.28,29)

DESDE que o pecado entrou no mundo e a morte pelo "lí pecado, esta terra tem sido um vasto cemitério para seus filhos. Em todas as épocas e em cada lugar, esta sentença tem sido executada: "[Tu] és pó e em pó te tomaras' (Gn 3.19). A terra tem sido arqueada com sepulcros, o alojamento final dos mortais, e o fundo do oceano pavimentado com os ossos de homens. A natureza humana foi no princípio limitada a um casal, mas logo e amplamente se espalhou! Quão inconcebivelmente numerosos são os filhos de Adão! Quantas nações diferentes em nosso globo contêm milhões de pessoas numa só geração! E quantas gerações se sucederam com o decorrer do tempo dos últimos seis mil anos! Deixe a imaginação evocar este exército muito extenso: crianças que apenas mal conheceram nosso mundo e depois partiram para um mundo desconhecido; os idosos que tiveram uma jornada longa na vida: a mocidade florescente e a meia-idade; que eles passem em revista diante de nós provenientes de todos os lugares e de todas as eras, e que vasta e surpreendente multidão! Se a posteridade de um homem (Abraão) por um filho foi, de acordo com a promessa divina, como as estrelas do céu ou como a areia à beira-mar, inumerável, que número pode computar as multidões que saíram de todos os patriarcas, os filhos de Adão e Noé! Mas o que é feito deles? Meu Deus! Eles se tornaram em terra, seu elemento original; todos eles estão encarcerados no sepulcro, exceto a presente geração, e nós estamos caindo um após o outro, em rápida sucessão, naquele lugar designado a todos os que vivem.

Não houve talvez um momento em cinco mil anos. que um ou outro não tenha descido às mansões dos mortos. Em algumas horas raras, pela espada da guerra ou pelas mandíbulas vorazes de terremotos, milhares tiveram o fio da vida cortado e foram imediatamente limpos e deixados em enorme e promíscua mortandade. Número grandíssimo de pessoas além de comparação está dormindo sob o solo. Lá, acha-se a beleza que dá o feitiço ao pó, apodrecendo em mau cheiro e repugnância, e alimentando os vermes mais vis. Lá, acha-se a cabeça que outrora usou uma coroa, tão abjeta e desprezível quanto o mais miserável mendigo. Lá, acham-se os gigantes poderosos, os heróis e conquistadores, os Sansões, os Ajaxes, os Alexandres e os Césares do mundo! Lá, eles jazem estúpidos, insensatos, inativos e incapazes de repelir os vermes que se revoltam no túmulo e fazem casas nas órbitas oculares, onde os olhos cintilavam com brilho vivo. Lá, acham-se os sábios e os instruídos, tão podres, tão impotentes quanto os

tolos. Lá, acham-se alguns com quem antigamente conversamos, alguns que eram nossos amigos, nossos companheiros; e lá, acham-se nossos pais e mães, nossos irmãos e irmãs.

E eles ficarão ali para sempre? Este corpo, este artefato curioso do céu, feito tão maravilhosa e temerosamente, sempre jazerá em ruínas e nunca será restaurado? Os extensos vales de ossos secos nunca mais viverão? Sabemos isto, que 'não é impossível para Deus ressuscitar os mortos'. AquEle que formou nosso corpo do nada certamente pode formá-lo de novo e reparar os estragos do tempo e da morte. Mas qual é a sua vontade declarada neste caso? O assunto se volta para isto, o que está revelado completamente no meu texto: "Vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros", sem exceção, "ouvirão a sua voz [do Filho de Deus), e [...] sairão" (Jo 5.28,29).

E para que fim sairão? Para todo propósito diferente: uns para "a ressurreição da vida" e outros para "a ressurreição da condenação" (v. 29).

E qual é a base para esta enorme distinção? Ou qual é a diferença em caráter entre os que receberão tão diferente destino? Esta: Os que fizeram o bem ressuscitarão para a vida, e os que fizeram o mal, para a condenação. É isto, e somente isto, que será a norma de distinção.

Evitarei toda artimanha em meu método de tratamento deste assunto, e só pretenderei ilustrar as várias partes do texto. "Todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal, para a ressurreição da condenação" (Jo 5.28,29).

I. Os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz. A voz do Filho de Deus aqui provavelmente significa o som da trombeta do arcanjo, que é denominada sua voz, porque soou por sua ordem e atendeu com o seu poder avivador. Esta chamada despertadora dos inquilinos do sepulcro encontramos predita nas Escrituras. Eu o remeterei a duas passagens claras. "Eis aqui", diz o apóstolo Paulo, "vos digo um mistério"; um segredo importante e surpreendente, "na verdade, nem todos dormiremos", quer dizer, a humanidade toda não estará dormindo na morte, quando aquele dia vier. Haverá uma geração vivendo na terra, e ainda que esta não tenha uma ressurreição formal, contudo passará por uma transformação equivalente. "Todos seremos transformados", diz ele, "num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará", dará o alarme e no mesmo instante em que o clangor terrível for ouvido todos os que vivem serão transformados em imortais. "Os mortos ressuscitarão incorruptíveis", e "nós [que estivermos vivos] seremos transformados" (1 Co 15-51,52). Esta é toda a diferença: eles serão ressuscitados incorruptíveis e nós seremos transformados. Este terrificante prelúdio da trombeta também é mencionado de novo: "Nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, não precederemos os que dormem". Não chegaremos antes deles ao encontro de nosso descendente Senhor, "porque o mesmo Senhor descera do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus", ou seja, com trunfo divino, como a soar sua majestade,

"e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro" (1 Ts 4.16), quer dizer, antes que os vivos sejam arrebatados nas nuvens para o encontro do Senhor nos ares. Quando eles ressuscitarem e os vivos forem transformados, todos subirão juntos para o lugar de julgamento.

Meus irmãos, percebam a majestade e o terror deste alarme universal. Os mortos estão dormindo no sepulcro silencioso; os que vivem estão descuidados e despreocupados do grande evento, ou absorvidos em outras ocupações; alguns dormem nas altas horas da noite; outros dissolveram-se em prazeres sensuais, comendo e bebendo, casando-se e dando-se em casamento; ainda outros estão planejando ou executando esquemas para obter riquezas ou honras; uns no próprio ato do pecado; a generalidade estúpida e descuidada perde das preocupações da eternidade, estando o dia terrível bem prestes a suceder. Outros poucos aqui e ali estão conversando com Deus, e "aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo" (Tt 2.13), quando o curso da natureza continua uniforme e regular como sempre, e os escarnecedores infiéis, ressentindo-se com isso, perguntam: "Onde está a promessa da sua vinda? Porque desde que os pais dormiram todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação" (2 Pe 3-4). Que surpresa será para um mundo descuidado! Se neste momento esse alarme irrompesse sobre nossas cabeças, em que terror muitos ficariam nesta assembléia? Tal será o terror, tal a consternação, quando de fato suceder. Os pecadores serão as mesmas criaturas tímidas e auto-condenadas, como são agora. E não poderão tapar os ouvidos que agora são surdos a todos os chamamentos mais gentis do Evangelho. O trunfo de Deus os constrangerá a ouvir e temer, a quem os ministros de Cristo hoje pregam em vão. Então todos terão de ouvir, pois:

II. Meu texto lhes fala: "Todos os que estão nos sepulcros", todos sem exceção, "ouvirão a sua voz". Agora a voz da misericórdia chama, a razão pleiteia, a consciência adverte, mas as multidões não ouvirão. Mas esta é uma voz que alcançará, que tem de alcançar cada uma das centenas de milhares de pessoas do gênero humano, e nenhuma delas poderá tapar os ouvidos. As crianças e os gigantes, os reis e os súditos, de todas as classes sociais, de todas as eras da humanidade, ouvirão a chamada. Os que vivem serão levados e transformados, e os mortos ressuscitados ao ecoar do som. O pó que outrora estava vivo e formava um corpo humano, quer esteja voando no ar, flutuando no oceano ou vegetando na terra, ouvirá a ordem da nova criação. Para onde quer que os fragmentos da estrutura humana tenham sido espalhados, esta chamada que a tudo penetra os alcançará e os trará à vida. Podemos considerar esta voz como uma convocação, não só para o corpo morto ressuscitar, mas também para a alma que outrora o animava, para que apareçam e sejam reunidos, quer no céu, quer no inferno. Para o sepulcro, a chamada será: "Ressuscitem, mortos, e venham a julgamento"; para o céu, será: "Espíritos dos justos aperfeiçoados" (Hb 12.23), "desçam ao mundo de onde vocês originalmente vieram e assumam seus corpos recém-formados"; para o inferno, será: "Saíam e apareçam,

espíritos malditos, prisioneiros das trevas, e sejam unidos novamente aos corpos nos quais vocês pecavam antigamente, para que neles vocês sofram agora". Assim esta convocação se espalhará por todos os cantos do universo; e o céu, a terra e o inferno, e todos os seus habitantes ouvirão e obedecerão. Os demônios, como também os pecadores de nossa raça, tremerão ao ouvirem; pois agora eles sabem que não podem mais pleitear como outrora fizeram: "Não nos atormentem antes do tempo", pois o tempo chegou, e eles têm de se juntar aos prisioneiros no recinto do tribunal. E agora, quando todos os que estiverem nos sepulcros ouvirem esta voz despertadora,

III. Eles "sairão". Acho que vejo, que ouço a terra agitando-se, capelas mortuárias chacoalhando-se, tumbas rebentando-se, sepulcros abrindo-se com violência. Agora as nações debaixo da terra começam a se agitar. Há um ruído e uma agitação entre os ossos secos. O pó está totalmente vivo e em movimento, e o globo se parte e se sacode como num terremoto, enquanto este exército imenso abre seu caminho e prorrompe-se em vida. Os restos mortais dos corpos humanos estão espalhados por toda parte, e passaram por muitas e surpreendentes transformações. Um membro num lugar, e outro em outro; aqui, a cabeça, e ali, o tronco, e o oceano encrespando-se entre eles. Multidões afundaram-se no sepulcro das águas, foram tragadas pelos habitantes das profundezas e transformadas numa parte da carne deles. Multidões foram comidas por animais e pássaros de rapina e incorporadas neles; e uns foram devorados por membros da raça humana no furor de uma fome desesperada ou de selvagem apetite canibal, e assimilados numa parte deles. Multidões moldaram-se em pó, e este foi soprado pelos ventos, carregado pelas águas, petrificado em pedras ou queimado em tijolos para formar habitações para sua posteridade. Ou este pó cresceu em grãos, árvores, plantas e outros legumes que são o sustento de homens e animais, e são transformados em carne e sangue. Mas através de todas estas várias transformações e mudanças, nem uma partícula que era essencial a determinado corpo humano foi perdida ou incorporada em outro corpo humano, para se tornar parte essencial dele. E quanto às partículas que não eram essenciais, elas não são necessárias à identidade do corpo ou da pessoa; e, portanto, não precisamos pensar que ressuscitarão. O Deus onisciente sabe coletar, distinguir e compor todas essas sementes espalhadas e misturadas de nosso corpo mortal. E agora, ao som da trombeta, todas serão coletadas de onde quer que tenham

sido espalhadas; todas serão apropriadamente ordenadas e unidas, por mais que estejam embaralhadas; átomo a seu átomo, osso a seu osso. Acho que agora vocês podem ver o ar escurecido com fragmentos de corpos voando de região a região para encontrar e se unir às suas partes adequadas.

Então, meus irmãos, o seu pó e o meu serão reanimados e organizados; "e depois de consumida a minha pele, ainda em minha carne verei a Deus" (Jó 19.26).

E que tremendo desenvolvimento terá a natureza frágil do homem! O

corpo será substancialmente o mesmo; mas muito diferente em qualidade, em força, em agilidade, em capacidade ao prazer ou dor, em beleza ou deformidade, em glória ou terror, de acordo com o caráter moral da pessoa a que pertence. A matéria, sabemos, é capaz de alterações e refinamentos prodigiosos; e lá aparecerá na mais alta perfeição. O corpo dos santos será formado glorioso, incorruptível, sem as sementes da doença e da morte. O corpo glorificado de Cristo, que indubitavelmente foi elevado à mais sublime perfeição de que a matéria é capaz, será o padrão segundo o qual nosso corpo será formado. '[Ele] transformará o nosso corpo abatido', declara o apóstolo Paulo, "para ser conforme o seu corpo glorioso, segundo o seu eficaz poder de sujeitar também a si todas as coisas" (Fp 3.21). "Carne e sangue", em seu atual estado de brutalidade e fragilidade, "não podem herdar o Reino de Deus, nem a corrupção herda a incorrupção. Porque convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade e que isto que é mortal se revista da imortalidade" (1 Co 15.50,53). E que tamanha mudança, quanta melhoria deste atual estado! "Semeia-se o corpo em corrupção, ressuscitará em incorrupção. Semeia-se em ignomínia, ressuscitará em glória. Semeia-se em fraqueza, ressuscitará com vigor"* (1 Co 15.42,43). Então o corpo poderá suportar o "peso eterno de glória mui excelente"; já não será mais um obstáculo ou dificuldade para a alma, mas um instrumento adequado e assistente em todos os exaltados serviços e prazeres do estado divino.

O corpo dos ímpios também será aperfeiçoado, mas sua melhoria será terrível e vingativa. Sua capacidade será totalmente aumentada. mas talvez para ser capaz de maior miséria; ele será fortalecido, mas talvez para suportar a mais pesada carga de tormento. Suas sensações serão mais prontas e fortes, mas talvez para sentir a mais intensa dor.

Na ressurreição ele se tornará imortal para que não possa ser consumido pelo fogo eterno, ou escapar do castigo pela decomposição ou aniquilação. Em suma, o aumento de força, a ampliação de capacidade e a imortalidade serão sua maldição eterna; e eles de boa vontade trocariam isso pela duração passageira de uma flor marcescível ou elas débeis sensações de uma criança. O único poder no qual eles alegrariam é na auto-aniquilação.

Quando o corpo estiver completamente formado e apropriado para ser habitado, a alma que outrora o animava é recolhida do céu ou do inferno, reentra e toma posse das antigas mansões. Ela é unida em vínculos que nunca mais se desfarão; e o tabernáculo moldado orna-se agora habitação perpétua.

Com que alegria o espírito dos justos dará as boas-vindas a seu antigo companheiro do longo sono no pó, e felicitará a ressurreição lodosa! Quanto se regozijará ao reentrar na sua antiga habitação, agora tão inteiramente restaurada e altamente aperfeiçoada! Para o espírito encontrar o corpo que outrora era seu empecilho, outrora frágil e mortal, no qual estava encarcerado e enfraquecido, outrora sua tentação, maculado com as sementes do pecado, agora seu assistente e sócio nos assuntos do céu, agora vigoroso, incorruptível e imortal, agora livre de

todas as misturas corruptas e brilhando em toda a beleza da santidade perfeita! Nesse corpo ele outrora servia o u Deus com esforços honestos, embora fracos, em conflito com o pecado e a tentação, e passou por todas as provas e adversidades conjuntas da mortalidade e da vida cristã. Mas agora espírito e corpo estão unidos para propósitos mais elevados e felizes. Os pulmões que outrora se sacudiam com suspiros penitenciais e gemidos, agora bradam de alegria e louvam ao seu Deus e Salvador. O coração outrora partido de tristeza, agora é refeito para sempre e transbordará com prazeres imortais. Esses mesmos olhos de onde escorreram lágrimas e que viram muitas visões trágicas, "verão o Rei na sua formosura" (Is 33.17), verão o Salvador, o qual, embora não vissem, amavam, e todas as glórias do céu; e 'Deus limpará de seus olhos toda lágrima" (Ap 7.17). Todos os sentidos, que outrora eram avenidas da dor, agora são passagens do mais exaltado prazer. Em resumo, cada órgão. cada membro será empregado nos mais nobres serviços e prazeres, em lugar da faina sórdida e laboriosa e dos sofrimentos dolorosos do presente estado. Bendita mudança! Alegrem-se, filhos de Deus. na perspectiva de todas essas coisas.

Mas como refletirei no terrível caso do ímpio naquele tremendo dia! Enquanto o corpo irrompe do sepulcro, espetáculo miserável de horror e deformidade, vejam os milhões de espíritos sombrios que outrora animavam seu respectivo corpo, subirem como colunas de fumaça do inferno! Com que relutância e angústia cada espírito reentra na sua antiga habitação! Que reunião terrível! Que saudações chocantes! "E tenho de ser encadeada novamente a ti (talvez a alma culpada diga), corpo amaldiçoado e poluído, sistema de deformidade e terror! Em ti, eu outrora pequei, através de ti, eu fui outrora enlaçada, humilhada e arruinada. Para satisfazer tuas concupiscências e apetites vis, negligenciei meus próprios interesses imortais, degradei minha dignidade nativa e me fiz miserável para sempre. E agora tu me encontraste para me atormentar para sempre? Gostaria que tu ainda estivesses dormindo no pó c nunca fosses restaurado novamente! Deixa-me, antes, ser condenada a animar um sapo ou uma serpente que esse corpo odioso outrora contaminado com o pecado e instrumento de meus prazeres culpados, agora fortalecido e imortalizado para me atormentar com dores pungentes e imortais.

Outrora tu realmente me deste sensações de prazer, mas agora tu te transformaste numa máquina de tortura. Nunca mais verei por teus olhos a luz alegre do dia, e os belos prospectos da natureza, mas as trevas espessas do inferno, espíritos horrendos e horríveis, o céu a uma distância intransponível e todas as visões repugnantes de aflição nas regiões infernais. Nunca mais os teus ouvidos me encantarão com a harmonia de sons, mas me aterrorizarão e me afligirão com o eco dos gemidos eternos e o trovão da vingança onipotente! Nunca mais a satisfação dos teus apetites me proporcionará prazer, mas os teus apetites, eternamente famintos e insatisfeitos, me atormentarão com os desejos ávidos e inoportunos. Nunca mais a tua língua será empregada no júbilo, escárnio e canção, mas na queixa, gemido, blasfêmia e urro para sempre.

Os teus pés que outrora andavam nos caminhos floridos e encan-

tados do pecado, agora têm de andar na terra ardente e escura do inferno. Ó, meu companheiro miserável! Eu me separei de ti com dor e relutância nos estertores da morte, mas agora encontro-me com maior terror e agonia. Volta à tua cama no pó; vai dormir e apodrecer, e nunca mais me deixes ver teu semblante chocante". Petição vã! A alma relutante tem de entrar em sua prisão, de onde nunca mais será mandada embora. E se entregássemos a imaginação a tão distantes raias, suporíamos o corpo a recriminar com esta linguagem: "Vem, alma culpada, entra em tua antiga mansão. Se é horrível e chocante, é por tua causa. Não estava a estrutura animal, a natureza brutal, sujeita ao teu governo, que és um princípio racional? Em vez de seres humilhada por mim, cabia a ti não somente teres retido a dignidade da tua natureza, mas também teres exaltado a minha, mediante ocupações mais nobres e satisfações dignas de um corpo terreno unido a um espírito imortal. Tu podias ter contido meus membros de serem os instrumentos do pecado, e feito deles os instrumentos da justiça. Meus joelhos teriam-se dobrado diante do trono da graça, mas tu não proporcionaste essa postura. Meus olhos teriam lido e meus ouvidos escutado a Palavra da vida; mas tu não os colocarias a esse serviço ou não cuidaria disso. E agora é senão justamente pelo corpo que tu te prostituíste ao pecado que deveria ser o instrumento do teu castigo.

Com efeito, desejaria recair na terra insensata como eu estava e continuar naquela insensibilidade para sempre — mas não ouviste agora mesmo a trombeta despertadora? Não foi até mesmo capaz de sacudir as fundações da tua prisão infernal? Foi essa chamada que me despertou e me chamou para encontrar-te, a qual não pude resistir. Portanto, vem, alma miserável, toma posse desta estrutura e preparemo-nos para o fogo eterno. Quem dera fosse possível morrer! Se pudéssemos nos separar de novo e nunca mais nos unir! Desejo vão; o peso das montanhas, as dores cruciantes do inferno, as chamas do fogo inextinguível, nunca podem dissolver estas cadeias que agora nos prendem!"

Mas para que fim ressuscitam estas multidões adormecidas? Para que propósito saem? Meu texto vai lhes dizer.

IV. "Os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal, para a ressurreição da condenação" (1º 5.29). As multidões são chamadas dos sepulcros para comparecer diante do tribunal, e tiradas da prisão por guardas angelicais para sofrer o último julgamento. E como neste julgamento imparcial se comprovará que são indivíduos de caráter muito diferentes, o justo Juiz da terra pronunciará o destino diferente de cada um adequadamente.

Vejam uma multidão gloriosa, "a qual ninguém [pode] contar" (Ap 7.9), publicamente absolvida, pronunciada bendita e recebida no "Reino que [lhe] está preparado desde a fundação do mundo" (Mt 25-34). Agora esses indivíduos entram num estado que merece o nome de vida. Eles estão totalmente vivos, totalmente ativos, são totalmente gloriosos, totalmente felizes. Eles "resplandecerão como o esplendor do firmamento, [...] como as estrelas, sempre e eternamente" (Dn 12.3). Todas as suas

faculdades transbordam de felicidade. Eles se misturam com a gloriosa companhia dos anjos; vêem o Salvador, a quem, não vendo, amavam; habitam em intimidade eterna com o Pai dos espíritos; servem-se de delícias sempre novas e crescentes nos sublimes serviços do santuário divino. Jamais temerão nem sentirão o menor toque de tristeza, dor ou qualquer tipo de miséria, mas serão tão felizes quanto sua natureza pode admitir por uma duração imortal. Que nova criação gloriosa temos aqui! Que criaturas ilustres formadas do pó! Fomos nós nos uniremos a esta companhia feliz? Alguém de nós, criaturas fracas, agonizantes e pecadoras, compartilhará dessa glória e felicidade? Esta é uma interessante investigação, e devo fazê-los pensar nisso com ansiedade trêmula; presentemente vou responder a seu tempo. A visão seria aprazível, se nossa caridade tivesse a esperança de que este será o bem-aventurado fim de todos os filhos dos homens. Mas, ai de nós! Multidões, e temos razão para temer que o maior número possível sairá, não para a ressurreição da vida, mas para a ressurreição da condenação! Que terror há no som! Se pecadores audaciosos em nosso mundo fazem pouco caso disso e oram por isso em cada ocasião insignificante, seus irmãos no inferno que sentem o tremendo significado dessa situação não são tão robustos, mas tremem e gemem, e já não mais gracejam.

Vamos nos conscientizar do miserável destino desta classe do gênero humano. Vejam-nos irromperem para a vida advindos dos cala-bouços subterrâneos, formas horrorosas de deformidade e terror, expressivas do desígnio vingativo para o qual seus corpos são restaurados, e das paixões tumultuosas e malignas que lhes saqueiam a alma. O horror pulsa por toda veia e lhes cega selvagem e furiosamente os olhos. Cada junta treme e cada semblante parece abatido e sombrio.

Agora eles vêem aquele tremendo dia do qual foram avisados em vão, e estremeceem diante dos terrores dos quais fizeram pouco caso. Eles de imediato sabem o grande assunto do dia, e o propósito terrível para o qual foram levantados do estado de dormência em que estavam no sepulcro: para serem julgados, condenados, sentenciados e arrastados para a execução. A consciência antecipou o julgamento num estado separado; e no mesmo instante em que a alma é unida ao corpo, imediatamente a consciência sobe para seu trono no peito, e começa a acusar, condenar, sentenciar, censurar e atormentar.

O pecador é condenado, condenado em seu próprio tribunal, antes de chegar ao recinto do tribunal do Juiz. O primeiro ato de consciência em seu novo estado de existência é a convicção de que ele está condenado, uma criatura irrevogavelmente condenada. Ele entra no tribunal, sabendo de antemão o que lhe sucederá. Quando ele se dá conta de que é mandado para a esquerda do Juiz, quando ouve a sentença terrível trovejada contra ele: "Aparta-te de mim, maldito", era somente o que ele esperava. Agora ele pode se lisonjear com esperanças vãs, e fechar os olhos contra a luz da condenação, mas então não pode mais esperar pelo melhor; ele tem de conhecer o pior do seu caso. A formalidade do julgamento judicial é necessária para a condenação do mundo, mas não para ele; a própria

consciência já lhe determinou a condição. Entretanto, para convencer os outros da justiça do seu destino, ele é arrastado e escoltado do sepulcro ao tribunal por demônios ferozes e implacáveis, hoje seus tentadores, amanhã seus atormentadores. Com que horror ele vê o trono ardente e a face carrancuda do Juiz, o Jesus a quem no passado ele desconsiderou, a despeito de todo o seu amor agonizante e a salvação que Ele ofereceu! Quanto ele deseja que pedras e montanhas lhe cubram para o esconder dos olhos bravos de Jesus! — mas debalde. Ele eleve comparecer. É-lhe ordenado ir para a esquerda, entre os criminosos trêmulos; e agora o julgamento começa. Todas as más ações e todas as omissões de dever são agora apresentadas contra ele. Todas as misericórdias que ele rejeitou, todos os castigos que Menosprezou, todos os meios de graça que negligenciou ou não valorizou, toda palavra pecadora e até toda palavra ociosa, mesmo os pensamentos e disposições mais secretas, tudo é exposto e levado a julgamento contra ele. E quando o Juiz lhe pergunta: "Não é assim, pecador? Estas acusações não são verdadeiras?", a consciência o obriga a confessar e clamar: "Culpado! Culpado!" E agora sendo o trêmulo criminoso claramente réu convicto e deixado sem argumento e sem desculpa, o Juiz supremo, na majestade severa e justiça inexorável, troveja a sentença terrível: "Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos" (Mt 25.41). Tremendo destino!

Toda palavra é aumentada com terror, e lança um raio pelo coração. "Aparta-te: fora da minha presença: não posso suportar tão repugnante visão. Certa vez eu te convidei para vires a mim a fim de que tivesses vida, mas tu não consideraste o convite; e agora tu nunca mais ouvirás a voz convidativa. Aparta-te de mim, a única fonte de felicidade, o único bem adequado para a mente imortal". "Mas, Senhor" (podemos supor que o criminoso diga), "se eu tenho de apartar-me, abençoa-me antes que eu vá". "Não", diz o Juiz irado, 'aparta-te amaldiçoado; aparta-te com minha maldição eterna e pesada sobre ti; a maldição daquele poder que te fez; uma maldição terrivelmente eficaz, que lança pelos ares tudo o que atinge como clarões de raio consumidor e irresistível". "Mas se tenho de apartar-me debaixo da tua maldição" (talvez o criminoso diga), "que este seja todo o meu castigo; deixa-me apartar-me para um recanto agradável, ou pelo menos tolerável, onde eu possa encontrar algo para mitigar a maldição". "Não, aparta-te para o fogo; lá, queima-te em todas as torturas excruciantes daquele elemento ultrajante". "Mas, Senhor, se tenho de fazer minha cama no fogo, que seja uma chama passageira que logo se extinga e ponha um fim ao meu tormento". "Não. aparta-te para o fogo eterno; lá, queima-te sem consumir e sê atormentado sem fim". "Mas, Senhor, concede-me" (grita o pobre miserável), "pelo menos a mitigação de companhia amigável, divertida e agradável; ou, caso isto não seja possível, conceda-me este pequeno pedido, que quase nem é pedido: ser sentenciado a algum canto solitário do inferno, onde serei castigado só por minha própria consciência e tua mão imediata. Mas, livra-me desses demônios maliciosos e atormentadores; bane-me para algum quarto na cova infernal longe da sociedade deles". "Não, aparta-te para o fogo eterno preparado

para o Diabo e seus anjos: tu tens de tomar parte no miserável bando para sempre; tu te uniste a eles no pecado, e agora tens de compartilhar no castigo deles; tu te submeteste a eles como teus tentadores, e agora tens de te submeter a eles como teus atormentadores".

Sendo a sentença pronunciada, é imediatamente executada. "Estes irão para o castigo eterno". Os demônios os arrastam para o inferno, e os empurram com força para baixo. Lá, eles são confinados em cadeias de trevas, e num lago que queima com fogo e enxofre, para sempre, para sempre! Nessa palavra terrível acha-se a ênfase do tormento; é um inferno no inferno. Se pudessem ser libertados da dor, embora fosse por aniquilação depois de terem lamentado por dez bilhões de eras em dor extrema, haveria uma mitigação, um pouco de encorajamento. Mas, ai! Quando tiverem se passado o equivalente a milhões de eras como as estrelas do céu, ou as areias da beira-mar, ou os átomos de pó deste enorme globo de terra, o castigo deles estará longe de um fim como no momento em que a sentença foi pronunciada. Para sempre! Esta palavra não se exaure; e quando é anexada ao mais alto grau de miséria, o terror do som é totalmente insuportável. Vejam, senhores, o que depende do tempo, esse intervalo de tempo que desfrutamos nesta vida passageira. A eternidade! A terrível e importantíssima eternidade depende disso.

Enquanto isso, a consciência rasga o coração do pecador com as reflexões mais atormentadoras. "Que oportunidade justa eu tive de salvação, tivesse eu me aproveitado dela! Eu fui avisado das conseqüências de uma vida de pecado e descuido; disseram-me da necessidade de fé, arrependimento e santidade universal de coração e vida. Gozei de espaço suficiente para arrependimento e todos os meios necessários de salvação, mas, tolo que fui, negligenciei tudo, abusei de tudo; recusei-me a separar-me dos pecados; recusei-me a engajar-me seriamente na religião e buscar a Deus com zelo; e agora estou perdido para sempre, sem esperança. Por um desses meses, uma dessas semanas ou tanto quanto um desses dias ou horas que desperdicei; com que seriedade, com que solicitude eu me aproveitaria disso! Mas todas as minhas oportunidades passaram, além de recuperação, e nem um momento me será dado para este propósito, nunca mais. Que tolo fui em vender minha alma por tais ninharias! Dar tão pouca importância ao céu, e entrar no inferno por mera negligência e descuido! ' Pecadores impenitentes e negligentes, ainda que hoje vocês possam silenciar ou abafar os brados de sua consciência, contudo o tempo, ou, antes, a terrível eternidade vindoura, quando eles falarão apesar de você; quando eles falarão à vontade, e serão sentidos pelo coração mais endurecido e sem remorso. Portanto, considerem hoje estas advertências enquanto são meios de sua restauração.

Vocês e eu, meus irmãos, estamos preocupados com o advento solene do dia que tenho descrito. Você e eu ou seremos transformados num momento, num abrir e fechar de olhos, ou enquanto estivermos criando bolor no sepulcro, ouviremos a voz do Filho de Deus e sairemos, ou para a ressurreição da vida. ou para a ressurreição da condenação. E qual, meus irmãos, será o nosso destino? E hoje, quem é para a vida e quem é para a

condenação entre vocês? Estas características têm a intenção de fazer a distinção entre vocês, e minha oração é que vocês as apliquem para esse propósito.

Quanto aos que, entre todas as suas enfermidades deploradas, estão honestamente se esforçando em fazer o bem e aflitos de coração por não poderem fazer mais, vocês também têm de morrer — têm de morrer e alimentar os vermes no pó. Mas vocês ressuscitarão gloriosamente aperfeiçoados, ressuscitarão para uma vida imortal, e em todos os terrores e consternação desse último dia vocês estarão seguros, serenos e tranqüilos. O Juiz Todo-poderoso será seu amigo, e isso basta. Que este pensamento desarme o rei dos terrores, e lhes dê coragem para olharem para baixo no sepulcro e para frente ao grande dia que surge. Que imortalidade feliz abra seus prospectos gloriosos além da visão que está diante de vocês! Depois de mais algumas lutas neste estado de guerra, e de descanso por pouco tempo na cama da morte, vocês chegarão às regiões da bem-aventurança eterna e ali assumirão sua residência para sempre.

Mas não há aqui alguns que estão cômnicos de que estas características favoráveis não lhes pertencem? Que sabem que o bom procedimento não é a ocupação de sua vida, mas que são obreiros da iniquidade? Eu lhes digo claramente e com toda a autoridade que a Palavra de Deus me confere, que se continuarem assim, vocês ressuscitarão para a condenação. Esse será indubitavelmente o seu destino, a menos que vocês sejam grandemente transformados e restaurados no coração e na vida. E isto não os encorajará a esforços vigorosos? Vocês são a prova contra a energia de tal consideração? Acordem, pecadores descuidados, de sua segurança, e preparem-se para a morte e o julgamento! Esta vida efêmera é todo o tempo que vocês têm de preparação, e vocês não o levarão a sério? O seu tudo, o seu todo eterno é colocado no único lance de vida, e você tem de suportar a casualidade dos dados. Vocês não podem fazer senão um experimento, e se falhar, por sua indolência ou má administração, vocês estarão irrecuperavelmente perdidos para sempre. Portanto, pela autoridade terrível do grande Deus, pelos terrores da morte e pelo grande dia que surge, pelas alegrias do céu e pelos tormentos do inferno, e pelo valor de sua alma imortal, eu peço, eu rogo, eu suplico que vocês despertem de sua segurança e aproveitem os momentos preciosos da vida. O mundo está morrendo à sua volta. E vocês podem ficar descansando à vontade em tal mundo, enquanto estão despreparados para a eternidade? Acordem agora para a justiça, para a chamada gentil do Evangelho, antes que a última trombeta lhes dê um outro tipo de alarme.

Rowland Hill:

Demonstrações Gloriosas da Graça do Evangelho

ROWLAND HILL NASCEU EM 12 de agosto de 1744, em Hawkeston, Inglaterra, e morreu em 11 de abril de 1833. Era filho de Sir Robert Hill. Em Cambridge, ele ficou sob a influência de Whitefield e se tornou, como Whitefield, grande pregador ao ar livre. Construiu com dinheiro próprio a Capela de Surrey, em Londres, e foi ouvido por grandes multidões em sua igreja e nas excursões itinerantes que fazia pelo país. Deixou atrás de si impressão de grande eloqüência natural. Sheridan disse acerca dele: "Ouço Rowland Hill porque suas idéias vêm de um coração ardente"; e Robert Hall: "Desde os dias de nosso Salvador, ninguém jamais esboçou imagens tão sublimes da natureza'. Há muitas anedotas acerca de seus modos, os quais por vezes chegavam às raias da bufonaria. Ele dava livre rédea ao sentimento do momento, que às vezes insultava o bom senso. Num dia úmido, várias pessoas abrigaram-se em sua capela durante forte chuva no momento em que ele estava no púlpito. Vendo-as entrar, Hill disse: 'Muitas pessoas têm a grande culpa de fazerem da religião um capote, mas não acho que essas são muito melhores, pois a fazem de guarda-chuva'. Quando perguntado por que ele não pregava aos eleitos, ele disse do púlpito: "Não os conheço, se não eu pregaria para eles. Tenha a bondade de marcá-los com giz, e então falarei para eles".

No seu sermão "Demonstrações Gloriosas da Graça do Evangelho", Rowland Hill, depois de prestar tributo às grandiosas obras feitas por Whitefield, desafia os pregadores formais e literários a produzir um efeito igual, dizendo: Vamos ver como estes racionalistas em religião (como eles humildemente desejam ser reputados) teriam a probabilidade de serem bem-sucedidos em ocasião semelhante. Que

eles procurem outra mina de carvão de descrição igual; lá, tomem um de seus bem-compostos discursos estridentes e leiam entre a multidão. De boa vontade e com alegria eu cuidaria dos tamboretos em que se sentam para ver que tipo de papel eles representariam em seus esforços de reformar. Odeio tal orgulho tolo, que é melhor corrigido pela chicotada do ridículo e desprezo".

Demonstrações Gloriosas da Graça do Evangelho

"E este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim." (Mt 24.14)

SE alguma vez minha mente sentiu o peso solene dessas palavras do velho e bom patriarca: "Este não é outro lugar senão a Casa de Deus: e esta é a porta dos céus" (Gn 28.17), foi agora. Alguém suporia que tantos ministros e o povo de Deus poriam no coração reunirem-se com tal desígnio glorioso, e Ele não estaria presente? Seguramente que não! Cremos que Ele está em nosso meio. Nem nada menos que sua presença especial coroa nossos trabalhos com sucesso. Que misericórdia vivermos em dias nos quais a promessa do Senhor é, esperamos, notavelmente verificada: "Eis que eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos" (Mt 28.20).

São de importância infinita os assuntos da salvação. A glória de levar almas a Cristo é a maior honra que Deus pode nos conferir. A salvação de uma alma vale mais que mil mundos. Meus queridos irmãos de ministério, que Deus nos encha com os mesmos desejos ardentes que instigavam o coração do apóstolo, quando ele foi constringido a declarar aos ouvintes gaiatas: "Sinto as dores de parto, até que Cristo seja formado em vós" (veja Gl 4.19). E enquanto vocês se juntam na atividade de enviar o Evangelho a nações pagas, que na partida, irmãos amados, desta nossa Jerusalém britânica, vocês sejam cheios do Espírito e do poder do alto a fim de que sejam mil vezes mais bem-sucedidos, não só na promoção do bem entre aqueles com os quais vocês mais imediatamente se preocupam para que sirvam no ministério da Palavra, mas também para a conversão dos pobres pagãos em seu bairro. Que multidões de pagãos e os piores que pagãos, embora sob o nome de cristãos, sejam encontrados em todos os lugares! E por que não esperarmos que tal fogo venha a ser acendido agora, de modo que não só maravilhas sejam feitas entre as nações que não conhecem a Deus, mas que até em nossa terra seja também nossa porção a ser favorecida com um reavivamento extraordinário do poder da religião, "e venham, assim, os tempos do refrigério pela presença do Senhor" (At 3-19).

Que pequenez e insignificância são as marcas distintivas sobre todas as coisas do tempo e do sentimento, quando comparadas a bênçãos como estas! Que proveito têm as coisas temporais em comparação às eternas? Aqui estão glórias que o mundo nunca pode obter, nem a língua expressar, e não desejo saber os sentimentos de uma mente feliz que, embora totalmente nas agonias da natureza dissoluta e além do poder de dar uma resposta inteligível a qualquer pergunta feita, não obstante, com uma

esperança cheia de imortalidade ainda que nas garras da morte, sentiu tal bem-aventurança em sua mente quanto constrangeu-o a erguer os braços em triunfo e, com o próprio céu no semblante, a repetir três vezes: "As glórias! As glórias! As glórias!"

Que honra ser feito o instrumento feliz na transmissão de tanta felicidade, em circunstâncias solenes como este homem agonizante sentiu! Enquanto vivemos, que Deus encha nossos corações com estas glórias surpreendentes; para que sejam nossa bebida revigorante no momento em que partirmos; e que a misericórdia divina ensine um mundo de pecadores a buscar a redenção!

Não nos envergonhamos do que o mundo chama a irregularidade de nossa conduta. Quando o ardor do zelo apostólico fizer de cada ministro um missionário em seu bairro, e quando, tocado com a ternura sagrada da compaixão cristã, ele não puder se contentar em deixar um único pecador, dentro do seu alcance, inconverso a Deus.

Certa pobre pecadora em seus momentos moribundos, pedindo que um menosprezado servo de Jesus Cristo fosse visitá-la antes de morrer, ouviu alguém ridicularizar sua escolha, por ela chamar alguém de tal caráter metodista, um pregador comum de rua e de campo. Despertada com zelo e gratidão a Deus pelo instrumento de sua conversão, ela disse aos que a cercavam: "Deixe que o menosprezem. Eu lhe agradecerei diante dos homens e dos anjos por ele ter saído pelas ruas e becos de nossa cidade para levar a Deus minha alma perdida e errante". Faço uma alusão para encorajá-los, meus irmãos na abençoada obra de pregação de campo, para que sejamos imediatos a tempo e fora de tempo, e nos lancemos à obra evangelística. Mas devo seguir o plano projetado do texto — Senhor, ajude-me! A palavra diante de nós nos dá a entender que assim como maravilhas foram feitas pelo Evangelho em eras anteriores, no futuro glórias ainda maiores serão realizadas. Também em nossos dias "a mão do Senhor não está encolhida, para que não possa salvar; nem o seu ouvido, agravado, para não poder ouvir" (Is 59.1). Não, quanto mais vivemos, a manifestação de glórias ainda maiores devem ser esperadas; porque ainda virá o tempo em que a "terra se encherá do conhecimento da glória do Senhor, como as águas cobrem o mar" (Hc 2.14). Sim. "os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre" (Ap 11.15). Santos e anjos aguardam com impaciência santa para rasgarem a abóbada do céu na chegada do tempo em que o cântico, mais universalmente do que nunca, será cantado: "Aleluia! Pois já o Senhor, Deus Todo-poderoso, reina. [...] REI DOS REIS E SENHOR NOS SENHORES" (Ap 19-6,16).

Pretendo não apenas mostrar que o Evangelho do Reino foi pregado em todas as eras desde a queda do homem, mas notar mais especificamente os derramamentos do Espírito em diferentes eras. sob a manifestação divina da misericórdia ao gênero humano, a fim de que nossos corações sejam pródigos e nossas esperanças estimuladas nesta presente ocasião.

No mesmo instante em que nossos primeiros pais trouxeram o

pecado ao mundo pela transgressão, e mal a justiça divina havia pronunciado a maldição, foi quando a misericórdia soberana pronunciou a promessa graciosa: a semente da mulher ferirá a cabeça da serpente (veja Gn 3-15). Assim o Evangelho foi pregado pela primeira vez no próprio paraíso. Eles, a quem foi pregado, acreditamos que viveram sob a promessa dada e aguardavam-na com expectativa. Eles até mesmo parecem ter concluído que obtiveram o cumprimento da promessa, quando Eva, ao dar à luz seu primeiro filho — traduzindo a passagem mais literalmente —, exclamou: "Eu adquiri um homem, o Senhor".

Podemos chamar isso o primeiro florescer da misericórdia ao homem caído, mas o achamos extremamente limitado a um canal estreito ao longo do mundo antediluviano, enquanto tamanhas inundações de iniquidade disseminavam-se pela face da terra. Isso fez com que o próprio Deus se arrependesse de ter feito o homem, e, por conta disso, o seu coração se doeu (veja Gn 6.6). Somente na família de Noé estavam preservados o conhecimento e temor de Deus. Mas o córrego que começou a fluir desde o mais antigo período de tempo gradualmente foi aumentando e continuando a aumentar como um rio transbordante, até que suas correntes largas e extensas desaguaram no seio do oceano.

Deus separou Abraão e sua família desde cedo para esse propósito. A fé do renomado patriarca era forte e clara, concernente à Pessoa e glória de Cristo. A fé é uma graça previdente, pois apesar do tempo decorrido, Abraão "exultou por ver o meu dia [de Jesus], e viu-o, e alegrou-se" (Jo 8.56). Paulo declara que a mesma fé que justificou Abraão justifica os crentes em Jesus de todas as eras; que as bênçãos da mesma salvação também nos serão dadas, se formos abençoados com a mesma fé que nele habitava — o qual é o pai dos crentes. E, com efeito, todas as grandes obras feitas pelos heróis da fé de tempos antigos estão descritas no capítulo décimo primeiro de Hebreus, as quais foram feitas pela fé no Senhor Jesus, pois só Ele as torna aceitáveis à vista de Deus, pois "sem fé é impossível agradar-lhe" (Hb 11.6).

A seguir, notamos que outros avivamentos se sucederam: Calebe, filho de Jefoné, e Josué, filho de Num, são tidos em alta conta nos registros da Escritura. Embora o pecado afastasse a geração dos seus contemporâneos da Terra Prometida — eles pereceram por incredulidade no deserto —, nada afetava a vida desses homens de renome ou lhes impedia de possuir a Canaã desejada. Foi grande o avivamento da religião nos seus dias, e muito bem foi feito através deles. Deus estava eminentemente com eles e eles o reconheciam em todos os seus caminhos. Nenhum inimigo cananeu pôde evitar o seu progresso glorioso; eles eram vencedores, mais do que vencedores, porque criam no seu Deus. E Deus não pode dar a mesma fé preciosa na atual empresa? Quando Deus diz: "Haja luz", está no poder de todo o inferno criar trevas? Quando Ele diz: "Surjam, brilhem", a onipotência não prevalecerá? Nós triunfamos enquanto cremos em Deus. "Se Deus é por nós, quem será contra nós?" (Rm 8.31)

Certa feita, fui tomado por dúvidas com respeito a uma missão aos

pagãos. A incredulidade dizia que havia mil dificuldades no caminho. Sou grato a Deus que minha alma se ruborizou, quando este texto me foi trazido à mente: "Mesmo destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão" (Mt 39). O que há tão inanimado quanto uma pedra? Tivesse a metáfora sido tirada de árvores, ou de qualquer outra parte da criação vegetal, poderíamos ter descoberto a existência de pelo menos vida vegetal; mas que poder pode mandar as pedras viverem senão o poder do Deus vivo?

O tempo nos seria escasso para traçar as mesmas demonstrações divinas da graça, sob a regência de Samuel e na primeira parte do reinado de Saul, e as crescentes glórias que sobrevieram à Igreja de Deus enquanto o cetro estava confiado nas mãos de Davi. Passamos para o tempo de Salomão. A luz refletida provida por aquela dispensação brilhou com seu mais pleno esplendor, mas, como o brilho do pântano que pouco a pouco retira sua luz humilde até que desapareça totalmente e se esconda atrás do sol, assim observaremos que estes avivamentos graciosos gradualmente declinaram, até que surgiu Jesus, o Sol da Justiça, criando o dia da graça do Evangelho e adornando-o com todas as glórias de sua grande salvação.

O reinado de Salomão foi repleto de maravilhas. Contudo, identificamos que a parte de sua história mais pura e sem excessos foi quando o Senhor verdadeiramente estava com ele. Salomão começou seu reinado em comunhão com Deus, e prosperou enquanto manteve esta comunhão; seu desejo mais nobre foi construir o Templo. Foi durante esse período que o coração deste soberano esteve completamente devotado ao Senhor. Sua sabedoria, riquezas e honras foram dedicadas inteiramente para promover a glória de Deus; com zelo, ele completa o trabalho que Deus havia lhe dado. O Templo deve ser dedicado àquele para cujo serviço foi construído. Que dia é este, quando todo o Israel aparece diante do Senhor como uma inumerável multidão! O próprio rei conduz as devoções do povo, e Deus milagrosamente declara sua aprovação da obra solene, enquanto faíscas de fogo santo descem sobre o sacrifício já preparado para o culto divino, e a glória de Deus enche todo o Templo e constrange o povo a regozijar-se com reverência e temor divino.

Será que podemos supor que a mera manifestação externa e visível da glória de Deus era tudo o que a grande majestade do céu designou para o presente? Claro que não! Ele que é como o fogo de refinador para os corações do povo também estava indubitavelmente operando em seus corações, por sua agência invisível, a fim de que os preparasse para si e depois os levasse à sua glória. Em resumo, isso não parece como o grande Pentecostes da Igreja do Antigo Testamento, semelhante em natureza e efeitos ao que está registrado no Novo Testamento, quando línguas repartidas de fogo pousaram sobre a cabeça dos apóstolos — sinal visível da preparação para o importante ministério, que, mediante sua instrumentalidade, grande graça pousasse no coração de milhares de pessoas para prepará-las para a glória?

Que panoramas abrem-se mais amplamente em nossa mente, quando meditamos sobre as multidões de espíritos glorificados já levadas a Deus sob a influência destes diferentes derramamentos do Espírito da graça. Há

muito eles chegaram com segurança e estão esperando com alegria santa por aqueles que hoje estão indo e por outros que ainda irão, até que Deus complete o número dos eleitos e termine sua grande obra de salvação.

Agora segue-se uma longa noite. Por espaço de quase setecentos anos lemos nos registros inspirados (excluindo o que se refere no Salmo 44 e em algumas outras passagens), que houve somente mais um reavivamento do poder da fidelidade gloriosa da igreja judaica nos dias da terrível perseguição da religião, e que ocorreu sob o governo de Esdras e Neemias no retorno de Israel do cativeiro babilônico. Aprofundemo-nos um pouco mais na investigação da glória desse avivamento. Através de relacionamentos ilícitos o povo se contaminara quando cativo numa terra paga, e mesmo depois quando voltou do cativeiro. Essas mulheres, pela ordem de Deus, tinham de ser renunciadas, e não obstante, o que é mais caro à natureza que a esposa da afeição de um homem? Mas Esdras, o reformador santo, permanecia firme diante do povo. A ordem era explícita: esposas tomadas ilegítimamente deviam ser rejeitadas; e eles obedeceram ao que a natureza chamaria de severa injunção do Senhor.

De tudo que nos seja querido, que nosso Senhor e Deus seja mais querido ainda. Cada vez mais querido, dia a dia! Que Cristo encontre nesta presente obra os que podem abandonar casas, terras, irmãos, irmãs, maridos, esposas e tudo por sua causa! E por que alguém recusaria abandonar coisas tão ínfimas em favor dEle, que abandonou o céu, a glória e não escondeu a face da vergonha e da cusparada. e no fim entregou sua vida para nos resgatar do inferno que o pecado muito justamente merece, para que Ele nos fizesse participantes com Ele da bem-aventurança na glória eterna? Farei mais algumas observações sobre este último reavivamento da religião antes da vinda de nosso Senhor. A Palavra de Deus foi dada novamente à advertência pública. Esdras, o escriba, ficou num púlpito de madeira desde o amanhecer até ao meio-dia. Durante seis horas corridas, ele leu e expôs a Palavra de Deus, ajudado por doze dos principais de Israel, seis postados de um lado e seis do outro. "E leram o livro, na Lei de Deus, e declarando e explicando o sentido, faziam que, lendo, se entendesse" (Ne 8.8). Eles não ficaram cansados com a duração do sermão; não, uma congregação plangente não se afasta rapidamente da Palavra de Deus. Era evidência forte da parte deles que Deus estava com eles de verdade, que seus corações estavam derretidos diante do Senhor e seus olhos eram fonte de lágrimas.

Que visão revigorante nos seria, meus irmãos, se esse fosse o estado de nossas congregações e manifestasse tal ternura de coração e tal prontidão em imediatamente obedecer tudo o que ouviam da Palavra sagrada da verdade! Tenho certeza de que nenhuma visão é tão gloriosa quanto a presença de Deus numa congregação de adoradores; nem nada tão animador ao coração de um ministro como quando percebe que a palavra que ele prega entra no coração dos ouvintes, com "demonstração do Espírito e de poder" (1 Co 2.4). Depois desse período até a vinda de Cristo, trevas espessas cobriram a maior parte da terra. A religião parecia estar afundada em formalidade, ao mesmo tempo que as instituições de

Deus estavam miseravelmente misturadas com invenções de homens. O espírito de profecia foi quase que totalmente retirado; nenhum reformador zeloso fez suas aparições, nem houve indicação de pessoas lamentando-se de seu estado desolado ou almejando a volta das misericórdias do Senhor.

Observamos que o momento mais escuro em toda a noite é o momento que precede o primeiro raiar do dia. Bendito seja Deus, iremos agora contemplar a glória daquele dia luminoso criada pela presença daquele que é "o resplendor da sua glória [do Pai], e a expressa imagem da sua pessoa" (Hb 1.3).

Mas há algo no progresso desta luz que exige nossa atenção. Encontramos algumas maravilhosas agitações de consciência (e é bom quando Deus põe a consciência a trabalhar) sob a pregação de João Batista. Seu aparecimento foi sem sofisticação, mas sua palavra, poderosa: sua função era "preparar o caminho do Senhor". Se, porém, suas palavras pareciam ter apenas um efeito passageiro na mente dos que o ouviam, não se pode deixar de supor que quando o Filho de Deus começou a pregar, maravilhas realmente foram feitas e que nem um ouvinte resistiu quando o Jeová encarnado entregou sua própria palavra. Mas o que foi realizado pela pregação de nosso Senhor? Sua palavra tinha autoridade e os ouvintes maravilhados foram obrigados a reconhecer: "Nunca homem algum falou assim como este homem" (Jo 7.46). Apesar de tudo isso e embora fosse obrigado a tomar as montanhas por seu púlpito e andar de aldeia em aldeia e de cidade em cidade pregando o Evangelho do Reino, depois da crucificação não encontramos mais que cento e vinte pessoas reunidas num cenáculo por medo dos judeus. Onde estavam os milhares que acompanhavam o ministério de João Batista? Onde estavam as multidões que seguiam nosso Senhor e foram alimentadas por seus milagres? O poder glorioso ainda não fora revelado, o qual faz eficazmente a obra. "O Espírito Santo ainda não fora dado, por ainda Jesus não ter sido glorificado" (Jo 7.39). Ele primeiramente teve de "aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo" (Hb 9.26).

Não era certo que a bênção fosse concedida até que a maldição fosse removida, mas assim que foi feita a grande obra, quando Jesus havia ascendido ao Reino divino, de acordo com a palavra gloriosa: "Levantai, ó portas, as vossas cabeças; levantai-vos, ó entradas eternas, e entrará o Rei da Glória" (SI 24.7); quando Ele tinha terminado suas conquistas e "[subido] ao alto, [e levado] cativo o cativo", então chegou o tempo abençoado em que Ele "deu dons aos homens" (Ef 4.8), até aos rebeldes, e veio e habitou entre eles. Assim, tendo preparado as mansões para o seu povo, Ele envia seu Espírito para preparar o povo para ali entrar. As glórias desse dia sagrado! "Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens" (Ap 21.3). De acordo com a direção de nosso Senhor, os discípulos esperaram em Jerusalém pelo cumprimento da promessa, e vejam! Ele vem, suas mentes estão iluminadas para entender as Escrituras. Seus corações estão inflamados e eles pregam a Palavra com fidelidade e poder. Antes, nem os trovões da pregação de João Batista no deserto, nem ainda as palavras de graça que saíram dos lábios do próprio Jesus Cristo puderam efetivamente

impressionar a mente de quase ninguém. Mas como a pregação de um grupo humilde de pescadores iletrados amoleceu o coração inflexível dos assassinos de Cristo e os trouxe aos milhares para se submeterem à sua justa e misericordiosa autoridade.

No primeiro dia, logo após o Dia de Pentecostes, ouvimos falar de três mil pessoas; em outro momento, ouvimos o número subir para cinco mil; depois, "a multidão dos que criam no Senhor, tanto homens como mulheres, crescia cada vez mais" (At 5.14); e mais adiante, "se multiplicava muito o número dos discípulos"; e o que era a maior maravilha de todas, "grande parte dos sacerdotes obedecia à fé" (At 6.7). Ouvimos de aldeias, vilas, cidades, países inteiros, que de imediato foram subjugados ao Senhor Jesus, e assim "a palavra do Senhor crescia poderosamente e prevalecia" (At 19-20). Esse foi o tempo em que "nasceria uma nação de uma só vez? Mas Sião esteve de parto e já deu à luz seus filhos" (Is 66.8). Que poder saía junto com a Palavra! Os que ouviram sentiram-se imediatamente tocados no coração. Seu clamor era direto: "Senhores, que é necessário que eu faça para me salvar?", e a resposta, tão diretamente dada, era: "Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa" (At 16.30,31). Como é que, supomos, o decoro da adoração religiosa foi interrompido dessa forma? Mas bendita interrupção, quando o próprio Deus operou de modo tão glorioso e muitas almas foram levadas à sujeição divina da cruz de Cristo! Que Deus nos envie tais interrupções benditas em todas as nossas congregações! São todas gloriosas!

Alguém pode perguntar o que foi feito das multidões que acompanhavam o ministério de nosso Senhor e de João Batista, seu arauto. Admira-me que muitos dos que, tendo hoje suas crenças reavivadas, encontrar-se-iam entre os milhares felizes que receberam a dispensação do Evangelho. A semente foi semeada primeiramente por João Batista e por nosso Senhor glorioso, e depois de ter sido regada pela descida do Espírito Santo, brotou para a glória de Deus. Que incentivo para todo ministro sincero a fim de que sejam diligentes na obra! Convicções ocultas podem ficar muito tempo no coração antes que ocorra uma conversão completa a Deus. 'Lança o teu pão sobre as águas, porque, depois de muitos dias, o acharás' (Ec 11.1). Colheremos se não desfalecermos.

Muitas vezes quando estou engajado na pregação, e talvez também no árduo trabalho da pregação pelas mas, quando penso que a cidade inteira estava amortecida em transgressões e pecados, alguns poucos são encontrados e, permitam a expressão clara, eu os deixo como "pés-de-meia". Eu os visito novamente, e o número logo subiu de modo que os poucos se tornaram em milhares.

Que evidência notável é dada por todos estes reavivamentos de que a obra na qual estamos engajados é, realmente, a obra de Deus: "Não por força, nem por violência, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos" (Zc 4.6). Para que foi especificamente a doutrina no grande reavivamento do Dia de Pentecostes? A pregação simples e clara da cruz de Cristo. E quem foram os instrumentos? Um grupo de pescadores comuns e iletrados. Mil vezes melhor ter a simplicidade de um Pedro do que a

eloqüência de um Longino, se formos senão úteis à alma de nossos semelhantes. Essa pregação sempre é a melhor e que mais adequadamente corresponde ao seu propósito. Prossiga-mos, então, pregando — como está expresso no texto — "o Evangelho do Reino", e também com simplicidade e piedosa sinceridade, não com sabedoria carnal, e o que tem sido feito será feito. Deus sempre defenderá sua própria verdade, e se Ele é por nós, quem será contra nós? Pregar o Evangelho do Reino representa toda a obra. Eu odeio o orgulho dos que tentam pôr de lado esta dispensação gloriosa e sempre procuram estabelecer o que chamam de faculdades da razão, vangloriando-se das coisas grandiosas que podem fazer. Tivessem eles um pouco mais da mesma faculdade que insinuam tão abundantemente possuir, não se exoriam por meio de tais afirmações, pois o que a razão pode fazer quando está sob a influência da natureza corrompida? Não, dizem eles, é a paixão e o apetite, não a razão, que governam o homem. Mas se a paixão e o apetite prevalecem sobre a compreensão humana, de forma que o bem é evitado como o mal e o mal buscado como o bem, e estes abastecem nossa capacidade racional com seus dados, podemos facilmente concluir qual será a conduta e a escolha. Não, dizem eles, está se dizendo que um bêbedo age de acordo com a razão? Certamente que não; mas ele age de acordo com a sua razão; e um homem num ato violento de paixão age de acordo com razão? Segundo o que ele naquele instante chama de razão, ele certamente *age*. E o bêbedo e o apaixonado lhe darão mil razões pela — como eles o chamam — conduta que têm; e, por mais errada que seja a razão, é razão para eles. Por mais erroneamente que sejam guiados, contudo a razão lhes serviu de guia; e não é provável que um guia errado conduzirá um homem reto. Em resumo, a razão de cada um o impulsiona a buscar a felicidade. Enquanto a mente carnal supõe que há felicidade a ser obtida na satisfação da concupiscência e da paixão, a razão guia o caminho. Em suma, a razão saudável nunca pode ser implantada, a não ser pela verdadeira religião.

O fato se prova por si mesmo. Onde estão os convertidos desses jactanciosos pregadores racionais? A despeito de todas as suas pretensões à sabedoria, eles não podem apresentar uma única amostra de alma preciosa que tenha sido convertida do pecado para Deus.

Apresento agora o caráter do grande Whitefield. Espero que vocês não se envergonhem de minha menção ao seu nome neste assunto, pois de fato eu não me envergonho. Deus me deu uma mente muito ampla e a libera de todas as miseráveis redes finas da polidez. Ele não reconhece partido, sua glória era pregar o Evangelho a toda criatura; sua alma detestava o fanatismo; e, como um segundo Sansão, ele abalou os principais pilares de sustentação dos valores da sociedade para que vocês e eu, meus irmãos, nos regozijássemos por ela tremer até a fundação, e vivêssemos em esperança diária a fim de que nossa alegria fosse completa.

Não direi: Agradeço ao Diabo por qualquer coisa; mas direi: Agradeço a Deus por essa providência permissiva por meio da qual o grande homem, Whitefield, sendo expulso das igrejas, estimou seu dever de pregar livremente. Seu primeiro esforço foi entre os pobres trabalhadores das

minas de carvão de Kingswood. Eu desafio qualquer missionário na terra a achar lugar mais escuro ou visitar povo mais inculto. Ele convocou estas pessoas dos buracos e covas da terra e lhes pregou "a conversão a Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo" (At 20.21). E foi visão adorável ver o efeito glorioso. Olhos antes desacostumados a chorar agora começam a verter lágrimas de arrependimento para a vida, fazendo surgir pequenos riscos brancos nos rostos enegrecidos, que se voltam para o céu e oram pedindo misericórdia e perdão. Joelhos antes desabituaados a orar agora estão dobrados em devoção ardente na presença de Deus; e suas vidas bem e sabiamente reguladas pelo poder da graça que fizera tais maravilhas em seus corações. Agora prestem atenção ao que estes filhos fastidiosos de orgulho e presunção tinham a dizer nesta ocasião: Certamente, Whitefield fez o bem entre estas pessoas simples. Não lhes agradecemos pelo elogio, visto ter sido feito com tamanha graça vil e nociva; maior panegírico não pode ser expresso. Geralmente supomos que ele é o melhor médico, que cura as doenças mais desesperadoras. E também deveríamos supor que ele é o melhor ministro, apesar dos termos convenientes de metodista e entusiasta, que curam as doenças da mente em seu estado mais desesperador.

Vejamos como estes racionalistas em religião (como eles humildemente desejam ser reputados) teriam a probabilidade de serem bem-sucedidos em ocasião semelhante. Que eles procurem outra mina de carvão de igual descrição; lã, tomem um de seus bem-compostos discursos estridentes e leiam entre a multidão. De boa vontade e com alegria eu cuidaria dos tamboretos em que se sentam para ver que tipo de papel eles representariam em seus esforços de reformar. Odeio tal orgulho tolo, que é melhor corrigido pelo açoite do ridículo e desprezo.

Mas parte de nosso plano ainda deve ser considerada. Traçar o que foi feito desde os apóstolos, as horas do dia não nos permitem, e os sucessos de data mais recente já lhes foram bem apresentados. Temos de nos apoiar nas promessas e profecias da Palavra de Deus. com a glória que será revelada. O próprio texto dá bendito incentivo a nossas expectativas: "Este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim" (Mt 24.14). E o que ainda não esperamos, quando o próprio Senhor disse ao seu Filho amado: "Pede-me, e eu te darei as nações por herança e os confins da terra por tua possessão" (Sl 2.8).

Nosso desígnio é o mesmo: não importa o nome do barco que transporta os pobres pecadores cercados de trevas para a terra da luz do Evangelho e liberdade, contanto que o trabalho santo seja realizado. Odeio o fanatismo ferrenhamente, e enquanto tantos ministros do Evangelho de denominações diferentes se reúnem para o mesmo propósito, ainda espero viver para ver essas divisões não mais subsistirem para dividir os cristãos. Enquanto cada um de nós serve a Deus em sua própria denominação, por que não podemos nos amar como irmãos?

Que nomes, seitas e partidos caiam,

E Jesus Cristo seja tudo em todos.

Eu confesso, na simplicidade do meu coração, que nunca projetei nesta ocasião solene algumas expressões que saíram de meus lábios. Estou certo de que sua paciência e sinceridade os instruirá a perdoar, mas temos de ser sérios, sérios de verdade, enquanto concluimos este sermão com algumas observações sobre qual deve ser o caráter dos missionários.

E que tipo de pessoas devem ser estas, em toda convivência santa e santidade! Quanto estão cheios dessa mentalidade divina e espiritual que os eleva tão acima do mundo, como se nem tivessem uma existência nele! Que zelo santo e ardente pela salvação das almas! Que sabedoria insigne para conduzir tal zelo! Que pureza de conhecimento para lidar com aqueles cujo gosto profundamente arraigado por suas antigas superstições lhes fará observar com olhos ciumentos em cada tentação para declarar entre eles a verdade como está em Jesus!

Não devem nem sua paciência, mansidão e simplicidade pueril ser menos eminentes que seu zelo. Eles têm de ganhar por amor e vencer pela perseverança santa; não têm de *ser* como alguns missionários que supõem que devem ser enviados numa viagem agradável às expensas públicas. Mas devem ser homens que não contam a vida por preciosa, contanto que cumpram com alegria a carreira e o ministério que receberam do Senhor (veja At 20.24); homens que se contentem com o puro amor por Cristo para estarem "a toda hora em perigo". Não só têm de viver como mártires, mas talvez morrer como mártires; o antigo provérbio dos cristãos primitivos deve não apenas ser conhecido, mas reavivado; "O sangue dos mártires é a semente da Igreja". Eles devem ser tão mortos para si mesmos quanto se não existissem. Eles precisam estar completamente crucificados com Cristo. Em suma, antes de embarcarem na obra, eles têm de aprender a "negar a si mesmos"¹. Com triunfo santo, eles têm de aprender a dizer: "Adeus, minha terra querida e nativa, adeus a toda facilidade e satisfações terrenas que aí desfrutei. Bem-vindas aflição, necessidades, angústias de todo tipo; trabalhos, vigílias, jejuns, agora não tenho mais medo. Bem-vinda a vida a ser gasta com viagens freqüentes, em perigos de águas, em perigos de ladrões, em perigos dos pagãos, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar; bem-vindos cansaço e dor, fome e sede, frio e nudez; bem-vinda a própria morte, sempre que o Senhor bendito, que morreu por mim, ordenar esse sacrifício caro ao meu alcance"¹. Estes são os homens que serão feitos mais que vencedores sobre todas as dificuldades que a prudência ou incredulidade humanas nos apresentariam para impedir o caminho.

A sabedoria humana que bem conhecemos logo se confundiria na empresa; enquanto sua pequena vela é trazida para encontrar o caminho nas trevas da noite, ela só parece acrescentar negridão e obscuridade a todas as coisas além da pequena região que seus raios alcançam. Mas quando o sol brilha, sua luz espalha-se, alcançando os objetos mais distantes, e todo caminho fica claro diante de nós.

Alguns podem rezear que pouco pode ser feito, porque milagres estão

em falta e o dom de línguas não mais é manifesto. Indubitavelmente, Pedro tinha notável prova da doutrina que pregava, quando o coxo, tendo sido curado em nome do Senhor Jesus, estava saltando no templo. Porém, milagres nunca cessam quando almas são convertidas a Deus; nem línguas jamais cessarão enquanto a mudança maravilhosa feita pela graça de Deus tão ruidosamente pressagia os louvores do seu poder de operação de maravilhas. Que os pagãos vejam o que a graça pode fazer por um verdadeiro convertido; e não precisamos mais ficar desanimados por falta de milagres e línguas. Esse espírito de unanimidade e zelo que até aqui assistiu o trabalho é sinal feliz de que o bem será feito, enquanto a torrente flui com tamanha rapidez para a concretização de tão bom desígnio. Eu não sairia pelo mundo, senão ao lado do Senhor nesta ocasião. "Amaldiçoi a Meroz, diz o Anjo do Senhor; acremente amaldiçoi os seus moradores, porquanto não vieram em socorro do Senhor, em socorro do Senhor, com os valorosos" (Jz 5.23). Não, meus irmãos, a providência de Deus ordena que nos empenhemos por sua glória. Não há que duvidar que dificuldades existem; e oração, prudência e zelo santo em abundância serão necessários para administrar o trabalho. Mas Deus pode prover tudo o que é necessário para dar prosseguimento à sua própria obra à sua maneira; e não temos de fazer nada, a não ser seguir à medida que Ele condescende em conduzir. Graças sejam dadas a Deus pela unanimidade e benevolência que têm subsistido entre nós. Que sejamos encontrados firmes, inabaláveis, sempre abundantes na obra do Senhor, posto que estamos seguros que nosso trabalho não é em vão no Senhor.

Robert Hall: O Missionário Cristão

ROBERT HALL, NASCEU EM ARNSBY, Inglaterra, em 2 de maio de 1764, e morreu em Bristol, em 21 de fevereiro de 1831. Foi educado na Universidade Real, em Aberdeen, onde seu amigo mais próximo era James Mackintosh, que mais tarde se tornaria um célebre filósofo. Mackintosh lamentou que o fato de Hall ter escolhido o púlpito fez com que o pensamento especulativo perdesse um dos seus mentores. Ele pregou por quinze anos na Igreja Batista em Cambridge, e depois em Bristol, Durante sua vida ativa sofreu seriamente de uma afecção da espinha, e muitos dos seus escritos tinham de ser feitos deitado no chão. Seu intelecto nobre também sofreu eclipse em várias ocasiões e exigiu que fosse internado num asilo. Durante um desses períodos de desvio mental, um visitante chegou ao asilo e, vendo Hall, dirigiu-se a ele, dizendo num tom pomposo: *E O que, meu caro senhor, o trouxe aqui?" "Algo", respondeu Hall, apontando a própria testa, que nunca o trará aqui!"

Hall era pregador intelectual da mais alta categoria. Sua voz e estilo de púlpito eram fracos, mas a ordem e amplidão de idéias mantinham vastas congregações encantadas. Dugald Stewart, filósofo escocês, descreveu Hall como alguém que "combina as belezas de Johnson, Addison e Burke". Seus poucos sermões impressos foram escritos depois de entregues, mas comentava-se que a graça e elegância dos sermões nos momentos em que eram ministrados chegavam a ultrapassar os sermões escritos. O sermão que se segue foi uma recomendação entregue a Eustace Carey — parente de William Carey —, quando ele foi para a Índia como missionário. É uma declaração grandiosa do trabalho da Igreja cristã no mundo.

O Missionário Cristão

COMO tem sido habitual na separação de um missionário, depois de recomendá-lo solenemente a Deus pela oração, farei um pequeno discurso. De acordo com o costume, não talvez impróprio ou pouco louvável, pedirei sua atenção a alguns conselhos. Procurarei evitar cair no âmbito das instruções regulares, as quais nem me julgo à altura, nem considerarei necessárias, visto que em sua chegada à Índia você receberá de seu venerável parente, o Dr. William Carey, instrução mais ampla e apropriada que esteja em meu poder comunicar.

Quando foram enviados os primeiros missionários que visitaram estas regiões ocidentais sua separação foi acompanhada de oração e jejum; de onde deduzimos que a súplica ardente deve formar a característica distintiva nos exercícios apropriados a estas ocasiões.

Mais que qualquer demonstração de talento, por mais esplêndida que seja, a efusão do espírito de oração na Igreja de Cristo é o mais seguro penhor de sucesso no estabelecimento de missões. Como não há empreendimento mais completamente espiritual em sua natureza, nem cujo sucesso é mais imediatamente dependente de Deus do que o empreendimento em que você está entrando, a ninguém a ajuda espiritual é mais necessária, a qual é conferida principalmente pelas orações dos crentes.

"Apartai-me", disse o Espírito Santo aos discípulos reunidos em Antioquia, "apartai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado" (At 13-2). Quando o onisciente Investigador de corações separa um ministro cristão dos seus irmãos e o nomeia para uma obra distinta, implica a percepção prévia de certas qualificações, geralmente não possuídas, para seu desempenho bem-sucedido. Pois ainda que ninguém possa dar o crescimento senão Deus, grande parte de sua sabedoria é encontrada na seleção de instrumentos adequados para o seu propósito. A primeira e mais essencial qualificação para um missionário é uma decidida predileção pelo ofício; não o efeito de um súbito impulso, mas de uma profunda e séria consideração; uma predileção fortalecida e amadurecida por deliberada consideração do sacrifício necessário. Cada pessoa tem sua chamada formal; e enquanto a maior parte dos mestres cristãos está perfeitamente satisfeita em tentar fazer todo o bem que puder em sua terra nativa, há outros de caráter mais empreendedor, inflamados com o propósito santo de levar as Boas Novas além das fronteiras da cristandade; como o grande apóstolo dos gentios, que estava determinado a não construir sobre o fundamento de outrem, mas, se possível, pregar Cristo em regiões onde seu nome não era conhecido. As circunstâncias que contribuem para tal resolução são diversas, freqüentemente muito sutis e complicadas para admitir uma análise distinta: um ardor constitucional de

mente, uma negligência natural das dificuldades e perigos, uma impaciência de estar limitado pelas finas redes dos deveres habituais, junto com muitas associações e impressões acidentais, podem se combinar para formar um espírito missionário. Nem é necessário investigar tão minuciosamente as causas que levaram a certa determinação, como a legitimidade do objetivo e a pureza do motivo.

Adoramos a Fonte prolífica de todo o bem na variedade e discriminação dos seus dons, pelos quais Ele dá um caráter separado e distribui uma esfera distinta de operação aos princípios gerais e essenciais que formam o cristão e o ministro. "E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores, querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo" (Ef 4.11,12).

A próxima qualificação, cuja necessidade tenho de me permitir lembrá-lo, é a devoção individual, sem cujo grau não é possível ser cristão, muito menos para propósitos úteis ser ministro, muito menos ainda missionário. Ao decidir deixar seu país de origem e renunciar suas mais estreitas relações com pequena expectativa de vê-los novamente na carne, você deu indicações peremptórias deste espírito. Nem para uma mente como a sua, apuradamente viva para as sensibilidades da natureza e amizade, pode o sacrifício que você já fez ser julgado insignificante. Mas como ainda não é possível conjecturar a extensão das privações e provas às quais, na busca de seu objetivo, você pode ser exposto, sua situação não é diferente daquela enfrentada por Abraão, que, sendo ordenado a deixar o próprio país e a casa do pai, saiu sem saber para onde ia. Ao entrar num cenário nunca antes vivido, onde podem surgir dificuldades para exercitar sua paciência e fortaleza, das quais você pode formar senão concepção muito inadequada, você fará bem em contemplar o exemplo e meditar nas palavras do apóstolo Paulo em circunstâncias não muito diferentes: "E, agora, eis que, ligado eu pelo espírito, vou para Jerusalém, não sabendo o que lá me há de acontecer, senão o que o Espírito Santo, de cidade em cidade, me revela, dizendo que me esperam prisões e tribulações. Mas em nada tenho a minha vida por preciosa, contanto que cumpra com alegria a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus, para dar testemunho do evangelho da graça de Deus" (At 20.22-24).

A próxima qualificação necessária para um mestre do Cristianismo entre pagãos é o espírito de fé; não meramente a profunda convicção da verdade que é essencial a um cristão, mas a persuasão inabalável das promessas de Deus para o triunfo e amplificação do seu Reino, que é suficiente para denominar seu possuidor como um herói da fé. É impossível que a mente de um missionário fique muito impressionada com a beleza, glória e grandeza do Reino de Cristo à medida que é revelado nos oráculos do Antigo e Novo Testamentos; ou com a certeza do cumprimento final desses oráculos, fundamentados na fidelidade e onipotência do seu Autor. Sua atenção deve ser especialmente dirigida a essas partes da Escritura, nas quais o Espírito Santo emprega e exaure a força e esplendor totais da inspiração na descrição do futuro Reino do Messias. Isto se dará

juntamente com o espetáculo surpreendente de dignidade, pureza e paz que sua Igreja exhibirá quando, tendo a glória de Deus, seus limites serão proporcionais aos do globo habitável; quando todo objeto no qual o olho pousar lembrará ao espectador o começo de uma nova era na qual o Tabernáculo de Deus está com os homens, e Ele habita entre eles. Seu espírito deve estar saturado com a doçura e temor que tais antecipações infalivelmente produzem, de onde crescerá um desprezo generoso do mundo e um ardor que toca as raias da impaciência a ser empregada, ainda que na esfera mais humilde, como o instrumento de aceleração de tal período. Comparado com este destino em reserva aos filhos dos homens, comparado com esta glória, invisível no momento e escondida atrás das nuvens que envolvem este cenário escuro e turbulento, o dia mais luminoso que já brilhou no mundo, é meia-noite, e os esplendores mais sublimes que a investiram, a sombra da morte.

Independente destas garantias, a idéia de converter nações pagas à fé crista tem de parecer quimérica. O empenho em persuadi-las a renunciar a velha maneira de pensar, confirmada por hábitos, por exemplos, por interesses, e adotar um sistema novo de opiniões e sentimentos e entrar num novo curso de vida, sempre será julgado pelos sábios deste mundo como impraticáveis e visionários. "Passai às ilhas de Quitim e vede", disse o Senhor, pela boca de Jeremias, "e enviai a Quedar, e atentai bem, e vede se sucedeu coisa semelhante. Houve alguma nação que trocasse os seus deuses, posto não serem deuses?" (Jr 2.10,11) Pois uma nação mudar seus deuses é descrito pela autoridade mais alta como um evento quase inigualável; e se é tão difícil induzi-los a mudar o hábito da idolatria, quanto mais persuadi-los a abandoná-la completamente! A idolatria não deve ser encarada como mero erro especulativo concernente ao objeto da adoração, de pouca ou nenhuma eficácia prática. Seu controle sobre a mente de uma criatura caída é muito tenaz, sua operação mais extensa. É uma instituição corrupta e prática, envolvendo um sistema inteiro de sentimentos e costumes que perfeitamente molda e transforma seus devotos. Modifica a natureza humana em cada aspecto sob o qual pode ser contemplado, sendo intimamente misturado e incorporado em todas as percepções do bem e do mal, com todas as suas debilidades, paixões e medos.

Visto que é fácil descer de uma elevação a qual é difícil subir, cair da adoração do Ser supremo à adoração de ídolos não demanda esforço. A idolatria é arraigada em grande parte nas corrupções, e fortalecida pela fraqueza da natureza humana. Por conseguinte, descobrimos que todas as nações foram afundando nela em sucessão, muitas vezes em oposição às representações mais violentas de profetas inspirados. Não temos exemplo na história de uma única cidade, família ou indivíduo que a renunciou pela mera operação da razão sem auxílio; tal é a propensão fatal do gênero humano a essa monstruosidade. É o véu da cobertura, lançado sobre toda a carne, que nada senão a fulgência da revelação penetra. A verdadeira religião satisfaz e aumenta a razão, mas milita contra as inclinações dos homens. Apoiando-se em algumas verdades sublimes, dirigidas à

compreensão e consciência, proporcionando algumas imagens distintas à fantasia e nenhuma indulgência às paixões, só pode ser plantada e preservada por uma emanção ininterrupta do seu Autor divino, de cuja espiritualidade e elevação participa em tão grande parte.

Permita-me lembrá-lo da necessidade absoluta de cultivar um temperamento moderado, conciliatório e afetuoso no desempenho do seu ofício. Se fosse perguntado a um espectador desinteressado, depois de leitura cuidadosa do Novo Testamento, o que ele concebe ser sua característica distinguidora, ele não hesitaria em responder que é o maravilhoso espírito de filantropia. Trata-se de comentário perpétuo sobre aquele aforismo sublime: 'Deus é amor'. Como a religião cristã e a demonstração da misericórdia incompreensível de Deus para com uma raça culpada, assim é distribuída numa maneira perfeitamente compatível com sua natureza; e o livro que a contém está repleto de tais investidas inalteradas de ternura e bondade, que não é encontrado em nenhum outro volume. O espírito benigno do Evangelho se infundiu no peito de seus primeiros missionários. No apóstolo Paulo, por exemplo, vemos a resolução mais heróica, a superioridade mais sublime a todos os métodos de intimidação e perigo, um espírito que surgiu com as dificuldades e exultou em meio às mais terríveis perseguições. Quando olhamos mais detidamente em seu caráter e investigamos os motivos, percebemos que era sua fixação pelo gênero humano que o inspirou com esta intrepidez e o instigou a conflitos mais dolorosos e árduos que os devotos da glória jamais sustentaram. Quem teria suposto ser possível que o mesmo peito abrigasse tanta energia e tanta brandura? Ele que mudou a face do mundo com sua pregação e, quando prisioneiro, fez seu juiz tremer no tribunal, podia se abaixar para abraçar um escravo fugitivo e empregar o tratamento mais primoroso para efetuar a reconciliação com seu senhor?

A conversão de Onésimo proporciona-lhe uma alegria como os que "se alegram na ceifa e como exultam quando se repartem os despojos" (Is 9.3). Quando os interesses espirituais do gênero humano estavam em vista, nenhuma dificuldade era tão formidável quanto a demover sua resolução, nenhum detalhe tão insignificante quanto a escapar de ser por ele notado. Para a inflexibilidade extrema do princípio, ele juntou a condescendência mais gentil com a fraqueza humana e se tornou tudo para todos os homens para que ganhasse alguns: aos judeus, ele se tornou como judeu, para ganhar os judeus; aos que estavam sem lei, como se estivesse sem lei (veja 1 Co 9.20), adaptando em todas as ocasiões sua forma de tratar o caráter e a disposição daqueles com quem conversava. Era o amor de Cristo e das almas que produzia e harmonizava essas aparentes discordâncias.

A disposição afetuosa e conciliatória que temos imposto deve ser combinada com a prudência e o estudo da diligente natureza humana, o que você achará absolutamente necessário para conduzi-lo através dos caminhos obscuros e não trilhados. O apóstolo Paulo freqüentemente lembra os tessalonicenses o modo como chegou até eles. Na primeira vez em que o Evangelho é apresentado entre um povo, é de grande importância que todo passo seja bem avaliado, que nada seja feito com precipitação,

ofensa ou indecoro; mas toda precaução empregada, consistente com a simplicidade religiosa, desarma o preconceito e ganha o respeito. Não há nada que cause mais admiração na conduta dos primeiros ministros do Evangelho que o decoro primoroso com que eles se conduziam nas situações mais delicadas. O zelo era isento de indignidade, da precaução, de timidez ou astúcia. No começo de todo empreendimento grande e perigoso, as primeiras medidas são normalmente decisivas, pelo menos nas instâncias em que o sucesso é dependente, sob a orientação de Deus e da cooperação voluntária do gênero humano. Um único ato de imprudência é suficiente para arruinar o empreendimento de um missionário, o que, tratando-se de um ministro relapso, dificilmente seria sentido. O melhor método de se evitar erros neste particular é esforçar-se em adquirir uma medida tão grande quanto possível da graça do Espírito, para ser saturado profundamente com a sabedoria do alto. Nada sutil ou requintado deve entrar nas visões de um missionário cristão. Que ele sempre continue a elevar seus princípios e a purificar seus motivos. Que ele se vista com a humildade, atue em todas as ocasiões com amor a Deus e à alma dos homens, e seu caráter não deixará de ser marcado com um decoro e beleza que em última instância imporão estima universal. Estes foram os únicos estratagemas que Schwartz, no Oriente, e Brainerd, no Ocidente, condescenderam cultivar.

Existem muitos fatores inerentes ao ministério de um missionário que por si só servem para mantê-lo desperto e atento a seus deveres.

Exige-se que ele explore caminhos novos, e, deixando os passos do rebanho, saia em busca da ovelha perdida, em qualquer montanha por onde esteja vagando ou em qualquer vale onde tenha-se escondido. Ele tem de estar preparado para encontrar preconceito e erro em formas estranhas e desacostumadas, localizar as aberrações da razão e as divergências da retidão, através de todos os labirintos diversificados da superstição e idolatria. Ele está engajado *numa série* de operações ofensivas; ele está no campo de batalha, brandindo "as armas... [que] não são carnis, mas, sim, poderosas em Deus, para destruição das fortalezas" (2 Co 10.4). Quando não em ação, ele ainda está acampado no país de um inimigo onde nada pode lhe garantir as aquisições ou preservá-lo da surpresa, senão a incessante vigilância. O exílio voluntário de seu país nativo, ao qual ele se submete, é suficiente para fazê-lo lembrar continuamente de sua importante embaixada e induzir uma solicitude, a fim de que tantos sacrifícios não sejam feitos em vão, nem tantas privações sofridas inutilmente. Ele segura a lâmpada da instrução aos que se sentam nas trevas e na sombra da morte; e enquanto há uma partícula de ignorância não expelida, um único preconceito não derrotado, um costume pecador ou idolatra não renunciado, sua tarefa permanece inacabada. Não lhe é bastante, em determinado dia, falar a uma audiência sobre os assuntos da eternidade. Ele tem de ensinar de casa em casa, e estar pronto a tempo e fora de tempo, abraçando toda oportunidade que se oferece para proclamar os princípios de uma nova religião, como também "confirmando as almas dos discípulos". Ele tem de se considerar como a boca e intérprete da

Sabedoria que "clama de fora; pelas ruas levanta a sua voz. Nas encruzilhadas, no meio dos tumultos, clama; às entradas das portas e na cidade profere as suas palavras" (Pv 1.20,21).

Fortaleça-se na graça que há no Senhor Jesus. Entre as nações que será o cenário das suas obras futuras, você testemunhará um estado de coisas essencialmente diferente do que prevalece aqui, onde o nome de Cristo é defendido com reverência, as principais doutrinas da sua religião especulativamente reconhecidas e os institutos de adoração amplamente estendidos e difundidos. O fermento da devoção cristã se espalhou em direções inumeráveis, modificou a opinião pública, melhorou o estado da sociedade e deu nascimento a muitas instituições admiráveis desconhecidas por países pagãos. A autoridade do Salvador é reconhecida, seus mandamentos em algumas instâncias obedecidos e as afrontas da impiedade contidas por lei, por costume e, acima de tudo, pela oposição silenciosa da devoção em seus adeptos sinceros.

Na Índia, Satanás mantém um império quase incontestado, e os poderes das trevas, seguros de seu domínio, orgia e divertimento a seu bel-prazer, divertindo-se com a miséria dos seus súditos, os quais eles perturbam incessantemente com esperanças ilusórias e terrores fantásticos, levando-os cativos à sua vontade, enquanto poucos esforços têm sido feitos para depô-los de sua autoridade usurpada. Invasões parciais têm sido empreendidas e uns poucos cativos libertados, mas a força e sustentáculo do império permanecem intactos, e essa escuridão densa e palpável que a envolve mal sentiu a impressão de alguns raios fracos e difusos. Na Índia, você testemunhará a predominância de um sistema que prove a adoração de muitos deuses e de muitos senhores, ao mesmo tempo que exclui a adoração do Ser supremo, legitima a crueldade, a poligamia e a cobiça, humilha o padrão moral, oprime com cerimônias os privados de instrução e não sugere esperança sólida de felicidade além do sepulcro.

Você testemunhará com indignação que aliança monstrososa há entre a impureza e a devoção, a obscenidade e a religião, que caracterizam a idolatria popular de todas as nações e que, em oposição ao sofisma paliativo dos infiéis, suficientemente evidencia ser o que as Escrituras afirmam — a adoração de demônios, não de Deus.

Quando consideramos as causas morais que operam nos agentes livres, não ficamos surpresos ao descobrir que os efeitos são menos uniformes que aqueles resultantes da ação de poderes materiais e físicos, e que a mente humana é suscetível de impressões opostas dos mesmos objetos.

Em indivíduos em que não foram estabelecidas as evidências da religião revelada, nem sentida sua eficácia, uma residência num país pagão tem um efeito mais pernicioso e amadurece a irreligião latente em aberta impiedade. A ausência de instituições cristãs e exemplos cristãos os deixam livres para satisfazer as inclinações sensuais sem controle, e a contemplação familiar de maneiras e costumes pagãos gradualmente exaure todo rastro e vestígio da religião na qual foram educados, e os incentiva a considerá-la à luz de uma superstição local. Fies não são mais

convertidos à fé brâmane do que preferi-la à sua própria; ou seja. eles preferem a religião que podem menosprezar com impunidade àquela que lhes aflige a consciência, que os deixa livres ao que os detém. Como sempre tem sido a linguagem secreta do coração: "Fazer com que o Santo de Israel se extinga do nosso meio", na ausência de Deus. de seus institutos e adoração, eles acham um elemento conveniente, nem estão absolutamente descontentes em perceber o vazio ser cheio de inumeráveis formas e quimeras fantásticas; porque eles contemplan a religião com grande compostura, contanto que ela seja suficientemente ridícula.

Estou persuadido de que você verá a condição de milhões que estão envolvidos nas sombras da idolatria, originalmente formados à imagem de Deus, hoje totalmente alienados do grande Pai e depositando a confiança em coisas que de nada aproveitam, com emoções diferentes, e estará ansioso para chamá-los de volta ao Bispo e Pastor das almas. Em vez de considerar a espécie mais detestável de idolatria como tantas maneiras diferentes de adorar o Ser supremo, agradável ao jargão dos infieis, você não vacilará em considerá-las uma tentativa incrédula de compartilhar suas honras incomunicáveis; como a compor essa imagem de ciúme que ele está empenhado a ferir, confundir e destruir. Quando você comparar a incoerência, extravagância e absurdidade que permeiam os sistemas do politeísmo com as verdades simples e sublimes do Evangelho, o resultado será um aumento da ligação a esse mistério da santidade. Quando você observar a ansiedade do devoto hindu em obter o perdão de pecados, e os incriveis labores e sofrimentos a que ele alegremente se submete para acalmar as perturbações da consciência, a doutrina da cruz terá muito mais de sua estima, e você almejará uma oportunidade de gritar aos ouvidos dele: "Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (Jo 1.29). Quando você testemunhar a imolação de mulheres nas pilhas funerárias dos maridos e o tratamento bárbaro de pais idosos deixados pelos filhos para morrerem nas margens do rio Ganges, você reconhecerá as pegadas daquele que era desde o princípio um assassino, e ficará impaciente em comunicar as suaves e benevolentes premissas do Evangelho. Quando você vir uma imensa população presa em correntes por aquela instituição detestável — a casta —, como também curvada sob o peso intolerável das superstições brâmanes, você desejará dar a liberdade que Cristo confere: "Onde não há grego nem judeu, [...] bárbaro, cita, servo ou livre; mas Cristo é tudo em todos" (Cl 3.11).

Ao recomendar os princípios do Cristianismo a uma nação paga, coloque sua instrução na forma de *testemunho*. Que seja, com respeito ao modo de exibi-lo, embora não ao espírito do mestre, *dogmático*. *Testemunhe o arrependimento* para com Deus, e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo. Seu testemunho pode seguir o modelo socrático, sem, no entanto, aquiescer às idéias do pensador grego, que permaneceu à luz da natureza para se expressar com difidência e afirmar não ter poupado esforços em atuar no caráter de filósofo, em outras palavras, um inquiridor diligente da verdade. Porém, quer ele tenha filosofado corretamente, ou atingido o objetivo de suas investigações, ele não soube, mas deixou para ser verificado naquele

mundo no qual ele estava entrando. Nele, tais indicações de desconfiança modesta eram graciosas e patéticas, mas pouco conviriam ao discípulo da revelação ou ao ministro cristão, que é autorizado a dizer junto com o apóstolo João: "Sabemos que somos de Deus e que todo o mundo está no maligno. E sabemos que já o Filho de Deus é vindo e nos deu entendimento para conhecermos o que é verdadeiro; e no que é verdadeiro estamos, isto é. em seu Filho Jesus Cristo" (1 Jo 5.19,20).

Depois de fazê-los lembrar o estado de criaturas culpadas e contaminadas, o que as cerimônias de sua religião os ensinam a confessar, apresente aos habitantes da Índia a cruz de Cristo como único refúgio. Familiarize-os com sua encarnação, seu caráter como o Filho de Deus e o Filho do Homem, seus ofícios e o desígnio da sua manifestação; não com o ar de qualquer debatedor deste mundo, mas daquele que está consciente de si mesmo por possuir o medicamento da vida, o tesouro da imortalidade, que está ansioso de dar aos homens culpados. Insista sem medo sobre a futilidade e vaidade de todos os métodos humanos de expiação, sobre a impotência dos ídolos e sobre o mandamento de Deus para "todos os homens, em todo lugar, que se arrependam, porquanto tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo" (At 17.30,31). Mostre os sofrimentos de Cristo como alguém que foi testemunha ocular desses sofrimentos, e exponha o sangue, o sangue precioso da expiação, como se estivesse escorrendo da cruz. Trata-se de excelência peculiar do Evangelho, que, em sua adaptação maravilhosa ao estado e condição do gênero humano como criaturas caídas, traz as marcas intrínsecas de sua divindade, sendo apoiado não menos por evidências internas do que externas. Por grandioso apelo a consciência, por descrição fiel do homem na sua grandeza e na sua fraqueza, em sua capacidade original à felicidade e sua atual miséria e culpa, o Evangelho apresenta essa extensão de sua evidência em toda a força. Em todas as ocasiões, sirva-se das características do Cristianismo que o torna interessante; e despertando os medos e estimulando as esperanças dos ouvintes, esforce-se por aniquilar todos os outros objetivos, e faça-o parecer o que realmente é: a pérola de grande preço, o bálsamo soberano, a cura de todas as doenças, o antídoto da morte, o precursor da imortalidade. Em tal ministério, não tenha medo de liberar todo o ardor de sua alma, para pôr em ação toda emoção e toda faculdade que podem exaltá-la ou adorná-la. Você encontrará amplo escopo para toda a força e ternura; e se você for chamado para derramar a vida como libação na oferta dos gentios, esta só será a maior ocasião de exultação e regozijo.

A fim de se qualificar para o desempenho destes deveres, é extremamente necessário que você se familiarize com as doutrinas gerais do Cristianismo em sua plena extensão; mas não será preciso nem conveniente iniciar seus convertidos nas controvérsias que, por longo curso de tempo, se desenvolveram entre os cristãos. Empreenda adquirir um conhecimento tão extenso e perfeito quanto possível das ordens da inspiração e, estabelecendo seus ouvintes nestas, impeça a entrada do erro, em vez de rebatê-lo. Com base em sua fé e prática, sempre esteja

preparado para responder toda inquirição despreziosa; e que você seja mais hábil em entrar nas dificuldades deles, e, antecipando as objeções, coloque-se tanto quanto possível na situação daqueles a quem você é chamado para instruir. Quando consideramos as prováveis conseqüências permanentes que são o resultado das primeiras impressões na mente dos pagãos, as poucas vantagens que eles possuem para a discussão religiosa e a confiança extrema em que provavelmente repousam nos seus guias espirituais, você deve estar cômico de quão importante é plantar inteiramente a semente Deita. Suas representações defeituosas da verdade não serão logo remediadas, nem os erros que você planta extirpados, considerando que encontramos sociedades de cristãos nessas regiões do mundo, onde abundam discussão e controvérsia, retenha de geração em geração as doutrinas distintivas dos seus líderes. Na formação do plano e colocação dos fundamentos de um edifício que é proposto durar para sempre, é desejável que nenhum material seja admitido senão o que é sólido e durável, e nenhum ornamento colocado, a não ser o que é puro e nobre. Como seria muito esperar que você tenha sucesso perfeitamente em partilhar a mente de Cristo, seja-me permitido aconselhar que você se apóie antes no lado do erro do que no excesso, e em pontos de magnitude inferior, omita o que é verdadeiro em vez de apontar o que é duvidoso. A influência da religião no coração não depende da multiplicidade, mas da qualidade de seus objetivos.

A multiplicação desnecessária de artigos de fé dá um caráter de pequenez ao Cristianismo, e tende em certo grau a imprimir um caráter semelhante em seus adeptos. A grandeza e eficácia do Evangelho não são o resultado de uma imensa acumulação de pequenas coisas, mas da demonstração poderosa de algumas grandes.

Entre os benefícios indiretos que esperamos surgir das missões, permita-nos antecipar uma forma mais pura, simples e apostólica de apresentar o Evangelho.

A situação de um missionário retirado da cena de debate e controvérsia, que tem continuamente diante dos olhos os objetivos que se apresentaram à atenção dos apóstolos, é favorável à emancipação de todo tipo de preconceito e à aquisição de concepções justas e ampliadas do Cristianismo. Sua parte será entrar nas mesmas alas deste grande hospital, e prescrever para a mesma classe de pacientes que primeiramente experimentaram o poder saudável e renovador do Evangelho. Sir William Jones supõe que os deuses adorados atualmente na Índia são os mesmos, com nomes diferentes, dos que compartilhavam a adoração da Itália e Grécia quando o Evangelho foi publicado pela primeira vez nessas regiões; de forma que você será testemunha ocular dos mesmos males e monstruosidades que então prevaleciam no hemisfério ocidental, e os quais a espada do Espírito tão efetivamente subjogou. Você estará em grande vantagem ao remontar aos primeiros princípios, traçar o fluxo para a cabeça e fonte, tendo de contemplar incessantemente esse estado de coisas em visão moral, da qual cada página da Escritura assume a existência, mas da qual os habitantes da Europa não têm experiência de vida. Por

consequente, é com grande satisfação que observei a harmonia da doutrina, a identidade da instrução, que permeavam o ministério de missionários protestantes que foram empregados sob o patrocínio de diferentes denominações cristãs.

Poucas coisas tendem a ampliar a mente mais poderosamente que relacionar-se com grandes objetivos e ocupar-se de grandes inquirições. Que o objetivo que você está buscando está intitulado naquele apelativo, não será questionado por aquele que reflete nas infinitas vantagens derivadas do Cristianismo, a cada nação e região onde este predominou em sua pureza, e que a superioridade prodigiosa que a Europa possui sobre a Ásia e a África será designada principalmente a esta causa. É a posse de uma religião que compreende as sementes da melhoria infinita, que mantém luta incessante com tudo o que é bárbaro, egoísta ou inumano, que, desvelando a futuridade, reveste a moralidade com a sanção de uma lei divina e harmoniza a utilidade e a virtude em cada combinação de eventos e em cada fase da existência; uma religião que, dispondo as concepções mais justas e sublimes da deidade e das relações morais do homem, de imediato deu à luz a mais alta especulação e a mais pueril humildade e uniu os habitantes do globo numa família e nos laços de uma salvação comum. É esta religião que, elevando-se sobre nós como um sol melhor, avivou a vegetação moral e encheu a Europa com talentos, virtudes e façanhas que, apesar de suas desvantagens físicas, transformou-a num paraíso, a delícia e maravilha do mundo. Um esforço em propagar esta religião entre os nativos da Índia talvez possa ser estigmatizado como visionário e romântico; mas seria degradar a razão entrar no rol da controvérsia com os que a negariam ser grande e nobre.

Na opinião dos mais esclarecidos estadistas, em comparação ao ponto de vista de um ministro cristão, há uma pequenez e limitação que não devem ser imputadas como imperfeição moral, num caso, nem como mérito pessoal, em outro; a diferença que surge é puramente da disparidade nos assuntos nos quais eles especulam, respectivamente. Se em sua chegada à Índia alguém lhe perguntar, como muito provavelmente acontecerá, o que há no Cristianismo que o torna tão inestimável aos seus olhos, que você julgou próprio empreender tão longa, perigosa e dispendiosa viagem, com a finalidade de comparti-lo — você responderá sem hesitação: é o poder de Deus para a salvação; nenhuma opinião menos que essa ou a persuasão dela por qualquer propósito inferior, que a capacita a produzir os efeitos moralizantes e civilizadores é tão eficazmente adaptado a realizar. O Cristianismo civilizará, é verdade, mas só quando lhe é permitido desenvolver as energias pelas quais santifica. O Cristianismo inconcebivelmente melhorará a atual condição do ser — quem duvida disso? Sua prevalência universal, não no nome mas na realidade, converterá este mundo num estado semi-paradisíaco; mas é somente enquanto lhe é permitido preparar seus habitantes para um mundo melhor. Que lhe seja exortado a esquecer sua origem e destino celestiais, esquecer que o Cristianismo "veio de Deus e volta para Deus"; e se é empregado pelo astuto e empreendedor como instrumento para estabelecer um império e

domínio espirituais sobre o gênero humano, ou pelo filantropo, como meio de promover sua civilização e desenvolvimento, ele se ressentia da indignidade revoltante, bate as asas e levanta vôo, não deixando nada mais que uma desprezível e santarrona hipocrisia.

Pregue-lhes, meu querido irmão, tendo sempre em mente este caráter e meta. Pregue com uma perpétua visão à eternidade, e com a simplicidade e afeto com que você trataria seus mais queridos amigos, caso estivessem eles reunidos em volta do seu leito de morte. Enquanto outros são ambiciosos em formar o cidadão da terra, seja sua ambição treiná-lo para o céu; para levantar o Templo de Deus dentre as desolações antigas; para contribuir com sua parte para a formação e perfeição dessa sociedade eterna que florescerá em pureza e ordem invioláveis, enquanto toda associação humana será dissolvida e os príncipes deste mundo ficarão frustrados. Na busca destes objetivos, que seja sua ambição andar nas pisadas de Brainerd e de Schwartz; posso acrescentar, de seu parente excelente — William Carey —, com quem estamos contentes em perceber que você possui uma congenialidade de caráter, não menos que uma afinidade de sangue.

Porém, se você tiver sucesso além de sua extrema esperança, não conte escapar do ridículo dos descrentes ou da censura do mundo, mas contente-se em sustentar esse tipo de reputação e correr esse tipo de carreira, invariavelmente atribuído ao missionário cristão; em que, conforme a experiência do apóstolo Paulo, obscuridade e notoriedade, admiração e desprezo, tristezas e consolações, as amizades mais ternas e a oposição mais violenta, estão intercambiavelmente entrosados.

Mas quaisquer que sejam os sentimentos do mundo, concernentes aos quais você não favorecerá solicitude excessiva, o seu nome será precioso na índia, a sua memória querida para multidões que reverenciarão em você o instrumento da salvação eterna. E quanto mais satisfação advirá da consciência desse fato do que dos mais elogiosos aplausos humanos, suas próprias reflexões determinarão. Nesse momento terrível quando você for chamado para dizer um adeus final ao mundo e olhar para a eternidade; quando as esperanças, medos e agitações que os corpos celestes terão ocasionado se aquietarem como um sonho febril ou uma visão da noite, a certeza de pertencer ao número dos salvos será a única consolação; e quando a isso for agregada a convicção de ter contribuído para aumentar esse número, sua alegria será completa. Você estará ciente de ter conferido um benefício aos seus semelhantes, sem saber precisamente o quê, mas de tal natureza que demandará toda a iluminação da eternidade para medir suas dimensões e averiguar seu valor. Tendo seguido a Cristo na regeneração, nos trabalhos preparatórios que acompanham a renovação do gênero humano, você subirá a uma posição elevada num mundo onde a porção mais escassa é "um peso eterno de glória mui excelente" (2 Co 4.17) e um lugar distinto lhe será designado naquele firmamento imutável, onde os que a muitos ensinam a justiça refulgirão como as estrelas, sempre e eternamente" (Dn 12.3).

Christmas Evans: O Triunfo do Calvário

Christmas Evans nasceu em Ysgarwen, sul do País de Gales, em 25 de dezembro de 1766. A data em que nasceu é responsável pelo seu incomum nome de batismo. Seus pais eram muito pobres, e ele foi exposto a um ambiente de vício, ignorância e tratamento rude, só aprendendo a ler quando tinha dezoito anos. Nesta idade, ele experimentou um despertar espiritual e tornou-se membro dos presbiterianos arminianos. Seu desejo de conhecer a Bíblia foi o incentivo que o moveu a aprender a ler. Então passou a exercer suas habilidades na oração e testemunho, mas, tendo feito apenas pequenos progressos na vida cristã, aos vinte e dois anos de idade, foi balizado por submersão no rio Duar e tornou-se pregador dos batistas calvinistas. Os primeiros anos de sua pregação foram marcados por períodos de dúvida, desânimo e secura espiritual. Mas finalmente chegou o dia em que ele recebeu "uma unção do alto", e desde então passou a pregar com grande alegria e convicção. Aos quarenta e seis anos, estabeleceu-se na ilha de Anglesea, onde permaneceu durante vinte anos com o salário de dezessete libras por ano. Ele teve vários outros pastorados em diferentes regiões do País de Gales e em quase toda igreja ocorreu alguma dificuldade ou infelicidade. Isto está refletido numa das petições da curiosa aliança que ele fez com Deus: 'Não permita que eu experimente ser pisado com os pés orgulhosos de membros ou diáconos por causa de tua bondade'. Ele morreu em Swansea, em 1838, com setenta e três anos.

Christmas Evans foi um dos grandes pregadores naturais. Uns pensam que se ele tivesse melhor formação educacional, seu poder e influência como pregador teriam sido muito maiores. Mas isso é duvidoso, pois uma educação mais formal poderia ter reduzido sua imaginação e tê-lo despojado do vestuário da alegoria que ele usava com tão esplêndido efeito. Depois que encontrou seu estilo próprio no púlpito sua popularidade nunca decresceu, e seu maravilhoso poder descritivo e pictórico foi tão caracterizado na velhice quanto na juventude. Evans tinha 1,82 metro de altura e uma presença nobre no púlpito. Em uma das primeiras viagens que fez à Inglaterra, ele foi espancado por uma turba de rufiões e perdeu a visão de um olho. Porém, este ferimento parecia acrescentar, em vez de lhe diminuir, o poder de sua presença, e ele ficou conhecido por todo o País de Gales como "o zanolho de Anglesea". Os sermões perdem grandemente em poder quando transferidos do púlpito para a página impressa, e mais ainda quando — como é o caso com os sermões de Evans, que foram pregados em galês —, têm de ser lidos numa tradução. Mas, apesar desta desvantagem, os sermões impressos de Evans mostram claramente o poder

extraordinário de sua pregação.

Relatos do sermão sobre o endemoninhado de Gadara, pregado numa das reuniões da Associação Batista, descrevem as oscilações alternadas de riso e choro que passaram impetuosamente como ondas sobre a vasta multidão, e como o sermão terminou com a congregação caindo de joelhos e clamando a Deus por misericórdia. O sermão selecionado para este volume, "O Triunfo do Calvário", mostra Evans na sua melhor forma. Foi publicado primeiramente nos famosos *Specimens of Welsh Preaching* (Exemplos da Pregação Galesa).

O Triunfo do Calvário

"Quem é este que vem de Edom, de Bozra. com vestes tintas? Este que é glorioso em sua vestidura, que marcha com a sua grande força? Eu. que falo em justiça, poderoso para salvar. Por que está vermelha a tua vestidura? E as tuas vestes, como as daquele que pisa uvas no lagar? Eu sozinho pisei no lagar, e dos povos ninguém se achava comigo; e os pisei na minha ira e os esmaguei no meu furor; e o seu sangue salpicou as minhas vestes, e manchei toda a minha vestidura. Porque o dia da vingança estava no meu coração, e o ano dos meus redimidos é chegado. F. olhei, e não havia quem me ajudasse; e espantei-me de não haver quem me sustivesse; pelo que o meu braço me trouxe a salvação, e o meu furor me susteve. E pisei os povos na minha ira e os embriaguei no meu furor, e a sua força derribei por terra."
(Is 63-1-6)

ESTA passagem é uma das mais sublimes da Bíblia. Não mais majestosa e impressionante é a voz de Deus saindo da sarça ardente. Ela apresenta o Capitão de nossa salvação, deixado sozinho no calor da batalha, marchando vitoriosamente pelas colunas quebradas do inimigo, irrompendo as barreiras a parte, conquistando os portões de bronze e libertando mediante conquista os cativos do pecado e da morte. Em primeiro lugar, vamos determinar os eventos a que nosso texto se relaciona, e depois explicaremos brevemente as perguntas e respostas que contém.

I. Temos aqui uma vitória maravilhosa, obtida por Cristo, na cidade de Bozra, na terra de Edom. Nossa primeira investigação diz respeito ao tempo e lugar dessa conquista.

Algumas profecias são literais, outras figurativas. Algumas já se cumpriram, outras estão em processo diário de cumprimento. Com respeito a esta profecia, os clérigos discordam. Uns julgam que é uma descrição do conflito de Cristo e da vitória fora dos portões de Jerusalém, dezoito séculos atrás; e outros entendem que se refere à grande batalha do Armagedom, predito no Apocalipse e ainda a ser realizada antes do fim do mundo.

Não estou propenso a passar pelo monte do Calvário e pelo sepulcro novo de José de Arimatéia em meu caminho ao campo do Armagedom; nem estou inclinado a parar na cena da crucificação e da ascensão sem ir mais distante, à conquista final do inimigo. Creio que a inspiração divina incluiu ambos os eventos no texto: a vitória já ganha no Calvário e a vitória ainda a ser cumprida no Armagedom; a vitória completa da paixão do Messias e a vitória progressiva do Evangelho e da sua graça.

A principal dificuldade em entender algumas partes da Palavra de

Deus surge de palavras não traduzidas, muitas das quais encontram-se em nossa versão como também na de nossos vizinhos ingleses. Por exemplo, está escrito: "E chegou e habitou numa cidade chamada Nazaré, para que se cumprisse o que fora dito pelos profetas: Ele será chamado Nazareno" (Mt 2.23). Onde nos profetas está predito que Cristo será chamado Nazareno? Em nenhum lugar. Quando os nomes próprios são traduzidos, a dificuldade desaparece. "E chegou e habitou numa cidade chamada Plantação, para que se cumprisse o que fora dito pelos profetas: Ele será chamado o Renovo". Este nome lhe é dado por Isaías, Jeremias e Zacarias. Esta é precisamente a dificuldade que ocorre em nosso texto, e a tradução dos termos resolve o problema: "Quem é este que vem de Edom [terra vermelha], de Bozra [tribulação], com vestes tintas?"

A primeira parte do texto tem referência à vitória do Calvário; a última antecipa a batalha e triunfo do Armagedom, mencionados em Apocalipse. A vitória do Calvário é consumada na manhã do terceiro dia depois da crucificação. O Vencedor sobe da terra e exclama: "Eu sozinho pisei no lagar do Calvário; e eu os pisarei na minha ira e os embriagarei no meu furor na batalha do Armagedom. Eu surpreenderei e destruirei a besta e o falso profeta, e a antiga serpente, o diabo, com todas as suas hostes".

Quando o curso da batalha dirigiu-se ao campo de Waterloo, o duque de Wellington montou em seu cavalo e perseguiu o inimigo derrotado. Assim o Vencedor de Isaías, tendo derrotado os poderes do inferno no Calvário, persegue-os e os destrói no campo do Armagedom. Aqui Ele é apresentado como herói a pé, um príncipe sem exército; mas João, o revelador, viu-o montado num cavalo branco, seguido pelos exércitos do céu, todos em cavalos brancos, e ninguém a pé entre eles.

A vitória do Calvário é como o sangue da expiação no santuário. Um querubim olhava numa direção, e o outro em outra, mas os dois olhavam o sangue reconciliador. Assim, todos os grandes eventos do tempo — todas as provas e triunfos do povo de Deus —, os que aconteceram antes, os que aconteceram desde então e os que ainda estão para acontecer, estão todos olhando para a luta do Getsêmani, o conflito do Gólgota e o triunfo das Oliveiras. A fuga do Egito e a volta da Babilônia olhavam adiante para a cruz de Cristo; e a fé do homem perfeito de Uz apoiava-se num Redentor ressurreto. Os mártires cristãos venceram pelo sangue do Cordeiro, e todas as suas vitórias ocorreram em virtude de uma grande conquista. O sepulcro de Jesus é o local de nascimento da imortalidade do seu povo, e o poder que o ressuscitou dentre os mortos abrirá os sepulcros de todos os santos. "Os teus mortos viverão, os teus mortos ressuscitarão; despertai e exultai, vós que habitais no pó, porque o teu orvalho, ó Deus, será como o orvalho das ervas, e a terra lançará de si os mortos" (Is 26.19)-

Cristo se ofereceu em sacrifício por nós e bebeu o cálice da justa indignação de Deus em nosso lugar. Ele foi pisado pela poderosa justiça como um cacho de uvas no lagar da Lei, até que os vasos de misericórdia transbordassem com o vinho da paz e do perdão, o que fez milhares de espíritos arrependidos e humildes "[se alegrarem) com gozo inefável e glorioso" (1 Pe 1.8). Ele sofreu por nós para que triunfássemos com Ele.

Mas nosso texto o descreve como Rei e Conquistador. Ele era, ao mesmo tempo, a vítima moribunda e o vencedor imortal. No "poder de uma vida infinita", Ele estava em torno do altar quando o sacrifício queimava. Ele estava vivo nos vestuários sacerdotais, com o incensário de ouro na mão. Ele estava vivo na glória real, com a espada e o cetro na mão. Ele estava vivo na proeza conquistadora, e tinha dado um fim ao pecado e ferido a cabeça da serpente, despojado os principados e poderes do inferno, e abaixado os exércitos derrotados do príncipe das trevas ao lagar da ira do Deus Todo-poderoso. Então na manhã do terceiro dia, quando Ele ressuscitou dos mortos e os expôs publicamente — aí começou o ano do jubileu com poder!

Depois de os profetas dos tempos antigos terem visto por muito tempo através das névoas da futuridade os sofrimentos de Cristo e a glória que se seguiria, um grupo deles estava reunido no auge do Calvário. Eles viram um exército de inimigos subindo a colina, dispostos para a batalha e de aspecto muito terrível. No meio da linha de ataque estava a lei de Deus, ardente, explícita em extremo e operante em ira. À direita, encontrava-se Belzebu com suas tropas de demônios infernais, e à esquerda, Caifás com os sacerdotes judeus e Pilatos com seus soldados romanos. A retaguarda foi coberta pela morte, o último inimigo. Quando os santos profetas viram este exercito e perceberam que estava se aproximando, recuaram e prepararam-se para fugir. Quando olharam em volta, viram o Filho de Deus que avançava com passos intrépidos, tendo a face fixa no grupo hostil. "Vês o perigo que está diante de ti?", perguntou um dos homens de Deus. "Eu os pisarei na minha ira", respondeu Ele, "e os embriagarei no meu furor". "Quem és tu?", disse o profeta. Ele respondeu: "Eu que falo em retidão, poderoso para salvar". "Tu te aventurarás na batalha sozinho?", perguntou o profeta. O Filho de Deus respondeu: "Eu olhei, e não havia quem me ajudasse; e espantei-me que não houvesse quem me sustivesse; pelo que o meu braço me trará salvação, e o meu furor me susterá". "Em que ponto tu começarás o ataque?", inquiriu o profeta, ansioso. "Primeiro irei ao encontro da Lei", respondeu Ele, "e passarei sob sua maldição: pois, vejam! Venho para fazer a tua vontade, ó Deus. Quando eu tiver sido bem-sucedido no centro da linha de ataque, a batalha virará a meu favor". Assim dizendo, avançou. Imediatamente, ouviram-se os trovões do Sinai, e o grupo inteiro dos profetas estremeceu de terror. Mas Ele avançou, destemido, entre os raios fulgurantes. Por um momento, Ele ficou escondido da visão; e a bandeira da ira ondulou em triunfo.

De repente, a cena mudou. Um fluxo de sangue verteu do seu lado ferido e apagou todos os fogos do Sinai. A bandeira da paz foi vista agora desfraldada; e a consternação encheu as fileiras dos inimigos. Então Ele esmagou, com o calcanhar ferido, a cabeça da antiga serpente; e pôs todos os poderes infernais em fuga. Com a vara de ferro Ele despedaçou os inimigos à esquerda, como vaso de oleiro. Ainda restou a morte, que se julgava invencível, tendo até ali triunfado sobre todos. Ela avançou, bradando seu agulhão que havia sido afiado nas tábuas de pedra do Sinai. Ela o arremessou ao Conquistador, mas o agulhão virou para baixo e ficou

dependurado como a correia flexível de um chicote. Espantada, ela se retirou para o sepulcro, seu palácio, onde o Conquistador a perseguiu. Num canto escuro da cova, ela se sentou no seu trono formado de crânios e chamou os vermes, até então seus aliados fiéis, para ajudá-la no conflito; mas eles responderam: 'Sua carne não verá corrupção!' O cetro lhe caiu da mão. O Conquistador agarrou a morte, amarrou-a e condenou-a ao lago de fogo. O Conquistador então subiu do sepulcro, seguido por um grupo de cativos libertos que saíram depois da sua ressurreição para serem testemunhas da vitória que Ele havia conquistado.

João, no Apocalipse, não olhou tanto para trás quanto a ver o Conquistador pisando este lugar; mas ele o viu montado no cavalo branco, ornamentado com muitas coroas, os olhos como chamas de fogo, uma espada de dois gumes na mão, à frente dos exércitos do céu, avançando vencendo e para vencer. Este é o cumprimento da sua declaração em nosso texto: "E pisei os povos na minha ira e os embriaguei no meu furor". Este é o começo do jubileu, a batalha do Armagedom, em que serão subvertidas toda a idolatria e superstição pagas, a besta e o falso profeta serão desbaratados, e o Diabo e suas legiões levados prisioneiros pelo Emanuel e fechados no inferno. AquEle que conquistou os principados e poderes no Calvário não deixará o campo até que todos os inimigos sejam postos por seu escabelo, e regerá o cetro sobre um universo de súditos. Tendo enviado o Evangelho de Jerusalém, Ele o acompanha com a graça do Espírito Santo; e o Evangelho não voltará a Ele vazio, mas realizará o que lhe agrada e prosperará para o que Ele o enviou.

A vitória do Armagedom é obtida em virtude da vitória do Calvário. É apenas a consumação da mesma campanha gloriosa; e o primeiro golpe decisivo dado no príncipe das trevas é precursor seguro da vitória final. 'Eu te encontrarei novamente em Filipos!', disse Júlio César a Brutus. 'Eu te encontrarei novamente no Armagedom!', disse o Filho de Deus a Satanás no Calvário. 'Eu te encontrarei no travamento de combate entre o bem e o mal, a graça e a depravação, no coração de todos os crentes; na peleja da verdade divina com os erros humanos, da religião de Deus com as superstições dos homens; em cada sermão, em cada reavivamento, em cada empreendimento missionário; na expansão e glória do Evangelho nos últimos dias, eu te encontrarei; e o calcanhar que tu feriste esmagará a tua cabeça para sempre!'

A libertação do homem é de Deus. O homem não tinha nem a inclinação nem o poder. Sua salvação originou-se no amor divino, e

jorrou impetuosamente como oceano das fontes da eternidade. Satanás, como leão voraz, tinha tomado a presa e estava correndo para a cova com a ovelha ensangüentada na boca; mas o Pastor de Israel o persegue, alcança-o e despedaça-o como se fosse um cabrito. A declaração de guerra foi feita no Éden: "E porei inimizade entre ti e a mulher e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar" (Gn 3-15) terá cumprimento. A liga com o inferno e a aliança com a morte não permanecerão. A rebelião será sufocada, a conspiração esmagada e o homem forte armado entregará a fortaleza a um mais forte.

As obras do Diabo serão destruídas, e a presa será tirada dos dentes do terrível. A casa de Davi se fortalecerá cada vez, e a casa de Saul se enfraquecerá cada vez, até que os reinos deste mundo venham a se tornar o Reino de nosso Deus e do seu Cristo; Satanás será amarrado com cadeias de escuridão e lançado no lago de fogo. Todos os inimigos de Sião serão derrotados, o favor perdido de Deus será recuperado, e os territórios perdidos da paz, santidade e imortalidade serão restaurados para os homens.

Esta campanha é feita às custas do governo do céu. A tesouraria é inesgotável; as armas são irresistíveis; portanto, a vitória é segura. O Rei Todo-poderoso desceu; tomou a cidade de Bozra; regeu seu cetro em Edom; ressuscitou vitoriosamente e subiu com um brado, como o líder de todo o exército. Este é senão o penhor e o desejo ardente das suas futuras realizações. Na batalha do Armagedom, Ele avançará como homem poderoso; incitará o temor como homem de guerra; e prevalecerá contra os inimigos. Eles retrocederão, ficarão muito envergonhados com sua confiança nos ídolos; que dizem às imagens de fundição: "Vós sois nossos deuses!" Então Ele abrirá os olhos cegos e tirará os prisioneiros da prisão e depois os que se assentam nas trevas exteriores à prisão. Ele desnudará o braço santo; mostrará a espada na mão que estava escondida debaixo do manto escarlate; manifestará seu poder na destruição dos inimigos e na salvação do seu povo. Tão certo quanto Ele derramou o sangue no Calvário, assim toda a sua vestidura ficará manchada com o sangue dos inimigos no campo do Armagedom. Tão certo quanto Ele bebeu até à última gota do cálice da ira e recebeu o batismo de sofrimento no Calvário, assim Ele bradará a vara de ferro da justiça e regerá o cetro dourado da misericórdia no campo do Armagedom. A espada já foi desembainhada, o golpe decisivo foi dado, o capacete de Apoliom foi partido e os laços da iniquidade estão completamente cortados. O fogo já está aceso, e todos os poderes do inferno não podem extingui-lo. O fogo caiu do céu; está consumindo o acampamento do inimigo; está inflamando o coração dos homens; está renovando a terra e purgando a maldição. "A resplandecente Estrela da Manhã" subiu no Calvário; e logo "o Sol da Justiça" brilhará no campo do Armagedom. As trevas que cobrem a terra e a espessa escuridão que envolve as pessoas se dissiparão; e o islamismo, o paganismo e o catolicismo romano, com seu príncipe, o Diabo, buscarão abrigo no inferno!

Depois de uma batalha, ficamos ansiosos em saber quem está morto, quem está ferido e quem está faltando nas fileiras. Na disputa do Messias com Satanás e seus aliados ocorrida no Calvário, o calcanhar do Messias foi ferido, mas Satanás e seus aliados receberam uma ferida mortal na cabeça. A cabeça denota sabedoria, esperteza, poder, governo. O Diabo, o pecado e a morte perderam o domínio sobre o crente em Cristo, desde a conquista do Calvário. Não há condenação, não há medo do inferno. Mas a serpente, ainda com a cabeça ferida, pode mover a cauda e alarmar os de pouca fé. Porém não dura por muito tempo. A ferida é mortal, e o triunfo é certo. No Calvário, a cabeça do dragão foi esmagada pelo Capitão de nossa salvação; depois da batalha do Armagedom, sua cauda nunca mais

sacudirá!

Não há disparos nesta guerra. Aquele que está alistado sob a bandeira da cruz tem de permanecer fiel até a morte; não deve pôr de parte as armas até que a morte seja tragada na vitória. Então cada vencedor trará a imagem do divino, e usará a coroa em vez da cruz, e levará a palma em vez da lança. Sejam fortes no Senhor e no poder da sua força, para que possamos ficar firmes no dia mau; e depois que toda a guerra estiver terminada, continuar aceitos no Amado, a fim de que reinemos com Ele para sempre e sempre.

II. Resta-nos explicar, com muita brevidade, o colóquio glorioso no texto; as interrogações da Igreja e as respostas do Messias.

Quão grande foi a maravilha e alegria de Maria quando ela encontrou o Mestre no sepulcro, revestido em imortalidade, onde ela pensou encontrá-lo amortalhado na morte! Quão indizível foi a surpresa e arrebatamento dos discípulos, quando o Senhor que eles tinham acabado de enterrar entrou na casa onde eles estavam reunidos e disse: "Paz seja convosco!" Esses são os sentimentos que a Igreja é representada como a expressar neste colóquio sublime com o Capitão da sua salvação. Ele viajou à terra da tribulação; Ele desceu ao pó da morte; mas vejam, Ele voltou vencedor; o cetro dourado de amor na mão esquerda, a vara de ferro da justiça na direita, e na cabeça uma coroa com muitas estrelas. A Igreja o vê com grande assombro e júbilo. Ela há pouco o seguira, chorando, à cruz, e lamentara sobre o corpo no sepulcro; mas agora ela o vê realmente ressurreto, depois de haver destruído a morte e o que tinha o poder da morte — isto é, o Diabo. Ela vai ao encontro dele com cânticos de alegria, como as filhas de Israel saíram para dar as boas-vindas a Davi, quando ele voltou do vale com a cabeça do gigante na mão e o sangue escorrendo pela roupa.

O coro da Igreja é dividido em dois grupos que cantam um ao outro em versos alternados. A divisão à direita começa o colóquio glorioso: "Quem é este que vem de Edom?". e a esquerda toma a interrogação e a repete com uma variação: "De Bozra, com vestes tintas?" "Este que é glorioso em sua vestidura", retoma o grupo da direita, 'glorioso apesar das tributações que tem suportado?' "Que marcha na grandeza de sua força?", replica o grupo da esquerda, "com força suficiente para destrancar as portas do sepulcro e libertar os cativos da corrupção?" O Conquistador celestial faz uma pausa e lança um olhar de benignidade infinita no grupo das filhas de Sião; e com voz de melodia de anjo, e mais que a majestade de anjo, Ele responde: "Eu, que falo em justiça, poderoso para salvar!" Agora eclode o cântico novamente, como o som de muitas águas, partindo da companhia da direita: "Por que está vermelha a tua vestidura?", e a réplica estrondeia de volta em trovão melodioso da esquerda: "E as tuas vestes, como as daquele que pisa uvas no lagar?" O Herói divino responde: "Eu sozinho pisei no lagar, e dos povos ninguém se achava comigo. Até Pedro, com toda a sua coragem e afeto, me deixou; e quanto a João, falar do amor é tudo o que ele pode fazer. Eu triunfei sobre os principados e poderes. Eu fui ferido, mas

eles estão derrotados. Vede o sangue que perdi! Vede os espólios que tomei! Agora montarei no meu cavalo branco, perseguirei Satanás, desmantelarei seu reino e o mandarei de volta à terra das trevas em cadeias perpétuas, e todos os seus aliados serão exilados com ele para sempre.

Meu próprio braço, que conquistou a vitória no Calvário e trouxe a salvação a todo o meu povo do sepulcro, ainda é forte o bastante para brandir o cetro dourado de amor e estraçalhar meus inimigos no campo do Armagedom.

Eu destruirei as obras do Diabo e arrasarei com todas as suas hostes; eu os esmigalharei como o vaso de oleiro. Pois o dia da vingança está no meu coração, e o ano da minha redenção é vindo. Minha compaixão está instigada pelos cativos do pecado e da morte; minha fúria está inflamada contra os tiranos que os oprimem. É tempo de abrir as prisões e romper as correntes. Tenho de reunir meu povo para mim. Tenho de buscar os que estavam perdidos e trazer de volta os que foram expulsos. Tenho de ligar os que foram quebrados e fortalecer os que estavam fracos. Mas destruirei os que estiverem gordos e os fones. Eu os alimentarei com julgamento, eu os pisarei na minha ira, os embriagarei no meu furor, derribarei sua força por terra e mancharei minha vestidura com o sangue deles!"

Fujamos da ira por vir! Vejam, o sol subiu com força no dia da vingança. Que não sejamos encontrados entre os inimigos do Messias, para que não sucumbamos como sacrifício à sua indignação justa no campo do Armagedom! Escapemos por nossa vida, pois a tempestade de fogo da sua ira queimará até ao mais profundo do inferno! Oremos para que a graça se apodere da salvação dos remidos. É uma salvação livre, plena, perfeita, gloriosa e eterna. Voltem, ó resgatados, exilados da felicidade, voltem para a sua herança perdida! Este é o ano do jubileu. Venham a Jesus para que suas dívidas sejam canceladas, seus pecados perdoados, a fim de que sejam justificados! Venham, pois o Conquistador de seus inimigos está no trono! Venham, pois as trombetas da misericórdia estão soando! Venham, pois tudo já está pronto!

Thomas Chalmers:

O Poder Expulsivo de um Novo Afeto

THOMAS CHALMERS NASCEU EM ANSTRUTHER, Escócia, em 1780, e morreu em Edimburgo, em 1847, Sua primeira ordenação foi em Kilmany, em Fifeshire, onde ele parecia ter maior interesse em matemática do que na pregação do Evangelho. Uma grave e prolongada enfermidade produziu mudança completa na sua maneira de se portar no púlpito. Seus discursos talentosos e éticos agora eram seguidos por uma proclamação ardente de Jesus Cristo, e Este crucificado, como o verdadeiro inspirador de conduta e o único caminho para a vida eterna. Sua quase aproximação da morte por uma enfermidade prolongada o deixou com o óleo de uma nova consagração sobre a testa poderosa. Em seu discurso durante a celebração do centésimo aniversário do estabelecimento de Chalmers em Glasgow. o lorde Roseberry declarou: "Uma enfermidade o levou a uma esfera mais alta, e ele foi elevado no ar. Lá, permaneceu até o fim em comunhão com o Divino".

Em 1815, Chalmers foi chamado para a Igreja Tron, em Glasgow, onde teve extraordinário ministério e tornou-se personalidade nacional, o que se repetiu em St. Johns. Era famoso não só pela pregação, mas também pelas experiências na filantropia cristã. Em 1823, assumiu a cadeira de filosofia moral na Universidade de St. Andrew, e em 1828. a cadeira de teologia em Edimburgo. Nos movimentos que culminaram no Rompimento de 1843, Chalmers foi um dos líderes do partido evangélico.

Chalmers era grande pregador tópic. Ele nunca se cansava com explicações ou referências textuais, mas já desde o começo do sermão impulsionava implacavelmente para frente a carruagem da sua proposição. Ele lia cuidadosamente os mesmos sermões inúmeras vezes e com carregado sotaque de Fifeshire: não obstante, os contemporâneos descrevem como tremendo o efeito de sua pregação. Quando um amigo de Chalmers expressou sua surpresa a uma mulher do interior de Fife que abominava ler, mas que gostava muito de Chalmers, a mulher respondeu: "Sem dúvida! Mas é cruel ler seus escritos!"

Seu sermão "O Poder Expulsivo de um Novo Afeto" é elocução nobre, merecedora da fama que o afiançava. É célebre, não somente pela verdade que revela, mas também pelo clímax harmonioso e imaginativo.

O Poder Expulsivo de um Novo Afeto

"Não ameis o mundo, nem o que no mundo há. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele." (1 Jo 2.15)

Á duas maneiras nas quais um moralista prático tenta deslocar do coração humano o amor do mundo: ou por uma demonstração da vaidade do mundo, de forma que o coração seja convencido a retirar sua estima por um objeto por julgá-lo não merecedor; ou apresentando outro objeto — até mesmo Deus — como mais merecedor do seu apreço, de modo que o coração fique convencido a não renunciar um antigo afeto, sem ter nada que o substitua, mas a trocar um antigo afeto por um novo. Meu propósito é mostrar que a julgar pela constituição de nossa natureza, o primeiro método é completamente incompetente e ineficaz; e que o último método por si só bastará para o salvamento e recuperação do coração do afeto errado que o domina. Depois de ter cumprido este propósito, farei algumas observações práticas.

O poder ascendente de um segundo afeto fará o que nenhuma exposição da loucura e inutilidade do primeiro afeto jamais conseguirá fazer — por mais enérgica que seja tal exposição. E o mesmo se dá no grande mundo. Você nunca deterá qualquer uma das principais buscas mundanas mediante demonstração crua de sua vaidade. É quase em vão pensar em obstar uma dessas buscas de alguma forma que não pelo estímulo de outra busca. No esforço de levar um homem mundano — absorto e ocupado com a prossecução de seus objetos — a um ponto em comum, você não tem de meramente encontrar o atrativo que ele anexa a esses objetos —, mas precisa achar o prazer que ele sente na própria prossecução deles. Não é bastante que você dissipe o atrativo mediante exposição moral, eloqüente e comovente da intangibilidade dos objetos. Você tem de dirigir aos olhos da mente do homem outro objeto com um atrativo grandioso o bastante para desapropriar o primeiro de sua influência, e engajá-lo em outra prossecução tão plena de interesse, esperança e atividade, como a primeira. É isto que estampa impotência em toda a declamação moral e patética sobre a insignificância do mundo. O homem não vai mais consentir com a miséria de estar sem objeto, porque esse objeto é uma ninharia, ou de estar sem uma busca, porque essa busca termina em aquisição frívola ou fugitiva, mais do que ele se submeterá voluntariamente à tortura, porque essa tortura será de pouca duração. Se estar conjuntamente sem desejo e sem esforço é um estado de violência e desconforto, então não se fica livre do atual desejo, com sua correspondente série de esforços, simplesmente por sua destruição. Tem de ser pela substituição de outro desejo e pela troca de outra série ou hábito

de esforços; e o modo mais eficaz de retirar a mente de um assunto não é pela recusa de uma vacância desolada e despovoada, mas pela apresentação à sua estima de outro objeto mais atraente.

Estas observações não se aplicam somente ao amor considerado em seu estado de desejo por um objeto ainda não alcançado. Aplicam-se também ao amor considerado em seu estado de indulgência ou satisfação plácida, com um objeto já em posse. É raro que nossos gostos sejam feitos para desaparecer por mero processo de extinção natural. Pelo menos, é muito raro que tal ocorra pela instrumentalidade da argumentação. Pode ser feito por mimo excessivo, mas quase nunca por mera força da determinação mental. Porém, o que não pode ser destruído dessa maneira, pode ser desapropriado; e um gosto pode ser feito para dar lugar a outro, e para perder inteiramente seu poder como o afeto reinante da mente. É assim que o menino deixa, por fim, de ser escravo de seu apetite, mas é porque agora um gosto mais varonil o põe em subordinação. A juventude deixa de idolatrar o prazer, mas é porque o ídolo da riqueza ficou mais forte e adquiriu domínio. Até o amor do dinheiro deixa de ter domínio sobre o coração de muitos cidadãos prósperos, mas é porque, atraído ao redemoinho da política cidadã, outro afeto foi forjado em seu sistema moral, e agora ele é vadeado pelo amor do poder. Não há sequer uma destas transformações em que o coração é deixado sem objeto. Seu desejo por um objeto particular pode ser conquistado; mas quanto ao seu desejo de ter um ou outro objeto, isto é inconquistável. Sua adesão ao que sua preferência prendeu a estima não pode ser vencida voluntariamente pela laceração de uma separação simples. Só pode ser feita pela aplicação de algo mais, ao qual sente a adesão de uma preferência ainda mais forte e mais poderosa. Tal é a tendência ávida do coração humano, que tem de ter algo a que se agarrar — e o qual, se for extorquido sem a substituição de outro algo em seu lugar, deixaria um vazio e uma vacância tão dolorosa à mente quanto a fome é para o sistema natural. Pode ser desapropriado de um objeto, ou de alguns, mas não pode ser devastado de todos. Que haja uma respiração e um coração sensível, mas sem uma preferência e sem afinidade a qualquer uma das coisas que estão ao seu redor, e num estado de triste abandono, teria de estar vivo para nada mais que o fardo de sua própria consciência e de senti-la, que é intolerável. Não faria nenhuma diferença a seu possuidor se ele vivesse num mundo prazenteiro e agradável ou habitasse muito além das cercanias da criação, se ele vivesse como unidade solitária no nada escuro e despovoado. O coração tem de ter algo a que se agarrar — e nunca, por consentimento voluntário, se desnudará de todas as suas estimas de modo que não haja um objeto restante que o atraia ou o solicite.

A miséria de um coração destituído de todo o encanto por aquilo que ministrava prazer é notavelmente exemplificado naqueles que, satisfeitos com a indulgência, têm sido espancados com a variedade e a pungência dos sentimentos aprazíveis que têm experimentado, para que no fim se cansem de toda capacidade por qualquer sentimento. A doença do enfado é mais freqüente na metrópole francesa, onde a diversão é mais

exclusivamente a ocupação das classes mais altas, do que é na metrópole britânica, onde os desejos do coração são mais diversificados pelos recursos dos negócios e da política. Há os partidários da moda que, desta forma, se tornaram por fim vítimas do excesso da moda — em quem a própria multidão de prazeres finalmente extinguiu o poder do prazer —, que, com as satisfações da arte e da natureza às ordens, agora olham em tudo o que está ao redor com olhos de insipidez; que, manipulados com as delícias do sentimento e do esplendor até ao cansaço, e incapazes de maiores delícias, chegaram a um fim de toda a perfeição, e como o Salomão de antigamente, descobriram ser vaidade e vexação. O homem cujo coração se transformou em deserto pode dar testemunho do langor insuportável que tem de se seguir, quando um afeto é arrancado do peito, sem outro para substituí-lo. Não é necessário que o homem receba a dor de algo para ficar miserável. É somente o bastante que ele olhe com desgosto em tudo — e nesse asilo que é o repositório de mentes desconjuntadas, e onde o órgão do sentimento como também o órgão do intelecto foram danificados, não é na cela dos altos e frenéticos clamores onde você se encontrará com o apogeu do sofrimento mental. Mas esse é o indivíduo que perscruta a miséria de todos os seus companheiros, que ao longo de toda expansão da natureza e da sociedade não conhece um objeto que tenha absolutamente o poder de detê-lo ou interessá-lo; que nem na terra, embaixo, nem no céu, em cima, conhece um único atrativo ao qual seu coração pode enviar um movimento cobiçoso ou respondente; a quem o mundo, a seus olhos uma desolação vasta e vazia, não lhe deixou nada mais que a própria consciência para alimentar — morto para tudo o que é sem ele e vivo para nada mais que a carga da própria existência entorpecida e inútil.

Agora, talvez, será percebido por que o coração guarda seus atuais afetos com tanta tenacidade, quando a tentação é pô-los de lado por mero processo de extirpação. Ele não consentirá ser devastado assim. O homem forte, cuja morada é ali, pode ser compelido a dar lugar a outro ocupante; mas a menos que outro mais forte que ele tenha o poder de desapropriá-lo e sucedê-lo, ele manterá seu atual alojamento inviolável. O coração se revoltaria contra sua própria vacuidade. Não suportaria ser deixado num estado de desperdício e insipidez triste. O moralista que tenta tal processo de desapropriação do coração é contrariado a todo passo pelo recuo de seu próprio mecanismo. Você sabe que a natureza detesta o vazio. Pelo menos esta é a natureza do coração, que apesar do espaço que nele há possa mudar um ocupante por outro, não pode permanecer vazio sem a dor do mais intolerável sofrimento. Não é o bastante argumentar a loucura de um afeto existente. Não é o bastante, nos termos de uma demonstração enérgica ou comovente, fazer valer o esvaecimento do seu objeto. Talvez nem mesmo seja o bastante associar as ameaças e terrores de alguma vingança vindoura com sua indulgência. O coração ainda resiste a toda aplicação, por cuja obediência seria por fim conduzida a um estado tanto em guerra com todos os seus apetites quanto de inanição absoluta. Assim, lacerar um afeto do coração, como a despi-lo de toda a estima e de todas as preferências, seria empresa dura e desesperada; e pareceria como se

somente a máquina poderosa da desapropriação trouxesse o domínio de outro afeto para suportá-la.

Não conhecemos interdição mais radical dos afetos da natureza que a que foi entregue pelo apóstolo João no versículo citado inicialmente. Ordenar um homem em quem ainda não entrou a influência grandiosa e ascendente do princípio da regeneração, ordenar-lhe que retire seu amor de todas as coisas que estão no mundo, é ordenar-lhe que abandone todos os afetos que estão no seu coração. O mundo é o tudo de um homem natural. Ele não tem um gosto, nem um desejo, que não aponte para algo colocado dentro dos confins de seu horizonte visível. Ele não ama nada acima disso, e não se importa com nada além disso; e ordenar-lhe que não ame o mundo é passar uma sentença de expulsão a todos os ocupantes do seu peito. Para calcularmos a magnitude e dificuldade de tal rendição, pensemos apenas que seria da mesma maneira árduo predominar nele o não amar a riqueza, que é apenas uma das coisas do mundo, quanto a predominar nele o intento voluntário de atear fogo em sua propriedade. Ele o faria com relutância penosa e dolorosa, se visse que a salvação de sua vida dependesse disso. Mas ele o faria de boa vontade, se visse que uma propriedade nova de valor décuplo surgisse imediatamente dos escombros da antiga. Neste caso, há algo mais que o mero deslocamento de afeto. Há o domínio de um afeto sobre outro. Porém, devastar seu coração de todo o amor pelas coisas do mundo, sem a substituição de algum amor em seu lugar, ser-lhe-ia processo de tamanha violência antinatural, quanto a destruir todas as coisas que ele tem no mundo e não lhe dar nada em troca. De forma que, se o desapego ao mundo é indispensável ao cristianismo de alguém, então a crucificação do velho homem não é termo muito forte para marcar essa transição em sua história, quando todas as coisas velhas são postas de lado e todas as coisas se tornam novas.

Esperamos que a esta altura, você entenda a impotência de uma mera demonstração da insignificância deste mundo. Seu efeito prático exclusivo, se houver algum, seria deixar o coração num estado que é insuportável a todo coração, e que é mero estado de nudez e negação. Você se lembra da tenacidade aficionada e irrompível com que seu coração se valeu periodicamente de buscas, acima da frivolidade absoluta da qual apenas ontem ele suspirava e lamentava. A aritmética dos seus dias efêmeros pode no sábado deixar a impressão mais clara em seu entendimento — e de seu imaginado leito de morte, possa o pregador fazer com que uma voz desça em repreensão e adversão de todas as buscas do mundanismo. E à medida que ele pinta diante de você as gerações passageiras dos homens, com o sepulcro consumidor, para onde todas as alegrias e interesses do mundo correm ao seu olvido seguro e veloz, que você possa, tocado e solenizado pelo argumento apresentado, sentir por um momento como se na véspera de uma emancipação prática e permanente de uma cena de tamanha vaidade. Mas o dia seguinte vem, e os negócios do mundo, os objetos do mundo e as forças móveis do mundo o acompanham — e a maquinaria do coração, em virtude da qual tem de ter algo a que se apegar ou algo a que se aderir, subjuga um tipo de necessidade

moral a ser incitada da mesma maneira que antes. Em repulsão absoluta a um estado tão indelicadamente quanto o de ser boicotado do júbilo e do desejo, o coração sente todo o calor e urgência de suas habituadas solicitações — nem no hábito e história de todo homem detectamos tanto quanto um sintoma de nova criatura —, assim que a Igreja, em vez de lhe ser uma escola de obediência, é mero lugar de passeio para o luxo de uma emoção passageira e teatral. A pregação, que é poderosa para compelir a frequência das multidões, que é poderosa para acalmar e solenizar os ouvintes em um tipo de sensibilidade trágica, que é poderosa no jogo da variedade e vigor que ela pode sustentar ao redor da imaginação, não é poderosa para derrubar fortalezas.

O amor do mundo não pode ser expurgado por mera demonstração da imprestabilidade do mundo. Mas não pode ser suplantado pelo amor daquilo que é mais merecedor do que ele mesmo? O coração não pode ser convencido em se separar do mundo por simples ato de resignação. Mas o coração não pode ser convencido em admitir em sua preferência outro, que subordinará o mundo e o derrubará de seu predomínio querido? Se o trono que é colocado ali tem de ter um ocupante, e o tirano que agora reina o ocupou injustamente, ele não pode deixar o peito que antes o deferia do que o deixaria em desolação. Porém, ele não pode dar lugar ao soberano legal, aparecendo com todo atrativo que lhe assegure sua admissão voluntária, e tomando em si mesmo seu grande poder para subjugar a natureza moral do homem e reinar sobre ela? Numa palavra, se a maneira de desimpedir o coração do amor positivo de um objeto grande e ascendente é prendê-lo no amor positivo de outro, então não é expondo a imprestabilidade do primeiro, mas dirigindo aos olhos mentais o valor e a excelência do último, para que todas as coisas velhas passem e todas as coisas permaneçam novas.

Obliterar todos os nossos atuais afetos simplesmente expungindo-os, e deixar o lugar deles desocupado, seria destruir o velho caráter e não substituir pelo novo. Mas quando eles partem pelo ingresso de outras visitas; quando eles resignam sua preponderância pelo poder e predominância de novos afetos; quando, abandonando o coração à solidão, eles meramente dão lugar a um sucessor que se torna residência tão ocupada de desejo, interesse e expectativa como antes — não há nada em tudo isso que contrarie *ou* reprima as leis de nossa natureza sensível — e vemos, no mais pleno acordo com o mecanismo do coração, que grande revolução moral pode ser feita a suceder nele.

Isto, cremos, explicará a operação desse atrativo que acompanha a pregação eficaz do Evangelho. O amor de Deus e o amor *do* mundo são dois afetos, não meramente em estado de rivalidade, mas em estado de inimizade — e tão irreconciliáveis entre si que não podem habitar juntos no mesmo peito. Já afirmamos o quanto é impossível para o coração, por qualquer elasticidade inata que lhe seja própria, lançar fora o mundo e reduzir-se a um deserto. O coração não é tão constituído, e o único modo de desapropriá-lo de um antigo afeto é pelo poder expulsivo de um novo. Nada pode exceder a magnitude da mudança exigida no caráter de um

homem, quando lhe é ordenado, como está no Novo Testamento, que não ame o mundo. Não, nem algumas das coisas que estão no mundo, pois isto tanto compreende tudo o que lhe é querido na existência quanto a ser equivalente a uma ordem de auto-aniquilação. Mas a mesma revelação que dita tão poderosa obediência, coloca dentro de nosso alcance tão poderoso instrumento de obediência. Traz à entrada, à própria porta de nossos corações, um afeto que, uma vez tenha ocupado o lugar em seu trono, ou subordinará todo ocupante anterior, ou o expulsará. Ao lado do mundo, coloca diante dos olhos da mente aqui Ele que fez o mundo, e com esta peculiaridade que lhe é totalmente própria: que no Evangelho nós realmente vemos Deus, de modo que podemos amar a Deus. É ali, e somente ali, onde Deus é revelado como objeto de confiança aos pecadores; e onde nosso desejo por Ele não é esfriado na apatia pela barreira da culpa humana. Esta, por sua vez, intercepta toda aproximação que não lhe é feita pelo Mediador designado. É pela apresentação desta esperança melhor que nos aproximamos de Deus — e viver sem esperança é viver sem Deus, e se o coração está sem Deus, o mundo terá todo o domínio. É Deus apreendido pelo crente como Deus em Cristo que sozinho pode depô-lo deste domínio. É quando Ele é desmantelado dos terrores que lhe pertencem como Legislador ofendido, e quando somos capacitados pela fé, que é o seu próprio dom, que vemos sua glória na face de Jesus Cristo e ouvimos sua voz suplicante, conforme ela exige boa vontade para com os homens e pede o retorno de todos que chegam a um perdão total e a uma aceitação graciosa; é então que um amor superior ao amor do mundo, e por fim expulsivo dele, surge pela primeira vez no peito regenerado. É quando, liberto do espírito de escravidão, com o qual o amor não pode habitar, e quando admitido no rol dos filhos de Deus, pela fé que está em Cristo Jesus, que o espírito de adoção é derramado em nós — é então que o coração, posto sob o domínio de um grande e predominante afeto, é liberto da tirania de seus desejos anteriores e da única maneira pela qual a libertação é possível. É essa fé, que nos é revelada do céu como indispensável para a justificação do pecador à vista de Deus, também é o instrumento das maiores realizações morais e espirituais numa natureza morta à influência e além do alcance de todas as outras aplicações.

Assim, que nos conscientizemos do que produz o tipo mais eficaz de pregação. Não é o bastante oferecer aos olhos do mundo o espelho de suas próprias imperfeições. Não é o bastante vir com uma , demonstração, por mais patética que seja, do caráter evanescente de todos os seus prazeres. Não é o bastante percorrer o itinerário da experiência junto com você e falar à sua consciência, à sua memória, sobre a falsidade do coração e a falsidade de tudo a que o coração se prende. Há portador da mensagem do Evangelho que não tem suficiente discernimento natural, que não tem suficiente poder de descrição característica e que não tem suficiente talento de delineação moral para apresentar a você um esboço vivido e fiel das loucuras da sociedade. Mas essa mesma corrupção que ele não tem a faculdade de representar em seus detalhes visíveis, ele pode ser praticamente o instrumento de erradicação de seu princípio. Que ele seja

apenas um explanador fiel do testemunho do Evangelho. Inapto para aplicar um estilo descritivo ao caráter do mundo atual, que ele apenas relate com precisão o assunto cuja revelação o trouxe de um mundo distante — inábil como ele é no trabalho de anatomizar o coração, como ocorre com o poder de um romancista em criar uma exibição vivida ou impressionante da inutilidade de seus muitos afetos. Que ele lide apenas com os mistérios da doutrina peculiar, sobre a qual os melhores romancistas lançaram o capricho da derrisão. Com os olhos da observação astuta e satírica, ele pode não ser capaz de expor ao pronto reconhecimento dos ouvintes os desejos do mundanismo; mas comissionado com as Boas Novas do Evangelho, ele pode brandir o único instrumento que tem a capacidade de extirpá-las. Ele não pode fazer o que alguns fizeram, quando, como que pela mão de um mágico, trouxeram à luz os recessos escondidos de nossa natureza, as excentricidades e apetites emboscados que lhe pertencem. Porém ele tem a verdade em posse, a qual em todo o coração que entre, irá, como a vara de Arão, tragar todos eles. Inapto quanto é para descrever o velho homem em toda a mais agradável matização de suas variedades naturais e constitucionais, com ele está depositada a influência ascendente sob a qual são destruídos os principais gostos e tendências do velho homem, e ele se torna nova criatura em Cristo Jesus, nosso Senhor.

Não deixemos de manipular o único instrumento de operação poderosa e positiva para aniquilar o amor do mundo. Tentemos todo método legítimo de encontrar acesso ao seu coração por amor daquele que é maior que o mundo. Para este propósito, livremo-nos, se possível, da mortalha da incredulidade que tanto esconde e escurece a face da deidade. Insistamos nas reivindicações que Ele faz ao seu afeto; e quer na forma de gratidão, quer na forma de estima, nunca deixemos de afirmar que no todo dessa economia maravilhosa, cujo propósito é recuperar um mundo pecador para si mesmo, Ele, o Deus de amor, assim se apresenta em caráter de estima, de modo que nada, senão a fé, e nada, senão o entendimento, estejam faltando, de sua parte, para evocar de volta o amor de seu coração.

É inteiramente digno que comentemos sobre esses homens que têm aversão do cristianismo espiritual e, de fato, julgam-na aquisição impraticável, o quanto de sua incredulidade acerca das exigências do Cristianismo e de sua incredulidade no que tange às doutrinas do Cristianismo estão uma com a outra. Não admira que eles sintam que o trabalho do Novo Testamento está além de suas forças, uma vez que consideram que as palavras do Novo Testamento estão sob a atenção deles. Nem eles nem ninguém pode desapropriar o coração de um afeto antigo, a não ser pelo poder impulsivo de um novo. Se esse novo afeto é o amor de Deus, nem eles nem ninguém pode fazer com que esse afeto seja acolhido, a não ser em tal representação da deidade com vistas a atrair o coração do pecador para Ele. É apenas a incredulidade que filtra do discernimento da mente esta representação. Eles não vêem o amor de Deus no fato de Ele enviar seu Filho ao mundo. Eles não vêem a expressão de sua ternura pelos homens não poupando-o, mas entregando-o à morte por nós todos.

Eles não vêem a suficiência da expiação ou dos sofrimentos que foram suportados por Ele, que levou o fardo que os pecadores deveriam ter levado. Eles não vêem a santidade e a compaixão harmonizadas da deidade no que Ele passou pelas transgressões de suas criaturas, ainda que não pudesse passar por eles sem fazer expiação. É um mistério para eles como um homem passa ao estado de santidade proveniente de um estado da natureza — mas se eles tivessem apenas uma visão confiante de Deus manifesto em carne, isto lhes solucionaria todo o mistério da santidade. Conforme as coisas são, eles não podem livrar-se de seus antigos afetos, porque estão fora de vista de todas as verdades que têm influência para criar um novo. Eles são como os filhos de Israel na terra do Egito, quando lhes foram exigidos que fizessem tijolos sem palha. Eles não podem amar a Deus, enquanto desejam a única comida que alimenta este afeto no peito do pecador. Por maiores que sejam os erros, tanto em resistir às exigências do Evangelho como impraticáveis, quanto em rejeitar as doutrinas do Evangelho como inadmissíveis, contudo não há um homem espiritual (e é prerrogativa dele que é espiritual julgar todos os homens) que não venha a perceber que há uma consistência nestes erros.

Mas se há uma consistência nos erros, de certa forma há uma consistência nas verdades que lhes são opostas. O homem que acredita nas doutrinas peculiares se curvará prontamente diante das demandas peculiares do Cristianismo. Quando lhe é dito para amar a

Deus supremamente, isto pode surpreender alguém, mas não surpreenderá a quem Deus foi revelado em paz e em perdão, e em toda a liberdade de uma reconciliação oferecida. Quando lhe é dito que exclua o mundo do seu coração, isto pode ser impossível àquele que não tem nada para substituí-lo — mas não impossível para aquele que encontrou em Deus uma porção segura e satisfatória. Quando lhe é dito que retire seus afetos das coisas que são de baixo, isto era uma ordem de auto-extinção para o homem que não conhece outra parte da esfera de sua contemplação, para a qual ele poderia transferi-los. Porém não lhe foi doloroso, cuja visão foi aberta à beleza e glória das coisas que são de cima, e ali pôde encontrar, para sempre sentindo na alma, uma ocupação mais ampla e aprazível. Quando lhe é dito que não olhe para as coisas que se vêem e que são temporais, isto destrói a luz de tudo o que é visível do prospecto daquele em cujos olhos há um muro de separação entre a natureza culpada e as alegrias da eternidade. Mas aquele que crê que Jesus Cristo derrubou este muro encontra um esplendor concentrado na alma como se ele olhasse para a frente, com fé, nas coisas que não se vêem e são eternas.

O objeto do Evangelho é pacificar a consciência do pecador e purificar-lhe o coração; e é de importância observar que o que arruina um desses objetos, arruina o outro também. A melhor maneira de lançar fora um afeto impuro é admitir um puro; e pelo amor do que é bom, expelir o amor do que é mau. Assim é que quanto mais livre o Evangelho, mais santificador ele é; e quanto mais for recebido como doutrina da graça, mais será sentido como doutrina de acordo com a santidade. Este é um dos segredos da vida cristã, que quanto mais um homem depende de Deus,

maior é o pagamento do serviço que ele presta. Na posse do "Faça isto e você viverá" é certo que entra um espírito de temor; e os ciúmes de uma barganha legal afugentam toda a confiança do intercurso entre Deus e o homem. A criatura que se esforça por permanecer numa posição de equidade diante de seu Criador está, de fato, buscando o tempo todo o seu próprio egoísmo em vez da glória de Deus; e com todas as conformidades que ele labora em cumprir, a alma da obediência não está ali, a mente não está sujeita à lei de Deus, nem em verdade pode estar jamais sob tal economia. É somente quando, como no Evangelho, a aceitação é dada como presente, sem dinheiro e sem preço, que a segurança que o homem sente em Deus é colocada além do alcance da perturbação; OU que ele pode descansar nele como um amigo descansa em outro; ou que o entendimento liberal e generoso pode ser estabelecido entre eles — uma parte alegrando-se com a outra por fazer-lhe o bem — , o outro descobrindo que a mais verdadeira alegria do coração acha-se no impulso de uma gratidão, pela qual é despertado nos atrativos de uma nova existência moral. A salvação pela graça, a salvação pela graça livre, a salvação não das obras, mas de acordo com a misericórdia de Deus — a salvação, nesses termos, não é mais indispensável à libertação de nosso povo da mão da justiça, do que é à libertação de nossos corações do frio e do peso da impiedade. Retenha um único trapo ou fragmento de legalidade para com o Evangelho, e você levantará um tópico de desconfiança entre o homem e Deus. Você privará o poder do Evangelho em comover e conciliar. Para este propósito, quanto mais livre for, melhor é. E o pecador nunca encontra dentro de si mesmo transformação moral tão poderosa como quando, sob a convicção de que é salvo pela graça, ele se sente constrangido a oferecer ao seu coração algo dedicado e negar a impiedade.

Para fazer um trabalho da melhor maneira, você faria uso das ferramentas mais adequadas. E cremos que o que foi dito pode servir em algum grau para a direção prática daqueles que gostariam de obter a grande conquista moral de nosso texto, mas sentem que as tendências e desejos da natureza lhes são muito fortes. Não sabemos de outro modo pelo qual manter o amor do mundo do lado de fora de nosso coração, senão guardar em nosso coração o amor de Deus; e de nenhum outro modo pelo qual manter nosso coração no amor de Deus, senão nos edificarmos em nossa santíssima fé. Essa negação do mundo, impossível àquele que diverge do testemunho do Evangelho, é possível, mesmo como todas as coisas são possíveis, àquele que crê. Experimentar isto sem fé é trabalhar sem a ferramenta certa ou o instrumento certo. Mas a fé opera pelo amor; e o modo de expelir do coração o amor que transgride a lei é admitir em seus receptáculos o amor que cumpre a lei.

Imagine um homem de pé à margem deste mundo verde; e que, ao olhar para o mundo, viu a abundância favorecendo todos os campos, todas as bênçãos que a terra pode dispor espalhadas em profusão por todas as famílias, a luz do sol descansando docemente em todas as habitações agradáveis e as alegrias da companhia humana cintilando em muitos círculos felizes da sociedade — imagine que este seja o caráter geral da

cena em um lado do que ele contempla; e que, no outro lado, além do limite do planeta agradável no qual estava situado, ele não visse nada mais que uma escuridão e o desconhecido insondável. Você acha que ele diria adeus voluntariamente a todo o brilho e a toda a beleza que estavam diante dele na terra, e se entregaria à solidão? Ele deixaria os lugares povoados, e se tornaria um errante solitário pelos campos da não-existência? Se o espaço lhe oferece nada mais que um deserto, ele abandonaria por isso a vida e a alegria que jazem tão próximas, e empregaria tal poder de urgência para o deter? Ele não se apegaria às regiões do sentimento, da vida e da sociedade? E retirando-se da desolação que estava além, ele não se alegraria em manter seu fundamento firme no território deste mundo e abrigar-se debaixo do sobreceú prateado que foi estendido em cima? Mas se, durante o tempo de sua contemplação, alguma ilha de bênção tivesse flutuado e arrojado em seus sentidos a luz de glória incomparável e o som da mais doce melodia; e ele visse claramente que a mais pura beleza repousava em todos os campos e a mais sincera alegria se espalhava entre todas as famílias; e ele discernisse uma paz, uma devoção e uma benevolência que punham uma alegria moral em todo o peito e uniam toda a sociedade numa simpatia jubilosa uns com os outros e com o benigno Pai celestial de todos eles — e visse mais: que a dor e a mortalidade eram desconhecidas ali e que, acima de tudo, os sinais de boas-vindas eram vistos e uma avenida de comunicação fosse aberta para ele —, você não percebe que o que estava diante do deserto se tornaria a terra do convite, e que agora o mundo verde seria o deserto? O que o espaço despovoado não pôde fazer pode ser feito pelo espaço que abunda com cenas beatíficas e sociedade beatífica. E que as tendências existentes do coração sejam o que puderem para a cena que está próxima e visível ao nosso redor. Contudo, se outro for revelado ao prospecto do homem, quer pelo canal da fé, quer pelo canal dos sentidos, então, sem violência à constituição de sua natureza moral, que ele morra para o mundo presente e viva para o mundo mais belo que está ao longe.

Charles Grandison Finney: Mordomia

CHARLES GRANDISON FINNEY NASCEU EM 1792, em Warren, Connecticut, e morreu em Oberlin, Ohio, em 1875. Ele estudou Direito, mas tendo ingressado no ministério pouco depois de sua conversão, logo se tornou poderoso no púlpito. Conduziu grandes reavivamentos nos Estados Unidos e na Inglaterra. Em 1835, tornou-se professor na Universidade de Oberlin, Ohio, e em 1852, foi eleito reitor. Seu nome está associado à Escola de Teologia de Oberlin, a qual rompeu com o calvinismo histórico e ensinou o livre-arbítrio perfeito do homem e a possibilidade de atingir a santidade. Os sermões de Finney com suas declarações bem definidas e comuns mostram a propensão lógica e o treinamento legal. O leitor destes sermões ficará imaginando se eles produziram tão grandes efeitos na conversão dos pecadores. Finney, porém, disse que em sua pregação, ele se lançava aberto à influência do Espírito Santo e até reivindicava poder profético. Seja como for, ele foi grandiosamente usado por Deus na proclamação do Evangelho, e milhares de pessoas encontraram o caminho para a igreja através de sua pregação. O sermão "Mordomia" é boa ilustração do seu estilo penetrante, incisivo e lógico, e é declaração profunda e solene sobre a questão da responsabilidade do homem, sobretudo no uso do dinheiro.

Que Finney não era tão tranqüilo e sereno quando pregava, como seus sermões impressos nos levariam a supor, é comprovado por comentários contemporâneos sobre sua maneira e estilo. Por exemplo, certa queixa foi levantada contra um ministro em Troy, porque ele tinha introduzido no púlpito "o notório Charles G. Finney, cujas blasfêmias chocantes, sentimentos inusitados e repulsivos, e gesticulações teatrais e frenéticas, causavam horror nos que nutriam reverência pela religião ou pela decência". Um dos famosos sermões de

Finney foi sobre o texto "Um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem" (1 Tm 2.5). O professor Park, do Seminário de Andover, ouviu-o pregar o sermão em 1831. Ele conta como os ensaios de colação de grau foram praticamente fragmentados e abandonados, porque todos se aglomeravam na igreja para ouvir o célebre Finney. O professor Park descreve que o discurso era do tipo que mesmo não sendo impresso, dificilmente seria esquecido. Ao término de uma passagem dramática na qual Finney descrevia a tristeza dos perdidos e a música do céu, o professor Park diz que a tábua posta pelo corredor, na qual ele e cinco ou seis homens estavam sentados, tremeu debaixo deles, por causa das vibrações das emoções produzidas pelo pregador.

Mordomia

Presta contas da tua mordomia." (Lc 16.2)

MORDOMO é o indivíduo que é empregado para administrar os bens de outrem como seu agente ou representante nos negócios aos quais ele é empregado.

Seu dever é promover, da melhor maneira possível, os interesses do empregador. A qualquer momento ele é passível de ser chamado a prestar contas da maneira pela qual administrou os bens, e de ser, segundo a vontade do proprietário, retirado do ofício.

Um desígnio importante da parábola da qual o texto faz parte é ensinar que todos os homens são mordomos de Deus. A Bíblia declara que a prata e o ouro são dEle, e que Ele é, no mais alto sentido possível, o Proprietário do universo. Os homens são meros mordomos, empregados por Ele para a administração dos seus bens e com a ordem de fazer tudo o que fazem para a glória dEle. Até o que comem e o que bebem deve ser feito para a glória dEle, ou seja, para que se fortaleçam para o melhor desempenho dos negócios dEle.

Que os homens são mordomos de Deus é evidente pelo fato de Deus tratá-los como tais, despedi-los a seu gosto e dispor as propriedades nas mãos deles, o que Ele não faria se não os considerasse meramente seus agentes e não os donos das propriedades.

1. Se os homens são mordomos de Deus, eles são obrigados a lhe responder pelo *tempo que têm*. Deus os criou e os mantém vivos, e o tempo que têm é dEle. Ouvinte, se você empregasse um mordomo e o pagasse por tempo de serviço, você não esperaria que ele empregasse esse tempo a seu serviço? Você não consideraria fraude e desonestidade que ele, enquanto estivesse a seu soldo, gastasse o tempo sem fazer nada ou na promoção de interesses particulares? Supondo que ele fique muitas vezes parado, já seria suficientemente ruim; mas imagine que ele tenha negligenciado os negócios completamente, e que, quando chamado a prestar contas e censurado por não fazer o dever, ele dissesse: "Por que, o que foi que eu fiz?" Você não acharia que teria sido uma grande perversidade ele não ter feito nada e ter deixado os negócios sem atender, e que por isso ele mereceria ser punido?

Você é mordomo de Deus, e se você é um pecador impenitente, você negligenciou inteiramente os negócios de Deus e permaneceu ocioso na sua videira, ou tem atendido somente os seus interesses particulares; e agora, você está pronto a perguntar o que foi que você fez? Você não é um velhaco por negligenciar os negócios do seu grande Empregador, e empreender os

seus negócios particulares à negligência de tudo o que a justiça, o dever e Deus requerem de você?

Mas suponha que seu mordomo utilizasse o tempo para fazer oposição a seus interesses e usasse seu capital e tempo para trabalhar com afinco em especulações diretamente opostas aos negócios aos quais ele está empregado. Você não consideraria que seria grande desonestidade? Você não pensaria que é ridículo ao extremo ele se considerar honesto? Você não se julgaria obrigado a chamá-lo para prestar contas? E você não ponderaria que quem aprovasse tal conduta seria um vilão? Você não se teria por forçado a torná-lo público, para que o mundo soubesse o caráter que ele tem e para que você se livrasse da acusação de estar apoiando tal pessoa?

Como, então, Deus disporá você, se você emprega seu tempo opondo-se aos interesses dEle e usando o capital dEle para trabalhar com afinco em especulações diretamente opostas aos negócios pelos quais Ele o empregou? Você não está envergonhado por se considerar honesto, e Deus não se julgará sob a obrigação de chamá-lo para prestar contas? Se Ele não o fizer, a omissão não seria evidência de que Ele aprova a perversidade abominável que você pratica? Ele não se sentiria constrangido a fazer de você exemplo público, para que o universo soubesse o quanto Ele detesta os crimes cometidos por você?

2. Os mordomos são obrigados a prestar contas dos *talentos que têm*. Por talentos, quero dizer as faculdades mentais. Suponha que você preparasse um homem para ser mordomo, sustentasse-o durante o tempo em que ele está ocupado nos estudos e custeasse todas as despesas da sua educação e treinamento, e então, ele negligenciasse utilizar a mente a seu serviço, ou usasse os poderes do refinado intelecto que adquiriu para a promoção de interesses próprios. Você não consideraria tal fato fraude e vilania? Agora, Deus criou a sua mente, custeou as despesas da sua educação e o treinou para o serviço dEle. Você ou deixa que a mente permaneça desocupada, ou perverte os poderes do refinado intelecto que adquiriu para a promoção de interesses particulares, e depois pergunta o que você fez para merecer a ira de Deus?

Mas suponha que seu mordomo use a educação e treinamento que recebeu em oposição a seus interesses, e utilize todas as faculdades mentais para destruir os mesmos interesses pelos quais ele foi educado e treinado e para os quais ele foi empregado a manter. Você não olharia essa conduta como caracterizada por culpa repugnante? E você, pecador, usa as faculdades mentais e a educação e treinamento que Deus lhe deu na oposição dos interesses dEle, pervertendo a verdade dEle, difundindo "tições, setas e morte" por todos os lados, e pensa escapar da maldição divina? O Todo-Poderoso não se vingará de tal miserável?

3. O mordomo é obrigado a prestar contas pela *influência que ele exerce* no gênero humano que o cerca.

Suponha que você empregasse um mordomo, treinasse-o até que adquirisse talento excepcional, pusesse capital vultoso em suas mãos, exaltasse-o eminentemente na sociedade e o colocasse em circunstâncias a

exercer imensa influência na comunidade comercial, e então ele recusasse ou negligenciasse exercer esta influência na promoção dos interesses que você tem. Você não consideraria que esta omissão seria fraude perpétua praticada contra você?

Mas suponha que ele mostrasse toda essa influência contra você, e se revestisse de todo o peso de seu caráter, talento e influência, e até usasse o capital que lhe foi confiado na oposição dos interesses que você tem. Que linguagem em sua avaliação expressaria o senso que você teria da culpa dele?

Ouvinte, pouco importando a influência que Deus tenha lhe dado, você é pecador impenitente, você não está apenas negligenciando usa-la para Deus, para a construção do seu Reino, mas está empre-gando-a em oposição aos interesses e glória de Deus; e por isso, você não merece a condenação do inferno? Talvez você seja rico ou instruído, ou tenha, em outros âmbitos, grande influência na sociedade e esteja recusando usá-la em prol da salvação da alma dos homens, mas está pondo todo o peso do seu caráter e talentos como influência e exemplo para arrastar tudo o que está dentro da esfera de sua influência até aos portões do inferno.

4. Você tem de prestar contas pela maneira na qual você usa *a propriedade que está em sua posse*. Suponha que seu mordomo recuse empregar o capital que você lhe confiou para a promoção dos interesses que você tem, ou suponha que ele considere que é dele e o use para interesses particulares, ou aplique-o na satisfação de luxúrias próprias ou para o engrandecimento da própria família; dando grandes porções às filhas, ou ministrando às luxúrias e orgulho dos filhos; enquanto isso, os seus negócios estivessem padecendo pela falta desse mesmo capital. Suponha que esse mordomo tivesse o controle dos gastos da riqueza que você tem, e que você tivesse milhares de outros empregados, cujas necessidades devessem ser satisfeitas pelos recursos que estão nas mãos dele, e que o bem-estar, e até a vida dessas pessoas, dependessem desses suprimentos. A despeito disso, este mordomo ministrasse às próprias luxúrias e às da família, e permitisse que eles perecessem, como também seus demais empregados. O que você pensaria sobre tal perversidade? Você lhe confiou seu dinheiro, ordenou-lhe que cuidasse dos seus outros empregados e, pela negligência dele, todos eles estão mortos.

Você tem o dinheiro de Deus nas mãos e está cercado pelos filhos de Deus, a quem Ele lhe ordenou que ame como a você mesmo. Deus poderia, com justiça perfeita, ter dado a propriedade que você tem a eles em vez de ter dado a você. O mundo está cheio de pobreza, desolação e morte; centenas e milhões de pessoas estão perecendo, corpo e alma; Deus o convoca a se mostrar seu mordomo para a salvação dessas pessoas; para usar toda a propriedade que está em sua posse, a fim de promover a maior quantidade possível de felicidade entre seus semelhantes. O clamor macedônio vem dos quatro ventos do céu: "Passa e ajuda-nos"; e contudo você se recusa ajudar; você acumula a riqueza em sua possessão, vive no luxo e deixa que seus semelhantes vão para o inferno. Que linguagem pode descrever sua culpa?

Mas suponha que seu empregado, quando você o chamou para prestar contas, dissesse: "Eu não adquiri esta propriedade mediante minha própria indústria?"; você não responderia: "Você empregou meu capital para fazer isso, e meu tempo, pelo qual eu o paguei; e o dinheiro que você ganhou é meu"? Assim, quando Deus convocá-lo para usar a propriedade que está em sua posse, você diz que é sua,

que a obteve por indústria própria? Diga-me: De quem é o tempo que você usou, e de quem são os talentos e recursos? Deus não criou você? Ele não o tem sustentado? Ele não fez você prosperar e lhe deu todo o sucesso que você tem? Sim, o seu tempo é dEle; O seu tudo é dEle. Você não tem o direito de dizer que a riqueza que tem é sua; é dEle, e você é obrigado a usá-la para a glória dEle. Você é traidor da própria confiança, se não a empregar dessa forma.

Se seu funcionário pega só um pouco do dinheiro que você tem, o caráter dele acaba e ele é tachado de vilão. Mas os pecadores não pegam somente um dólar ou algo assim, mas tudo o que puderem e o usam para si próprios. Não vê que Deus faria mal em não chamar você para prestar contas e puni-lo por encher os bolsos com o dinheiro dEle e chamá-lo de seu? Mestre de religião, se você está fazendo assim, não se chame de cristão.

5. Você tem de prestar contas da sua *alma*. Você não tem o direito de ir para o inferno. Deus tem direito à sua alma; a sua ida para o inferno feriria todo o universo. Feriria o inferno, porque lhe aumentaria os tormentos. Feriria o céu, porque o lesaria dos serviços que você prestaria. Quem pegará a harpa em seu lugar para cantar louvores a Deus? Quem contribuirá para a sua parte na felicidade do céu?

Suponha que você tivesse um mordomo a quem tivesse dado a vida e educado-o a grandes expensas, e então ele acintosamente jogasse fora essa vida. Tem ele o direito de dispor assim de uma vida de tanto valor para você? Não é exatamente como se ele roubasse de você a mesma quantidade de propriedade em alguma outra coisa? Deus fez sua alma, sustentou-a e educou-a, até que você lhe preste serviços importantes e o glorifique para sempre. Você tem o direito de ir para o inferno, desperdiçar a alma e assim roubar de Deus o seu serviço? Você tem o direito de tornar o inferno mais miserável e o céu menos feliz, e assim ferir a Deus e todo o universo?

Você ainda diz: "E se eu perder a minha alma, isso não é somente da minha conta?" Falso; é da conta de todo o mundo. É o mesmo que um homem levar uma doença contagiosa para uma cidade, espalhar desânimo e morte por todos os lados e dizer que isso não é da conta de ninguém, senão dele mesmo.

6. VOCÊ tem de prestar contas da *alma dos outros*. Deus ordena que você seja colaborador com Ele na conversão do mundo. Ele precisa dos seus serviços porque Fie salva as almas somente pela agência dos homens. Se as almas estão perdidas ou o Evangelho não for divulgado pelo mundo, os pecadores lançam toda a culpa nos cristãos, como se eles só fossem obrigados a ser ativos na causa de Cristo, exercer benevolência, orar por um mundo perdido e arrancar os pecadores do fogo. Fico imaginando quem

o isentou desses deveres. Em vez de cumprir com seus deveres, você fica como pedra de tropeço no caminho dos outros pecadores. Assim, em vez de ajudar a salvar o mundo, todas as suas ações ajudam a enviar almas para o inferno.

7. Você é obrigado a prestar contas dos *sentimentos que você nutre e propaga*, O Reino de Deus deve ser construído pela verdade e não pelo erro. Seus sentimentos terão parte importante na influência que você exerce sobre os que o cercam.

Suponha que os negócios nos quais seu mordomo é empregado exigissem que ele nutrisse noções corretas relativas à maneira de fazê-los, e o princípio envolvido nesse processo, acerca da sua vontade e do dever dele. E suponha que você lhe tivesse dado, por escrito, um conjunto de regras para o governo da conduta dele em relação a todos os assuntos que lhe foram confiados. Então, se ele negligenciasse examinar as regras, ou alterasse o significado claro, e, desse modo, pervertesse a própria conduta e fosse instrumento para o engano dos outros, levando-os ao caminho da desobediência, você não olharia esse procedimento como criminoso e merecedor da mais severa reprovação?

Deus lhe deu regras para o governo de sua conduta. Na Bíblia você tem a revelação clara da vontade dEle em relação a todas as ações. E agora, ou você a negligencia ou a perverte, desvia-se e leva outros com você para o caminho da desobediência e da morte, e depois se chama de honesto? Que vergonha!

8. Você tem de prestar contas das *oportunidades que você tem de fazer o bem*.

Se você emprega um mordomo para administrar os bens, você espera que ele tire proveito da situação do mercado e das coisas em geral para melhorar toda oportunidade na promoção dos interesses que você tem. Suponha que nas temporadas movimentadas do ano ele gastasse o tempo na preguiça ou nos próprios negócios, e não estivesse nem um pouco atento às oportunidades mais favoráveis de promover os interesses que você tem, logo você não lhe diria: "Presta contas da tua mordomia, porque já não poderás ser mais meu mordomo"? Pecador, você sempre tem negligenciado as oportunidades de servir a Deus, advertir seus companheiros pecadores, promover o reavivamento da religião e fomentar os interesses da verdade. Você tem sido diligente apenas em promover seus próprios interesses, e tem sido completamente relapso quanto aos interesses de seu grande Empregador. Você não é um miserável, e não merece ser expulso da mordomia como desonesto e ser enviado à prisão estatal do universo? Como você escapará da condenação do inferno?

Observações. 1. Examinando este assunto, você percebe por que as atividades deste mundo são uma armadilha que submerge a alma dos homens na destruição e perdição.

Os pecadores administram os bens para promover os próprios interesses, não como mordomos de Deus; e assim agem desonestamente, defraudam a Deus, agravam o Espírito e promovem a própria sensualidade, orgulho e morte. Se os homens se considerassem funcionários de Deus,

eles não mentiriam, lograriam e trabalhariam no sábado para ganhar dinheiro para Ele; estariam certos de que tal conduta não o agradaria. Deus nunca criou este mundo para ser armadilha para os homens; é abuso. Ele o projetou para ser domicílio delei-toso para eles — mas o quanto está pervertido!

Se todas as atividades dos homens fossem feitas para Deus, eles não enfrentariam a tentação da fraude e desonestidade para enlaçá-los e arruinar-lhes a alma. Não teriam a tendência a afastar-se dEle ou bani-lo dos pensamentos. Quando o santo Adão adornou o jardim de Deus e o guardou, tinha ele a tendência a banir Deus da mente? Se em sua presença seu jardineiro se ocupasse todos os dias no cuidado das plantas, consultando sua opinião e fazendo sua vontade continuamente, perguntando como isto ou aquilo deve ser feito, tal procedimento teria a tendência a banir você dos pensamentos dele? Assim, se você se ocupasse todos os dias, buscando a glória de Deus e administrando todos os bens em favor dEle, agindo como seu mordomo, ciente de que os olhos dEle estavam sobre você; e esta fosse sua busca constante: como isto ou aquilo o agradará? — estando ocupado em tal empreendimento você não teria a tendência a distrair a mente e desviar os pensamentos de Deus.

Suponha que uma mãe, cujo filho estivesse em terra distante, ficasse ocupada todos os dias arrumando para ele roupas, livros e coisas necessárias, sempre se perguntando: "Como isto ou aquilo o agradará?" Essa empresa teria a tendência a desviar a mente dela do filho ausente? Se você se considera mordomo de Deus e lhe administra os bens; se em todas as coisas você consulta os interesses e a glória dEle, e considera que todas as suas possessões, tempo e talentos são dEle; quanto mais ocupado você estiver engajado no serviço dEle, mais Deus estará presente em tudo o que você pensa.

Novamente você percebe por que a preguiça é uma armadilha para a alma. O homem que está ocioso é desonesto, esquece-se das suas responsabilidades, recusa-se a servir a Deus e entrega-se às tentações do Diabo. Não, o homem inativo tenta o Diabo para o tentar.

De novo. Você percebe o erro da máxima de que os homens não podem cuidar ao mesmo tempo de negócios e de religião. Os negócios de um homem devem ser parte de sua religião. Ele não pode ser religioso na ociosidade. Ele deve de ter alguma atividade para ser religioso em tudo, e se é exercida pelo motivo certo, sua atividade legal e necessária é tanto parte essencial da religião quanto a oração, ir à igreja ou ler a Bíblia. Todo aquele que advoga a máxima exposta acima é velhaco por confissão própria, pois ninguém pode acreditar que um empreendimento honesto buscado para a glória de Deus é incompatível com a religião. Em face disso, a objeção presume que tal indivíduo considera sua atividade ou ilegal em si mesma, ou que ele a atende de maneira desonesta. Se isto é verdade, então ele não pode ser religioso enquanto atende os negócios. Se seu empreendimento é mau, ele tem de renunciá-lo; ou se é honesto mas atendido de maneira ilegal, ele tem de atendê-lo legalmente; ou em qualquer caso ele perderá a alma. Mas se seu negócio é legal, que ele o atenda honestamente

e pelos motivos certos, e ele não encontrará dificuldade em atender os negócios e ser ao mesmo tempo religioso. Uma vida de negócios é melhor para os cristãos, visto que exercita os atrativos que contém e os fortalece.

Que a maioria dos homens não se considera mordomo de Deus é evidente pelo fato de eles reputarem os prejuízos que têm nos negócios como perdas próprias. Suponha que alguns de seus devedores falissem e seus funcionários falassem disso como prejuízo deles e dissessem que tinham sofrido grande perda. Você não julgariam tal procedimento ridículo ao extremo? E não lhe soaria totalmente ridículo se um dos devedores do seu Senhor falisse e deixasse você intranquilo e infeliz acerca disso? É seu prejuízo ou dEle? Se você cumpriu seu dever, tomou os devidos cuidados com a propriedade dEle e ocorreu um prejuízo, não é sua perda, mas dEle. Você olharia seus pecados e seu dever e não ficaria com medo de Deus falir. Se você agisse como mordomo de Deus ou como seu funcionário, não pensaria em falar de prejuízos como seus. Mas se você considera a propriedade em sua possessão como sua, não admira que Deus a tenha tirado de suas mãos.

Outra vez. Você percebe que, na aceitação popular do termo, é ridículo chamar as instituições para a extensão do Reino do Redentor no mundo, de instituições de caridade. Em certo sentido, com efeito, elas podem ser chamadas assim. Se você desse ordens a seu mordomo que destinasse determinada quantia dos capitais para o benefício dos pobres em certa localidade, esta seria sua caridade, mas não dele: seria ridículo ele pretender que a caridade fosse dele. Assim, as instituições para a promoção da religião são caridades de Deus, e não dos homens. O capital é de Deus. e é exigência dEle que seja gasto de acordo com as direções dEle para aliviar a miséria ou promover a felicidade de nossos semelhantes. Deus, então, é o Doador, não os homens, e considerar a caridade como presente dos homens é defender que o capital pertence aos homens e não a Deus. Chamá-las instituições de caridade, no sentido em que são normalmente mencionadas, é dizer que os homens conferem um favor a Deus por eles lhe darem o dinheiro deles e o considerarem como objeto de caridade.

Suponha que um grupo de comerciantes da cidade empregasse com grande capital vários agentes para negociarem por eles na Índia. Suponha que esses agentes afirmassem que o capital é de propriedade deles, e sempre que um saque fosse feito, eles o considerassem mendicância e doação de esmolas, e chamassem de pedinte o empregado por quem a ordem foi dada. Além disso, suponha que eles se reunissem e formassem uma instituição de caridade para cobrir esses saques, da qual eles se tornariam "membros vitalícios" mediante pagamento de alguns dólares do dinheiro dos seus empregadores em um fundo comum, e então se julgassem exonerados de todas as convocações posteriores. Quando um agente fosse enviado com ordem de pagamento, eles orientariam o tesoureiro da instituição a lhe dar um pouco como questão de esmola. Isso não seria imensamente ridículo? Então o que você pensa de si mesmo quando fala de sustentar essas instituições de caridade, como se Deus, o

Dono do universo, estivesse pedindo esmola e seus servos fossem agentes de um Pedinte infinito? Quão maravilhoso é que Deus não tenha em conta serem tais homens presunçosos e os coloque, num momento, no inferno, e então, com o dinheiro nas mãos deles, execute seus planos para a conversão do mundo.

Não lhes é menos ridículo supor que pagando do capital em mãos para este propósito, eles dão esmola aos homens: pois deve ser mantido em mente que o dinheiro não é deles. Eles são mordomos de Deus e só o pagam com a ordem dEle. Fazendo isto, então, eles nem dão esmola aos servos que são enviados com as ordens, nem àqueles por cujo benefício o dinheiro é gasto.

Mais uma vez. Quando os servos do Senhor vêm a você com uma ordem de pagamento contra o dinheiro que está em sua posse na tesouraria dEle, para custear as despesas de governo e do Reino, por que você chama o dinheiro de seu e diz que não pode cedê-lo? O que você quer dizer com chamar os agentes de pedintes e dizer que está farto de ver tantos pedintes — enfadado com esses agentes de instituições de caridade? Suponha que seu mordomo sob tais circunstâncias chamasse seus agentes de pedintes e dissesse que estava enfastiado de ver tantos pedintes. Você não o chamaria para prestar contas, e o faria ver que a propriedade que ele tem em posse era sua e não dele?

Ainda outra vez. Você percebe a grande maldade de os homens acumularem propriedades enquanto vivem para na morte deixarem parte à igreja. Que testamento! Deixar para Deus a metade da propriedade que é dEle próprio. Suponha que um funcionário agisse assim e fizesse um testamento, deixando ao empregador parte da propriedade que já lhe pertencia! Contudo, isto é chamado de devoção. Você acha que Cristo sempre será um pedinte? E, não obstante, a igreja fica grandemente envaidecida com suas substanciais doações e legados de caridade entregues a Jesus Cristo.

Uma vez mais. Você percebe a maldade de juntar dinheiro para os filhos, e a razão por que o dinheiro assim juntado lhes é maldição.

Suponha que o seu mordomo junte o dinheiro que pertence a você para os filhos dele, você não o teria por velhaco? Então como você ousa tomar o dinheiro de Deus e juntar para seus filhos, enquanto o mundo está afundando para o inferno? Porém você dirá: "Mas não é meu dever prover para a minha própria casa?" Sim, é seu dever prover convenientemente para eles, mas o que é uma provisão satisfatória? Dê-lhes a melhor educação que você puder para o serviço de Deus. Faça todas as provisões necessárias para o suprimento das suas verdadeiras necessidades, até que atinjam idade suficiente para prover por si mesmos. Então, se você os vir dispostos a fazer o bem servindo a Deus na geração em que viverem, dê-lhes todas as vantagens que estiverem ao seu alcance para o fazerem. Mas você não tem o direito de torná-los ricos, satisfazer-lhes o orgulho, permitir que vivam no luxo ou no ócio. providenciar que fiquem ricos, dar às filhas o que é chamado de educação refinada, admitir que elas passem o tempo lidando com vestidos, na ociosidade, em fofocas e futilidades. É defraudar a

Deus, arruinar a sua alma e arriscar grandemente a delas.

Novamente. Os pecadores impenitentes serão por fim e eternamente desgraçados. Você não considera uma desgraça para o homem ser descoberto em fraude e toda espécie de desonestidade na administração dos bens do empregador? Tal homem não é merecidamente retirado dos negócios; não é ele uma desgraça para si mesmo e sua família; alguém pode confiar nele? Como é então que você comparecerá diante de um Deus magoado e de um universo ferido — um Deus cujas leis e direitos você menospreza — um universo com cujos interesses você esteve em guerra? Quanto, no julgamento solene, você será desgraçado, seu nome excretado e você feito motivo de escárnio e desprezo do inferno pelas fraudes e vilanias inumeráveis que praticou contra Deus e suas criaturas! Mas talvez você seja mestre de religião: sua profissão encobrirá seu egoísmo e hipocrisia vis, porquanto você defraudou a Deus, gastou seu dinheiro em luxúrias e considerou como pedintes os que vinham a você com ordens de pagamento contra a tesouraria dEle? Como você manterá a cabeça erguida diante do céu? Como você ousa orar; como você ousa se sentar à mesa de comunhão; como você ousa professar a religião de Jesus Cristo, se você montou um interesse particular e não considera tudo o que tem como dEle e usa tudo para a glória dEle?

Outra vez ainda. Temos aqui o verdadeiro teste do caráter cristão. Os verdadeiros cristãos se consideram mordomos de Deus. Eles agem para Ele, vivem para Ele, administram os bens em favor dEle. comem e bebem para a glória dEle, vivem e morrem para agradá-lo. Mas os pecadores e hipócritas vivem para si mesmos. Eles consideram o tempo, os talentos, a influência que têm como deles mesmos e dispõem de tudo para os próprios interesses e assim se afundam em destruição e perdição.

No julgamento, somos informados de que Cristo dirá aos que são aceitos: "Bem está, servo bom e fiel". Ouvinte! Que Ele verdadeiramente possa dizer de você: "Bem está, servo bom e fiel. Sobre o pouco foste fiel" (Mt 25.21), ou seja, sobre as coisas entregues à sua incumbência. Ele não pronunciará falso julgamento, não porá falsa estimativa sobre as coisas; e se Ele não pode dizer de você: "Bem está, servo bom e fiel", você não será aceito, mas será lançado ao inferno. Qual é seu caráter e qual tem sido sua conduta? Em breve Deus o chamará para prestar contas de sua mordomia. Você tem sido fiel a Deus, fiel à sua própria alma e à alma dos outros? Você está pronto para ter as contas examinadas, sua conduta esmiuçada e sua vida pesada na balança do santuário? Você está interessado no sangue de Jesus Cristo? Se não, arrependa-se, arrependa-se agora, de toda a sua maldade, e agarre-se na esperança que é colocada diante de você: pois, escute! Uma voz clama em seus ouvidos: "Presta contas da tua mordomia, porque já não poderás ser mais meu mordomo".

Thomas Guthrie: Os Pecados e as Tristezas da Cidade

THOMAS GUTHRIE NASCEU EM Brechin, Escócia, em 12 de julho de 1803, e morreu em St. Leonards, em 24 de fevereiro de 1873. Seu primeiro pastorado deu-se em Arbilot, onde por sete anos foi ministro da Igreja Presbiteriana. Foi durante esses anos que ele adotou o método pietórico de pregar, pelo qual logo ficou conhecido. Num culto à tarde para jovens, ele os interrogou minuciosamente acerca do sermão pregado naquela manhã. Sem demora ele descobriu que as porções dos sermões de que eles se lembravam eram as ilustrações. Isto o determinou a cultivar um estilo ilustrativo. Quase todo sermão impresso por Guthrie abre com algum tipo de ilustração ou anedota. Ele falou a respeito das três principais regras da homilética, ilustrando-as nos Três Ps" — Pintar, Provar e Persuadir. Mas com ele a principal era pintar.

Em 1837, Guthrie tornou-se ministro de Old Greyfriars, Edimburgo, e em 1840, da Igreja de St. Johns, Edimburgo. Imediatamente atraiu a atenção, e por um espaço de trinta e cinco anos sua imensa popularidade nunca diminuiu. Ele não tinha nada do gosto escocês por metafísica, nem era sonhador ou místico. Seus temas são comuns, e o arranjo simples e mecânico. Não obstante, nos anais do púlpito escocês ninguém o ultrapassou na habilidade de, ano após ano, atrair e manter grandes multidões. É impossível definir o segredo do poder de um pregador. Porém no caso de Guthrie, é indubitável que seu poder (naquela época) novel, dramático e pietórico desempenhou parte importante em sua popularidade extraordinária. Guthrie não só era grande pregador, mas também grande filantropo. A imponente estátua de Guthrie em Princes Street, Edimburgo, mostra-o com dois meninos de rua abrigando-se em seus braços. Esta é em comemoração das Escolas dos Maltrapilhos que Guthrie fundou para abrigo e instrução das crianças abandonadas e carentes de Edimburgo. O Dr. James McCosh, mais tarde reitor da Universidade de Princeton, era vizinho de Guthrie quando ele morava em Arbilot. Fazendo um comentário sobre a pregação de Guthrie, o Dr. McCosh diz: "Alguns homens implacáveis consideravam seus discursos não muito lógicos; certos homens e mulheres afetados reputavam suas ilustrações bastante vividas; mas todos iam ouvi-lo, porque seus corações eram tocados".

O sermão selecionado para este volume. "Os Pecados e as Tristezas da Cidade", em sua nobre introdução revela o primoroso dom da descrição de Guthrie. O sermão ainda é terrivelmente apropriado para a Escócia.

Os Pecados e as Tristezas da Cidade

"Vendo [Jesus] a cidade, chorou sobre ela." (Lc 19.41)

HÁ um fenômeno notável a ser visto em certas regiões 3 de nossa costa. Estranho dizer, ele prova, a despeito de expressões como terra estável e sólida, que não é a terra mas o mar que é o elemento estável. Num dia de verão quando não há onda nem vento brando para entufar a vela ou refrescar um rosto, você lança o barco ao mar. Indo além da marca mais baixa da maré, você se deita à toa na proa para surpreender o olhar prateado do peixe que passa, ou ficar vendo os movimentos de muitas criaturas curiosas que passam pela margem arenosa do mar. ou, rastejando-se para fora das tocas nas pedras, vagueiam seus labirintos complicados. Se o viajante fica surpreso por achar uma concha do alto-mar incrustada nos mármorees do pico de uma montanha, quanto você fica admirado ao ver debaixo de você uma vegetação estranha ao ambiente do fundo do mar! Debaixo do barco, submerso a muitos metros abaixo da superfície da maré mais baixa, nas grandes profundezas verdes e cristalinas, você não vê âncora enferrujando. nem restos mortais de algum naufrago desfeitos em pó, mas nos tocos eretos das árvores você descobre os vestígios de uma floresta reduzidos a pó, onde outrora gatos selvagens rondavam e pássaros do céu. cantando, faziam ninhos e alimentavam filhotes. Em contraparte aos trechos de nossa costa onde cavernas encavadas no mar, com lados polidos pelas ondas e o solo ainda polvilhado de conchas e areia, agora estão no alto acima do nível das marés de correntes mais fortes, ali jazem essas árvores mortas apodrecendo nas profundezas. Fenômeno estranho, que não admite outra explicação senão esta: que o contorno da costa afundou abaixo do seu antigo nível.

Muitas de nossas cidades apresentam fenômeno tão melancólico aos olhos do filantropo, quanto outro fenômeno é interessante para o filósofo ou o geólogo. Nos aspectos econômicos, educacionais, morais e religiosos, certas partes desta cidade sustentam evidência palpável de uma correspondente precipitação. Não uma única casa, ou um bloco de casas, mas ruas inteiras, antigamente de ponta a ponta os domicílios da decência, indústria, riqueza, posição social e prática religiosa, foram engolfadas. Uma enxurrada de ignorância, miséria e pecado irrompe e ruge acima do topo de suas moradias mais altas. Nem os velhos tocos de uma floresta, ainda eretos abaixo das ondas do mar, indicam uma mudança maior, uma precipitação mais profunda que as relíquias da antiga grande/a c os memoriais comoventes da prática religiosa, que ainda permanecem em

volta dessas habitações miseráveis como o crepúsculo noturno nas colinas — como os vestígios de beleza de um cadáver. São cenas tristes o chão despido, as paredes enegrecidas e nuas. a atmosfera abafada e repugnante, a janela remendada e empoeirada pela qual um raio de sol, como a esperança, debilmente surrupia as crianças maltrapilhas, mortas de fome e de rostos tristes, o rufião, o montão de palha onde alguma mãe miserável, murmurando sonhos, cura-se dormindo da devassidão da noite passada, ou se deita sem mortalha e sem ataúde na cadaverização de .uma morte desesperada. Freqüentemente olhamos para eles. E parecem profundamente tristes pelos divertimentos agitados e pela ilusão. Empolgados por vestígios de um afresco que ainda se mostra do gesso sujo e quebrado, o mármore volumoso que se eleva acima da pedra de lareira fria e rachada, uma cornija elaboradamente entalhada no alto para tiritar de frio a fim de ser posta no chão para servir de lenha, algumas flores ou frutos de estuque ainda pendentes do teto esmigalhado, a imaginação, despertada por estas coisas, evoca as cenas e atores de outros dias — quando a beleza, a elegância e a moda adornavam estes saguões solitários, copiosamente enegrecidos pela fuligem sobre tábuas gementes, e onde estas poucas brasas, juntadas do montão de pó da cidade, são fogueiras pouco hospitaleiras que debilmente ardem sem chama e ru-gem pela chaminé.

Mas aqui e ali essas casas dão testemunho de uma precipitação mais profunda, uma mudança ainda mais triste. Determinado por alguma missão de misericórdia, você se coloca ao pé de uma escada úmida e imunda. Esta o conduz aos quartos abarrotados de uma moradia, onde — com a exceção de alguma velha viúva decente que viveu dias melhores, tendo toda a família morrido e os amigos ido embora, ainda se agarra a Deus e à fé nos momentos negros da adversidade — entre o naufrágio da fortuna desde os recantos da adega embaixo até aos sótãos debaixo da cumeeira do telhado, você não encontrará ninguém lendo a Bíblia ou mesmo com uma Bíblia para ler. Ai! De oração, de salmos matutinos e vespertinos, de paz terrena ou divina, pode-se dizer que o lugar que outrora os conhecia não os conhece mais. Porém, antes de você adentrar, levante os olhos para a pedra que está acima da entrada. Emudeça, fale de outros e melhores tempos. Esculpido em grego ou latim, ou na nossa língua mãe. você decifra textos como estes: "Paz seja nesta casa" (Lc 10.5); "Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que edificam" (Sl 127.1); "Temos de Deus um edifício, uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus" (2 Co 5.1); "Temei a Deus" (1 Pe 2.17); ou este: "Ama o teu próximo". Como os restos reduzidos a pó de uma floresta que antigamente ressoava com a melodia dos pássaros, mas hoje não se ouve nada exceto a arremetida bravia ou o gemido melancólico do quebrar das ondas, estes vestígios de prática religiosa fornecem um padrão que nos permite medir o quanto afundou o estrato da sociedade nestas localidades sombrias.

Agora há forças na natureza que, levantando a crosta de nossa terra, podem converter o fundo do mar outra vez em floresta ou terra cultiváveis. Neste momento estas forças estão em operação ativa. Trabalhando

lentamente, contudo com poder prodigioso, estão levantando as costas da Suécia, no Velho Mundo, e do Chile, no Novo. E quem sabe estas agências subterrâneas, levantando nossas costas, ainda restabeleçam a vegetação a essas areias do fundo do mar e devolvam ao arado o seu solo, ao pinheiro balouçante a terra florestal. E assim em nossas orlas, redimidadas da compressão do oceano em alguma era futura, colheitas maduras caíam ao cântico dos ceifeiros e florestas densas tombem pelo machado do lenhador. Não sabemos se isto acontecerá. Mas sei que há uma força em atuação neste mundo — leve, no entanto poderosa — comumente lenta em ação, mas sempre certa em seus resultados, a qual, mais energética que lavas vulcânicas, vapores comprimidos ou terremotos oscilantes, é adequado para levantar as massas mais afundadas da sociedade e restabelecer os mais baixos e mais longos distritos abandonados de nossas cidades ao nível anterior, para colocá-los na plataforma emparelhada de um cristianismo mais elevado.

Não podemos nos desesperar, contanto que não nos esqueçamos de que o poder de Deus, a sabedoria de Deus e a graça de Deus não têm nada a fazer dentro de nossas orlas que já não tenham feito antes. Nossas classes caídas são rudes e incultas, ignorantes e malignas? O mesmo eram nossos antepassados quando o Cristianismo aterrou nesta ilha. Ele tomou posse dela em nome de Jesus e conquistou selvagens corajosos, a quem os romanos nunca puderam subjugar, pelo poder suave, contudo poderoso, do Evangelho. "A mão do Senhor não está encolhida, para que não possa salvar; nem o seu ouvido, agravado, para não poder ouvir" (Is 59-1). Pouco importando o tempo que leve para evangelizar as massas de nossa cidade, por mais que vivamos antes do período em que "uma nação nascerá em um dia", toda prova de paciência que tenhamos de suportar, toda lágrima que tenhamos de derramar por nossas cidades, nossas lágrimas não são como as que Jesus chorou quando viu Jerusalém.

Não. Jerusalém foi selada para a ruína, sentenciada além de redenção. Nossos irmãos e nossas cidades não o foram. Não precisamos chorar como aqueles que não têm esperança. Assim como num dia de verão vi o céu subitamente tão brilhante e a chuva com cada pingo sendo mudado pelos raios do sol num diamante incandescente, assim as esperanças se sobrepõem aos medos, e as promessas do Evangelho derramam a luz do sol sobre as tristezas piedosas. Podemos chorar; devemos chorar — choramos e trabalhamos, choramos e oramos. Mas que nossas lágrimas sejam sempre como as que Jesus derramou ao lado do sepulcro de Lázaro. Ele, enquanto chorava, ordenou aos espectadores que tirassem a pedra, e a seu comando o túmulo entrega seu morto, que havia quatro dias fora ali sepultado. Tais sejam nossas lágrimas. Sustentados por elas, todos trabalharemos muito melhor; e dentro de bem pouco tempo nosso Pai celeste abraçará o mais miserável desses pobres miseráveis.

Dirigimos sua atenção para a extensão da intemperança; cuidemos, em segundo lugar, dos efeitos deste vício.

Os espartanos, povo valente e, embora pagão, virtuoso em muitos aspectos, mantinham a intemperança na mais profunda aversão. Quando

pais *cristãos* iniciam os filhos no vício da bebida, e — como vimos e ficamos espantados — os ensinam a levar o copo aos lábios infantis, copie quem possa, os antigos e sábios espartanos não são seu modelo. Eles não eram mais meticulosos em treinar a mocidade do seu país nos exercícios atléticos, e desde a meninice e quase dos seios maternos a "sofrer as aflições como bons soldados" de Esparta, do que criá-los nos hábitos da mais rígida e mais severa temperança. Formavam uma divisão regular da sua educação nacional. Por que não deveria ser da nossa? Seria bênção incalculável para a comunidade. Faria incontavelmente mais em promover o conforto nacional, guardar o bem-estar das famílias e garantir o bem público, que outras divisões que, ainda que melhorem o paladar e sirvam de aprimoramento à mente, não dão a verdadeira força e poder ao homem. Uma vez por ano esses gregos reuniam os escravos, e havendo-os compelido a beber até ficarem bêbados, eram lançados — todos sentindo vertigens, cambaleando, embriagados, brutalizados — numa grande arena, para que os jovens que enchiam as arquibancadas quando fossem para casa depois deste espetáculo de degradação evitassem a taça de vinho e cultivassem as virtudes da sobriedade. Terra sumamente feliz, onde a embriaguez era vista apenas uma vez por ano, e formava somente um espetáculo anual. Ai de nós! Não temos necessidade de empregar tais meios injustificáveis mesmo para propósito tão bom! Não exigimos que se organize algum espetáculo anual para contar do púlpito, ou representar no palco de um teatro seus efeitos malditos, pavorosos e asquerosos. O leão está assolando diariamente nossas ruas. Ele continua "buscando a quem possa tragar".

De fato, uma vez por ano, quando os pátios da igreja ficam cheios, nossa cidade pode apresentar um espetáculo que os tolos consideram com indiferença, mas os sábios com piedade e temor. Um homem pálido e desfigurado, portando o título de "reverendo", está no cancelo de sua igreja. Não ousando olhar para cima, ele se curva com a cabeça enterrada nas mãos, rubor nas faces, lábios trementes e um inferno vociferando e queimando dentro de si, enquanto pensa em casa, uma esposa com o coração partido e os pequeninos que dentro em pouco deixam aquela casa querida e doce para abrigar as cabeças inocentes onde melhor for, todos empobrecidos e desgraçados. "Ah, meu irmão", aqui! E: "Ah, meus irmãos", ali, aprendam: "Vigiai e orai, para que não entreis em tentação" (Mt 26.41). Veja o motivo de ansiedade de uma mãe e a labuta abnegada e parcimoniosa de um pai em educar o menino promissor e estudioso. Nesta escuridão profunda fixou-se para sempre uma brilhante carreira universitária. Ai, que fim para o dia solene de ordenação, o dia luminoso de casamento e todos os sábados quando um povo afetuoso dependia dos lábios eloqüentes do pregador! Se este ofício sagrado, se a manipulação constante das coisas divinas, se as horas de estudo gastas com a Palavra de Deus, se as cenas freqüentes de morte com suas mais terríveis e ponderadas solenidades, se a ruína irredimível na qual a degradação do ofício santo mergulha consigo um homem e sua casa, se a hediondez indizível deste pecado naquele que mantinha o posto de sentinela e fora

incumbido com o cuidado das almas — se estas coisas não nos fortalecem e nos cercam contra os excessos, então, em nome de Deus: "Aquele, pois, que cuida estar em pé, olhe que não caia" (1 Co 10.12).

Ao deixar o pátio da igreja, onde ele viu espetáculo tão estranho e terrificante como homem de mente culta, homem de hábitos literários, homem de posição honrada, homem de caráter sacro, sacrificar tudo — a causa da religião, o pão da sua família, os interesses dos filhos, a felicidade da esposa, seu caráter, sua alma — tudo, por esta indulgência vil. ninguém, depois de prova tão terrível do poder e domínio deste vício tirânico se surpreenderá de nada que encontre em nossas ruas. Contudo, se a alma de Paulo "se comovia em si mesma", emocionada até as profundezas mais recônditas quando viu a idolatria de Atenas, penso que aquele que pode andar deste castelo vizinho ao palácio mais distante sem gemer no espírito, deve ter um coração quase tão duro quanto o pavimento em que anda. A degradação da humanidade, a pobreza andrajosa, a miséria sórdida, a meninice sofredora, a infância definhada e agonizante, quanto isso obliterou todo o romance da cena e tornou a rua mais pitoresca da cristandade numa das mais dolorosas a ser percorrida. Eles chamam a rua em Jerusalém de Via Dolorosa, ao longo da qual a tradição diz que um Salvador sangrento carregou a cruz; e penso que nossa própria rua foi batizada nos sofrimentos de nome tão triste.

Com tantos indivíduos que têm no semblante a miséria estampada tão evidentemente quanto se tivessem sido marcados a ferro em brasa — a fome encarando desses olhos encovados, homens paralisados pela bebida, mulheres cobertas de bolhas e inchadas pela bebida; crianças tristes e pálidas que definham numa morte lenta com as Cabeças cansadas deitadas tão deploravelmente no ombro de uma mulher meio desumanizada — esta pobre criancinha que nunca sorri, sem sapato ou meia nos pés ulcerados, tiritando, rastejando, mancando com a garrafa na mão emagrecida para comprar com alguns trocados uma bebida, pobre criatura faminta, que desejaria gastar num pão, mas não ousa — a cena é como o rolo do profeta, "escrito por dentro e por fora; e nele se achavam escritas lamentações, e suspiros, e ais". Quanto nossos corações se apertaram ao ver um menino pobre e maltrapilho olhando cobiçosamente para dentro de uma janela a comida que ele não tem quem lhe dê e não se atreve tocar, para observá-lo enquanto ele erguia alternadamente os pés desnudos para que, não se congelassem no pavimento gelado. Ele passa fome em meio à abundância. Negligenciado entre pessoas que teriam mais pena de um cavalo velho doente ou de um cachorro moribundo, ele é um pária na terra. Das multidões que passam sem reparar nele a caminho de casas confortáveis, absortos em negócios ou prazer, não há ninguém que o quer. Pobre miserável! Se ele conhecesse a Bíblia que ninguém o ensinou, com tanta determinação ele se plantaria diante de nós e nos barraria o caminho à igreja ou reunião de oração, dizendo com olhos imploráveis e fixos em nós: "A religião pura e imaculada para com Deus, o Pai, é me alimentar, é vestir estes membros desnudos, é encher estas bochechas vazias, é lançar a luz do conhecimento nesta alma escurecida, é me salvar,

é não ir à casa de Deus ou ao lugar de oração, sem primeiro vir comigo à nossa casa miserável, é Visitar os órfãos e as viúvas nas suas tributações e guardar-se da corrupção do mundo" (Tg 1.27).

Você pode testar a verdade destas declarações. Tudo que você tem de fazer é andar pelas ruas para comprová-las. Olhe ali! Naquele cadáver você vê o corpo morto e gelado de uma das melhores e mais religiosas mães que já tivemos o privilégio de conhecer. Ela teve um filho. Ele era o arrimo de sua viuvez — tão meigo, tão afetuoso, tão amoroso. Alguns são tirados antes do "mal por vir"; postos no colo da mãe terra, guardados debaixo do gramado verde do sepulcro; não ouvem e não prestam atenção à tempestade que assola em cima. Não foi feliz seu destino. Ela viveu para ver a desgraça desse filho, e todas as promessas de sua mocidade destruídas e acabadas. Ele foi atraído para o vício da intemperança. De joelhos, ela pleiteava com ele. De joelhos, ela orava por ele. Quão misteriosos são os caminhos da Providência! Ela não viveu para vê-lo mudado; e com tais espinhos no travesseiro, com esses punhais fincados por tal mão em seu coração, ela não podia viver. Ela se afundou nesses pesares e morreu de coração partido. Nós lhe contamos isso. Com lágrimas amargas e ardentes, ele o admitiu e se culpou pela morte da mãe — confessando-se seu assassino. Esmagado pela tristeza e completamente só, ele foi ver o corpo. Sozinho, ao lado da mãe fria, morta e inacusável, ele se ajoelhou e chorou seu remorso terrível. Depois de um tempo, levantou-se. Infelizmente — que desgraça que uma garrafa de bebida tivesse sido deixado lá —, seus olhos caíram no antigo tentador. Você viu o ferro se aproximar do imã. Chame de feitiço, fascinação ou qualquer coisa ruim, demoníaca, mas assim como o ferro é atraído pelo imã, ou como um pássaro trêmulo, fascinado pelos olhos ardentes e a pele brilhante da serpente, entra em suas mandíbulas envenenadas e expandidas, assim ele foi atraído para a garrafa. Estranhando a demora, entraram no quarto — e agora na cama estão dois corpos — a mãe morta e seu filho morto e bêbado. Que visão! Que espetáculo humilhante e horrível! E que mudança daqueles tempos felizes em que a noite abaixou as cortinas pacíficas em volta do mesmo filho e de sua mãe — ele, um doce bebê, dormindo, como anjo, em seus braços amorosos! "Quanto ficou opaco o ouro, o ouro mais fino mudou!"

Ou olhe ali. A cama ao lado da qual você em outras visitas conversou e orou com aquela que, na flor da mocidade, estava se definhando num lento declínio — está vazia. Os vivos precisam dela; e assim sua exausta e cansada locatária de longo tempo acha-se agora estirada na morte, em cima de dois baús inclementes ao lado da janela. E enquanto você está ao lado do corpo e o contempla naquela face iluminada por um transitório raio de sol, você vê, juntamente com rastros alongados de beleza não comum, a tranqüilidade e a paz que foram seu último fim. Mas neste tempo quente, abafado e de verão, por que ela se encontra lá sem caixão? A bebida nos deixou fazer esse último ofício pela morta. Seu pai — que indigno o nome de pai —, quando a filha pleiteou com ele por sua alma, pleiteou com ele por sua mãe, pleiteou com ele por sua irmã pequena, tinha ficado ao lado

do travesseiro agonizante para cruelmente condená-la. Ele deixou a pobre criança morta aos cuidados dos outros. Com o salário que retém para a bebida, ele recusa comprar a forma inanimada de um caixão e um sepulcro!

Mas que emoções os casos que lhes contei despertam? Ser igualado por muitos e ultrapassado por alguns em exemplos de repertório que eu poderia contar, que paixão podem, que paixão devem instigar, senão a indignação mais profunda? Nem eu, por mais que isso jorrasse impetuosamente, procuraria deter a inundação. Quanto mais profundamente flui, mais alto sobe, quanto mais forte se avoluma, tanto melhor. Eu não procuraria refreá-la, mas direcioná-la — direcioná-la não contra as vítimas, mas contra o vício.

Eu lhe peço: Não odeie o bêbedo; ele se odeia. Não o menospreze; ele não pode se rebaixar tanto em sua opinião como já está rebaixado na própria. Seu ódio e desprezo podem prender a atenção, mas nunca lhe estraçalhará as correntes. Estenda-lhe a mão amiga para arrancá-lo do lodo. Com mãos fortes, quebre essa poncheira — tire as tentações que, embora as odeia, ele não pode resistir. Odeie, deteste, trema diante do pecado dele. E pelo amor da piedade, pelo amor de Deus, pelo amor de Cristo, pelo amor da humanidade, desperte-se à pergunta: "O que posso fazer?" Sem dar atenção aos outros, quer o sigam, quer não, corra até a praia, afaste o barco da praia, jogue-se nele e reme com força, como homem, para o naufrágio. Diga: "Eu não ficarei vendo meus semelhantes morrem sem nada fazer. Eles estão morrendo. Farei qualquer coisa para salvá-los. Que luxo não abandonarei? De que indulgência não me absterrei? Que costumes, que algemas de velhos hábitos não quebrarei, para que estas mãos fiquem mais livres para arrancar o que está se afogando do fundo? Deus é a minha ajuda, a sua Palavra é a minha lei, o amor do seu Filho é o meu motivo governante, nunca equilibrarei uma indulgência pobre e pessoal com o bem de meu país e o bem-estar da humanidade". Irmãos, a altura deste mal exige tais resoluções, tais esforços sublimes, santos, contínuos e abnegados.

Diante de Deus e dos homens, diante da Igreja e do mundo, eu impugno a intemperança. Eu a acuso do assassinato de inumeráveis almas. Neste país, abençoado pela independência, fartura, a Palavra de Deus e as liberdades da verdadeira religião, eu a imputo como a causa — qualquer que seja sua origem — de quase toda a pobreza, de quase todos os crimes, de quase toda a miséria, de quase toda a ignorância e de quase toda a irreligião que desgraça e aflige a terra. "Não deliro, ó potentíssimo Festo! Antes, digo palavras de verdade e de um são juízo" (At 26.25). Em minha opinião, acredito que estes estimulantes intoxicantes afundaram na perdição mais homens e mulheres do que os que encontraram o sepulcro no dilúvio que passou impetuosamente acima dos cimos mais altos e engolfou um mundo do qual somente oito pessoas foram salvas. Quando comparado a outros vícios, podemos dizer deste: "Saul feriu os seus milhares, porém Davi, os seus dez milhares" (1 Sm 18.7).

Por fim, considere que cura devemos aplicar a esse mal. O principal e

único remédio soberano para os males deste mundo é o Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo. Eu creio nisso. Não há homem mais convencido disso do que eu. Mas ele antes dificulta do que ajuda a causa da religião, que fecha os olhos para o fato de que, na cura das almas como na cura dos corpos, muitas coisas são importantes como auxiliares para o remédio, os quais não podem ser considerados corretamente como remédios. No dia em que ressuscitou. Lázaro devia sua vida a Cristo; mas os que naquele dia tiraram a pedra fizeram bom serviço. Eles foram aliados e auxiliares. E para os tais na batalha que o Evangelho tem de empreender com este vício monstruoso, permitam-me concluir este discurso direcionando sua atenção. E eu pondero:

Em primeiro lugar: Que a legislatura pode prestar serviços essenciais a esta causa.

Esta é aliança entre a Igreja e o Estado com a qual ninguém pode disputar. Feliz de nosso país se por tal ajuda o Estado cumprisse para a Igreja — a mulher da profecia — esta visão apocalíptica: "E a serpente lançou da sua boca, atrás da mulher, água como um rio, para que pela corrente a fizesse arrebatado. E a terra ajudou a mulher; e a terra abriu a boca e tragou o rio que o dragão lançara da sua boca" (Ap 12.15,16).

Muitos indivíduos não sentem comiseração pelos sofrimentos da classe mais baixa. Eles não são desumanos, mas monopolizados pelos próprios interesses ou, muito elevados em posição social, ignoram as tentações e provações dessa gente. Portanto, falam ignorantemente sobre eles e raras vezes mais do que quando repudiam todos os esforços da legislatura mediante atos restritivos do Parlamento para enfraquecer, se não abolir, este mal. Eles têm seus remédios. Uns pleiteiam melhores alojamentos e medidas sanitárias, o que também consideramos altamente valioso. Outros põem a fé na educação — um agente cuja importância para a geração ascendente é impossível estimar. Alguns parecem não ter confiança em nada, a não ser na pregação do Evangelho. Eles contam com um ou outro desses ou a influência combinada de todos, para a cura da embriaguez, repudiando e protestando contra toda a interferência do legislativo. No entanto, gostaria tanto quanto eles de ver o estrato mais pobre de nosso povo muito elevado no gosto, com mentes tão instruídas e corações tão santificados de modo que resistissem às tentações que de todos os lados os atacam. Porém milhares, dezenas de milhares, são incapazes de fazê-lo. Eles têm de ser ajudados com muletas até que possam andar. Eles têm de ser cercados com toda proteção possível até que sejam "arraigados e fundados no amor de Deus". No campo, já vi muitas vezes uma criancinha, com o rosto bronzeado pelo sol e madeixas douradas e compridas, doce como uma flor que ela pisou com o pé descalço, alegre como um passarinho que cantou do arbusto ou matagal, tangendo o gado para o curral. Com mão destemida, ela controla o líder mal-humorado do rebanho, pois com frente armada e força colossal ele se intimida diante daquela imagem franzina de Deus. Alguns dias atrás, tive uma visão diferente — essa criança, com a cabeça pendente, sem música na voz, sem rubor na face, senão a da vergonha, levando para casa um pai bêbedo ao

longo da rua pública. O homem precisava ser conduzido, guiado, defendido. E em condição dificilmente menos desesperadora, grandes massas de nosso povo afundaram. Nem preciso perguntar se eles bebem.

Olhe essas circunstâncias infelizes e difícilimas. Muitos deles nascem com a propensão ao vício. Eles o sugam com o leite materno, porque é fato bem comprovado que outras coisas são hereditárias, além de câncer, tuberculose e outras doenças. O pai bêbado transmite aos filhos a predisposição a esta indulgência fatal. A atmosfera poluída que muitos respiram, o trabalho duro pelo qual muitos ganham o pão, produzem uma prostração que busca nos estimulantes algo que revigore o sistema, e nada será excluído do uso por prospecto de perigo ou experiência de reação correspondente. Com nossos gostos melhorados, nossos livros, nossas recreações, nossos confortos domésticos, não temos idéia adequada das tentações às quais os pobres são expostos e das quais é a mais verdadeira generosidade protegê-los. Eles têm frio e o copo é calor. Eles têm fome e a bebida é sua comida. Eles são miseráveis e há riso no que flui do copo. Eles estão afundados na própria estima, e a poncheira ou a garrafa envolve o bêbedo com um halo luminoso e colorido de auto-respeito, e, contanto que as emanções estejam no cérebro, ele se sente homem. "Para que bebam, e se esqueçam da sua pobreza, e do seu trabalho não se lembrem mais" (Pv 31.7).

Retirar a tentação nem sempre cura o bêbedo. Mas certamente restringirá o crescimento de sua classe e impedirá que muitos outros aprendam seu vício até que homens sangüíneos possam nutrir a bendita esperança de que, como monstros de época anterior que agora jazem enterrados em pedras, os bêbedos sejam numerados entre as raças extintas, classificados com as serpentes aladas e as bestas gigantescas que outrora eram os habitantes de nosso globo.

O assunto diante de nós foi eminentemente calculado para ilustrar a profunda observação de alguém que estava bem familiarizado com as tentações e circunstâncias dos pobres. Ele disse: "É de justiça, não de caridade, que os pobres mais precisam". E tudo o que pedimos é que você lhes seja tão gentil quanto é aos ricos; que se precate contra uma classe tão cuidadosamente quanto se precata contra outra das tentações peculiares à sua sorte. Sinto em dizer — mas a verdade e os interesses daqueles que, por mais desgraçados e degradados, são ossos de nossos ossos e carne de nossa carne, exigem que eu diga — que isto não é feito. Os pobres, diz Amos, são vendidos por um par de sapatos, e conosco eles são vendidos para poupar a riqueza dos ricos. Sobre isso não faço acusação do que não estou preparado para provar. Por exemplo: certas medidas foram propostas no Parlamento com vistas a promover o conforto e melhorar os hábitos morais das pessoas comuns. Admitiu-se que tais pessoas, introduzindo vinho fraco francês e do Reno em vez de aguardentes e bebidas alcoólicas fortemente intoxicantes, seriam atendidas com resultados mais felizes e desejáveis. Contudo, estas medidas foram rejeitadas porque sua adoção, embora salvasse as pessoas, prejudicaria a renda. Como se não houvesse dinheiro o bastante nos bolsos dos ricos por

meio de outros impostos para saldar as dívidas da nação e sustentar a honra da Coroa. Que diferença o tom da moral, mesmo na China! Os ministros daquele país provaram ao soberano que ele evitaria todo o perigo de guerra com a Inglaterra, além de aumentar imensamente a renda, se consentisse legalizar o comércio do ópio. Ele recusou, recusou firmemente, recusou nobremente. E foi dia glorioso para a Inglaterra, dia feliz para dez mil casas miseráveis — um dia para fogueiras, saudações de canhões, sinos festivos, procissões com bandeiras e ações de graças santas, que viu nossa amada rainha levantar-se do trono e no nome desta grande nação fazer na Câmara dos Lordes e Comuns o discurso memorável em favor daquele monarca pagão: "Eu nunca consentirei elevar minha renda com a ruína e vício de meu povo". Que Deus sature nossa terra com tal espírito! "Vem, Senhor Jesus. Vem depressa".

Em segundo lugar: Que o exemplo de se abster de todos os licores intoxicantes grandemente ajudaria na cura deste mal.

Nenhum princípio está mais claramente revelado na Palavra de Deus e nenhum posto em ação torna o homem mais semelhante a Cristo do que a abnegação. "Se o manjar escandalizar a meu irmão, nunca mais comerei carne, para que meu irmão não se escandalize" (1 Co 8.13). Este é o princípio da temperança, como o advogo. Não concordo com aqueles que, em sua ânsia pelo bem, tentam provar muito e condenam como positivamente pecador o uso moderado de estimulantes. Mas ainda menos simpatia tenho por aqueles que ousam chamar a Jesus Cristo para dar seu semblante santo às suas luxuosas mesas. É chocante ouvir os homens tentarem provar pela Palavra de Deus a permissividade de tal vício — encher a taça de vinho e esvaziar o copo.

Eu era capaz de usar sem abuso. Mas vendo a que abusos monstruosos a coisa tinha crescido, vendo a que multiplicidade de casos o uso foi seguido pelo abuso e vendo como o exemplo das classes altas, a prática dos ministros e o hábito dos membros da igreja foram usados para proteger e sancionar indulgências tão freqüentemente carregadas de excesso, percebi que este é caso para a advertência do apóstolo Paulo: "Mas vede que essa liberdade não seja de alguma maneira escândalo para os fracos" (1 Co 8.9).

Nesta revolução moral em nossos hábitos nacionais, nesta maior de todas as reformas, todos podem se engajar. Mulheres e crianças, como também homens, podem tomar parte para que sigamos em direção à meta. E atingível, se tão-somente tentarmos. É promissora, se apenas dermos ao assunto a justa consideração. Por que o poder do Cristianismo, mediante seus argumentos poderosos do amor e da negação do "eu", não levaria ao desuso de estimulantes intoxicantes, e assim alcançaria o que o islamismo e o hinduísmo alcançaram? A cruz tem de empalidecer diante do Crescente Fértil?¹ A religião divina de Jesus, com esse Deus-Homem no madeiro por insígnia invencível, se envergonha diante de tais rivais e se acha incapaz de realizar o que as falsas crenças fizeram? Não nos diga que não pode ser feito. Pode ser sim. Foi feito — feito pelos inimigos da cruz de Cristo, feito pelos seguidores de um impostor, feito por adoradores de madeira e pedra.

"A sua rocha não é como a nossa Rocha" (Dt 32.31). Se é verdade, e não pode ser contradito, eu com certeza exijo de todo homem que tenha fé em Deus e ame a Jesus, e está disposto a viver pelo benefício da humanidade, que reflita sincera, plena e devotamente sobre este assunto. Mas, qualquer que seja o meio, quaisquer que sejam as armas que você julgue melhor empregar, quando as trombetas estão retumbando em Sião e o alarme está soando e ecoando no monte santo de Deus, venha, venha ajudar o Senhor contra o poderoso, junte-se ao padrão, lance-se ao grosso da batalha e morra em atividade lutando pela causa de Jesus. Assim, "para mim o viver é Cristo, e o morrer é ganho" (Fp 1.21).

¹ Símbolo do Islã.

Frederick W. Robertson: Egoísmo, como Mostrado no Caráter de Balaão

FREDERICK W. ROBERTSON, CONHECIDO COMO "Robertson de Brighton". nasceu em Londres, em 1816, e morreu em Brighton, em 1853. Seu pai era oficial do exército britânico, e a princípio o filho ambicionava a carreira militar. Mas depois dos estudos preliminares para o exército, ele foi ordenado em Winchester, em 1840. Em 1847, depois de atravessar um período de dúvida e perplexidade, Robertson deu início a seu famoso ministério em Brighton.

Robertson é aludido como "o pregador dos pregadores", e é provável que seus sermões sejam mais amplamente lidos por ministros ponderados do que os de outros pregadores. Seus sermões impressos são na maioria pouco mais que esboços, não obstante, são suficientes para mostrar a mente investigadora e o espírito refinado do pregador. Muitos dos seus sermões mais extraordinários são acerca dos personagens da Bíblia, e os mais notáveis são os dois sermões sobre o caráter de Balaão. Balaão é assunto que tem atraído pregadores de todas as gerações. Para todos os estudantes das Escrituras e da natureza humana há certa fascinação neste profeta estranho, agora elevando-se às mais sublimes alturas de suas predições magníficas do futuro de Israel e pedindo que ele morra a morte dos justos, mas, no fim, morrendo numa conspiração desprezível contra a vida e a honra de Israel. Sempre haverá um grau de mistério sobre Balaão. Contudo ele merece as denúncias terríveis de Pedro, Judas e João. O tratamento que Robertson faz sobre o caráter do profeta é talvez tão satisfatório quanto o de qualquer outra literatura homilética. É difícil escolher entre os dois sermões de Robertson sobre Balaão, mas depois de alguma hesitação inicial selecionei o sermão "Egoísmo, como Mostrado no Caráter de Balaão". Este sermão é memorável pelas sentenças: "Ele não transgrediria uma regra, mas violaria um princípio. Ele não diria que branco era preto, mas o sujaria até que parecesse preto".

Egoísmo, como Mostrado no Caráter de Balaão

*"Quem contará o pó de Jacó e o número da quarta parte de Israel? A minha alma morra da morte dos justos, e seja o meu fim como o seu."
(Nm 23.10)*

DOMINGO passado, ficamos conhecendo a primeira parte da história de Balaão. Vimos como os grandes dons que ele tinha foram pervertidos pela ambição e avareza — a ambição tornando-os subservientes à admiração de si mesmo, a avareza transformando-os em meros instrumentos de acumulação de riqueza. E vimos como sua consciência foi se corrompendo pouco a pouco pela insinceridade, até que a mente virou lugar de contradições horrorosas e o próprio Deus se tornou para ele uma mentira. Com o coração em turbulência, até que a amargura de tudo dando errado dentro de si se expressou em circunstâncias inocentes, ele se achou tão emaranhado num falso curso que voltar era impossível.

Agora passemos à segunda parte. Ele esteve com Balaque; ele construiu os altares, ofereceu os sacrifícios e tentou seus encantamentos para averiguar se Jeová lhe permitiria amaldiçoar Israel. E a voz em seu coração diz através de tudo: "Israel é bendito". Desde o cume do monte ele olha para baixo e vê bem ao longe o vasto acampamento de Israel em harmoniosa ordem, as tendas brancas brilhando "como árvores de sândalo [que] o Senhor as plantou" (Nm 24.6). Ele sente a grandeza solitária de uma nação distinta de todas as outras — povo que "habitará só e entre as nações não será contado" (Nm 239). Nação por demais inumerável para dar a Balaque a esperança de sucesso na guerra que se aproxima. "Quem contará o pó de Jacó e o número da quarta parte de Israel?" Nação muito forte em justiça para os idolatras e encantadores poderem com ela. "Pois contra Jacó não vale encantamento, nem adivinhação contra Israel" (Nm 23-23)- Então se segue um brado pessoal: "A minha alma morra da morte dos justos, e seja o meu fim como o seu" (Nm 23-10).

A fim de evitar a possibilidade de má interpretação, ou a suposição de que Balaão estava expressando palavras cujo significado pleno ele não entendia — que quando ele falava de justiça, só tinha uma noção paga disso —, reportemo-nos ao sexto capítulo de Miquéias, no quinto versículo. A seguir, voltemo-nos a Números 318 e Josué 13-22, onde concluimos que ele, que desejava morrer a morte dos justos, morreu a morte dos descrentes, e caiu, não no lado do Senhor, mas lutando contra a causa do Senhor. A primeira coisa que encontramos nesta história de Balaão é a tentativa de mudar a vontade de Deus.

Vamos entender claramente qual era o significado de todos esses sacrifícios reiterados.

1. Balaão quis agradar a si mesmo sem desagradar a Deus. O problema era como ir a Balaque e ao mesmo tempo não ofender a Deus. Ele teria dado mundos inteiros para se livrar dos seus deveres, e sacrificou, não para conhecer quais eram seus deveres, mas para fazer com que seus deveres fossem alterados. Agora veja o sentimento que se acha na raiz de tudo isso — que Deus é mutável. Entre todos os homens se teria pensado que Balaão sabia do que falava. pois então ele não teria dito: "Deus não é homem, para que minta; nem filho de homem, para que se arrependa; porventura, diria ele e não o faria? Ou falaria e não o confirmaria?" (Nm 23-19). Mas, quando olhamos, percebemos que dificilmente Balaão tinha qualquer sentimento mais elevado que este — que Deus é mais inflexível que o homem. Provavelmente tivesse ele expressado a nuance exata do sentimento, ele o teria dito, mais obstinado. Ele pensou que Deus tinha posto seu coração em Israel, e que era difícil, contudo não impossível, alterar esta parcialidade. Por conseguinte, ele usa de sacrifícios para subornar e orações para persuadir a Deus.

Quão profundamente arraigado este sentimento está na natureza humana, esta crença na mutabilidade de Deus, a qual detectamos na doutrina romana das indulgências e expiações. A Igreja Romana permite pecados mediante certos pagamentos. Com certos pagamentos. ensina que Deus perdoará pecados. Expiações depois e indulgências antes do pecado são a mesma coisa. Mas esta doutrina romana nunca poderia ter tido sucesso, se a crença na mutabilidade de Deus e o desejo de Ele ser mutável já não estivesse no homem.

O que Balaão estava fazendo nestas parábolas, encantamentos e sacrifícios era comprar uma indulgência ao pecado; em outras palavras, tratava-se de tentativa em fazer a Mente Eterna mudar. O que se esperava que Balaão percebesse era Deus *não* pode mudar. O que ele percebia era: Deus não vai mudar. Há muitos escritores que ensinam que isto e aquilo é certo, porque Deus o quis. Toda discussão é interrompida pela resposta: Deus o determinou; portanto, é certo. Há perigo excedente neste modo de pensar, pois uma coisa não é certa porque Deus a permitiu, a não ser que Deus a permitiu, porque é certa. Há sempre neste tom que a Bíblia se pauta. Nunca, exceto numa passagem obscura, a Bíblia reporta o certo e o errado à soberania de Deus, e a declara questão de vontade; nunca implica que se Ele o escolheu, Ele poderia inverter o mal e o bem. Diz: "Não é o meu caminho direito? Não são os vossos caminhos torcidos?" (Ez 18.25). "Não faria justiça o Juiz de toda a terra?" (Gn 18.25), foi a exclamação de Abraão numa mente de dúvida hedionda se o Criador não poderia estar na iminência de fazer injustiça. Assim a Bíblia justifica aos homens os caminhos de Deus. Mas não o poderia fazer, a menos que admitisse leis eternas, com as quais ninguém pode interferir. Além disso, veja o que decorre deste modo de pensar. Se o certo é certo porque Deus o quer, então se Deus escolhesse, Ele poderia fazer que a injustiça, a crueldade e a mentira fossem certas. É exatamente isso que Balaão pensava. Se Deus ao menos pudesse ser convencido em odiar Israel, então para Ele amaldiçoá-los seria certo. Repetindo: se o poder e a soberania fazem o certo, então

supondo que o Regente fosse um demônio, o ódio diabólico seria tão certo quanto agora é errado. Há grande perigo em alguns de nossos modos de pensar. É pensamento comum que o poder faz o certo, mas para nós não há descanso, não há pedra, não há fundamento seguro, contanto que sintamos que o certo e o errado são meras questões de vontade e decreto. Não há segurança, então, proveniente destes sentimentos e desejos veementes de alterar o decreto de Deus. Você está inseguro até que perceba que- "O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras [de Deus] não hão de passar" (Mt 24.35).

2. Notamos, em segundo lugar, uma tentativa em cegar a si mesmo. Uma das páginas mais estranhas do livro do coração humano é virada aqui. Observamos a veracidade perfeita com a falta absoluta da verdade. Balaão era verdadeiro. Ele não enganaria Balaque. Nada era mais fácil do que obter a recompensa murmurando um feitiço, sabendo o tempo todo que não funcionaria. Certo europeu vendeu encantamentos a muitos selvagens ricos em troca de jóias e raridades, dessa forma enriquecendo-se mediante engano. Balaão não foi sobrenaturalmente detido. Esta pressuposição é infundada. Nada o detinha senão a consciência. Nenhum suborno no mundo poderia induzir Balaão a dizer uma falsidade, fingir uma maldição que não tivesse poder, ficar com o ouro, por mais que o quisesse, em troca de influência. "Ainda que Balaque me desse a sua casa cheia de prata e ouro, não posso traspassar o mandado do Senhor, fazendo bem ou mal de meu próprio coração; o que o Senhor falar, isso falarei eu" (Nm 24.13), não era mera declaração admirável, mas a própria verdade. Você poderia tão prontamente tirar o sol do seu curso quanto induzir Balaão a proferir falsidade.

Entretanto, com tudo isso, não havia veracidade absoluta de coração. Balaão não proferirá o que não é verdadeiro; mas ele se cegará de forma que não veja a verdade e assim fale uma mentira, crendo que seja a verdade. Ele só falará das coisas que sente; mas não tem cuidado de sentir tudo o que é verdadeiro. Ele vai a outro lugar, onde a verdade toda talvez não se imponha em sua mente — para um monte onde ele não verá todo o Israel, de monte em monte para o acaso de chegar a um lugar onde a verdade desapareça. Mas o fato inflexível permanece: Israel é bendito, e ele olhará o fato por todos os ângulos para ver se ele não fica numa posição em que a verdade não seja mais vista. Comportamento de avestruz!

Tal caráter não é tão incomum como, talvez, pensamos. Há muitos negócios lucrativos que envolvem miséria e erro para as pessoas que neles se empregam. O homem seria muito benevolente em pôr o ouro em sua bolsa se ele tivesse conhecimento da miséria. Mas ele não se preocupa em saber. Há muitas coisas desonestas feitas numa eleição, e o diretor não se preocupa em investigar. Muita opressão é exercida num inquilinato, e o proprietário recebe o aluguel sem fazer perguntas. Ou há situações que dependem da manutenção de certas opiniões religiosas, e o candidato suspeita que se fossem examinadas, não se poderia professar estas opiniões conscienciosamente e, por acaso, ele não se preocupa em examinar.

3. Incorrendo em todos estes desígnios maus contra Israel, Balaão tenta seu último expediente para arruinar o povo israelita, e parcialmente tem sucesso. Ele aconselha a Balaque usar a fascinação das filhas de Moabe para atrair os israelitas à idolatria. Em vão ele tentou encantamentos e sacrifícios para inverter a vontade de Deus. Em vão tentou pensar que a vontade pudesse ser invertida. Não deu certo. Ele sente afinal que Deus não viu iniquidade em Jacó, nem viu perversidade em Israel. Portanto, ele tenta inverter o caráter deste povo favorito e, assim, inverter a vontade de Deus. Porém, Deus não amaldiçoará o bem; então, Balaão tenta torná-los ímpios; tenta fazer que o bem os amaldiçoe e assim exaspere a Deus.

Trata-se de maldade mais diabólica que dificilmente podemos imaginar. Contudo, Balaão era homem ilustre e verdadeiro; homem de consciência refinada e escrúpulos inconquistáveis; homem de sublimes profissões religiosas, altamente respeitável e respeitado. O Senhor do céu e da terra disse que há tal coisa como coar um mosquito e engolir um camelo.

Há homens que não disputariam falsamente e, não obstante, ganhariam injustamente. Há homens que não mentiriam e, não obstante, subornariam um pobre para apoiar uma causa que ele acredita piamente ser falsa. Há homens que se ressentiriam à ponta da espada a acusação da desonra, os quais, não obstante, por satisfação egoísta atirariam os fracos ao pecado e condenariam corpo e alma no inferno. Há homens que ficariam chocados se fossem chamados de traidores, os quais em tempo de guerra fariam uma fortuna vendendo armas aos inimigos do próprio país. Há homens respeitáveis e respeitados que doam liberalmente, sustentam sociedades religiosas, vão à igreja e não tomam o nome de Deus em vão, que adquirem riquezas no comércio do ópio ou bebida provenientes da ruína de inumeráveis vidas humanas. Balaão é um dos espíritos amaldiçoados, mas ele não fez mais do que esses fazem.

Veja agora o que se encontra na raiz de toda essa concavidade. Egoísmo.

Do início ao fim, uma coisa aparece no lugar mais alto desta história: o ego de Balaão — a honra de Balaão como verdadeiro profeta (portanto, ele não mentirá); a riqueza de Balaão (portanto, os israelitas devem ser sacrificados). Em suas visões mais sublimes, seu egotismo se manifesta. Aos olhos do Israel de Deus, ele clama: "A minha alma morra da morte dos justos". Em antecipação das glórias do Advento eterno: "[Eu] vê-lo-ei, mas não agora" (Nm 24.17). Ele vê a visão de um Reino, uma Igreja, um povo escolhido, um triunfo de justiça. Em tais antecipações, os mais nobres profetas irromperam em esforços nos quais a própria personalidade deles foi esquecida. Moisés, quando pensou que Deus destruiria o povo, orou em agonia: "Agora, pois, perdoa o seu pecado; se não, risca-me, peço-te, do teu livro, que tens escrito" (Êx 32.32). Paulo fala com palavras comoventes: Tenho grande tristeza e contínua dor no meu coração. Porque eu mesmo poderia desejar ser separado de Cristo, por amor de meus irmãos, que são meus parentes segundo a carne" (Rm 9.2,3). Mas o primordial sentimento

de Balaão parece ser: "Como tudo isso me favorecerá?" E a magnificência da profecia fica arruinada por um sentimento de melancolia e egotismo doentio. Nem por um momento — mesmo nos momentos em que homens sem inspiração alegremente se esquecem de si mesmos, homens que, em altruísmo muito admirável, se dedicaram a uma monarquia ou sonharam com uma república — Balaão se esquece de si mesmo em favor da causa de Deus.

Observe então: O desejo por salvação pessoal não é religião. Pode estar junto dela, mas não é religião. A ansiedade pelo estado da própria alma não é o sintoma mais saudável ou o melhor. Claro que todo o mundo deseja que "a minha alma morra da morte dos justos". Mas uma coisa é desejar ser salvo, outra é desejar o certo de Deus para triunfar, uma coisa é desejar morrer seguro, outra é desejar viver de modo santo. Não só este desejo por salvação pessoal não é religião, mas caso se estrague, passa para o ódio do bem. O sentimento de Balaão tornou-se despeito contra o povo que deve ser bendito quando o profeta não o é. Ele se entrega a um desejo de que o bem talvez não prospere, porque os interesses pessoais estão misturados com o fracasso do bem.

Vemos que a ansiedade acerca da opinião humana é superior. Por toda parte encontramos no caráter de Balaão semelhanças, não realidades. Ele não transgrediria uma regra, mas violaria um princípio. Ele não diria que branco era preto, mas o sujaria até que parecesse preto.

Agora considere o todo.

Um homem ruim profetiza sob o temor de Deus, contido pela consciência, pleno de poesia e sentimentos sublimes, com uma visão totalmente clara da morte — como a tolher o desenvolvimento da vida — e da bem-aventurança da justiça em comparação às riquezas. E, não obstante, vemo-lo se esforçando em desobedecer a Deus, intimamente insincero e com o coração enfermo; usando para o Diabo a sabedoria e os dons recebidos de Deus; sacrificando tudo — com uma compulsão de jogador — por nome e riqueza; tentando uma nação ao pecado, delito e ruína; separado no isolamento egoísta de toda a humanidade; superior a Balaque e, no entanto, sentindo que Balaque sabia que ele era homem que tinha seu preço; com a angústia amarga de ser menosprezado por homens que lhe eram inferiores; forçado a imaginar uma grandeza da qual ele não participava e uma justiça da qual não tinha parte. Você não pode conceber o fim de alguém com mente tão dilacerada e perturbada — morte na guerra; o frenesi insano com o qual ele correria no campo, descobrindo que tudo está contra ele, e a derrota pela qual havia permutado o céu, depois de ter morrido pior que mil mortes, ele finalmente encontra a morte nas lanças dos israelitas?

Fazendo uma aplicação, comentamos primeiramente o perigo de se ter grande poder. É coisa terrível este poder consciente de ver mais, sentir mais e saber mais que nossos companheiros.

Em segundo lugar, marquemos bem a diferença entre sentir e fazer.

É possível ter sentimentos sublimes, grandes paixões, até grande simpatia por um povo e mesmo assim não amar o homem. Sentir

poderosamente é uma coisa, viver verdadeira e caridosamente é outra. O pecado pode ser sentido no âmago do ser e, no entanto, pode não ser expulso. Irmãos, cuidado. Vejam como um homem pode proferir palavras boas, verdades ortodoxas e, contudo, estar podre em seu coração.

Henry Parry Liddon: **Os Primeiros Cinco Minutos depois da Morte**

HENRY PARRY LIDDON NASCEU EM HAMPSHIRE, Inglaterra, em 1829, e morreu em Londres, em 1890. Em 1870, quando era prebendado da Catedral de Salisbury, ele fez as Conferências Bampton sobre a divindade de Cristo. Estas conferências lhe deram a fama como pregador e teólogo. Em 1870, ele se tornou cônego da Catedral de St. Paul, onde sua pregação atraía tamanhas multidões que se tornou necessário mudar o culto da tarde do balcão para a nave. Lá, debaixo da grande cúpula da Catedral de St. Paul, Liddon apresentou a nobre defesa das grandes doutrinas da fé cristã. Nas pregações, ele não se detinha na periferia da revelação cristã, mas no que Chalmers qualificou de suas "grandiosas particularidades". Contra o ceticismo crescente da época, Liddon tomou posição inflexível pela integridade das Escrituras e pela verdade das doutrinas do Cristianismo.

Quando pregava sobre a ressurreição, ele deixava claro que a doutrina cristã do futuro era a doutrina da ressurreição do corpo e não a mera continuação da existência do espírito após a morte. Quando se referia à Segunda Vinda de Cristo, era uma vinda real e pessoal da qual ele testificava, e não o simples triunfo dos princípios da justiça. Concernente a esta doutrina, ele declarou: "Então fechemos à chave a porta ocidental desta catedral se Cristo não está voltando em glória". Ninguém pode ler os sermões de Liddon sem deixar de perceber que ele era pregador que autenticamente recebia as grandes afirmações da revelação cristã e cria do fundo do coração que os homens são pecadores perdidos, salvos apenas pela fé no Filho eterno de Deus.

Ele se alongava muito nos assuntos que lidam com a vida do homem além do sepulcro. O sermão "Os Primeiros Cinco Minutos

depois da Morte", embora não seja tão doutrinário quanto a maioria dos sermões que pregou, é um tratamento intensamente interessante e impressionante sobre este tema solene.

Os Primeiros Cinco Minutos depois da Morte

"Então, conhecerei como também sou conhecido." (1 Co 13-12)

CERTO oficial indiano, que em seus dias havia prestado muitos serviços e tomado parte em mais de uma das batalhas decisivas pelas quais a autoridade britânica foi finalmente estabelecida nas índias Orientais, chegou ao fim de seus dias neste país e estava conversando com seus amigos sobre as experiências mais notáveis de sua carreira profissional. Eles o levaram, pela solidariedade e perguntas, a viajar na memória por uma longa série de anos; e à medida que ele descrevia as escaramuças, as batalhas, os assédios, os encontros pessoais, as fugas por um triz, as deflagrações de motim e sua supressão, as derrotas, as vitórias, todas as alternações rápidas entre a ansiedade e a esperança que o homem, a quem é encarregado com o comando e está diante do inimigo, tem de conhecer — o interesse deles na história, como era natural, ficou mais aguçado e mais preciso. No fim, ele fez uma pausa com a observação: "Espero ver algo muito mais extraordinário do que qualquer coisa que descrevi". Como ele tinha uns setenta anos de idade e subentendia-se que havia se aposentado do serviço ativo, seus ouvintes não entenderam o que ele quis dizer com isso. Houve uma pausa; então ele disse em meia-voz: "Quero dizer nos primeiros cinco minutos depois da morte".

"Os primeiros cinco minutos depois da morte!" Sem dúvida, a expressão é digna de ser lembrada, pelo menos como algo de um homem a quem a vida por vir fosse evidentemente uma realidade grande e solene. "Os primeiros cinco minutos". Se por um momento, quando falássemos da eternidade, empregássemos padrões de medida pertencentes ao tempo, seria no mínimo concebível que, depois do lapso de alguns milhares ou dezenas de milhares de anos, perdéssemos todo o senso de sucessão de eventos; essa existência pareceria ser apenas um presente ininterrupto; um agora sem começo e sem fim. É, afirmo, pelo menos concebível que será assim. Mas podemos supor que no momento de nossa entrada no mundo novo e maravilhoso, já estaremos pensando e sentindo como se sempre estivéssemos lá, ou estivéssemos, pelo menos, por algumas eras?

Não há que duvidar que uma impressão às vezes a ser experimentada com a morte é seguida por um estado de inconsciência.

*Se o sono e a morte são verdadeiramente um,
E todo espírito é dobrado cm flor,
Por toda a sua escuridão intervital,
Em um longo transe descansaria,*

*Inconsciente da hora correção.
Despido do corpo, poder afinal,*

*E todos os rastros do passado
São toda a cor da flor.*

Mas esta suposição origina-se menos das exigências da razão que da sensibilidade da imaginação. A imaginação recua da tarefa de antecipar um momento tão pleno de temor e deseja saber como deve ser essa introdução de um espírito consciente no mundo invisível. E por conseguinte, a razão tenta se persuadir, se possível, de que a vida depois da morte não será vida consciente, embora seja difícil admitir uma única razão por que, se a vida, para ser exato, sobrevive a tudo, deva perder a consciência. Com certeza, a vida das almas debaixo do altar celestial, que intercedem perpetuamente a Deus para a aproximação do último julgamento, não é uma vida inconsciente. Certamente, o paraíso que nosso Senhor prometeu ao ladrão moribundo não pode ser racionalmente imaginado como um sono moral e mental, mais do que se supõe que os ministros de Deus, após toda uma vida fazendo a sua vontade e ministrando aos herdeiros da salvação, alcançam uma condição não mais elevada que a que é produzida pelo clorofórmio. Não, esta suposição de um estado inconsciente depois da morte é uma descoberta, não da revelação, não da razão, mas do desejo; de um desejo forte, por um lado, de manter um controle sobre a imortalidade, e, por outro, de escapar dos riscos que a imortalidade possa envolver. Não há que se duvidar que a consciência — se não for preservada no último ato de morrer, se for interrompida pelo sono, por doença física ou por desordem mental — se restabelece assim que o ato da morte se completa, com a remoção da causa que a interrompeu. Sendo este o caso, a alma entrará na outra vida com os hábitos de pensamento que pertencem ao tempo ao qual ainda prendem-se; eles serão desaprendidos pouco a pouco nas fases posteriores da existência. E, seguramente, a primeira sensação de estar em outro mundo tem de ser impressionante. De fato, a imaginação não pode formar estimativa digna desse momento, mas fazemos bem em tentar pensar o melhor que pudermos nesta tarde. Esta é pelo menos uma das abordagens ao grande e terrificante assunto que neste instante deve estar diante de nossos pensamentos, isto é, a Segunda Vinda de Jesus Cristo para julgar. E aqui o apóstolo Paulo vem em nosso auxílio com sua antecipação da vida futura como uma vida de conhecimento enormemente aumentado: "Então, conhecerei como também sou conhecido". Tentemos manter isso em mente, com reverência e seriedade, durante alguns minutos; e perguntemo-nos adequadamente quais serão os acréscimos mais surpreendentes ao nosso conhecimento atual na nossa entrada no mundo por vir.

I. Em primeiro lugar, na nossa entrada em outro estado de existência saberemos o que é existir sob condições completamente novas. Aqui estamos ligados inseparavelmente — apenas suspeitamos, talvez, quão intimamente — em pensamento e afeto às pessoas e objetos que nos rodeiam. Eles nos influenciam sutil e poderosamente de mil maneiras; em alguns casos, amoldam inteiramente o curso da vida. Em cada vida, se disse com propriedade, muito mais é dado por certo do que jamais se nota.

A mente é direcionada avidamente às poucas pessoas e objetos que o afeto ou o interesse forçam proeminentemente em sua observação; ela contempla inertemente a todo o resto. Como dizemos, ela não os faz entrar até que surja algum incidente que os force, um por um, à percepção. Um menino nunca sabe quão valiosa é sua casa até que vá pela primeira vez à escola; então ele passa a sentir falta dela, e à medida que sente falta ele recorda ansiosamente e percebe tudo o que deixou para trás.

Isto pode nos capacitar, em certo sentido, a entender o que nos está reservado a todos em nossa entrada, através da morte, no mundo que não se vê. Claro que não quero dizer que esta vida é a nossa casa, e que o futuro em tudo corresponde necessariamente à escola como sendo um banimento infinito. Deus nos livre! Se fosse só isso, o contrário exato é que seria o caso. Mas o paralelo por enquanto será válido, visto que na morte temos de experimentar um senso de estranheza ao qual nada nesta vida sequer se aproximou. Existiremos, pensando, sentindo e exercendo a memória, a vontade e o entendimento; mas sem corpos. Pense no que isso significa. Estamos no momento presentes no corpo; contudo, não nos conscientizamos, ao perdê-lo, do que o corpo é para nós. As várias atividades da alma são ordenadas e apropriadas pelos vários sentidos do corpo, de forma que a ação da alma de momento em momento é facilitada, podemos bem imaginar, sendo distribuído assim. O que será comprimir tudo o que hoje os sentidos conseguem separadamente em um único ato? Ver, mas sem estes olhos; ouvir, mas sem estes ouvidos; experimentar algo puramente super sensorial que responderá aos sentidos mais brutos do olfato e paladar; e ver, ouvir, cheirar e provar por um único movimento do espírito e combinar todos esses distintos modos de apreensão em um. O que será nos encontrarmos com o velho ego, despido deste corpo que o vestiu desde o primeiro momento de existência? Capaz de alcançar — isso pode ser muito, e pode ser tão pouco —, subsistir, mas sob condições tão inteiramente novas? Esta experiência por si só acrescentará em muito o nosso conhecimento atual; e o acréscimo terá sido feito nos primeiros cinco minutos depois da morte.

II. A entrada no mundo por vir trará consigo um conhecimento de Deus, o qual é impossível nesta vida. Nesta vida, muitos homens falam de Deus e uns pensam muito e profundamente sobre Ele. Mas aqui os homens não alcançam esse tipo de conhecimento direto de Deus que a Bíblia chama de "visão". Não vemos a alma humana. A alma se faz sentir na conduta, na conversação, nos traços do semblante; embora estes muitas vezes nos enganem. A alma fala pelos olhos, que menos freqüentemente nos enganam. Quer dizer, sabemos que a alma está ali e descobrimos algo do seu caráter, poder e inclinação. Não a vemos. Da mesma maneira, sentimos Deus presente na natureza, quer no seu temor ou na sua beleza; e na história humana, quer na sua justiça ou no seu mistério sobrenatural; e na vida de um homem bom, ou nas circunstâncias de um ato generoso ou nobre. Mais do que tudo, sentimo-la próxima quando a consciência, seu mensageiro interior, nos fala clara e

decisivamente. A consciência, este profeta invisível, apela e implica uma lei, e uma lei implica um legislador. Mas nós não a vemos. Dos filhos dos homens neste estado mortal, a regra válida é que ninguém viu a Deus em qualquer tempo.

Mas depois da morte haverá uma mudança. É dito acerca da humanidade glorificada de nosso Senhor, unido como está para sempre à Pessoa do Filho eterno, que "todo olho o verá, até os mesmos que o trespassaram" (Ap 1.7). Até os perdidos entenderão muito mais do que Deus é para o universo e para eles, embora sejam para sempre excluídos da visão direta de Deus. Ele estará lá diante de nós. Nós o veremos como Ele é. Sua vida ilimitável e vasta se apresentará para a apreensão de nossos espíritos como um todo claramente consistente; não como um problema complexo a ser dolorosamente dominado pelo esforço de nossa compreensão, mas como um ser presente, vivo, abrangente, que se impõe na própria visão das criaturas que o adoram.

III. Repetindo: Na nossa entrada no outro mundo conheceremos nosso antigo ego como nunca antes. O passado se achará desenrolado diante de nós e faremos um exame inclusivo dele. A vida de cada um lhe será exibida como um rio que ele traça desde sua nascente num monte longínquo até que se misture ao oceano distante. O curso desse rio às vezes atravessa florestas escuras que o escondem da visão, às vezes areias ou pântanos nos quais parece se perder. Aqui, força com veemência a passagem por entre pedras escarpadas; ali, desliza com suavidade por prados que o esverdecem e fertilizam. Em um momento, poderia parecer estar voltando em seu curso por puro capricho; em outro, estar se separando, como um esbanjador alegre, com metade de seu volume de águas; enquanto mais adiante recebe fluxos tributários que lhe restabelecem a força; e assim prossegue, até que o fluxo e refluxo das marés em suas margens nos digam que o fim está próximo. Qual não será o retrospecto quando, depois da morte, inspecionarmos pela primeira vez, como numa visão geral, o pleno e longo alcance — as vicissitudes estranhas, a perda e o ganho, como o julgamos, os fracassos e os triunfos de nossa existência terrena; quando o medirmos como nunca antes, em sua perfeição agora que finalmente acabou!

Com efeito, esta característica do exame feito depois da morte será completa.

Lá, nenhuma sombra dura. Naquele pleno amanhecer atrás da tumba. Mas à medida que emergir florescerá claramente A paisagem eterna do passado.

Esse exame da vida que é feito na morte é menos que completo,-não pode incluir a cena final de tudo. Enquanto há vida, há lugar para recuperação, e as horas que restam podem ser muito diferentes das que precederam.

Alguém pode pensar que revisar a vida levará tanto quanto foi vivê-la; mas esta noção trai a própria idéia imperfeita do recurso e capacidade da alma humana. Sob pressão de grande sentimento, a alma vive com uma

rapidez e intensidade que perturbam todas as relações habituais com o tempo. Testemunhe os relatos que indivíduos que quase perderam a vida por afogamento fizeram das experiências mentais que tiveram. Certa feita, ajudei no salvamento de um homem que quase perdeu a vida enquanto se banhava na praia. Ele tinha afundado pela última vez, e houve dificuldade em fazer com que chegasse à praia. Quando finalmente foi trazido, houve maior dificuldade ainda em salvá-lo. Felizmente, havia ajuda qualificada. E assim, dentro em pouco meu amigo foi recuperando, não sem muita angústia, primeiro um e depois os outros sentidos e faculdades do corpo. Descrevendo a experiência do que teria sido o lado consciente do ato de morrer por afogamento, ele disse que o tempo lhe parecia de duração muito longa; aparentemente perdera o padrão do valor do tempo. Ele revivera toda a sua vida passada mais uma vez; não apenas um compêndio, ele a repetira, como lhe parecera, em detalhes e com a maior deliberação. Ele teve dificuldade em entender que só tinha ficado na água por alguns minutos. Durante esses momentos mais intensos da existência, a vida da alma não tem nenhum tipo de relação ao que chamamos de tempo.

Ao entrarmos no outro mundo saberemos, como nunca antes, o que fomos no passado; mas também saberemos o que somos. A alma, despida do corpo, se verá como nunca antes-, e pode ser que veja deformações e úlceras que o corpo, como um belo manto, tem até aqui amortalhado da visão, e que somente são reveladas nesta vida pelo impacto de uma grande tristeza ou de uma grande queda. Há certa noção disseminada — noção que é bem recebida porque, seja verdadeira ou não, é muito confortável — de que a alma será transformada pela morte quanto a perder as deformações que contraiu ao longo da vida; que a agonia da morte é uma fornalha na qual, sendo a alma mergulhada, irá limpar-lhe todas as manchas; ou que a morte envolve tamanho choque quanto a quebrar a continuidade de nossa condição moral, embora não da própria existência. E assim, ao mudarmos de mundo, mudaremos de caráter, e esse mal moral será enterrado com o corpo no sepulcro, enquanto a alma escapa, purificada pela separação de seu companheiro mais bruto, para as regiões da santidade e paz.

Com certeza, irmãos, esta é uma ilusão que não passará no teste — não precisamos por enquanto falar acerca da verdade cristã, mas acerca da reflexão racional. É contradição a tudo o que sabemos do caráter e mente do homem, em que nada é mais notável que a conexão íntima e duradoura que subsiste entre seus estados e fases sucessivas de desenvolvimento. Cada um de nós aqui presente é agora exatamente o que a vida passada lhe fez. Nossos atuais pensamentos, sentimentos, hábitos mentais, bons e ruins, são os efeitos do que fizemos ou deixamos de fazer, de impressões apreciadas, de paixões favorecidas ou reprimidas, de atividades vigorosamente abraçadas ou de boa vontade abandonadas. E assim como nossa história mental e espiritual nos fez o que somos, neste exato momento estamos nos tornando o que seremos. Não me esqueço da intervenção de uma força superior que chamamos "graça", pela qual a direção de uma vida pode ser mudada de repente, como no caso do

apóstolo Paulo quando se converteu; embora estas grandes mudanças sejam preparadas por um longo processo precedente e não sejam tão súbitas quanto pareçam. Mas estamos falando da regra e não da exceção. A regra é que os homens são em cada fase da existência o que, com ou sem a graça sobrenatural de Deus, eles se tornaram nas fases precedentes; e não há base razoável para pensar que na morte as influências de uma vida inteira deixem de atuar no caráter, e que, quaisquer que tenham sido tais influências, a alma venha a ser purificada pelo impacto da morte. Por que, pergunto, a morte deveria dar tal resultado? O que há na morte para provocar isso?

A morte é a dissolução da estrutura corporal, dos membros e órgãos pelos quais a alma agora age. Estes órgãos estão, sem dúvida, muito estreitamente relacionados com a alma, que finca suas raízes neles e atua por eles. Porém, ainda que estejam estreitamente relacionados com a alma, eles são distintos dela: o pensamento, a consciência, o afeto e a vontade são bastante independentes dos órgãos que são decompostos pela morte. E é impossível perceber por que a alma deveria vestir um caráter novo simplesmente porque põe de parte, por algum tempo, o Instrumento que empregou durante um período de anos, não mais do que compreender por que deveria a mão do pintor esquecer de sua perícia, apenas porque ele vendeu o cavalete, ou por que deveria o assassino deixar sua natureza de assassino, tão-somente porque ele perdeu o punhal e não dispõe de meios para substituí-lo. Com efeito, na morte, os ouvidos, os olhos e as mãos perecem. Mas quando são destruídos nesta vida por um acidente, o caráter muda? A indulgência do apetite puramente animal pode depender da condição saudável do órgão; mas a condição mental que permite, se não dita, a indulgência permanece inalterada. Os princípios da ação certa ou seus opostos sobrevivem às faculdades, como sobrevivem as oportunidades para se fazer valer no ato. O hábito do roubo não é renunciado apenas porque a mão direita foi cortada; nem o são as disposições sensuais simplesmente porque o corpo é prostrado por uma enfermidade; nem o é a curiosidade má tão-somente porque os olhos são cegos e os ouvidos surdos. E quando, pelo ato enfático da morte, todos os instrumentos pelos quais nesta vida a alma se expressou e que compõem o corpo coletivamente são postos à parte, a alma em si e todos os seus pensamentos e afetos característicos permanecerá inalterada, visto que sua vida é independente do invólucro físico como é a vida do corpo das roupas que usamos.

Há um que nos conhece, que nos conhece perfeitamente, e que sempre nos conheceu. Quando morrermos, nos conhecemos pela primeira vez, assim como também somos conhecidos. Não teremos de esperar a sentença do Juiz; leremos num relance, qualquer que seja, nesta nova apreensão do que somos.

Esta vinda pode nos ajudar a pensar, vez ou outra, sobre qual será a nossa condição nos primeiros cinco minutos depois da morte. Como a própria morte, as solenidades que se seguem têm de vir a todos nós. Não sabemos quando, ou onde, ou como entraremos; só sabemos isto: que a morte vem. Esses primeiros cinco minutos, esse primeiro despertar para

uma nova existência, com suas possibilidades infinitas, só serão toleráveis se realmente temos, com as mãos da fé e do amor, nos agarrado à esperança posta diante de nós na Pessoa de Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador. Ele, que por nós, homens, e por nossa salvação tomou a forma de carne, foi crucificado, ressurgiu da morte, ascendeu ao céu e intercede por nós incessantemente à mão direita do Pai, os fracos e errantes filhos da Queda. Sem Ele, o conhecimento desse novo mundo, do seu Mestre infinito e tremendo, mais ainda de nós mesmos como realmente somos, será terrificante. Com Ele, podemos confiar que tal conhecimento será mais que suportável; podemos pensar calmamente até naquela tremenda experiência, se Ele, o Deus eterno, for de fato nosso Refúgio e debaixo de cujos braços perpétuos estamos.

Charles Haddon Spurgeon: Poupado!

CHARLES HADDON SPURGEON NASCEU EM KELVEDON, Inglaterra, em 19 de junho de 1834, e morreu em Mentone, Suíça, em 31 de janeiro de 1892. Tornou-se célebre como "pregador menino", e aos vinte e dois anos de idade era o pregador mais popular do mundo. O Metropolitan Tabernacle, com seis mil lugares, foi construído para ele, onde pregou por quase duas gerações. Seus sermões foram taquigrafados e espalhados por milhares de pessoas pelos países de língua inglesa. Se levarmos em consideração o número de leitores semanais, como também as congregações que o ouviram no Tabernacle, é seguro dizer que Spurgeon pregou para mais pessoas que qualquer outro pregador na história da Igreja Crista. Quase todos os que registraram a impressão que tiveram da pregação de Spurgeon prestam testemunho da beleza singular e encanto de sua voz. Sua pregação era direta e pessoal. Certa feita, ele declarou: "Espero nunca pregar diante de uma congregação — desejo sempre pregar para vocês". Charles Francis Adams, ministro americano para a Inglaterra durante a guerra civil, brinda-nos com esta impressão de Spurgeon: "Não havia pensamento característico ou raciocínio moderno. Seu poder consistia em simpatia pela corrente do sentimento humano em todas as idades a respeito do tópico solene da responsabilidade moral a um poder superior, aqui e no futuro". Nenhum pregador deixou tantos sermões impressos como Spurgeon. Desses milhares de sermões, é difícil fazer uma escolha, pois Spurgeon é menos interessante de ler do que quase todos os grandes pregadores. Mas quase todos os seus sermões mostram seu estilo e o profundo desejo de salvar as almas daqueles a quem ele pregava.

Escolhi o sermão sobre o notável texto "Ficando eu de resto". Neste sermão, o leitor descobrirá, como Adams observou, que Spurgeon sempre manteve no primeiro plano o "tópico solene da responsabilidade moral a um poder superior, aqui e no futuro".

Poupado!

"Ficando eu de resto." (Ez 9-8)

A *VISÃO* de Ezequiel, registrada no capítulo prévio, trouxe à luz as abominações da casa de judá. A visão que se segue neste capítulo mostra a terrível punição imputada pelo Senhor Deus à nação culpada, começando por Jerusalém.

Ele viu os executores apresentarem-se armados, e o homem vestido de Unho marcar as pessoas antes que os executores começassem o trabalho de destruição pela porta do Templo; viu-os sair pelas principais ruas da cidade e não deixar de percorrer um único beco; eles mataram todas as pessoas que não tinham o sinal na testa marcado com a tinta do tinteiro de escrivão. Ele ficou só, esse profeta do Senhor, ele próprio poupado em meio ao massacre universal; e quando as carcaças caíram aos seus pés, e corpos manchados de sangue derramado e coagulado jaziam espalhados ao redor, ele disse: "Ficando eu de resto". Ele ficou vivo entre os mortos, porque foi encontrado fiel entre os incrédulos. Ele sobreviveu à destruição universal, porque tinha servido o seu Deus em meio à depravação universal.

Agora retiraremos a sentença da visão de Ezequiel e nos apropriaremos dela. Penso que quando a relemos e a repetimos: "Ficando eu de resto", ela muito naturalmente nos convida a fazer um *retrospecto do passado*, também sugere muito prontamente um *prospecto do futuro*, e, acho, permite igualmente um *contraste terrível* reservado aos impenitentes.

1. Em primeiro lugar, meus irmãos, temos aqui uma reflexão patética, que nos convida a fazer um *retrospecto solene*. "Ficando eu de resto"-. Muitos aqui se lembram dos tempos de enfermidade, quando a cólera grassava pelas ruas da cidade. Talvez você tenha esquecido aquele período de pestilência, mas eu não, nunca esquecerei, quando os deveres de meu pastorado me convocaram a andar continuamente por entre as casas atingidas pelo terror e ver os que morriam e os mortos. Impresso em meu coração sempre permanecerá algumas dessas cenas tristes que testemunhei quando cheguei pela primeira

vez a esta metrópole e, em vez de abençoar os vivos, fui empregado para enterrar os mortos. Alguns aqui presentes passaram não só por uma epidemia de cólera, mas por muitas, e talvez tenham testemunhado também climas onde a febre prostrava centenas de pessoas, e onde a peste e outras doenças medonhas esgotaram seus tremores, e toda seta atingiu o alvo no coração de alguns de seus companheiros. Contudo, alguns ficaram de resto. Você andou por entre os sepulcros, mas não tropeçou neles. Doenças cruéis e fatais espreitaram seu caminho, mas não lhes foram

permitido devorar você. Balas da morte assobiaram perto de seus ouvidos, e no entanto você ficou vivo, pois a bala não estava destinada ao seu coração. Você olha para trás, alguns de vocês, por cinquenta, sessenta, setenta anos. A cabeça calva e branca conta a história de que você não é mais um recruta inexperiente na guerra da vida. Você se tornou veterano, se não inválido, no exército. Você está pronto para se aposentar, tirar a armadura e dar lugar a outro. Olhe para trás, irmão, você entrou no descanso; lembre as muitas vezes em que você viu a morte granizar multidões à sua volta, fazendo-o pensar: "Eu fiquei de resto". E nós também que somos mais jovens, em cujas veias o sangue ainda pulsa com vigor, nos lembramos dos tempos de perigo quando milhares caíam à nossa volta, contudo podemos dizer na casa de Deus com grande ênfase: "Eu fiquei de resto" — protegido, grande Deus, quando muitos outros pereceram; sustentado, permanecendo sobre a rocha da vida quando as ondas da morte colidiam sobre mim, os borrifos incidiam com forte impacto sobre mim e meu corpo ficou saturado com doença e dor, contudo ainda estou vivo — ainda tenho a permissão de conviver entre as ocupadas tribos dos homens.

Que retrospecto como este nos sugere? Não deve cada um de nós fazer a pergunta: "Para que fui poupado? Por que fui deixado?" Nessa época muitos de vocês estavam — e mesmo agora alguns ainda estão — mortos em delitos e pecados. Você não foi poupado porque era fiel, pois você não produziu nada mais que as uvas de Gomorra. Certamente, Deus não deteve sua espada por haver alguma coisa boa em você. Inúmeros e clamorosos males em seu temperamento, se não ainda em sua conduta, bem poderiam ter exigido sua execução. Você foi poupado. Deixe-me perguntar-lhe por quê. Foi porque essa misericórdia o visitou, essa graça renovou sua alma? Você constatou que foi O que se deu com você? A graça soberana o venceu, destruiu os preconceitos, desgelou seu coração glacial, fez em pedaços sua vontade empedernida? Pecador, lembrando as vezes em que você ficou de resto, você foi poupado para que fosse salvo com grande salvação? E se você não pode dizer sim a esta pergunta, permita-me perguntar-lhe se ainda não pode. Amigo, por que Deus o poupou por tanto tempo, quando você ainda era inimigo dEle, um estranho para Ele e muito distante dEle pelas más obras? Ou, pelo contrário, Ele o poupou — treme com a mera menção da possibilidade —, Ele prolongou seus dias para desenvolver suas propensões a fim de que você ficasse mais maduro para a condenação, enchesse a medida de sua flagrante iniquidade e fosse lançado no inferno, um pecador murcho e seco, como lenha pronta para o fogo? Sua vida encontra-se em tal situação? Esses momentos poupados se deteriorarão através de más condutas, ou serão entregues ao arrependimento e à oração? Antes que o último dos sóis se ponha em trevas perpétuas para você, você olhará para Ele agora? Neste caso, você terá razão de bendizer a Deus por toda a eternidade porque você ficou de resto, porque você ficou de resto para que ainda buscasse e ainda o encontrasse, aqui Ele que é o Salvador dos pecadores.

Será que entre muitos de vocês a quem falo não são cristãos, e vocês,

também, não ficaram de resto? Quando santos melhores que você foram arrancados dos vínculos terrenos de laços familiares, quando estrelas mais luminosas que você foram enviadas pela noite, você ainda teve a permissão de brilhar com seu pobre e tremeluzente raio? Por que, grande Deus? Por que eu fiquei de resto? Vou fazer essa pergunta para mim mesmo. Ao me poupar por tanto tempo, meu Senhor, tu não tens algo mais para eu fazer? Não há um propósito até agora não concebido em minha alma, o qual tu irás me indicar, para cuja execução tu ainda me darás graça e força e ainda me pouparás por mais um pouco de tempo? Ainda sou imortal ou protegido ao menos de toda seta de morte, porque meu trabalho está incompleto? A história dos meus anos foi prolongada porque toda a história das tabuinhas¹ ainda não se completou? Então mostre-me o que tu tens para eu fazer. Visto que fiquei de resto, ajuda-me a que eu me sinta como alguém especialmente consagrado, deixado para um propósito. guardado para um fim, de outro modo eu teria tido *vermes*, virado comida há muito tempo e meu corpo esmigalhado de volta à terra mãe. Cristão, sempre faça esta pergunta para si mesmo; mas faça sobretudo quando em tempos de doença e mortalidade incomuns você é poupado. Se fiquei de resto, por que foi? Por que não fui levado para casa no céu? Por que não entrei em meu descanso? Grande Deus e Senhor, mostra-me o que tu tens para eu fazer, e dá-me graça e força para fazê-lo.

Mudemos o retrospecto por um momento e olhemos a misericórdia poupadora de Deus sob outra luz. "Eu fiquei de resto". Alguns aqui presentes, cuja história eu sei bem, podem afirmar: "Eu fiquei de resto", e dizê-lo com ênfase peculiar. Você nasceu de pais descrentes; as primeiras palavras de que você se lembra eram vis e blasfemas, muito ruins para repetirmos. Você se lembra de quanto estava poluído o ar que seus pulmões infantis sorveram em sua primeira respiração — o ar do vício, do pecado e da iniquidade. Vocês cresceram, você e seus irmãos e irmãs, lado a lado; vocês encheram a casa de pecado, prosseguiram em seus delitos juvenis e incentivavam-se uns aos outros a hábitos ruins. Assim você cresceu para a humanidade, e depois foi atado em laços de obliquidade como também em laços de consangüinidade. Você aumentou as opções; fez novas associações À medida que seu círculo familiar aumentava, assim aumentava a notoriedade de sua conduta. Vocês todos conspiraram para transgredir o sábado; você engendrou a mesma artimanha e perpetrou as mesmas impropriedades.

Talvez você recorde o tempo em que sempre que os apelos de domingo eram feitos, uma zombaria à santidade era expressa diante do convite. Você se lembra de como um e outro de seus antigos companheiros morreu; você os acompanhou até o sepulcro e sua alegria foi retida por um pouco, mas logo irrompeu novamente. Então uma irmã morreu, consumida pela infidelidade; depois um irmão foi levado; ele não tinha esperança na morte; tudo era trevas e desespero para ele. E assim, pecador, você sobreviveu a todos os seus companheiros. Se você está inclinado a ir para o inferno, tem de ir para lá por um caminho trilhado; um caminho que, quando você olha para trás e vê o que já percorreu, está manchado de sangue. Você se

lembra de como tudo era antes de você ter ido para a casa longínqua em trevas espessas, sem vislumbre ou raio de alegria? E agora você ficou de resto, pecador; e, santificado seja Deus, talvez você diga: "Sim, não só fiquei de resto, mas estou aqui na casa de oração; e se conheço meu coração, não há nada que eu odeie tanto quanto viver a vida que eu tinha. Aqui estou, e nunca acreditei que um dia estaria aqui. Olho para trás com profundo lamento por aqueles que já partiram; mas ainda que os lamente, expresso minha gratidão a Deus por eu não estar em tormentos — não no inferno —, mas ainda aqui; não somente aqui, mas tendo esperança de que um dia verei a face de Cristo e ficarei entre mundos flamejantes revestido com sua justiça e guardado por seu amor".

Você ficou de resto, e o que você deve dizer? Você deve se jactar? Não; seja duplamente humilde. Você deve tomar a honra para si? Não; ponha a coroa na cabeça da graça livre, rica e imerecida. E o que você deve fazer acima de todos os outros homens? Você deve se empenhar duplamente em servir a Cristo. Assim como você serviu o Diabo resolutamente, até que chegou a servi-lo exclusivamente, e todos os seus amigos morreram, pela graça divina empenhe-se por Cristo — para segui-lo, ainda que o mundo inteiro o menospreze, e continuar até ao fim, até, se todo mestre se apostatar, que seja dito acerca de você no final: "Ele ficou de resto. Só ficou ele em pecado enquanto seus companheiros morreram todos, e então só ele ficou em Cristo quando seus amigos o abandonaram". Isto sempre deve ser dito acerca de você: "Ele ficou de resto".

Isto também sugere mais uma forma do mesmo retrospecto. Que providência especial cuidou de nós e guardou nossas estruturas fracas! Entre vocês há, em particular, os que ficaram de resto numa idade que, se você olhar para os dias da mocidade, evocará muito mais parentes na tumba do que no mundo — mais debaixo da terra do que sobre ela. Em seus sonhos, você é companheiro dos mortos. Contudo você ficou de resto. Protegido entre mil perigos da infância, guardado na mocidade, guiado com segurança acima dos baixios e areias movediças da imaturidade, acima das pedras e recifes da maturidade, você chegou além do período regular da vida mortal e ainda está aqui- Setenta anos exposto à morte perpétua, e ainda guardado até que chegue, talvez, quase aos oitenta anos.

Você ficou de resto, meu querido irmão, mas por quê? Por que todos os irmãos e irmãs já partiram? Por que os antigos companheiros de escola foram se reduzindo em número? Você não se lembra de ninguém, que hoje esteja vivo, que tenha sido seu amigo na mocidade. Como é que você, que viveu em certo período há tanto tempo, vê novos nomes em todas as portas de lojas, novos rostos nas ruas e tudo novo em relação ao que viu outrora nos dias da sua mocidade? Por que você foi poupado? Você não é convertido? Você é mulher não convertida? Você foi poupado para que fim? É para que você seja salvo na undécima hora — que Deus o conceda —, ou você foi poupado até que tivesse pecado até às mais baixas profundezas do inferno, a fim de que vá para lá como o mais exasperado pecador por causa de repetidas advertências que foram todas negligenciadas — você foi poupado para isso, ou foi para que seja salvo? Mas você é cristão? Então

não é difícil responder a pergunta: Por que você foi poupado?

Eu não creio que haja uma mulher idosa na terra, vivendo na cabana mais obscura da Inglaterra e sentada esta mesma noite no escuro, com falta de vela, sem ter meios para comprar outra — eu não creio que essa senhora idosa seja mantida fora do céu por cinco minutos a menos que Deus tivesse algo para ela fazer na terra; e não acho que os velhos sejam preservados aqui a menos que houvesse algo para eles fazerem. Conte, conte, você, homem idoso; conte a história dessa graça preservadora que o guardou até aqui. Conte a seus filhos e netos que é em Deus que você confia. Levante-se como patriarca venerável e conte como Ele o livrou em seis dificuldades diferentes, e em sete nenhum mal o tocou. Preste às gerações futuras o testemunho fiel de que a palavra que Ele disse é verdadeira e que a promessa que Ele fez não pode falhar. Apóie-se em seu bordão e diga antes de morrer no meio de sua família: "Nem uma só palavra caiu de todas as boas palavras que falou de vós o Senhor, vosso Deus" (Js 23.14). Que seus dias maduros produzam um testemunho jovial do amor de Deus; e à medida que você for avançando em anos, seja cada vez mais avançado em conhecimento e na convicção confirmada da imutabilidade do seu conselho, da veracidade do seu juramento, da preciosidade do seu sangue e da certeza da salvação de todos os que puseram a confiança nEle. Então saberemos que você foi poupado para um propósito sublime e nobre. Você dirá com lágrimas de gratidão e o ouviremos com sorrisos de alegria: "Eu fiquei de resto".

2. Tenho de sugerir estes retrospectos em vez de segui-los, embora, permita o tempo, aumentemos bem abundantemente, e portanto, devo me apressar em convidá-lo para um *prospecto*. "Ficando eu de, resto". Você e eu logo passaremos deste mundo para outro. Esta vida é apenas uma balsa; estamos sendo transportados, e em breve chegaremos à verdadeira margem, a verdadeira terra firme, pois aqui não há nada que seja significativo. Quando entrarmos no mundo vindouro, teremos de esperar uma ressurreição para breve — uma ressurreição dos justos e dos injustos; e nesse dia solene devemos esperar que tudo o que habita a face da terra venha a ser reunido em um lugar. E Ele virá, aquEle que outrora viera para sofrer: "[Ele] vem a julgar a terra; com justiça julgará o mundo e o povo, com equidade" (SI 98.9). AquEle que veio como criança virá como o Infinito. AquEle que foi deitado envolto em faixas virá cingido com cinto de ouro, com grinalda de arco-íris e vestes de tempestade. Lá, todos seremos uma multidão inumerável; a terra será coroada desde o mais profundo leito do vale até o ápice da montanha, e as ondas do mar se tornarão o lugar permanente e sólido para os homens e mulheres que dormiram sob suas torrentes. Então todo olho se fixará nEle, todo ouvido estará aberto para Ele e todo coração observará com temor solene e expectativa temerosa as realizações daquele que será o maior de todos os dias, aquele dia de dias, aquele sinete das eras, quando será consumada a dispensação. Em pompa solene, entra o Salvador e seus anjos com Ele. Você ouve a voz quando Ele brada: "Colhei primeiro o joio e atai-o em molhos para o queimar" (Mt 13-30).

Veja os ceifeiros, como vêm com asas de fogo! Veja como pegam foices afiadas, que por muito tempo foram aguçadas na pedra de moinho da longanimidade de Deus, mas que finalmente ficaram afiadas. Você os vê se aproximando? E lá estão eles ceifando uma nação com as foices. Os idolatras vis caíram agora mesmo, e ali uns blasfemadores conhecidos foram esmagados debaixo dos pés dos ceifeiros, Veja um bando de bêbedos sendo levado sobre os ombros dos ceifeiros para o grande fogo ardente. Veja em outro lugar o libertino, o adúltero, o impudico amarrados em feixes — feixes cujos vimes nunca se arrebenatarão — e serem lançados no fogo, c como brilham nos tormentos indescritíveis daquele abismo; e eu fiquei de resto? Grande Deus, estarei envolto somente na sua justiça, a justiça daquele que pôs meu Juiz aprumado no tribunal? Quando os ímpios clamarem: "Pedras, escondem-nos; montes, caiam sobre nós", estes olhos observarão, esta face ousará virar-se para a face daquEle que se assenta no trono? Estarei tranqüilo e impassível em meio ao terror e consternação universal? Serei contado com a multidão de santos que, vestidos de linho branco que é a justiça dos santos, esperarão o impacto, verão os ímpios lançados na destruição e se sentirão seguros? Será assim, ou serei amarrado num feixe para queimar e varrido para sempre pelo sopro das narinas de Deus, como a palha lançada ao vento? Tem de ser um ou outro; qual será? Posso responder essa pergunta? Posso falar? Posso falar — falar agora —, pois tenho neste mesmo capítulo aquilo que me ensina como julgar a mim mesmo.

Aqueles que são preservados têm a marca na testa, e possuem um caráter como também uma marca, e o caráter é: eles suspiram e choram por todas as abominações dos ímpios. Se eu odeio o pecado, e se eu suspiro porque outros o amam — se eu choro porque por fraqueza caí — se o meu pecado e o pecado dos outros me são fonte constante de tristeza e vexação de espírito, então tenho a marca e a evidência daqueles que nem suspirarão nem chorarão no mundo por vir, pois a tristeza e o suspiro fugirão? Tenho hoje a marca do sangue em minha fronte? Dize, minha alma, tu puseste a fé só em Jesus Cristo, e, como fruto da fé, tua fé aprendeu a amar, não só aquEle que te salvou, mas também os outros que ainda não estão salvos? E suspiro e choro por dentro, enquanto trago por fora a marca de sangue? Venha, irmã, irmão, responda por si mesmo, eu lhe exorto; exorto-lhe a agir assim pela terra cambaleante e pelos pilares arruinados do céu. que seguramente tremerão. Eu lhe peço pelo querubim e serafim que estarão diante do trono do grande Juiz; pelos raios ardentes que iluminarão a espessa escuridão, deixarão o sol maravilhado e transformarão a lua em sangue; por aquEle cuja língua é como chamejante espada de fogo; por aquEle que o julgará, o provará, lera seu coração, declarará seus caminhos e lhe dará sua porção eterna.

Eu o exorto, pela certeza da morte, pela caução do julgamento, pelas glórias do céu, pelas solenidades do inferno — rogo, imploro, suplico, peço —, faça agora a si mesmo estas perguntas: "Eu ficarei de resto? Eu creio em Cristo? Eu nasci de novo? Eu tenho um coração novo e um espírito reto? Ou, ainda sou o que sempre fui — inimigo de Deus, desdenhador de

Cristo, amaldiçoado pela Lei, expulso do Evangelho, sem Deus e sem esperança, estranho para a comunidade de Israel?" Não consigo lhe falar com tanta seriedade quanto falaria com Deus. Quero, com isso, lançar esta pergunta em seus próprios lombos e incitar os pensamentos mais profundos do coração. Pecador, o que será de você quando Deus o cirandar como a palha do trigo? Qual será sua porção? Você que está de pé no corredor, qual será sua porção; você que está no meio dessa aglomeração, qual será sua porção, quando Ele voltar e nada escapar dos seus olhos? Diga-me, você o ouvirá? Diga-me, e as cordas do seu coração arrebrantarão no momento em que Ele proferir o som trovejante: "Apartai-vos, malditos"; ou será sua porção feliz — a sua alma transportada todo esse tempo com felicidade indizível: "Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o Reino que vos está preparado desde a fundação do mundo" (Mt 25.34)? Nosso texto convida um prospecto. Peço que você o considere, olhe o fluxo estreito da morte e diga: "Eu ficarei de resto?"

*Quando tu, meu justo Juiz, vieres
Levar para Casa teu povo resgatado.
Estarei eu entre eles?*

*Este verme desprezível que sou,
Que às vezes tem medo de morrer,
Será achado à tua mão direita?*

3. Mas agora chegamos a um *contraste terrível*, que penso nos permitir o texto: "Ficando eu de resto". Haverá alguns que não ficarão de resto no sentido em que temos falado e, não obstante, ficarão de outra maneira mais horrível. Eles ficarão por misericórdia, abandonados pela esperança, entregues pelos amigos e tornar-se-ão presa da fúria implacável, da severidade súbita, infinita e não mitigada e da justiça de um Deus irado. Mas eles não ficarão isentos de julgamento, pois a espada os achará, as taças de Jeová lhes alcançarão os corações. E esse zelo, cuja pilha é madeira, e muita fumaça os devorará súbita e irremediavelmente. Pecador, você ficará de fora. Digo que você ficará de fora de todas as alegrias afetuosas que hoje você adota — fora daquele orgulho que agora lhe robustece o coração; você será bastante humilhado. Você ficará de fora daquela estrutura de ferro que hoje repele o dardo da morte. Você ficará sem os amigos e companheiros que o atraem ao pecado e o endurecem na iniquidade. Você ficará sem a sua fantasia agradável e a graça alegre que mofa as verdades da Bíblia e escarnece das solenidades divinas. Você ficará sem nenhuma das suas esperanças animadas e de todas as suas delícias imaginárias. Você ficará sem o anjo doce, a Esperança, que nunca abandona ninguém senão os que são condenados ao inferno. Você ficará sem o Espírito de Deus que hoje, por vezes, pleiteia com você. Você ficará sem Jesus Cristo, cujo Evangelho foi pregado com muita freqüência em seus ouvidos. Você ficará sem Deus Pai; Ele fechará os olhos da piedade contra você, suas entranhas de compaixão nunca mais anelarão por você;

nem seu coração dará atenção aos seus gritos. Você ficará de fora; mas, repito, você não ficará como alguém que escapou, pois quando a terra se abrir para engolir os ímpios, ela se abrirá debaixo dos seus pés e o tragará.

Quando o raio reluzente vier perseguir o espírito que entra no inferno, ele o perseguirá, o alcançará e o achará. Quando Deus fizer os ímpios em pedaços e não houver ninguém que os livre, Ele fará você em pedaços, Ele lhe será como fogo consumidor, sua consciência estará cheia de fel, seu coração impregnado de amargura, seus dentes serão quebrados até com pedras miúdas, suas esperanças estraçalhadas com seus raios e todas as suas alegrias fenecidas e destruídas com o seu sopro. Pecador descuidado, pecador furioso, você que agora está se arremessando para baixo a caminho da destruição, por que bancar o louco a esse nível? Há maneiras mais em conta para rir-se de si mesmo. Bata a cabeça contra a parede; faça uns rabiscos e, como Davi, deixe a saliva escorrer pela barba, mas não permita que seu pecado caia em sua consciência e não admita que seu desdém por Cristo seja como pedra de moinho posta no pescoço, com a qual você será lançado no mar para sempre. Seja sábio, eu lhe peço. Senhor, faze o pecador sábio; cala sua loucura por algum tempo; deixa-o sóbrio para ouvir a voz da razão; deixa-o em silêncio para ouvir a voz da consciência, deixa-o ser obediente para ouvir a voz das Escrituras. "Portanto, assim te farei, ó Israel! E porque isso te farei. prepara-te, ó Israel, para te encontrares com o teu Deus" (Am 4.12). Israel, "ordena a tua casa. porque morrerás e não viverás" (2 Rs 20.1).

"Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa" (At 16.31). Sinto que tenho uma mensagem hoje à noite para alguém. Embora possa haver os que pensam que o sermão não é apropriado para uma congregação onde há tão grande proporção de homens e mulheres convertidos, contudo que grande porção de descrentes temos aqui também! Eu sei que você veio, muitos de vocês, para ouvir alguma história engraçada ou identificar um discurso estranho e extravagante de alguém que você reputa ser excêntrico. Ele é excêntrico e espera continuar assim até que morra; mas é excêntrico sendo sério e desejando ganhar almas. Pobre pecador, não há conto estranho que eu não contasse se achasse que seria bênção para você. Não há linguagem grotesca que eu não usasse, por mais que me fosse atirado de volta, se eu julgasse que lhe seria útil. Não tenho em vista ser conhecido como bom orador; os que usam de linguagem rebuscada moram nos palácios do rei. Eu falo com você como alguém que sabe que não tem de prestar contas a nenhum homem, senão a Deus; como alguém que terá de prestar contas de si mesmo no último grande dia. E peço-lhe que você não fale sobre isto e aquilo que observou no meu linguajar. Pense apenas sobre isto: "Eu ficarei de resto? Serei salvo? Serei arrebatado para habitar com Cristo no céu? Ou serei lançado no inferno para sempre e sempre?" Reflita a respeito destas coisas. Pense seriamente sobre elas. Ouça a voz que diz: "O que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora" (Jo 6.37). Dê atenção à voz que repreende: "Vinde, então, e argüi-me, diz o Senhor; ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam

vermelhos como o carmesim, se tornarão como a branca lã" (Is 1.18). Como sua vida será poupada quando os ímpios são julgados? Onde mais você achará abrigo quando a tempestade da ira divina rugir? Onde mais você estará senão na porção dos justos no fim dos dias?

¹ Referência à antiga escrita cuneiforme do povo de Ebla, cujos registros eram feitos em pequenas tabuinhas (ou tabletes) de argila.

Phillips Brooks: A Lâmpada do Senhor

PHILLIPS BROOKS NASCEU EM BOSTON, Massachusetts, em 13 de dezembro de 1835, e morreu na mesma cidade em 23 de janeiro de 1893. Formou-se em Harvard e estudou para o ministério no seminário teológico da Igreja Protestante Episcopal, em Alexandria. Tornou-se prior da Igreja do Advento, na Filadélfia, e de 1862 a 1869 foi prior da Igreja da Santa Trindade, na Filadélfia. De 1869 a 1891. foi prior da Igreja da Trindade, em Boston. Em 1891, elegeu-se bispo de Massachusetts e serviu neste ofício até a morte.

Phillips Brooks era de presença nobre e imponente, com bem mais de 1,82 metro de altura. Sua reputação como pregador foi estabelecida quando era prior da Igreja da Santa Trindade, na Filadélfia, mas sua fama e influência atingiram o clímax em Boston. Seus sermões eram escritos com esmero antes de serem entregues e falados com extraordinária velocidade de elocução. A grande coletânea de sermões que ele deixou não revela a mente que lutava com os problemas mais graves da vida e do destino, nem soam com as 'principais particularidades" da revelação cristã. Os sermões de Phillips Brooks lidam mais com o território suburbano da verdade cristã; mas nesse campo eles estão entre os melhores que já foram produzidos.

Um dos sermões mais conhecidos e mais freqüentemente pregados foi "A Lâmpada do Senhor". Ele pregou este sermão na Abadia de Westminster em 4 de julho de 1879, e lady Francês Baillie, cunhada do decano Stanley, relata que depois do culto passou despercebida para o decanato por uma porta de acesso privado e chegou à sala de visitas antes de qualquer um dos convidados que deviam ir à abadia. Lá, ela encontrou o decano em lágrimas, e quando ele a viu, exclamou que nunca tinha sido tocado assim por nenhum outro de seus sermões. Aquele que ler este sermão terá um bom entendimento do alcance de púlpito e do método de Phillips Brooks.

A Lâmpada do Senhor

"A alma do homem é a lâmpada¹ do Senhor." (Pv 20.27)

A *LIGAÇÃO* essencial entre a vida de Deus e a vida do homem é a grande verdade do mundo; e esta é a verdade que Salomão nos apresenta nas palavras notáveis que escolhi para meu texto esta manhã. O quadro que as palavras sugerem é muito simples. Uma vela apagada fica no escuro, e alguém tem de acendê-la. Um pedacinho de papel em chamas mantém o fogo a princípio, mas é vago e espasmódico. Chameja e oscila e a qualquer momento pode apagar. Mas a chama vaga, incerta e cintilante toca a vela, a vela pega fogo e imediatamente temos uma chama fixa. Queima ininterrupta, clara e constantemente. A vela dá ao fogo um ponto de manifestação para todo o ambiente que é iluminado por ele. A vela é glorificada pelo fogo, e o fogo é manifestado pela vela. Os dois prestam testemunho de que foram constituídos um para o outro pelo modo no qual satisfazem a vida um do outro. Essa satisfação vem pela maneira na qual a substância inferior presta obediência à superior. A vela obedece o fogo. A cera dócil reconhece que a chama sutil é sua mestra, e se entrega ao seu poder; e assim, como todo escravo fiel de um senhor nobre, dá imediatamente à nobreza do seu senhor a chance de se exprimir, e sua própria substância é vestida com uma glória que não lhe é própria. O granito desobediente, se tentamos queimá-lo, não dá ao fogo a chance de mostrar seu brilho, nem reúne esplendor para si. Só arde com resistência taciturna, e, à medida que o calor aumenta, racha e quebra, mas não se rende. Porém a vela obedece, e assim neste fogo difuso acha um ponto de expressão permanente e clara.

Não vemos, com tal quadro nítido diante de nós, o que quer dizer quando é dito que um ser é a vela de outro ser? Há na comunidade um homem de caráter grandioso e rico, cuja influência percorre todos os lugares. Você não pode falar com cada homem em toda cidade. mas você obtém, mostrado pelas maneiras próprias daquele homem, o pensamento, o sentimento daquele homem central que ensina toda a comunidade a pensar, a sentir. Até os meninos captam algo do poder dele, e têm algo sobre si que não existiria se ele não morasse na cidade. Que descrição melhor você daria de tudo isso, do que dizer que a vida daquele homem era fogo, e que as vidas de todos os outros, velas que ele acendeu, que deu à natureza rica, quente, viva e fértil que havia nele pontos multiplicados de exibição permanente, de forma que ele iluminou a cidade por eles? Ou, para não olhar tão amplamente, tenho pena de você se no círculo de sua casa não há uma natureza morna e viva que seja seu fogo. Sua natureza-vela fria e escura tocada por esse fogo, queima luminosa e claramente. Para

onde quer que você seja levado, talvez em regiões onde essa natureza não possa ir, você leva o fogo e o monta num lugar novo. Não, o fogo em si pode ter mitigado, a natureza pode ter desaparecido da terra e ido para o céu; e, não obstante, sua vida-vela, que foi acendida nesse fogo ainda mantém o fogo no mundo, como o fogo do raio vive na árvore que atingiu, muito tempo depois de o próprio raio fugaz ter terminado sua vida curta e quente e morrido. Assim o homem no escritório de contabilidade é a vela da mulher que fica em casa, fazendo que a influência suave dela seja sentida nos lugares ásperos do comércio, onde os pés dela nunca vão. Assim o homem que, para a cidade, vive como inspiração à honestidade, pureza e caridade, só pode ser a vela em cujas vidas obedientes ainda queima o fogo de outro homem forte e verdadeiro que era seu pai, e que passou da vista dos homens uma vintena de anos atrás. Os homens chamam o pai de morto, mas ele não está mais morto que a tocha apagada que iluminava o farol que está brilhando no monte.

E agora, concernente a toda essa iluminação de vida em vida, duas coisas são evidentes, as mesmas duas que apareceram na história da vela e sua chama: Primeiramente, tem de haver uma correspondência de natureza entre as duas vidas; e em segundo lugar, tem de haver uma obediência sincera da menor para a maior. A natureza que não sente o calor de outra natureza, mesmo que lhe seja mantida próxima; e a natureza que recusa ser mantida onde a chama da outra natureza pode alcançá-la — ambas têm de ficar apagadas, pouco importando quão ardentemente o fogo da vida superior queime.

Penso que estamos prontos para nos voltarmos a Salomão, ler suas palavras novamente e entendê-las. "A alma do homem é a vela do Senhor", declara ele. Deus é o fogo deste mundo, seu princípio vital, uma presença terna e penetrante em todos os lugares. Que coisa da natureza exterior pode nos pintar o pensamento misterioso, sutil, ativo, vivo, produtivo e destrutivo, que sempre tem levantado o coração dos homens e lhes solenizado a face quando dizem a palavra "Deus", conforme esta coisa estranha, tão divina, tão sobrenatural, tão terrível e contudo tão graciosa; tão plena de criatividade, e não obstante tão vivaz e feroz para tirar tudo o que se opõe em seu caminho — esta maravilha, esta beleza, esta glória e este mistério de fogo? Os homens sempre sentiram a aptidão da figura; e o fogo sempre se reuniu, mais perto de todos os elementos terrenos, em volta do trono no qual a concepção que os homens têm da deidade assentou-se. E agora deste fogo a alma do homem é a vela. O que significa isso? Se, pelo fato de o homem ser de natureza correspondente à natureza de Deus, e na medida em que o homem é obediente a Deus, a vida de Deus, que é disseminada ao longo do universo, reúne-se na elocução; e os homens e, sim, todas as outras coisas, se tais seres há capazes de observar nossa humanidade, vêem o que Deus é contemplando o homem a quem Ele inflamou, então a figura não é clara? Trata-se de um pensamento maravilhoso, mas está bastante nítido.

Aqui está o universo, cheio do fogo difuso da divindade. Os homens o sentem no ar, quando sentem um calor intenso que não desatou em

chamas. Este é o significado de grande parte da majestade inexplicada e misteriosa da vida, da qual os que estão plenamente em seu poder estão parcialmente cientes. É a sensação de Deus, sentida mas não vista, como atmosfera carregada de calor que não irrompe em fogo. Agora em meio a este mundo solene e sobrecarregado, levanta-se um homem, puro, semelhante a Deus e perfeitamente obediente a Ele. Num momento, é como se o quarto aquecido tivesse encontrado um ponto sensível e inflamável, onde pudesse acender uma chama. A vaga opressão da presença sentida de Deus torna-se clara e definida. A intermitência da impressão da divindade é afiançada na permanência. O mistério muda seu caráter, e é um mistério de luz, não de escuridão. O fogo do Senhor encontrou a vela do Senhor, e queima clara e firmemente, guiando-nos e alegrando-nos em vez de nos desorientar e nos assustar, tão exatamente como um homem que é obediente a Deus começa a captar e manifestar a natureza divina.

Espero que descubramos que esta verdade se aproxima muito de nossas vidas pessoais e distintas; mas, antes que cheguemos a isso, recordemos primeiramente com que dignidade central essa verdade veste a vida do homem no grande mundo. Certas filosofias, pertencentes a nosso tempo, depreciariam a importância do homem no mundo e o privariam de sua centralidade. O instinto e o orgulho humanos rebelam-se contra elas, mas ele é confundido por sua aparência enganadora. É realmente verdade, como é notório, que o mundo foi feito para o homem, e que a partir do homem, ficando no centro, todas as coisas além das quais o mundo contém, ganha seu verdadeiro valor e recebe o veredicto do seu destino? Esta era a antiga história que a Bíblia contou. O livro de Gênesis com o jardim do Éden e os animais obedientes esperando até que o homem lhes dissesse como deviam ser chamados, tangeu firmemente, no começo do hino da história do mundo, a grande nota da centralidade do homem. E o jardim do Éden, nesta sua primeira idéia, repete-se em cada cabana das florestas ocidentais ou das selvas meridionais onde um novo Adão e uma nova Eva, um colono solitário e sua esposa, começam novamente a história humana. Lá, mais uma vez, a nota do Gênesis é soada, e o homem afirma sua centralidade. A floresta aguarda para obter a cor da vida do homem. Os animais hesitam com medo ou raiva até que ele os domestique para seu serviço ou os despeça. A terra debaixo dos pés do homem celebra a fertilidade a seu comando e responde a convocação das sementes de grãos ou de flores. O próprio céu sobre sua cabeça o respeita, e o que ele faz na terra ecoa nas mudanças climáticas e na pressa ou lentidão das tempestades. Esta é a grande impressão que toda a vida mais simples do homem sempre está criando, e com a qual as filosofias, que fariam pouco caso da separação e centralidade da vida do homem, sempre têm de lutar. E esta é a impressão que é tomada, fortalecida, esclarecida e retirada de um orgulho insignificante de uma dignidade suprema e uma responsabilidade solene, quando temos tal mensagem como a de Salomão. Ele diz que a verdadeira separação, superioridade e centralidade do homem está na semelhança da natureza de Deus, e na capacidade de obediência espiritual a Ele, em virtude da qual o homem pode ser a declaração e

manifestação de Deus para todo o mundo. Contanto que essa verdade permaneça, a centralidade do homem é certa. "A alma do homem é a vela do Senhor".

Esta é a verdade sobre a qual desejo falar hoje: a revelação perpétua de Deus através da vida humana. Você tem de se perguntar primeiramente o que é Deus. Você tem de perceber como no próprio âmago da existência divina, conforme você a concebe, acham-se estes dois pensamentos — propósito e justiça —; o quanto é absolutamente impossível dar a Deus uma personalidade, exceto de acordo com a concretização destas duas qualidades: a inteligência que planeja em amor e a justiça que vive em dever. Então se pergunte como poderia existir na terra o conhecimento dessas qualidades, do que são, de que tipo de ser farão em sua combinação perfeita, se não houvesse uma natureza humana na qual eles se expressassem, da qual brilhassem. Só uma pessoa pode expressar uma pessoa verdadeiramente. Um caráter só pode ser ecoado através de outro caráter. Você pode escrever pelo céu inteiro que Deus é justo, mas isto não arderia lá. Seria, na melhor das hipóteses, apenas um pouco de conhecimento; nunca um evangelho, ou algo que alegraria o coração dos homens em saber. Isto só ocorre quando a vida humana, capaz de uma justiça como a de Deus, justificada por Deus, brilha com a sua justiça aos olhos dos homens, uma vela do Senhor.

Insinuei há pouco uma coisa que precisamos observar. A expressão de Deus feita através do homem é puramente uma expressão de qualidade. Não me diz nada acerca das quantidades que compõem sua vida perfeita. Que Deus é justo e o que deve ser justo — essas coisas eu aprendo pela vida justa de homens justos acerca de mim; mas quanto Deus é justo, a que perfeição inconcebível, a que desenvolvimento inesperado de si mesmo, a qualidade majestosa da justiça pode se estender nEle — da qual não posso formar julgamento que valha algo, da justiça que vejo no membro da raça humana. Isto me parece ampliar de imediato o âmbito da verdade que estou declarando. Se é a qualidade de Deus que o homem é capaz de expressar, então deve ser a qualidade do gênero humano que é necessária à expressão; a qualidade do gênero humano, mas não uma quantidade específica, nem um grau designativo da grandeza humana. Quem tem em si a qualidade humana, quem tem realmente o espírito do homem, pode ser uma vela do Senhor. Ima medida maior do espírito torna mais luminosa a luz; mas tem de haver uma luz onde quer que o ser humano, em virtude da sua humanidade, torna-se pela obediência luminoso com Deus.

Há homens de gênio espiritual sublime, os líderes de nossa raça. Como eles se salientam na história! Todos os homens sentem, quando na presença desses líderes, que estão diante da luz de Deus! Eles ficam confundidos quando tentam explicar. Não há nada mais instrutivo e sugestivo que a confusão que os homens sentem quando tentam contar o que é inspiração — como os homens ficam inspirados. As linhas que eles traçam pela comunicação ininterrupta entre Deus e o homem sempre ficam instáveis e confusas. Mas em geral, aquele que entra na presença de uma natureza poderosa, cujo poder é de tipo absolutamente espiritual, sente-se

seguro de que, de alguma forma, ele está entrando na presença de Deus. Contudo seria melancólico se somente os grandes homens pudessem nos dar esta convicção. O mundo seria mais obscuro do que é se todo o espírito humano, tão logo ficasse obediente, não se tornasse a vela do Senhor. Uma pessoa pobre, desprovida, sofrida, ferida, se apenas mantém a verdadeira qualidade humana e não fica inumana, e se é obediente a Deus de maneira cega, surda e semi-consciente, torna-se luz. Aqueles que se encontram ainda mais em trevas tornam-se vagamente cientes de Deus através desta pessoa. Uma simples criança, na sua pura humanidade e com a inclinação fácil e instintiva de sua vida para Deus, de quem ela veio — é uma das trivialidades nos lares acerca de quantas vezes a criança pode arder com alguma sugestão da divindade, e lançar luz nos problemas e mistérios cuja dificuldade ela própria nunca sentiu.

Há velas grandes e velas pequenas ardendo em todos os lugares. O mundo é luminoso com elas. Você fechou o livro no qual mantinha comunhão com uma das grandes pessoas de todos os tempos; e enquanto você permanece na luz que ela espalha em torno de si, seu filho a seu lado lhe diz algo simples e pueril, e uma nova linha de sabedoria iluminada percorre pelos doces e sutis pensamentos que o grande pensador lhe deu, assim como a luz de uma vela pequena envia seu ponteiro especial de brilho através do esplendor penetrante de um mundo iluminado pelo sol. Não é estranho. O fogo é o mesmo, qualquer que seja a luminária humana que dê sua expressão. Não há vida tão humilde que, se for verdadeira e genuinamente humana e obediente a Deus, não possa disseminar a luz divina. Não há pessoa tão pobre que os maiores e mais sábios de nós possam se dar ao luxo de menosprezá-la. Não sabemos em que momento súbito a vida brilha com a vida de Deus.

E nesta nossa verdade, temos a chave de outro mistério que por vezes nos confunde. O que faremos de um rico em realizações e em aspirações generosas, de boas maneiras, bem-educado, que se instruiu para ser luz e ajudar outros, mas que, agora que seu treinamento está completo, levanta-se no meio dos membros da raça humana completamente na escuridão e desprovido de poder? Há muitos de tais homens. Todos os conhecemos, os quais viram como os homens cresceram. Seus irmãos ficam em volta deles esperando deles a luz, mas a luz não vem. Eles mesmos ficam admirados. Eles se formaram para a influencia, mas ninguém os reconhece. Eles se inflamaram para dar luz. mas ninguém brilha de volta uma resposta agradecida. Talvez eles culpem os membros da raça humana que são muito tolos para ver o esplendor que dão. Talvez só desejem saber qual é o problema. e esperam, com uma esperança que nunca morre totalmente no desespero, pelo muito demorado reconhecimento e gratidão. No fim, morrem, e os homens que lhes volteiam o sepulcro sentem que a coisa mais triste sobre a morte deles é que o mundo não está perceptivelmente mais escuro do que antes. O que significa? Se deixarmos a verdade da figura de Salomão desempenhar seu papel, o significado da figura familiar não é: Estes homens são velas apagadas; eles são o espírito do homem, elaborado, cultivado, em seu melhor primor, mas no qual falta o último

toque de Deus. Tão escuro quanto uma fileira de luminárias prateadas, todas cinzeladas e forjadas com habilidade maravilhosa, todas providas do óleo mais raro, porém intactas pelo fogo, tão escuro neste mundo é uma longínqua fileira de homens cultos, postados ao longo dos corredores de uma era da história, ao redor dos saguões de uma universidade ou nos púlpitos de uma igreja imponente, a quem não chegou o fogo da devoção, que ficam em temor e reverência diante de sabedoria não maior que a própria, que são orgulhosos e egoístas, que não sabem o que é obedecer.

Há uma explicação do seu espanto quando você se apega estreitamente a um homem a quem o mundo chama brilhante, e descobre que você mesmo não obtém brilho dele. Há uma explicação de você, ó homem perplexo, que nunca pode entender a razão de o mundo não se voltar para você em auxílio. O mundo pobre e cego não pode contar a necessidade que tem, analisar o instinto que possui, nem dizer por que busca um homem e deixa outro; mas por seus olhos cegos, sabe quando o fogo de Deus cai numa vida humana. Este é o significado da prestimosidade estranha que surge no homem quando ele é verdadeiramente convertido. Não se trata de uma verdade nova que ele aprendeu, nem de maravilhas novas que ele pode fazer, trata-se da natureza apagada, que na obediência e submissão absolutas daquela grande hora, foi levantada e iluminada na vida de Deus e agora arde com Ele.

Mas não é a pior coisa na vida para um homem ser destituído de poder ou de influência. Há homens o bastante por quem agradeceríamos a Deus se não causassem dano, mesmo que não fizessem nenhum bem. Não me deterei agora para questionar se tal coisa é possível, como uma vida ficar totalmente sem influência de qualquer tipo, se talvez os homens de quem tenho falado também não pertençam à classe de que quero falar a seguir. Por mais que seja, estou certo de que você reconhecerá o fato de que há uma multidão de homens cujas candeias não estão apagadas, e contudo não são as velas do Senhor. Uma natureza preenchida ricamente até à borda, um homem de conhecimento, de perspicácia, de habilidade, de pensamento, com as mesmas graças do corpo perfeito, e não obstante profano, impuro, mundano e difundindo ceticismo de todo o bem e verdade acerca dele por onde quer que vá — a sua vela não está apagada. Ele brilha tão intensa e vividamente que as luzes mais puras ficam escuras por seu clarão. Mas se é possível para a vela humana, quando tudo está pronto, quando os componentes sutis de uma natureza humana estão todos cuidadosamente entrosados; se é possível que, em vez de ser erguido ao céu e inflamado no puro ser daquele que é eterna e absolutamente bom, ser mergulhado no inferno e consumido nas chamas do terrível enxofre do inferno, então podemos entender a visão de um homem que é rico em toda qualidade humana brilhante, amaldiçoando o mundo com a exibição ininterrupta do diabólico em vez do divino em sua vida.

Quando o poder do amor puro aparece como capacidade de luxúria brutal; quando a ingenuidade santa com que o homem busca o caráter do membro da raça humana, para que ele o ajude a ser o melhor que pode, é transformado na habilidade profana com a qual o homem ruim estuda sua

vítima, a fim de que ele saiba como tornar sua condenação mais completa. Quando o magnetismo quase divino que é dado ao homem para que instile fé e esperança em alguém que nele confia, é usado para respirar dúvida e desespero em toda a substância da alma confiante de um amigo. Quando as faculdades mentais, que devem embelezar a verdade, são deliberadamente prostituídas a serviço da mentira. Quando a seriedade é degradada para ser escrava da blasfêmia, e a reputação do escravo é transformada em manto para a vergonha do senhor, em todos estes casos, e quão freqüentes são entre nós ninguém deixa de perceber, você tem o espírito do homem inflamado de baixo, não de cima. a vela do Senhor ardendo com o fogo do Diabo. Ainda queimar; ainda a inflamabilidade nativa da humanidade se mostrará. Haverá luz; haverá poder; e homens que querem nada mais que luz e poder irão a ela.

É maravilhoso como o mero poder, ou o mero brilho, completamente separado do trabalho que o poder está fazendo e da história que o brilho tem a contar, ganhará a confiança e admiração de homens de quem esperaríamos coisas melhores. Um livro ou uma peça brilhantes atrairá multidões, ainda que seu significado seja detestável. Um homem esperto fará um grupo de meninos e homens ficar como pássaros encantados enquanto ele silenciosamente lhes arranca os princípios e os deixa como ignorantes morais. Muitos da comunidade se apressarão como ovelhas tolas para as eleições e votarão em quem eles sabem que é falso e brutal, porque aprenderam a dizer que ele é forte. Tudo isso é efetivamente verdade; e não obstante, enquanto os homens fazem estas coisas loucas e tolas, eles conhecem a diferença entre a iluminação de uma vida humana que é inflamada de cima e da que é inflamada de baixo. Eles reconhecem as chamas puras de um e o clarão lúrido de outro; e por mais que louvem e sigam a inteligência e o poder, como se ser inteligente ou poderoso fosse um fim suficiente em si mesmo, eles sempre manterão o mais sagrado respeito e confiança por aquela inteligência mais pobre que é inspirada por Deus e que trabalha pela justiça.

Há ainda outro modo, mais sutil e às vezes mais perigoso que estes, no qual o espírito do homem pode falhar em sua função mais completa como vela do Senhor. A candeia pode estar acesa, e o fogo no qual está iluminada seja realmente o fogo de Deus, e contudo pode não ser somente Deus quem brilha no mundo. Posso imaginar uma vela que de algum modo mistura uma peculiaridade de sua própria substância com a luz que dispensa, dando à luz um matiz que não pertencia essencialmente ao fogo no qual foi aceso. Homens que a viram, veriam não só o brilho do fogo. Também veriam o tom e a cor da candeia. E assim, penso, é com o modo no qual Deus é manifestado através de alguns homens bons. Eles de fato acenderam a vida nEle. É o fogo do Senhor que neles queima. Eles são obedientes, e assim Ele os torna pontos de sua exposição; mas eles não podem se livrar de si mesmos. Estão misturados com o Deus que eles mostram. Eles se mostram como também o mostram. É como quando um espelho mistura a própria forma com os reflexos das coisas que são refletidas nele, e lhes dá convexidade curiosa porque ele é em si mesmo

convexo. Este é o segredo de todo fanatismo piedoso, de todo preconceito santo. É a vela pondo a própria cor na chama que tomou emprestado do fogo de Deus. O homem violento faz Deus parecer violento. O homem especulativo faz Deus parecer um sonho bonito. O homem legalista faz Deus parecer uma lei dura e acerada. É daqui que surge toda facção severa e estreita de sectarismo. A estreiteza do presbiteriano ou do metodista, ou do anglicano ou do quacre, cheio de devoção, realmente em chamadas com Deus — o que é ele senão uma vela que sempre dá à chama sua cor, e que, por uma disposição que muitos homens têm em valorizar as pequenas coisas da vida mais do que as grandes, torna menor o brilho essencial da chama do que a cor especial que lhe empresta?

Minhas palavras talvez pareçam lançar um pouco de desprezo ou dúvida naquele elemento individual e distinto na religião de todo homem, sobre o qual, pelo contrário, dou o mais alto valor. Todo homem que é cristão tem de viver uma vida cristã que lhe seja peculiarmente própria. Toda vela do Senhor tem de expressar sua luz peculiar. Somente a verdadeira individualidade da fé é marcada por estas características que a salvam do fanatismo; primeiramente, não agrega algo à luz universal, mas só lhe tira fortemente algum aspecto que lhe seja especificamente próprio. Em segundo lugar, sempre se preocupa mais com a luz essencial do que com o modo peculiar no qual a expressa. Em terceiro lugar, facilmente mistura com outras expressões especiais da luz universal, em simpatia e reconhecimento sinceros do valor que se acha nelas. Que estas características estejam na religião de todo homem, e então a individualidade da fé é um ganho inestimável. Então as velas diferentes do Senhor brilham em longas fileiras pelos grandes saguões do seu palácio do mundo; e todas juntas, cada uma complementando as demais, iluminam todo o vasto espaço com Ele.

Tentei descrever algumas das dificuldades que assediam a exibição plena no mundo desta grande verdade de Salomão, que "a alma do homem é a vela do Senhor". O homem é egoísta, desobediente e não deixará sua vida queimar. O homem é voluntarioso, apaixonado e inflama a vida com fogo descrente. O homem é estreito, fanático e faz com que a luz de Deus brilhe com a sua própria cor especial. Mas todos estes são acidentes. Todos estes são distorções da verdadeira idéia do homem. Como sabemos? Eis o Homem perfeito, Jesus Cristo! Que homem Ele é! Quão nobre, formosa e perfeitamente humano! Que mãos, que pés, que olhos, que coração! Quão genuína e inconfundivelmente homem! Eu levo os homens da minha experiência ou da minha imaginação à presença dEle. e vejam, justamente quando o pior ou melhor deles fica aquém dEle, minha consciência humana me assegura que eles também ficam aquém da melhor idéia do que é ser homem. Aqui está o espírito do homem em sua perfeição. E então? Não é também a vela do Senhor? "Eu sou a luz que vim ao mundo" (Jo 12.46), asseverou Jesus. "Quem me vê a mim vê o Pai"¹ (Jo 14.9). "Nele, estava a vida e a vida era a luz dos homens" (Jo 1.4). Assim escreveu o homem de todos os homens que o conheceu melhor. E nEle, onde estão as dificuldades que vimos? Por um momento, onde está a obscuridade do

egoísmo? Parece-me coisa maravilhosa que a natureza humana supremamente rica de Jesus nunca, por um momento, tenha se voltado com auto-complacência pela própria riqueza, ou se iludido com o perigo insistente de todas as almas opulentas: o desejo, no mais pleno sentido, de só agradar a si mesmo. Que fascinante é esse desejo. Quanto mantém longe da utilidade muitas das naturezas mais abundantes do mundo. Somente para manipular reiteradamente os seus tesouros escondidos, ter, com mesquinhez espiritual, seus pensamentos por pura alegria de pensar e transformar a emoção na atmosfera suave de uma vida de egoísmo cultivado. Nem um momento disso ocorreu em Jesus. Toda a vasta riqueza de sua natureza humana só significava para Ele mais poder para expressar Deus aos homens.

E contudo quão pura era sua vida rica. Quanto detestava queimar com qualquer fogo que não o divino. Tal vida abundante, e ainda tal incapacidade absoluta de alguém viver senão a vida mais santa; tal poder de queimar, e ainda tal incapacidade absoluta de ser inflamada por qualquer tocha senão Deus; tal abundância com tal pureza nunca foi vista sobre a terra; e contudo sabemos quando o vemos que não é um monstro, mas é o tipo do que todos os homens devem ser, embora todos os homens, exceto Ele, tenham fracassado em ser.

Havia intensa personalidade nEle sem um momento sequer de fanatismo. Uma vida especial, uma vida que se levanta distinta e auto-definida entre todas as vidas dos homens, e no entanto uma vida tornando o Deus universal o mais universalmente manifesto por sua distinção, apelando a todas as vidas só em proporção à intensidade da individualidade que enchia sua própria vida. Perceba que só preciso pedir que você o veja, e você tem de ver o que é pelo qual nossas luzes fracas estão lutando. Há o verdadeiro homem espiritual que é a vela do Senhor, a luz que brilha em todo homem.

É distintamente uma nova idéia de vida, nova aos padrões de todo o nosso viver usual, o qual esta verdade revela. Todos os nossos apelos ordinários aos homens para que estejam de pé e produzam e se façam luzes brilhantes, fenecem e tornam-se insignificantes diante desta mensagem sublime que se mostra nas palavras de Salomão e na vida de Jesus. O que diz esta mensagem sublime? "Você é uma parte de Deus! Você não tem lugar ou significado no mundo senão em relação a Ele. A relação plena só pode ser percebida pela obediência. Seja obediente a Ele, e você brilhará por sua luz e não pela própria. Então você não será escuro, porque Ele o inflamará. Então você será tão incapaz de queimar com falsa paixão quanto estará pronto para responder com a verdadeira. Então o Diabo pode segurar sua tocha para você, como ele a segurou para o coração de Jesus no deserto, e seu coração será igualmente não inflamável quanto o dEle. Mas assim que Deus o tocar, você arderá com uma luz tão verdadeiramente sua que você reverenciará sua própria vida misteriosa, e contudo será impossível esse orgulho tão verdadeiramente seu". Que filosofia de vida humana. "Não ser nada, nada!", clama o cantor místico em seu hino de reavivamento, desejando-se perder em Deus. "Não, não: Ser

algo, algo", protesta o não místico, ansiando por trabalho, ardente por vida e caráter pessoal. Onde está a reunião dos dois? Como a submissão se encontrará com a sublime auto-estima, sem a qual nenhum homem pode justificar seu viver e honrar-se em sua humanidade? Onde elas se reúnem nesta verdade? O homem tem de ser algo para que ele não seja nada. O algo que ele tem de ser tem de consistir em aptidão simples para expressar a vida divina, que é o único poder original no universo. E então o homem não tem de ser nada para que seja algo. Ele tem de se submeter em obediência a Deus para que assim Deus o use de algum modo, no qual sua natureza especial só seja usada para iluminar e ajudar o mundo. Diga-me, os dois brados não se juntam na única aspiração do homem cristão em encontrar a vida perdendo-a em Deus, para ser ele mesmo sendo não sua vida. mas a de Cristo?

Em certas terras, para certas cerimônias santas, eles preparam as velas com cuidado muito meticuloso. As próprias abelhas que destilam a cera são sagradas. Elas vagueiam em jardins plantados com flores doces só para uso delas. A cera é juntada por mãos consagradas; e a moldagem das velas é tarefa santa, executada em lugares santos, ao som de hinos e na atmosfera de orações. Tudo isso é feito porque as velas serão queimadas nas cerimônias mais sublimes em dias muito sagrados. Com que cuidado deve ser feito o homem cujo espírito c a vela do Senhor! É o espírito dele que Deus tem de acender com o próprio Espírito. Portanto, o espírito tem de ser parte preciosa do homem. O corpo só deve ser estimado para proteção e educação que a alma obtém dele. E o poder pelo qual seu espírito se tornará cm vela é a obediência. Então, a obediência deve ser o empenho e desejo da sua vida; a obediência, não penosa e forçada, mas pronta, amável e espontânea; a obediência do filho ao pai, da vela à chama; a execução do dever não meramente para que o dever seja feito, mas para que a alma ao fazê-lo se torne capaz de receber e expressar Deus; suportar a dor não meramente porque a dor deva ser suportada, mas para que o ato de suportar torne a alma capaz de arder com o fogo divino que o encontrou no forno; o arrependimento do pecado e a aceitação do perdão, não meramente para que a alma seja salva do fogo do inferno, mas para que seja tocada com o fogo do céu e brilhe com o amor de Deus como as estrelas, para sempre. Acima de todos os quadros da vida — do que significa, do que podemos entender — destaca-se este quadro da alma ou do espírito humano que queima com a luz do Deus a quem ele obedece e o mostra a outros homens. Meus jovens amigos, os velhos lhes dirão que os mais inferiores quadros da vida e seus propósitos mostram-se ilusórios e enganosos. Mas este quadro nunca engana a alma que tenta percebê-lo. O homem cuja vida é a busca por tal obediência, quando afinal sua tarefa terrena tiver sido concluída, olhará adiante das fronteiras desta vida para a outra e dirá humildemente, assim que a história de sua vida terminar e sua oração pela vida por vir, as palavras que Jesus disse: "Eu glorifiquei-te na terra, tendo consumado a obra que me deste a fazer. E, agora, glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse" (Jo 17.4,5).

¹ "Vela", segundo o original em inglês da versão King James, como utilizado pelo autor em todo o texto.

Francis Landey Patton: A Letra e o Espírito

FRANCIS LANDEY PATTON NASCEU EM 22 de janeiro de 1843, em Warwick, Bermudas. Formou-se pela Universidade Knox, em Toronto, e no Seminário Teológico de Princeton. Em 1865, foi ordenado ministro da Igreja Presbiteriana, e foi pastor de igrejas em Nyack, Nova York, Brooklyn e Chicago. De 1872 a 1881, ele foi o professor Cyrus H. McCormick no Seminário Teológico de McCormick e, de 1874 a 1888, professor das relações da filosofia e ciência com a religião cristã no Seminário Teológico de Princeton. De 1888 a 1902, foi reitor da Universidade de Princeton e, de 1902 a 1913, reitor do Seminário teológico de Princeton.

Em 1888, foi eleito presidente da Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos. Grande apologista, o Dr. Patton é também singular e poderoso como pregador. Mesmo fazendo uso liberal de termos escolásticos e concepções teológicas, ele tem conseguido despertar o interesse de audiências populares quanto aos grandes temas da filosofia e religião. É um robusto defensor do sobrenatural na revelação cristã e proclamador ardente do "Cristo sangrento como o fato central das Escrituras". Quando ele se apóia no púlpito, virando bruscamente à direita, sua refinada face intelectual iluminada pelo brilho da verdade e sua voz em meio aos ápices das notas mais altas, como que de trombeta, o Dr. Patton causa uma impressão nos ouvintes que nunca será esquecida.

A Letra e o Espírito

Porque a letra mata, e o Espírito vivifica." (2 Co 3.6)

NÃO há que duvidar, suponho, que quando o apóstolo Paulo fez uso desta conhecida antítese, ele pretendia, em primeiro lugar, fazer distinção entre a Lei e o Evangelho: entre o código escrito — com suas rígidas exigências que só despertam um sentimento de impotência e intensificam o sentimento de perda — e o Espírito que em nós habita, concessionário da graça e doador de consolo. Mas quase não se pode questionar que as palavras deste versículo podem ser usadas adequadamente em sentido mais amplo, e que este sentido mais amplo é reconhecido pelo menos implicitamente pelo próprio apóstolo. Bastaria eu ilustrar a verdade do texto entendida neste sentido mais amplo, e eu teria de insistir num literalismo de interpretação que não toleraria aplicação fora da esfera dentro da qual foi originalmente empregada. Penso que posso servir melhor o propósito que tenho hoje em vista, e adaptar melhor meu discurso às circunstâncias desta época e lugar, tirando vantagem de alguns dos contrastes mais óbvios que estas palavras tão adequadamente sugerem.

1. É verdade que a palavra *pneu ma* aqui tem referência especial ao Espírito Santo, mas também significa o espírito humano, e com a palavra *gramma* como o outro termo da antítese, julgo que não é nada violento ou forçado fazer o sugerido contraste entre a Língua e o Pensamento como o primeiro tópico a considerarmos.

O pensamento e não o modo de sua expressão, a mente e não o reposteiro no qual está envolto, devem ser nossa primeira consideração. É fatal elevar o trabalho para deixar que a energia termine na letra. A meta do verdadeiro estudioso é ir atrás da letra para o espírito. A mera sugestão da língua como meio de comunicar pensamentos nos apresenta um dos fatos mais maravilhosos da vida. Afinal de contas, é a trivialidade que é a mais misteriosa. O pensamento salta a brecha das duas personalidades distintas e não causa nenhuma surpresa. Desnudamos os segredos de nossas vidas interiores uns aos outros e depois nos perguntamos em *actio in distans* e contestamos capciosamente à possibilidade da comunicação divina. É tão fácil coar o mosquito e engolir o camelo.

Pensar e falar; ter idéias e registrá-las; explicarmo-nos; achar uma medida comum de pensamento entre os muitos tipos de linguagem; conversar com nossos contemporâneos no jornal matutino e manter comunhão com os mortos nos livros que guardam vivas suas recordações — isto, se apenas pararmos para considerar, é a maravilha da existência. Um mistério, admito, e um de solução não mais fácil pelo filósofo suicida que tenta, por páginas de excogitações elaboradas, reduzir o pensamento a mecanismo e depois envia o livro com os seus cumprimentos ao cortês

leitor, na esperança de que ele venha a pensar que o autor é pensador de intelecto incomum na demonstração de tal lógica convincente e de tal arranjo de testemunho fisiológico, que não há pensamento e nem pensador algum.

A língua é o retrato do pensamento, a impressão dos dedos do pensamento. É fácil ver por que o estudo da língua, como distinta da literatura, deveria ocupar um lugar sublime no currículo acadêmico. É de grande importância entender as formas de pensamento, seguir suas curvas e observar suas sutilezas e requintes de distinção, à medida que percebemos depois que ele foi endurecido e colorido no discurso. Você pode aprender muita psicologia pelas preposições gregas. O modo subjuntivo fornece um caminho mais curto para a mente humana que os experimentos psicométricos de Fechner e Wundt. Contudo, podemos dar grande importância à filologia, e ainda que tivéssemos de nos satisfazer com menos gramática, eu teria mais literatura. Leiamos Milton em vez de ler sobre ele, e o leiamos à medida que o amarmos, em vez de ir no passo de caracol indicado por Ruskin.

Tradução é trabalho difícil, como fomos recentemente lembrados por Pater e Lowell. Fazê-lo bem requer que saibamos a letra, mas também requer — o que é mais difícil de se obter — que captemos o espírito do autor para que vejamos com os seus olhos e repensemos seus pensamentos. Não é mais que presunção o que leva Marion Crawford, em um dos seus mais recentes trabalhos, a representar seu herói tirando proveito dos últimos avanços da ciência elétrica — removendo as barreiras que o separam do mundo não visto — e mantendo comunhão face a face "com os imortais"¹. É exatamente isso que se espera que uma educação liberal faça. É isso que ela fez por você, se você tirou proveito das oportunidades que teve aqui, a menos que nossos métodos sejam deploravelmente ruins. É por isso que aprendemos latim e grego e dominamos as dificuldades do vocabulário.

Não nego que seja vantajoso saber as leis da mudança fonética, e que haja treinamento intelectual no conhecimento das formas da palavra. Porém, quando o treinamento clássico é útil apenas como halteres e barras paralelas o são, está escrevendo um comentário em meu texto. Dominar a sintaxe para rumações disciplinares; e também dominá-la, como diz Richard de Bury, para que abramos estradas reais na literatura. Mas lembre-se de que o pensamento é mais que a palavra, que na melhor das hipóteses é apenas um símbolo, uma sugestão do pensamento, e raramente seu equivalente. Aquele que lê literalmente lê pobremente. Até a jurisprudência, a ciência que mantém o discurso em mais rígida conta, admite que há tempos quando não só temos de julgar o que um homem pretende dizer pelo que diz, mas o que ele diz pelo que obviamente pretendeu dizer. *Hoeret in literâ, hoeret in cortice.* (Atenção diagramador: Vide original p.383) Há muito pouco estudo clássico do tipo puramente literário entre nós. Ou sabemos como especialistas e sabemos nada mais, ou não sabemos praticamente nada. É provavelmente difícil unir as funções do estudioso geral e as do especial. Poucos despendem suficiente

energia na letra para escrever as notas para *Juvenal*, de Mayor, e então escrevem um "anúncio" ao volume que tremula em cada linha com interesse simpatizante nas questões do dia.

Não digo nada relativo às letras que também não seja verdade sobre a ciência. Pois os fatos com os quais o homem da ciência lida são somente as letras com as quais ele está tentando explicar detalhadamente o pensamento nelas incorporado. Ele pode se divertir com as formas dessas letras, colocá-las em grupos e dar-lhes nomes, mas contanto que ele esteja comprometido com os fatos, ele não está mais aplicado na atividade que jogando xadrez ou resolvendo quebra-cabeças. É quando ele bate em alguma tecla o código secreto da natureza; é quando ele está usando os fatos na verificação da hipótese que representa o pensamento que o seu trabalho é digno de fama científica. Caso contrário, ele é somente um recenseador do reino da natureza; um catalogador da biblioteca da verdade, escrevendo títulos e lendo a lombada dos livros.

Que o humanista não fale para desacreditar a ciência, pois se ele está usando a língua apenas como material para o exercício do próprio pensamento, se os resultados de seus trabalhos não são a base de generalizações que representem o pensamento, então ele está apenas colecionando fatos, juntando conhecimento inútil e imprimindo volumes intermináveis de material que não merece ser lido. E com efeito esta, em grande parte, é a condição das coisas hoje em dia. Estamos nos superespecializando; e o perigo é que nossos estudiosos se tornarão operativos sob um grande sistema de trabalho de contrato; cheios de opiniões sobre assuntos dos quais não temos nenhum conhecimento, e cheios de conhecimento sobre assuntos que não dão base para opiniões. Somos subjugados com matérias e corremos o risco de sermos submersos na massa de fatos que não podemos reduzir ao sistema. Quantas vezes, quando vemos a ambição esporeada em novos esforços, lembramos estas palavras do texto: "A letra mata. e o Espírito vivifica".

Ciência! Você quer fatos. Você proclama a soberania dos fatos, o reinado da lei, a onipotência da indução, o império do sentido. Seus partidários reduziram a história em ciência, a filosofia em ciência, a religião em ciência e a língua em ciência; e quando você faz tudo, o que ganhou? Um amontoado de material desorganizado; uma caixa de quebra-cabeças chineses; um montão de lixo de monografias acerca dos advérbios gregos, dos manuscritos cópticos, da cerâmica babilônica, da teoria de Pitágoras sobre o universo, sem ordem e sem plano — ou então há um pensamento, uma idéia, uma generalização atrás de tudo. O destino de tudo é a morte e o monturo, ou então há uma idéia informativa e instigadora para dar forma e beleza. Faça o melhor de si: o filósofo, o apóstolo da idéia, é necessário fazer viver estes ossos secos.

De quem é o pensamento que subjaz esta língua do fato? É seu estado subjetivo que você tem imposto na natureza como a lei que nela opera, quando você formulou a doutrina da gravitação? É sua subjetividade que impõe um significado em *Hamlet* e *Fausto*, não graças a Shakespeare e Goethe? Você dividirá a diferença entre os dois filósofos rivais por uma

decisão arbitrária, a fim de ser objetiva em seu reconhecimento do fato e subjetivo em sua explicação do fato? Ou você verá atrás da letra o espírito, atrás do fato a idéia que dá significado ao fato e faz você participante do pensamento de Deus? Eu não me admiro que o homem da ciência magnifique seu ofício e se sinta orgulhoso de sua sublime chamada.

Atrás das barreiras do discurso, com efeito, que se fundem com nosso conhecimento de uma língua estrangeira, acham-se "os imortais", e conversamos para contentamento de nosso coração. Mas atrás das sílabas da ciência e esperando apenas pelo espírito de reverência para seu prazer acha-se a comunhão com Deus. O artista literário tem material recalcitrante a tratar. Com o autor, o pensamento é muito volátil, e com o tradutor, a língua é muito opaca. De forma que entre a incapacidade do vaso contentor e a chance de derramar em nossos esforços para decantá-lo em outro, corremos o risco de perder algo do vinho da genialidade. Isto é verdade acerca do pensamento humano; quanto mais verdadeiro deve ser acerca do pensamento divino. Não podemos prestar muita atenção às palavras em si nas quais a Bíblia foi escrita, e quanto mais completamente crermos em sua inspiração, mais ansiosos estaremos em ter um texto correto e uma tradução fiel. Mas podemos ter ambos e perder o espírito da revelação. Podemos ter um ousado literalismo de tradução que sacrifica o bom inglês ao idioma grego, e salvar a letra às custas do espírito. Podemos carregar nossa memória com "várias leituras" e sermos tão microscópicos em nosso estudo do texto quanto a ficarmos impossibilitados de ver o pleno contorno de uma idéia divina. Podemos guardar em reverência a Palavra na medida de sermos adoradores indiscriminados das palavras, e por nosso literalismo ininteligente perder o significado que as palavras transmitem.

Quando me deparo com homens tratando metáfora como fato e lendo poesia como interpretariam um decreto do Congresso, buscando um sentido espiritual em toda expressão comum, compreendendo mal a Parábola do Filho Pródigo, perguntando quem era o "irmão mais velho" e invocando ajuda combinada de química e o Livro de Levítico na interpretação da Parábola do Fermento, sinto que Matthew Arnold, com todos os seus erros, merece crédito pelo menos por nos lembrar que a Bíblia deve ser tratada como literatura. Mas temos de seguir mais adiante para podermos dizer que passamos além da letra em nosso estudo da Escritura. Pois embora como literatura, pode ser lida com a devida consideração pelas condições históricas sob as quais foi produzida, com a pertinente atenção às diferenças de estilo e forma de composição, não a lemos como devemos quando dominamos seus detalhes geográficos, estudamos sua arqueologia, aprendemos a valorizar as belezas de Isaías e Jó ou apreciamos o alto nível moral do Sermão da Montanha. Considerar a Bíblia simplesmente como literatura provoca em mim um sentimento semelhante ao que tenho pelo sistema antigamente em voga de fazer o Evangelho de João introdução fácil para o estudo do grego. Degradamos o livro ensinando-o por meios ilegais. Desonramos a verdade quando a ensinamos com uma *suppressio veri*. Estou em completa simpatia com a idéia de que a Bíblia — a Bíblia em nosso idioma, se você gosta desse modo de

descrevê-la melhor — deve ter um lugar no currículo universitário, mas a quero entendida para que seja ensinada com consideração distinta à sua autoridade divina e às grandes doutrinas da redenção que contém.

Vocês fizeram senão uso pobre de suas instalações aqui, meus amigos, se não podem fazer a distinção que especifiquei. Esta com efeito não é parte pequena da educação. Tentamos treiná-los de modo a colocá-los sob o poder das idéias. Objetivamos educá-los de forma que vocês se tornem estudiosos, e não pedantes; juristas, e não rábulas; homens da ciência, e não lavadores de frascos de laboratório; teólogos, e não textualistas; religiosos que repensam pela Palavra de Deus os pensamentos de Deus, e não negociantes de frases chanfradas ou escravos de um literalismo estúpido.

2. A mesma antítese de que estamos tratando também pode servir para representar o contraste entre o acidental e o essencial nas questões de julgamento literário e de opiniões religiosas. A impressão não discrimina. Mesmo a pontuação é um dispositivo moderno, e a jurisprudência a desdenha até o dia de hoje. Não dá valor às vírgulas e ponto-e-vírgulas com que borrifamos nossas páginas, às vezes por falta de um estilo claro ou de uma sintaxe correta. Não permite itálico comum para dar ênfase artificial ao que é escrito, mas deixa o pensamento traçar seu caminho à mente sem outra pressuposição que a inteligência do leitor. Esta de fato é a grande demanda, mas parece não haver ainda substituto adequado para cérebros; e para um normalmente suprido neste aspecto é proposição patente que embora a palavra impressa não o diga, todos os pensamentos não são de valor igual nem merecedores da mesma ênfase. Nenhuma obrigação repousa sobre nós, por exemplo, de tratar o verso de todo poeta como de igual beleza e força, porque ele não considerou por bem mostrar algum favoritismo aos discípulos do seu cérebro. Não é nossa culpa que haja apenas três linhas dignas de serem lembradas no poema "Peter Bell", de William Wordsworth. Tudo o que é dito não merece ser repetido.

Todas as ações humanas não são dignas de serem gravadas. Desprezíveis quando novas, não ganham importância com o lapso do tempo. O fonógrafo que grava hoje e reproduz por cem anos a tolice da conversação, por conseguinte divertirá, mas não edificará. Ocorre-me dizer estas coisas quando considero a mania prevalecente por pesquisa original. Justamente agora está afetando historiadores e literatos. Você pode conhecer história — pode ter seu Gibbon, seu Hallam e Freeman nas pontas dos dedos, mas você não é um historiador a menos que tenha estudado as fontes. Porém, se você descobriu um manuscrito que acrescentará um novo capítulo à vida de algum realista¹ ou cabeça redonda- de décima ordem, se você pode sair de seus trabalhos com o pó de uma biblioteca velha nos dedos, você ganhou o título à fama. Mas por quê? Por que discriminar assim o homem que sabe muito a favor daquele que produz pouco? Eu nego que seu trabalho é bom? De jeito nenhum. Que você trouxe algo novo à luz, e assim fez uma contribuição para o conhecimento? Não. Ou que seu trabalho lhe deu bom treinamento no uso de ferramentas? Não. Nem negaria que é coisa útil para nossos jovens engenheiros civis inspecionar o *compus* da

universidade todos os anos, ou medir a ponte do Brooklyn. Estou somente pensando que lhe falta perspectiva; que você está confundindo dores, aborrecimentos e um monopólio de informação inútil com história; que você está em perigo de pôr todos os fatos no mesmo nível e de classificar a genealogia de uma família do Mayflower com a Conquista Normanda. Você é enganado pela letra e perde o espírito. Você adotou a filosofia de Gradgrind. A demanda é por fato, e assim sucede que no exame escrito de Oklahoma vale tanto quanto no de Termópilas, e julga-se que a data da última emenda constitucional tenha o mesmo direito a uma célula de memória desocupada quanto 1453 ou 1688 d.C.

Lemos livros e estudamos a história da opinião com o mesmo descuido de proporção — lembrando-nos do que devemos esquecer e esquecendo-nos do que devemos lembrar, não fazendo concessão às circunstâncias e dando o mesmo valor a *obiter dicta* que outorgamos a opiniões debatidas. Ache Calvino tropeçando em uma observação casual, então difame seu sistema: isto é o que os homens fazem. Ou porque alguém se chama discípulo de Agostinho, considere-o responsável por tudo o que Agostinho ensinou, como se o indivíduo tivesse de acreditar nas virtudes da infusão de alcatrão³ porque ele é berkeliano.

Os homens incultos, talvez, achem difícil fazer as distinções entre a essência e o acidente aqui referidos. Todas as declarações lhes parecem itens em um livro-razão a serem considerados da mesma maneira. Mas os homens cultos devem saber melhor. Eles devem saber que um homem pode ser luterano sem crer em tudo o que Lutero cria, ou aceitar a concepção hegeliana do universo sem simpatizar em detalhes com as visões peculiares de Hegel. Não deve ser difícil entender que uma declaração de credo pode ser precisa em conteúdo doutrinai, embora colorida pelo tempo no qual foi escrita e lida com condições de pensamento que já não existem. E também deve ser evidente que seria difícil evitar o aparecimento de anacronismo, se empreendemos tecer os pensamentos desta geração num documento que em sua folha de rosto expressa ter sido escrito há duzentos e cinqüenta anos. Um pouco de exercício de julgamento, porém, um pouco de esforço para distinguir entre essência e acidente, fato permanente e colocação accidental, em suma, ler o espírito na letra pouparia toda a dificuldade.

Também podemos aprender a exercer este poder de julgamento nos credos, porque teremos de exercê-lo nas Escrituras. Toda Escritura é inspirada, mas nem toda ela possui o mesmo valor religioso. Toda Escritura é verdadeira, mas nem toda verdade bíblica é de igual importância. Indubitavelmente, toda a Bíblia é essencial à sua estrutura orgânica, mas não igualmente essencial à vida espiritual e à educação religiosa. Quando os homens dizem que desejam ensinar a Bíblia sem doutrina, eu respondo que as doutrinas bíblicas são mais importantes que muito da própria Bíblia. O sentido da Escritura é a Escritura, e em vez de perder o sentido, poderíamos nos permitir fazer sem certas formas de conhecimento da Bíblia. Há na Bíblia, como em outra literatura, o que pode ser chamado de o essencial e o accidental, e é ato de inteligência distingui-

los. Li a cosmogonia e disso extraí a doutrina da criação, o surgimento da vida, a supremacia do homem e a sua pureza primeva. Estou disposto a preencher as grandes categorias do Gênesis com a ajuda da ciência, e assim fazer as generalizações que acompanham o estudo de um dos livros de Deus ajuda na interpretação de outro. Li nas palavras do Salvador as idéias genéricas que devem controlar a existência social e os grandes princípios que devem guiar a conduta, mas não suponho que a ilustração de um princípio deva ser interpretada com exatidão literal. Não espero manipular répteis venenosos com impunidade. Não espero que a fé substitua o tratamento médico ou cure a doença orgânica; e não encontro quer no Sermão da Montanha ou na comunidade apostólica de bens argumento em favor do socialismo e da negação dos direitos de propriedade.

Acredito que Paulo estava inculcando um princípio importante quando desencorajou o aparecimento de cristãos como litigantes em tribunais pagãos; mas por conta disso eu não concluiria que todo o litígio é pecado, ou que a profissão jurídica seria incompatível com o Cristianismo. Com certeza a distinção entre essência e acidente envolve responsabilidade séria, pois ao tentarmos fazê-lo podemos errar. Estou certo de que Arnold errou e que seu julgamento literário foi deturpado por preconceitos que ele tinha quando tornou a ética a coisa principal na Escritura e representou os dogmas do Cristianismo como acidentes do ensino paulino. Para que é a Bíblia? O que é a evolução de idéias bíblicas senão o crescimento de algumas concepções grandes e dogmáticas? A essência da Escritura, o âmago do Antigo e Novo Testamentos, é a doutrina de que sem derramamento de sangue não há remissão de pecados, e que Deus estava em Cristo reconciliando o mundo com Ele, não imputando aos homens as suas transgressões. É o propósito divino que traz a Bíblia em linha com os fatos do mundo material. É a encarnação que dá caráter orgânico à Escritura. É a culpa humana que constitui a grande pressuposição da revelação. É a doutrina da fé na função de resposta do homem às propostas de amor que satisfaz as exigências da natureza moral humana e sempre faz a Bíblia a melhor e maior mensagem que o homem jamais teve.

Por que, então, os homens afirmam desejar que a Bíblia ensine religiosamente, mas não doutrinariamente? Por que homens cultos que foram ensinados a distinguir entre a letra e o espírito mostram tal propensão ao equívoco quando abordam temas religiosos? Não obstante, o mundo está cheio de homens que falam deste modo. Estes são os homens que estão em nossos púlpitos e pregam sobre a paciência de Jó e a coragem moral de Daniel; que encontram material para sermões sentimentais sobre as estações, sermões divertidos sobre as loucuras sociais do dia, sermões sobre a importância do sono ou sobre a necessidade de se restringir a imigração, mas que estão calados com respeito ao tremendo fato do pecado e do significado dogmático do sangue expiador. Eu não vejo que tais homens estejam manuseando a Palavra de Deus enganosamente, porque estou inclinado a fazê-los se declarar culpados, se preferirem, de uma estupidez erudita que lhes impede de ver que o Cristo sangrento é o fato central da Escritura. Permitam-me pedir-

lhes. cavalheiros, que prestem atenção a esta lição do texto. Cultivem uma discriminação sábia. Leiam os melhores livros. Apoderem-se de pensamentos dominantes. Agarrem o resultado final das questões que convidam seu escrutínio. Distingam entre o que é vital e o que não tem importância. Armazenem o trigo; deixem de lado a palha. Estabeleçam sua opinião sobre fundamentos racionais amplos e profundos. Sigam este método na religião. Alguns princípios e alguns fatos trazem consigo todo o tecido do Cristianismo. Sigam o grande curso da evidência e não se detenham por dificuldades secundárias. Deixem os grandes fatos periféricos do Cristianismo determinar-lhes a fé, e não permitam que ninharias lhes alimentem a dúvida. Vocês estão arranhando a superfície, estejam certos, quando deixam uma dificuldade textual, uma discrepância histórica, uma pergunta difícil sobre ética, ou um mistério dogmático impedir sua aceitação do Cristo histórico como o Salvador do mundo.

3. Passo agora à consideração de outra distinção sugerida pelo texto.

É difícil resistir ao sentimento que havia na mente de Paulo, a saber, o contraste entre, por um lado, a fixidez rígida da letra e, por outro, a espontaneidade maleável do espírito. *Litera scripta manet*. A palavra escrita não muda. Mas o organismo vivo está constantemente se ajustando a novas condições, e mudando para se adaptar a elas. Temos então o fixo e o variável, a lei inflexível e a vida variável. A história do mundo, da sociedade, da opinião religiosa é, em grande parte, a história destes dois fatores em suas relações um com o outro. O código legal fica muito estreito para harmonizar as exigências de uma vida em expansão, e muda em fato, mas não em forma. O trabalho necessário é feito, mas as formas da lei são salvas pela ficção legal. *Ubijus ibi remedium*; porém não há remédio na lei comum, e a equidade encontra um através do édito do pretor ou das decisões do chanceler. Temos uma constituição escrita como base de governo, e os poderes dos coordenados departamentos de governo são definidos. Mas o tempo desenvolve o antigo conflito entre a lei inflexível e o organismo vivo, com a disparidade, como mostra o professor Wilson, a favor do organismo.

Formulamos nossa fé em declarações de credo e depois de um século ou dois descobrimos que a igreja e o credo não estão em acordo exato. Não há nada de que admirar-se. É a antiga questão da letra e do espírito.

A letra controlou a vida. Deu à lei as suas variações. O desenvolvimento político nesta terra seguirá as linhas da constituição. O desenvolvimento teológico seguirá as linhas do credo que o controla. A menos que a letra entre na vida do organismo, se tornará letra morta; e se entrar, será modificada e colorida pelas circunstâncias do tempo e do lugar. Agora esta questão do fixo e do variável é muito maior do que a da revisão do credo. Está na raiz de quase todas as grandes questões de nossos dias. Os homens estão percebendo como nunca antes a solidariedade do gênero humano. A velha concepção pelagiana do individualismo é abandonada, e há a tendência a ir para o oposto extremo. A opinião individual é silenciada na presença de ondas avultantes e de movimentos irresistíveis, como são chamados, e somos advertidos contra a loucura de tentar deter a maré

ascendente. No caso de pensadores muito avançados, esta adoração do *Zeitgeist* está associada com a negação de todas as idéias *a priori*. Não há padrões de medida. O movimento é reconhecido, mas não há critério pelo qual julgá-lo. e as idéias que o limitam e lhe dão forma são ignoradas.

Os homens dizem que temos de estudar os fatos com um espírito histórico e concluir nossa indução do que vemos. A ciência da ética se torna a ciência do que é, em vez do que deve ser, e se uma doutrina do que é certo sobrevive sob qualquer condição, é a doutrina que o que quer que seja é certo. Em nome da razão eu protesto contra esta tendência de pensamento. Como pensador soberano dentro do âmbito de minhas próprias atividades, recuso-me a abdicar sob o terrorismo do sentimento popular. Recuso-me a dizer que pelo fato de a avalanche ser irresistível, então tem razão. Recuso-me a submergir minha razão numa torrente insuperável. E quando uma idéia em filosofia, política ou teologia está "no ar", reivindico o direito de examinar suas credenciais e escutar suas declarações antes de dar minha aceitação. Os movimentos históricos, como também as ações de homens individuais, devem ser julgados por princípios fixos. Então me é fácil definir minha posição com respeito ao que é chamado teologia progressiva. Você ligará a igreja à letra ou lhe dará a livre vida do espírito? Como você ajustará as relações entre a letra e o espírito; a igreja e o credo; o organismo e a lei de seu desenvolvimento? De acordo com Schleiermacher, o Nove Testamento é somente a experiência religiosa registrada do período apostólico, geneticamente relacionada com os períodos que se seguiram, mas não dando rubrica e não impondo lei. Conclui-se. então, que não há padrão de fé, que a verdade é relativa e que o organismo cristão é uma lei em si mesmo. O católico romano afirma novamente que o organismo é infalível e pode falar no tempo presente. Então, não é necessário acreditar que toda a revelação divina esteja contida na Bíblia. A transubstanciação veio pelo caminho da evolução doutrinária com o Concílio de Nice II e a infalibilidade papal dentro da geração presente. A doutrina da evolução aplicada à teologia pelo cardeal Newman ajuda Roma a ajustar a relação entre o fixo e o variável. Os protestantes têm a palavra escrita como única regra de fé. Mudar o variável não pode obliterar suas doutrinas. Os empuxos orgânicos não podem anular as palavras do seu sentido histórico. Não podemos eliminar doutrinas porque não gostamos delas, ou inserir novas porque o sentimento popular as pede. O que está escrito está escrito. A consciência cristã não pode mudar o significado de uma palavra grega mais do que pode transtornar a tabuada de multiplicação. Não há ficção legal que possa modificar ou mudar a Palavra de Deus. Quando os homens dizem, como de fato o dizem, que a antiga concepção de um Deus soberano não se harmoniza com nossas idéias republicanas, eles tão-somente blasfemam. E quando depois de algum tempo eles procuram destroná-la e dizem claramente que cada geração tem de eleger sua própria regra e ditar sua política administrativa, eles só levarão às suas conseqüências *lógicas* algumas das idéias prevaletentes de hoje.

Não nego, porém, que a verdade importante é indicada na doutrina

conhecida como a consciência crista. Não sou defensor da imobilidade eclesiástica. A igreja crista não é uma cópia exata no modo de adoração, métodos de administração e forma de governo da Igreja do Novo Testamento. Nós descontinuamos o ósculo santo, e o lava-pés não faz parte da hospitalidade crista. Assalariamos ministros e colocamos sobrepeliz em coros, nada disso sendo conhecido pela igreja apostólica. Esforçamo-nos em fomentar o espírito apostólico e perpetuar as idéias apostólicas, mas a Igreja alterou seu modo de vida e trabalho para harmonizar-se com as condições alteradas da sociedade. Paulo disse que sob certas circunstâncias, ele recusaria a carne oferecida em sacrifício a ídolos e não beberia vinho que tivesse associação idolatra. Interprete-o literalmente, e as palavras não têm aplicação na vida moderna, pois as condições que controlavam sua decisão já não mais existem. Mude a decisão num mandato de abstinência, e imediatamente você tiraniza a consciência e furta do ato da abstinência todo o significado ético. Porém, generalize a declaração e você tem a grande lei da moralidade altruística que, depois de terem sido feitos todos os abatimentos pelo egoísmo, é o fator mais potente em nossas vidas práticas.

O mesmo se dá com a doutrina. Os dogmas do Cristianismo são fixos. A Bíblia não muda, e não temos revelação extra-bíblica. Mas um dogma que só é lido na Bíblia ou é declarado e subscrito em um credo é somente letra morta. Tem de entrar em nossas vidas e fazer parte de nossas experiências intelectuais e morais. Porém, entrando o dogma em nossa personalidade e em nossas vidas orgânicas, ajusta-se com as condições variáveis, embora inalterado em si mesmo. Será lido com ênfase diferente em períodos diferentes; será interpretado à luz das ardentes questões desses períodos; será trazido em relação com a ciência e a filosofia e adquirirá novo interesse de geração em geração das novas condições polêmicas que constantemente estão emergindo. O vocabulário de Paulo era afetado por seu contato com a filosofia. O nosso também. É vã a tentativa de eliminar a filosofia da teologia. Os dois departamentos tratam em grande parte dos mesmos assuntos e cobrem área comum. Todo o material, qualquer que seja a fonte, qualquer que seja a autoridade, que irá compor nossa teoria do universo, tem de atravessar a velha vida e levar a impressão de nosso pensamento; e quando pensamos em filosofia seremos compelidos a pensar em teologia.

Lidamos com as mesmas questões relativas a Deus, a liberdade e a imortalidade com que lidavam Paulo, Agostinho, Tomás de Aquino e Calvino, e embora as Escrituras não tenham mudado, como a nossa leitura delas, no que diz respeito a esses tópicos, não é materialmente diferente da leitura feita por estes homens; vemos a mesma verdade sob condições diferentes. Nossos hereges não são Cerinto e Celso, mas Spencer e Kuenen. Nosso inimigo não é a credulidade, mas o agnosticismo. E à medida que as condições mudam, nosso modo de apresentar a verdade inalterável também tem de mudar. Porém, lembre-se de que se a letra sem a vida está morta, a vida necessita da letra para dar lei a seu movimento. Não seja enganado pelo clamor de que a voz do povo é a voz de Deus. Não se apresse

em presumir que todo grande movimento é um movimento inspirado. Não temos infalibilidade pessoal. Não acreditamos em infalibilidade incorporadora. Não temos fé na inspiração das grandes massas de homens. Então, quando sob a influência daqueles que nos fariam pôr nossa fé no organismo em vez de atá-la à palavra escrita, começamos a perder a fé na autoridade da Escritura, abandonamos nossa única base de ceneza crista.

4. "A letra mata. e o Espírito vivifica". Regra exterior e princípio interior são as duas grandes agências que operam na conduta humana e aparecem contrastadas no texto. Há o princípio interior em propensão de inclinação e propósito dominante que buscam expressão em nossas espontaneidades-, e aqui está o código objetivo pelo qual procuramos guiar nossa vida e que é posto diante de nós como influência instaurativa e restritiva. O mundo, declara Lecky, é governado por seus ideais. É o que amamos fazer que fazemos bem. Com ajuda somente da regra os homens não escrevem livros e não pintam quadros que usam a estampa da genialidade. Não executam atos de heroísmo em relutante complacência com a lei; não brilham em nenhuma das belezas de caráter sublime e santo quando se educaram para seguir a vontade de outrem. O trabalho feito em conformidade com a regra é trabalho enfadonho e cansaço da carne. Há a moralidade do princípio e a moralidade da conformidade externa. Que há lugar para a moralidade do externalismo e preceito, da lei e obediência sob comando, eu não duvido, contudo às vezes penso que a vida é tornada mais penosa do que precisa ser, e que dificultamos em vez de ajudar os interesses mais altos da moralidade pela multiplicação excessiva de regras.

O Estado vai até onde deve passando os limites da liberdade do indivíduo, a Igreja está tomando liberdades com os direitos da consciência dizendo que seus membros devem fazer isto e que não devem fazer aquilo. Vamos à faculdade, e um código de instruções é a primeira lição que nos pedem que aprendamos. Entramos num negócio, e nos descobrimos amarrados pela regra. Estamos dia a dia mais pouco dispostos a presumir que os homens agirão corretamente por princípios e mais dispostos a pensar que eles amam fazer o mal. A desconfiança do mercado é a lei da sociedade. Estamos multiplicando a maquinaria da descoberta. Clamamos: "Quem guarda os guardas?" Estamos nos protegendo a custos cada vez maiores contra a desonestidade daqueles em quem confiamos. Observamos o balconista à sua escrivaninha, e o estudante no seu exame. Pomos um sineiro nas mãos do diretor e armamos armadilhas para o vigilante noturno. Em formas mais ou menos visíveis e em maneiras mais ou menos irritantes aos sentimentos, proclamamos nossa inabilidade em confiar nos homens e nossa convicção de que todos os homens são mentirosos. Tudo isso é necessário para proteção, embora eu ainda acredite que devemos mais à consciência do que a toda a nossa complicada maquinaria policial. Mas a dificuldade é que os homens supõem que tudo isso é educação moral.

Existe a impressão de que você torna os homens morais quando faz com que tenham praticar o mal e que reprimindo o mal você está elevando o caráter. Torne praticar o mal tão difícil, que praticar o bem será mais fácil,

e passa-se a supor que você tornará os homens morais. E, inegavelmente, grande parte da moralidade do mundo é desse tipo. Um homem obedece a lei porque teme a pena. Ele perderá seu lugar, incorrerá no ódio da sociedade, será visitado com ostracismo social ou perderá seu diploma, e então ele fará como lhe é dito. E há bons homens que não vêem que não há moralidade nisso. Não só não vêem, mas parece estar ganhando terreno a opinião de que podemos construir o caráter por este sistema de externalismos. Os homens não só obedecem as leis impostas pela sociedade para proteção própria, mas levam penhores, fazem promessas, multiplicam votos para edificação própria, e, em vez da liberdade do espírito, eles estão regressando para o legalismo de uma dispensação mais antiga, estão se regozijando na escravidão da letra. Eles deveriam saber que obediência forçada não é educação moral.

O caráter é uma planta endógena e cresce de dentro. O treinamento militar ensina os homens a obedecer a lei, mas não os ensina a amá-la. Os desertores são fuzilados, por isso os soldados não desertam. Isso é tudo. Kant tem razão. A lei que vem de fora não é ética. Não há moralidade em fazer o certo por cálculo das conseqüências. Por conseguinte, só a lei auto-legislada é moral. Embora seja a lei de Deus, deve ser autônoma antes de ser ética. Tem de dirigir a consciência e ser aprovada como boa. Tem de se tornar uma máxima da razão e não um mero comentário. "Porque a letra mata, e o Espírito vivifica" (2 Co 3.6). O Estado, é claro, tem de se proteger, e o seu fim principal não é a educação moral. Isto deve ser deixado para a Igreja. Mas qual deve ser nosso alvo na administração de uma faculdade? Consideraremos a boa ordem da organização ou a melhoria moral do estudante? Pode ser fácil fazer qualquer um dos dois; pode ser difícil combinar os dois; mas temos de combiná-los. Deve haver regras, mas devem ser poucas, e sua aplicação precisa dirigir a consciência. Temos de preparar os homens para os privilégios que eles bem logo hão de herdar, respeitando sua humanidade e evitando toda legislação insignificante. Temos de proteger o organismo e ao mesmo tempo laborar pelo bem do indivíduo. Temos de manter a lei subserviente ao propósito pelo qual é ordenada e tendente à regra, se for necessário, a fim de salvar o homem. Temos de considerar, é verdade, o bem-estar da grande maioria, mas às vezes devemos, se necessário, deixar as noventa e nove ovelhas e cuidar daquela que se perdeu.

O estudante universitário é inventivo, por via de regra. Ele comete enganos e cai em erro ou pecado. Mas o caso é raro quando você não encontra algo nele que o atraia. Ele é franco. Ele admitirá que abusou da generosidade, brincou com a boa natureza e agiu vilmente. Ele está arrependido por ter procedido assim, e o clímax do seu pesar é geralmente o pensamento da angústia da mãe e a tristeza do pai. Tenho um lugar espaçoso em meu coração para o homem que é capaz deste amor filial. Porém, meu irmão, você tem de estar em patamar mais alto. Você está saindo para enfrentar as tentações do mundo. Você será confrontado com a luxúria da carne, a luxúria dos olhos e o orgulho da vida. Não é bastante que você reconheça a autoridade da lei exterior. Você deve torná-la um

princípio interior. Não é suficiente que a conduta má seja evitada, porque é desonrosa e trará desgraça. Aprenda a evitá-la porque é errado. Aprenda a fazer o certo porque é certo. Aprenda a sentir as sanções de uma moralidade mais elevada, e quando seus atos maus o encherem de arrependimento, que seja porque você pecou contra Deus e pôs uma mancha na alma.

5. E agora, senhoras e senhores formandos, permitam-me dizer uma simples palavra final. Esta semana marca uma era importante no calendário de suas vidas. Significa a separação de antigas ligações, a suposição plena da responsabilidade pessoal e o revestimento do futuro. Tentamos com afincos ajustá-los para o trabalho da vida. Não fizemos o que poderíamos ter feito, em parte talvez por nossa negligência, em parte também por sua negligência. Mas até certo ponto com todos vocês — acho — e em grande parte na maioria de vocês — sei —, nossa meta foi percebida. Ao enviá-los ao mundo estamos fazendo uma contribuição à força operativa dele, da qual não temos razão de nos envergonharmos. Tentamos fazer a educação que lhes demos um comentário sobre as palavras que escolhi para meu texto. Nos esforçamos para fomentar em vocês altos ideais na literatura e sublimes metas na ciência. Procuramos disciplinar suas faculdades mentais de forma que vocês vejam as partes da verdade em suas relações formais umas com as outras e em proporção justa. Tentamos mostrar que a Palavra imutável de Deus não é um fóssil a ser posto na estante, mas o princípio dirigente da vida, a inspiração do seu movimento e a lei da sua variação. Tentamos também ensiná-los que a essência de toda a moralidade é uma lei auto-enunciada da obrigação, comandando sem condição e menosprezando cálculos. E não esquecemos nos cultos deste santuário que o contraste entre a letra e o espírito também presta testemunho de outro contraste entre a Lei e o Evangelho, à cuja referência foi feita no princípio deste discurso.

O apóstolo não pretendia desacreditar a Lei quando a contrastou com o Evangelho. O Evangelho não substituiu a Lei, só a completou. A Lei é santa, justa e boa. Veio de Deus e é a expressão da sua vontade. É perfeita, mas inflexível. Diz-nos o que devemos fazer. Põe diante de nós um ideal que instiga nossa admiração e provoca desespero. Vocês a aceitam como justa, mas não podem obedecê-la. Vocês decidem e fracassam. Prometem e quebram o voto. Fazem um esforço e não alcançam o objetivo. Porém a Lei não aceita desculpas e não faz concessões. Não há piedade em seu tom de voz. Encontra sua contrição sem palavra encorajadora. Sua face é rígida e sua voz, dura. Sua nota de aprovação, lhe diz, é cem, e você fracassou. É tudo o que tem a dizer. Mede; não se compadece. Tabula resultados; não perdoa. A Lei é a incorporação da vontade de Deus, mas também há outra incorporação dessa vontade. E quando consciente de seu fracasso, cada um de vocês vai a Jesus e diz: "Mestre, sei que deveria ter feito melhor e me envergonho", então você descobrirá um olhar de tal ternura primorosa na face do Mestre, que lhe dirá antes que as palavras sejam proferidas: "Os teus pecados te são perdoados; vai-te em paz". Quando depois de empresa infrutífera em aprender as lições da vida e fazer seu trabalho, vamos a Ele

c dizemos: "Mestre divino, eu quero aprender, mas sou muito lento, e minhas pobres faculdades mentais não são iguais a esta sublime tarefa", então Ele lhe dirá novamente: "Tem paciência, filho, e eu te ensinarei. Eu porei meu Espírito dentro de ti. Eu aperfeiçoarei minha força na tua fraqueza". A Lei veio por Moisés, mas a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo. Tenham comunhão com Cristo. Andem com Ele. Voltem-se sempre para Ele em busca de consolo, força e direção. Sirvam-no enquanto viverem, e logo vocês serão como Ele é e o verão como Ele é.

¹ Partidário de Carlos I, da Inglaterra, na guerra civil inglesa (1641-1649). (N. do T.)

² Apelido dado na Inglaterra aos partidários de Cromwell durante a guerra civil inglesa devido ao seu corte de cabelo muito curto. (N. do T.)

³ A infusão de alcatrão era usada antigamente como panacéia. ou seja, como remédio para todos os males. (N. do T.)

George Campbell Morgan: O Poder do Evangelho

GEORGE CAMPBELL MORGAN NASCEU EM TETBURY, Inglaterra, em 9 de dezembro de 1863. Em 1889, foi ordenado para o ministério da Igreja Congregacional, e depois de vários pastorados na Inglaterra, tornou-se ministro da capela de Westminster, em Londres, onde pregou até 1917, De 1917 a 1929. engajou-se em pregar em conferências e cultos especiais na Grã-Bretanha e Estados Unidos. De 1929 a 1932, foi pastor na Igreja Presbiteriana do Tabernáculo, na Filadélfia.

Depois de voltar a Londres em 1933, assumiu por um segundo período o pastorado na capela de Westminster, onde em 1938 o Dr. Martyn Lloyd-Jones uniu-se a ele nas atividades pastorais. Permaneceu na capela de Westminster até a morte, em 1945. O Dr. Morgan é autor de mais de sessenta livros, sendo o mais conhecido *The Crisis of the Christ* (As Crises de Cristo). Foi um dos mais famosos pregadores do mundo de língua inglesa e reunia grandes congregações onde quer que pregasse. Seu método homilético era expositivo em vez de tópico, e ele assume elevada posição como pregador expositivo. De estatura alta e de maneiras e métodos singulares, o Dr. Morgan foi uma das personalidades mais marcantes do púlpito contemporâneo.

O Poder do Evangelho

Porque fito me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego. Porque nele se descobre a justiça de Deus de fé em fé, como está escrito: Mas o justo viverá da fé." (Rm 1.16,17)

QUANDO o apóstolo Paulo escreveu esta carta, ele nunca "> tinha visitado Roma. Ele almejava fazê-lo e esperava que seu desejo se cumprisse. Este desejo foi gerado por sua cidadania romana e por seu interesse na igreja cristã em Roma; e sobretudo porque ele ansiava que a igreja naquela cidade fosse um instrumento para a evangelização do mundo ocidental. Escrevendo aos santos na cidade imperial, ele declarou que não se envergonhava do Evangelho, e deu suas razões.

A declaração de que ele não tinha vergonha é em si interessante. É a única ocasião na qual encontramos Paulo sugerindo a possibilidade de estar envergonhado do Evangelho. Estou perfeitamente cômico de que esta é uma declaração da qual ele *não* se envergonhava; mas por que fazer a declaração? Penso haver apenas uma resposta, e é sugerida pelas palavras que imediatamente precedem o texto: "E assim, quanto está em mim, estou pronto para também vos anunciar o evangelho, a vós que estais em Roma" (Rm 1.15). A declaração de que ele não se envergonhava do Evangelho, com a implicação da possibilidade de estar envergonhado, era o resultado da consciência que ele tinha da cidade de Roma — da sua dignidade imperial, da sua magnificência material, do seu desprezo orgulhoso por todos os estrangeiros, da imensidade de suas multidões, da profundidade da sua corrupção. Não havia dúvida em sua mente sobre o poder do Evangelho que ele pregava e, não obstante, detectamos o cicio da investigação quando ele escreveu: "Estou pronto para também vos anunciar o evangelho, a vós que estais em Roma. Porque não me envergonho do evangelho de Cristo “.

Sempre é mais fácil pregar num vilarejo do que numa cidade, ao povo afável e simples da zona rural do que aos metropolitanos satisfeitos. Não é bem assim, mas é o sentimento que tão invariavelmente assalta a alma do profeta de Deus. Em resposta à consciência da alma, ou talvez em resposta ao sentimento que tal consciência existisse na mente dos cristãos romanos, Paulo afirmou sua prontidão em também pregar o Evangelho em Roma, declarando que ele não se envergonhava dele e dando como razão que este Evangelho era "o poder de Deus para salvação". A única justificação de um evangelho é que ele é poderoso. A mensagem que proclama a necessidade e a possibilidade de renovação espiritual e moral deve ser testada pelos resultados que produz. A palavra destituída de poder não é a Palavra do Senhor. O evangelho que não produz os resultados que preconiza serem tão necessários e tão possíveis não é evangelho. Nosso Evangelho é o poder de Deus?

Permitam-me dizer imediatamente que o impulso particular de minha mensagem de hoje à noite me veio em resultado de uma longa carta que

tenho em mãos, quatro páginas cuidadosamente escritas que não lerei por completo, mas que li repetidas vezes para proveito e exame de minha própria alma como pregador do Evangelho, e da qual proponho ler algumas frases. A carta foi escrita em 23 de setembro e refere-se a reuniões que tinham sido feitas em preparação ao trabalho de inverno:

"Você disse na terça-feira à noite que homens em todos os lugares buscam a realidade, e concordo totalmente. Muitas vezes ouvimos falar sobre a dinâmica do Cristianismo. Há moços e jovens — falo somente daqueles sobre cujas tentações sei alguma coisa — que têm de enfrentar tentações, e mesmo nesta semana tem clamado ao Senhor Jesus em busca de ajuda e procurado o melhor que sabem para vencer, sem sucesso. Quando um jovem me pergunta de onde ele obtém poder para vencer, o que digo? Um chegou a comentar: 'Não é uma falta que nossa religião não proporcione poder real para vencer tais e tais tentações, tentações que não podem ser evitadas e que têm de ser enfrentadas?'. Os homens não querem somente uma idéia teórica ou idéias sobre a dinâmica do Cristianismo, eles querem saber como se apropriar dessa dinâmica na prática. Obreiros cristãos zelosos querem saber até onde e de que modo eles podem encorajar os espiritualmente doentes e cegos à esperança de ajuda espiritual depois que eles creram e tiveram os pecados perdoados. A experiência mostra que não deve ser questão de mera inferência, pois seria provável que a inferência promettesse mais do que geralmente é percebido. Oferecer esperanças que a experiência irá desapontar é desastroso. Há a realidade que os homens desejam ardentemente".

Acredito que a carta expressa a busca e o sentimento de muitas almas. Penso que meu amigo agarrou-se a uma palavra pela qual ele sabe que sou peculiarmente apaixonado: a palavra *dinâmica*. Confesso-me culpado; eu amo a palavra e a uso muito porque é uma palavra do Novo Testamento. É a mesma palavra do meu texto: O Evangelho é o poder (*dunamis*) de Deus para salvação. A carta de meu amigo é praticamente um desafio da declaração do meu texto. O texto diz que "o evangelho [...] é o poder de Deus para salvação". Meu amigo sugere que haja homens que ouvem a chamada de Jesus, são obedientes e, todavia, não experimentam esse poder. Não vou discutir os pontos da carta, mas antes considerar a declaração de Paulo, esperando e acreditando que nessa reflexão e no esforço de entender o significado do grande apóstolo nesta questão, sirva de ajuda para pessoas honestas cuja dificuldade foi enunciada pelo escritor da carta.

Direi ao escritor da carta e a todos os que se colocam ao lado dele que concordo não haver nada mais importante hoje em dia do que o pregador e mestre cristãos serem verdadeiros no uso dos termos. Mas todos os que fazem essa exigência têm de reconhecer a dificuldade extrema da realidade na terminologia, quando lidam com forças espirituais que nunca podem ser perfeitamente apreendidas. Sempre que temos de lidar com grandes forças, encontramos-nos em dificuldade semelhante. Não sou eletricitista, mas proponho uma questão sobre se o termo "desenvolver eletricidade" é um termo preciso. Não digo que não é, mas pergunto: Alguém pode *desenvolver*

a eletricidade? Afinal de contas, não é uma palavra que arriscamos até que tenhamos conhecimento mais completo? Hã alguém nesta casa, em Londres ou no mundo, que esteja preparado para nos contar a última novidade sobre eletricidade, não só no que concerne ao que pode ser feito por ela, mas também sobre o que é? No momento em que entramos no escopo das grandes forças que são intangíveis, imponderáveis, demonstradas pelo que fazem, é que estamos pelo menos em perigo de sermos irrealistas em nossos termos. Estamos lidando agora com a mais maravilhosa de todas as forças. Ao final de nossa meditação, haverá indubitavelmente um sentimento de que alguns dos termos de que fizemos uso parecem carecer de realidade. Não é que a força lidava com o que é irreal, mas que está tão além de nossa explicação final, que os termos não podem revelar quais cobrem os fatos do caso, enquanto não tiver sido excluído tudo o que deva ser excluído.

Limitando-nos às palavras selecionadas, consideremos: primeiramente, a afirmação: "O evangelho [...] é o poder de Deus para salvação": em segundo lugar, a condição na qual o poder é apropriado: "De todo aquele que crê"; e, por último, a exposição da operação que o apóstolo Paulo acrescentou: "Porque nele se descobre a justiça de Deus de fé em fé".

Em primeiro lugar, então, detenhamo-nos na afirmação. Aqui não são necessárias muitas palavras. O apóstolo declara que "o evangelho [...] é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê". O poder, que é algo que produz resultados; algo que é mais que teoria; algo que é mais poderoso que uma lei; uma força espiritual e presente que produz resultados espirituais; um poder vigente que realiza coisas. O que há em si pode ser um mistério; como o poder que faz o trabalho não pode ser conhecido: mas o apóstolo declara que realiza certas coisas, e sabemos que o Evangelho é mais que teoria, mais que lei. que é poder, pelos resultados que produz. Além disso, ele faz a declaração superlativa de que é "o poder de Deus". Este é o modo de declarar sua suficiência pela realização de certas coisas. Em qualidade é irresistível, em quantidade é inesgotável. Não obstante, ele declara mais adiante que é "o poder de Deus para salvação". Isto imediatamente define e limita o poder do Evangelho. O Evangelho é o poder que opera só até a esse fim. O Evangelho é o poder que opera perfeitamente até a esse fim.

A palavra *salvação* imediatamente indica a investigação quanto ao perigo a que está referido, pois saber o perigo é saber o âmbito da salvação. Aqui, para resumir brevemente, o perigo é duplo: contaminação da natureza e paralisia da vontade. Os homens descobrem que a natureza fica tão debilitada na presença da tentação que eles se entregam; e a vontade fica tão paralisada que mesmo quando eles têm vontade de não se entregar, ainda assim se entregam. Esta é a história do perigo. O apóstolo declara que o Evangelho é "o poder de Deus para salvação", ou seja, para purificação da natureza de sua contaminação e para capacitação da vontade, de forma que doravante o homem não só deseje fazer o bem, mas que o faça.

É perfeitamente claro, contudo, que o Evangelho só opera na vida

humana pelo cumprimento de certas condições. O Evangelho não é o poder de Deus para todo homem. "O evangelho [...] é o poder de Deus para [...] todo aquele que crê". Neste ponto, o apóstolo reconheceu a possibilidade humana, isto é, a possibilidade comum a toda natureza humana, independente de raça ou privilégio. "Primeiro do judeu e também do grego". As condições podem ser cumpridas por homens como homens, à parte de questões de raça, privilégio ou temperamento. O Evangelho pode ser crido pelo metropolitano ou pelo provinciano, pelo morador de Roma tão certo quanto pelos moradores de pequenos povoados pelos quais ele tinha passado, pelos instruídos ou pelos iletrados. A crença é a capacidade e possibilidade de vida humana em todos os lugares.

O que é esta capacidade? Temos de interpretar o uso do verbo *crer* por seu uso constante e consistente na revelação do Novo Testamento. Tem de haver convicção antes que haja crença. A crença sempre está fundamentada na razão. Como as pessoas podem crer se não ouviram? A convicção não é necessariamente a convicção da verdade da reivindicação; não é necessariamente a convicção de que o Evangelho operará. Pode haver fé antes de eu estar seguro de que o Evangelho vai operar. Com efeito, milhares de pessoas têm profunda convicção de que o Evangelho operará, as quais todavia nunca creram. A convicção necessária é a que tem em vista a necessidade experimentada e a reivindicação que o Evangelho faz, e ela deve ser posta à prova. Jesus disse aos que em certa ocasião o criticavam; "Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina, conhecerá se ela é de Deus ou se eu falo de mim mesmo" (Jo 7.17). Com certeza era uma prova perfeitamente justa. Aquele que põe à prova o Evangelho obedecendo-o, descobrirá se sua reivindicação de poder é acurada.

Quando o homem se convence de que, na presença de sua necessidade e da reivindicação que o Evangelho faz, ele deve pô-lo à prova, ele chegou à verdadeira atitude de mente na qual é possível ele exercer a fé. A fé, então, é volitiva. Esta é a responsabilidade central da alma. A fé não é um sentimento que vem surrupiando através da alma. A fé não é uma inclinação ao Senhor Jesus Cristo. A fé não é uma convicção intelectual. A fé é o ato volitivo que decide, na presença de grande necessidade e de grande reivindicação, pôr à prova essa reivindicação pela obediência a ela. A conduta é a expressão resultante; a conduta que está de acordo com as reivindicações feitas pelo Evangelho, imediata e progressivamente. Qualquer que seja a proclamação que o Evangelho faça à alma, esta deve pôr à prova o Evangelho obedecendo-o. Invariavelmente, quando a alma sob convicção de pecado vai a Cristo, tudo é enfocado num ponto; e quando o Evangelho é obedecido haverá outras chamadas feitas à alma por este Evangelho, quais sejam, a chamada da pureza e da justiça como também da misericórdia e do amor. A fé é o ato volitivo que põe à prova o Evangelho pela obediência às suas reivindicações. Esta é a condição da apropriação.

A situação é iluminada para a alma investigativa pela palavra explicativa: "Porque nele se descobre a justiça de Deus de fé em fé". Esta é

a exposição do que ele já escreveu concernente ao Evangelho, tanto no que toca à natureza do poder que é residente em si, quanto no que toca à lei pela qual o poder é apropriado por cada pessoa individualmente. A declaração de que no Evangelho há uma revelação da justiça de Deus não significa que o Evangelho revelou o fato de que Deus é justo. Essa revelação precedeu em tempo o Evangelho; encontra-se na Lei; encontra-se na história humana; encontra-se em todos os lugares no coração humano. Fora desse conhecimento vem a agonia da alma que vai à procura de um evangelho. A declaração significa claramente que o Evangelho revela o fato de que Deus coloca a justiça à disposição dos homens que em si mesmos são injustos; que Ele torna possível ao injusto tornar-se justo. Esta é a exposição da salvação. A salvação é a justiça tornada possível. Se você me disser que a salvação é a libertação do inferno, eu lhe direi que você tem um entendimento totalmente inadequado do que é salvação. Se você me disser que a salvação é o perdão de pecados, eu afirmarei que você tem uma compreensão muito parcial do que é salvação.

A menos que haja mais na salvação que libertação da pena e perdão das transgressões cometidas, então assevero solenemente que a salvação não pode satisfazer meu coração e consciência. Este é o significado da carta que recebi: mero perdão de pecados e libertação da pena não podem satisfazer o mais profundo da consciência humana. Bem no fundo em comum na consciência humana há uma resposta maravilhosa ao que é de Deus. O homem pode não obedecê-lo, mas ali nas profundezas da consciência humana há uma resposta à justiça, uma admissão de sua chamada, sua beleza, sua necessidade. A salvação é tornar possível essa justiça. A salvação é o poder para fazer o bem. Por mais enfraquecida que a vontade esteja, por mais contaminada que esteja a natureza, o Evangelho surge trazendo aos homens a mensagem de poder que os capacita a fazer o bem. No Evangelho está revelada a justiça de Deus; e como o apóstolo argumenta e deixa bastante claro à medida que prossegue com a grande carta, é uma justiça que é colocada à disposição do injusto de forma que o ele possa se tornar justo no coração, pensamento, vontade e ação. A menos que isso seja o Evangelho, não há Evangelho. Paulo afirma que era o Evangelho que ele ia pregar em Roma.

Assim chegamos a uma frase que está cheia de luz. Ele nos diz que esta justiça ali revelada, revelada no Evangelho, é "de fé em fé"; e nesta frase ele nos fala exatamente como os homens recebem este poder. Ele já nos disse que é para todo aquele que crê, então nos faz uma exposição dessa frase. Assim como nos fez uma exposição da "salvação" conforme a revelação da justiça de Deus à disposição dos homens, agora ele nos faz uma exposição da frase "todo aquele que crê" na frase "de fé em fé".

A frase é ao mesmo tempo simples e difícil. Não há o que duvidar quanto à estrutura. Tomando a frase como está e olhando-a gramaticalmente à parte de seu contexto, é evidente que a segunda "fé" é fé resultante. A fé secundariamente referida origina-se na primeira. "De fé em fé". É fato surpreendente o quanto quase todos os expositores têm sido bem-sucedidos em passar apressadamente por esta frase. O que o apóstolo

quis dizer? Ele quis dizer que é uma fé inicial por parte do homem, que resulta numa fé ainda mais firme? É possível; mas há outra explicação. Acredito que o apóstolo Paulo quis dizer que no Evangelho está revelado uma justiça que está à disposição do pecador, pela fé de Deus para a fé do homem. A fé de Deus produz fé no homem. A fé de Deus. Deve tal frase ser usada acerca dEle? Sem dúvida, se a fé é certeza, confiança e atividade fundamentada na confiança. A fé de Deus é fé em si mesmo, em seu Filho e no homem. Com base na fé de Deus em si mesmo, com base na sua fé em seu Filho e com base na sua fé no homem, Ele coloca através do Filho uma justiça à disposição do homem apesar do pecado. Esta fé de Deus torna-se, quando é apreendida, a inspiração de uma fé responsiva no homem. Inspirado pela fé de Deus, eu confio nEle. Eu ajo em consonância com a fé que Ele demonstrou na história humana, pelo envio de seu Filho e por toda a provisão da graça infinita.

Volto-me para antes desta epístola e observo uma vez mais o Senhor Jesus como Deus me foi revelado por Ele; e é o que Ele sempre fez ao lidar com pecadores. Ele sempre pôs confiança neles para inspirar-lhes a confiança nEle. "Se tu podes fazer alguma coisa", disse um homem a Jesus — se tu podes! — Tudo é possível ao que crê" (Mc 9-22,23), foi a resposta dEle. Era a declaração do Senhor acerca da confiança que Ele tinha na possibilidade do homem que estava diante do sentimento da própria apavorante fraqueza. Há muitas ilustrações mais notáveis e excelentes no Novo Testamento. Ele sempre lidou com os homens com base na confiança que tinha neles; em todo o seu potencial, a despeito do fracasso; sempre na condição de que eles poriam uma confiança responsiva nEle. Ilustração suprema deste fato é oferecida no cenáculo na noite anterior à crucificação, quando Ele lidava com os discípulos à vista da proximidade de sua partida. Observe atentamente a conversa do Senhor com Pedro. Pedro, exigindo entendê-lo, em agonia diante das incertezas que se lhe abatiam, disse: 'Senhor, para onde vais? Jesus lhe respondeu: Para onde eu vou não podes, agora, seguir-me, mas, depois, me seguirás. Disse-lhe Pedro: Por que não posso seguir-te agora? Por ti darei a minha vida. Respondeu-lhe Jesus: [...] Na verdade, na verdade te digo que não cantará o galo, enquanto me não tiveres negado três vezes. Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. [...] Vou preparar-vos lugar. E, se eu for, [...] virei outra vez e vos levarei para mim mesmo" (Jo 13-36-38; 14.1-3).

Tiremos desta conversa seu valor central. É a confiança de Cristo. Ele disse a Pedro com efeito: "Eu sei o pior que está em você, as forças que você ainda não conhece que dentro de vinte e quatro horas o farão negar-me, amaldiçoando e praguejando; eu sei o pior; mas se você confiar em mim, realizarei o melhor em você. Eu conheço o que há de melhor em você. Eu tenho perfeita confiança em você, contanto que você tenha confiança em mim".

Permitam-me fazer uma declaração superlativa. O que quer que pensemos sobre o gênero humano, Cristo julgou digno de morrer por ele! Ele acreditou nisso, apesar do pecado, apesar do fracasso indescritível do

mundo. Em todas as histórias da Bíblia, quando Ele confrontou os pecadores, Ele acreditou neles. Ele conhecia a incapacidade deles. Ele sabia que de si mesmos eles não podiam fazer nada; mas Ele também sabia que neles estava o mesmo material do qual Ele poderia fazer os santos brilharem e cintilarem em luz para sempre. Apesar do dano do pecado, havia neles algo com que Ele podia lidar. Se posso tomar emprestado um termo inadequado usado pelos antigos teólogos, Deus crê na "salvabilidade" de todos os homens. Deus põe a justiça à disposição do homem pela fé nEle, no seu Filho e no homem, à cuja disposição Ele a coloca. Se isso for imediatamente percebido, os homens respondem à fé de Deus pela fé nEle.

Saiamos do âmbito da argumentação para o âmbito da experiência. Todos os verdadeiros obreiros cristãos — homens e mulheres que sabem o que é realmente entrar em contato estreito com pecadores, a cujas vidas prestam assistência espiritual — descobriram que o modo de tirar os homens do lamaçal do desalento é fazê-los perceber que eles acreditam neles. O modo de erguer de volta a mulher que caiu em degradação é mostrar-lhe que você sabe que ela é capaz do mais sublime e do mais nobre no poder do Evangelho de Jesus Cristo. "De fé em fé". Pela fé é revelada a justiça de Deus no Evangelho. Pela confiança que Deus põe em si mesmo e pela confiança que Ele tem no potencial de cada vida humana, Ele colocou a justiça à disposição do homem por Cristo. Ninguém jamais se aproveitará disso exceto pela fé. Ninguém pode se apropriar da grande provisão, a não ser quando responde de fé em fé. Assim que esta fé de Deus no homem é respondida pela fé do homem em Deus, então é estabelecido contato entre a dinâmica que é residente dentro de si mesmo e posto à disposição dos homens pelo mistério da paixão divina e pela fraqueza e incapacidade da alma humana.

Este era o Evangelho do qual Paulo não se envergonhava. Tal é o Evangelho. A precisão da teoria só pode ser demonstrada mediante os resultados. Este é o tema total. Estou aqui hoje à noite para afirmá-lo mais uma vez, e faço-o não mais como teoria, faço-o como experiência, falo deste momento em diante não como defensor, mas como testemunha, quando declaro que "o evangelho [...] é o poder de Deus para salvação". Por mais duro e severo que pareça a afirmação no presente instante, sou constrangido e compelido a asseverar que se o Evangelho não opera, a falha está no homem e não no Evangelho. Se não for verdadeiro, a história cristã é mentira. Se for verdadeiro, então todos os milhares e dezenas de milhares de seres humanos que durante dois milênios declararam que o Evangelho foi feito neles, foram lamentavelmente enganados ou muito misteriosamente cometeram fraude ao longo dos séculos e milênios. Se não opera, então o homem que afirma estar livre do ataque do pecado é mentiroso e está pecando em segredo. Ou esta declaração é verdadeira ou o Evangelho é um engano terrível e permite aos homens esconderem pecados secretos. Peço que você repense. Se você imaginou que não há dinâmica no Evangelho, repense, examine novamente a própria vida e descubra se você entrou ou não em linha com as reivindicações do Evangelho e cumpriu suas condições.

Eu afirmo que não é o bastante que o homem odeie o pecado e clame por ajuda; ele tem de se por em linha com o poder que opera; ele tem de cumprir as condições formuladas. Não é o bastante submeter-se ao Senhor; o homem também tem de resistir ao Diabo. Não é o bastante resistir ao Diabo; o homem também tem de se submeter ao Senhor. Há homens que se submetem e clamam por ajuda, mas não lutam contra as tentações. Eles nunca se apropriarão do poder. Há homens que lutam estenuamente contra as tentações, mas nunca se submetem, nunca oram, nunca buscam ajuda. Jamais encontrarão libertação. "O evangelho [...] é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê". É no Evangelho que está revelado o fato de que a justiça como poder está à disposição dos pecadores pela fé de Deus no homem, inspirando a fé do homem em Deus. Quando o homem descobre o poder deste Evangelho, ele faz tanto quanto se submeter imediata e completamente à sua reivindicação.

Se este fosse o tempo e a ocasião, que não são, eu poderia chamar testemunhas. Elas estão nesta casa; homens que conhecem estas mesmas tentações delicadamente referidas nesta carta, tentações sutis e insidiosas; mas que também sabem que o Evangelho significou para eles o poder que os permite fazer as coisas que eles queriam fazer, mas não podiam até que creram neste Evangelho.

Gostaria que minha última observação neste discurso fosse um apelo a todo aquele que está face a face com este problema. Meu irmão, Deus acredita em você, apesar de todo o pior que há em você. Deus conhece o que há de pior em você, melhor que você mesmo. Não obstante, Ele acredita em você; e porque Ele acredita no seu potencial, Ele proveu justiça no e pelo Filho do seu amor, e pelo mistério da sua paixão. Quero que você responda à fé de Deus em você pondo sua fé nEle e demonstrando a fé que você tem fazendo a próxima coisa em obediência. Você também descobrirá que o Evangelho e o poder de Deus; não teoria, não inferência, mas poder, o qual entrando em sua vida, realiza através dela a obra de Deus e o faz experimentar todos os atributos da santidade, da justiça e da beleza sublime e eterna.

CONTRACAPA

Tenha de volta a eloqüência que torna a pregação uma nobre chamada e um; arte inspiradora com Grandes Sermões do Mundo. Este trabalho apresenta os sermões de vinte e oito dos maiores pregadores que já proclamaram o Evangelho como também um esboço biográfico de cada um deles. Veja como pregadores magistras argumentavam com pecadores, incentivavam os justos e entoavam louvor e sublimes e eloqüentes ao Salvador. Eles alteraram o curso da história e compeliram nações inteiras a buscar a Deus.

Martinho Lutero — Ele enfrentou autoridades eclesiásticas para defender a suprema das Escrituras, lançou o grandioso protesto da Reforma e disse a seus colegas pregadores: "Levantem-se com renomado vigor, abram bem a boca, ajam depressa".

Jonathan Edwards — As descrições que este pregador colonial fazia do inferno eram interrompidas ocasionalmente, porque multidões aflitas clamavam tão alto que era muito difícil ouvi-lo.

Charles Spurgeon — Aos vinte e dois anos, este inglês vitoriano era o mais popular pregador do mundo, com a frequência da igreja chegando todas as semanas a seis mil pessoas — antes da invenção do microfone.

Junto com estes, temos mais vinte e cinco outros heróis do púlpito proclamando o pensamento cristão ao longo dos séculos.

Clarence E. Macartney, editor (1879-1957), era pregador e escritor famoso respeitado. Durante sua longa e distinta carreira, o Dr. Macartney serviu às igrejas presbiterianas em Nova Jersey, Filadélfia e Pittsburgh. Entre seus trabalhos incluem-se numerosos livros e artigos.